

The book cover features a central illustration of a woman with long, flowing red hair. She is wearing a black, corset-style top with buckles and a red cape that billows around her. She holds a large, curved blade in her right hand and a smaller, spiked weapon in her left. The background is a dramatic scene of a city at night, with a bright blue and green sky filled with stars and a fiery, orange-red explosion or fire on the right side. The title 'SHADOW FALL' is written in a large, ornate, silver-colored font across the middle. Below the title is a decorative horizontal line with a central floral motif. At the bottom, the text 'USA TODAY BESTSELLING AUTHOR' is written in a smaller, white, sans-serif font, followed by the author's name 'AUDREY GREY' in a large, white, serif font.

SHADOW FALL

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
AUDREY GREY



Avisos

A PRESENTE TRADUÇÃO FOI EFETUADA DE MODO A PROPORCIONAR AO LEITOR O ACESSO À OBRA, INCENTIVANDO POSTERIORMENTE A AQUISIÇÃO.

O GRUPO NÃO TEM O OBJETIVO DE OBTER LUCROS, SEJA DIRETA OU INDIRETAMENTE.

SELECIONAMOS LIVROS QUE ESTÃO SEM PREVISÃO DE PUBLICAÇÃO NO BRASIL, ASSIM, AFIM DE PRESERVAR DIREITOS AUTORAIS E CONTRATUAIS DE AUTORES E EDITORAS, O GRUPO PODERÁ RETIRAR SEM AVISO PRÉVIO E SUSPENDER O ACESSO AOS LIVROS QUE SERÃO LANÇADOS POR EDITORAS.

PREZE PELO GRUPO, NÃO DISTRIBUA LIVROS FEITOS POR NÓS EM BLOGS, PÁGINAS DO FACEBOOK E CANAIS ABERTOS COMO OS DO TELEGRAM.

NÃO MENCIONE NOSSAS TRADUÇÕES EM REDES ABERTAS, TAIS COMO: TIK TOK E INSTAGRAM.

NUNCA FALE SOBRE LIVROS QUE FORAM FEITOS POR NÓS PARA AUTORES (AS), DIGAM QUE LERAM NO IDIOMA ORIGINAL.

PRESTIGIE SEMPRE QUE PUDER OS AUTORES COMPRANDO SEUS LIVROS, AFINAL ELES DEPENDEM DISSO NÃO É MESMO?



DOINGS



SHADOW FALL

ORDEM DE LEITURA



SUMARIO

SINOPSE

Prefacio

Prologo

Capitulo 1

Capitulo 2

Capitulo 3

Capitulo 4

Capitulo 5

Capitulo 6

Capitulo 7

Capitulo 8

Capitulo 9

Capitulo 10

Capitulo 11

Capitulo 12

Capitulo 13

Capitulo 14

Capitulo 15

Capitulo 16

Capitulo 17

Capitulo 18

Capitulo 19

Capitulo 20

Capitulo 21

Capitulo 22

Capitulo 23

Capitulo 24

Capitulo 25

Capitulo 26

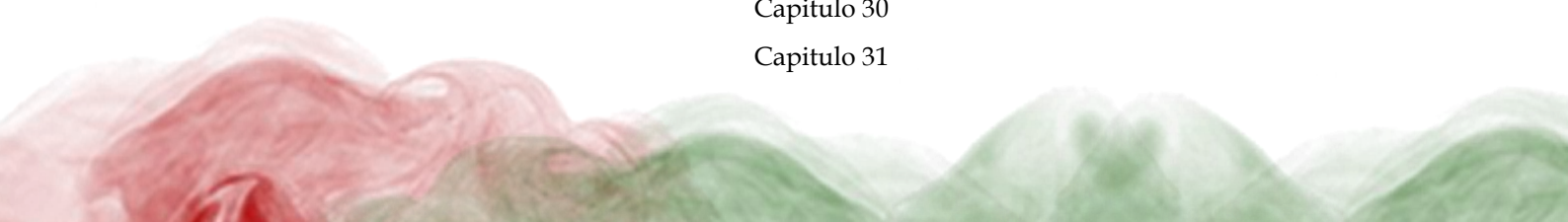
Capitulo 27

Capitulo 28

Capitulo 29

Capitulo 30

Capitulo 31



Capitulo 32

PARTE II

Capitulo 33

Capitulo 34

Capitulo 35

Capitulo 36

Capitulo 37

Capitulo 38

Capitulo 39

Capitulo 40

Capitulo 41

Capitulo 42

Capitulo 43

Capitulo 44

Capitulo 45

Capitulo 46

Capitulo 47

Capitulo 48

Capitulo 49

Capitulo 50

Capitulo 51

Capitulo 52

Capitulo 53

Capitulo 54

Capitulo 55

Capitulo 56

Capitulo 57

Capitulo 58

Capitulo 59

Capitulo 60

Capitulo 61



SINOPSE

*Meu nome é Maia Graystone:
prisioneira, rebelde e relutante salvadora de um mundo
agonizante.*

Em exatamente 552 horas, um asteroide acabará com a vida como a conhecemos. Não que minha vida seja motivo de orgulho. Presa em uma prisão infernal, meus dias consistem em sobreviver aos outros presos e à recompensa pela minha cabeça.

Então, um misterioso benfeitor oferece o impossível: uma chance de competir nos Julgamentos das Sombras e ganhar um cobiçado lugar na estação espacial acima de nosso mundo agonizante.

Mas a oportunidade tem um preço alto. Ser parceira de um psicopata arrojado, entrar na corte que uma vez me condenou à morte, sobreviver aos julgamentos implacáveis criados por minha própria mãe e matar o imperador, o mesmo homem que está me caçando.

Neste jogo astuto de vida e morte, nada é o que parece e todos esperam que eu fracasse. Mas eles se esqueceram de um pequeno detalhe.

Nunca subestime a garota sem nada a perder.



PREFACIO



Aviso justo: este livro é sombrio e é corajoso. Ele não segura seus golpes. Ele vai fazer você questionar a todos, vai fazer você gritar, jogar seu kindle, ou brochura, e provavelmente amaldiçoar meu nome.

Se isso não for do seu gosto, não prossiga.

No entanto, se você gosta de passeios intensos na montanha-russa, onde os personagens passam por um crescimento tremendo, onde aprendem a quebrar as expectativas e se tornarem eles mesmos, lutando contra o mal a qualquer custo, então continue lendo.

E não se preocupe. Haverá um final feliz... Eventualmente. Mas não antes de todos serem separados e costurados novamente.

Por fim, *Queda da Sombra* é meu primeiro livro publicado. Em muitos aspectos, é completamente diferente dos meus outros trabalhos. Cada personagem em minha tripulação desajustada de rebeldes foi criado a partir dos recessos profundos da minha imaginação para ser real, falho e único. Espero que eles encontrem um lugar em seu coração e a jornada deles inspire você a viver sua própria vida com bravura, autoaceitação e, acima de tudo, amor.

PROLOGO



O asteroide que destruirá a Terra se chama Pandora. Alguns monarquistas de alto escalão na corte do imperador pensaram que estavam sendo espertos, roubando o nome das histórias que nossos ancestrais apenas sussurravam sobre os deuses.

Minha mãe repetiu o mito de Pandora tantas vezes que eu o memorizei: *Zeus, o mais poderoso dos poderosos, formou Pandora do barro. Astuta e bela, ela era o destino da humanidade e, eventualmente, sua queda.*

Explore a ironia e você encontrará admiração. Ela sempre gostou de coisas poderosas e destrutivas, minha mãe. O que explica por que ela nunca se importou muito comigo. Bronze. Filha de mãe Ouro e pai Bronze.

Nascida para ser uma Escolhida e comum.

Nascida para servir como escrava nas fábricas e se casar com um príncipe.

Nascida para amar a luz e definhar no escuro.

Sempre soube que meu mundo acabaria. Eu sei o dia exato, a hora exata, o minuto exato. Mas ninguém nunca me explicou o porquê.

Os realistas dizem que os deuses, irritados com a Guerra Eterna e os bombardeios, decidiram nos punir.

Aqueles do outro lado, os Rebeldes Fienianos, afirmam que o Imperador de alguma forma aproveitou a tecnologia que ele esconde de nós para conjurar o asteroide. Afinal, foi o asteroide que permitiu aos monarquistas e sua promessa de salvação ganhassem o controle das últimas cidades rebeldes fienianas restantes.

Eles não mencionam mais a salvação, no entanto. Ninguém menciona.

A escuridão gera coisas lindas e maravilhosas, palavras de minha mãe. *E Cronos, o filho titã de Gaia e Urano, foi forçado a matar seu pai, o sangue de seu ato perverso cobrindo sua mãe, que girava e girava, cada gota gerando gigantes e ninfas no mundo.*

Minha mãe me garantiu que o asteroide era um presente dos deuses que mudaria minha vida para melhor. Eu era uma gota de sangue, nascida da tragédia, destinada a mudar nosso mundo agonizante.

Eu era a Escolhida.

Para alguém que se orgulhava de estar sempre certa, minha mãe com certeza escolheu um momento inconveniente para estar tão errada.



CAPITULO 1



Sou mais terra do que pessoa agora. Mais sujeira do que carne, rocha do que osso, lama do que sangue. Nos túneis, na escuridão, tornei-me algo menos que humana.

Eu tenho que sair daqui.

Essas palavras ficaram rodando em minha cabeça por anos, junto com frases igualmente alegres como, *essa não pode ser minha vida e eu vou morrer.*

Não é exatamente edificante, mas acho que minhas circunstâncias exigem um pouco de tristeza e luto.

Falando de... Retiro outro punhado de terra inútil da minha tumba. É um esforço perdido. Não tenho como sair do buraco sob a Prisão do Rhine. Mesmo que minhas mãos sejam forjadas com os fortes ossos de metal de meus ancestrais. Mãos destinadas a martelar aço em lâminas e trabalhar ouro precioso nos Símbolos das casas coloridas.

Mas tenho que fazer algo. Qualquer coisa para tirar minha mente do que está acontecendo acima.

O asteroide já está aqui? Max o vê também? Ele está com medo?

A respiração fica presa no meu peito quando a pergunta mais óbvia surge.

Ele ainda está vivo?



Engulo o grito borbulhando na minha garganta.

Se meus gritos enterrados fossem comida, eu seria a prisioneira mais bem alimentada da prisão de Rhine.

Inclinando-me contra a terra compactada da minha pequena casa, deixo as memórias passarem por mim. A noite que destruiu minha vida veio em pedaços mutilados. O sangue do meu pai, preto oleoso, descendo as escadas. Os Centuriões atacando, seus passos como mil trovões sacudindo minha espinha enquanto espirravam estrelas vermelhas brilhantes na parede branca.

A expressão apavorada no rosto de Max enquanto eu o arrancava da minha cama e fugimos da única casa que conhecíamos.

Em seguida, vêm as alucinações, um adorável subproduto da fome.

Mas você me deixou, a voz infantil de Max acusa.

Eu sei que ele não é real, mas eu respondo mesmo assim.

— Você estava com fome, lembra?

Claro que ele não se lembra, ele é uma alucinação.

Minha mente devastada vai para a última vez que vi meu irmão mais novo. Depois que fugimos dos soldados que assassinaram meu pai, nos escondemos nas ruas. Eu sabia que ir ao mercado corria o risco de me fazer ser pega, mas não comíamos há dias e Max estava definhando na minha frente.

Você foi uma ladra terrível, acusa meu irmão alucinado.

Rolo meus olhos, mas não posso negar a verdade de suas palavras imaginadas.

Os soldados me pegaram assim que entrei no mercado. Devo ter parecido tão diferente da garota que eles procuravam que os Centuriões presumiram que eu era apenas mais uma cidadã Bronze se escondendo de seus deveres na fábrica.



Alguns dias gostaria que me tivessem reconhecido como a fugitiva mais procurada do império. Eu estaria morta. Gloriosamente, totalmente morta.

Não vivendo essa piada miserável de uma existência.

Não comendo ratos.

Não atormentada por fantasmas imaginários e sempre, sempre, com medo.

— Todo sol e arco-íris hoje, Maia. — Brinco, lutando contra a minha memória.

Eu estou me perdendo. Pela quinta vez esta manhã.

Ou já é noite?

Bem no fundo da terra, não há manhãs. Sem noites. Sem estações ou irmãos menores, e sem asteroides com os nomes dos deuses. Apenas alucinações e tempo.

É hora de cavar e fingir que estou realmente realizando algo. Hora de chorar e sentir pena de mim mesma. Hora de coçar os piolhos que se agitam em meu ninho de cabelo.

É hora de ficar louca.

Eu chamo isso de Destino. Esse sentimento que toma conta, emaranha minhas entranhas, mordisca minhas costelas e tira qualquer esperança remanescente em meu coração.

Um barulho quebra a quietude. Minha respiração fica presa.

Congelada, ouço por alguns segundos, mas tudo que ouço são as batidas frenéticas do meu coração. *Não seja covarde, Maia.*

Às vezes, quando ouço os prisioneiros procurando por mim nos túneis, finjo que sou Perséfone, aprisionada no Mundo Inferior, e os monstros que me procuram são apenas Hades e seus asseclas.

Eles não querem me machucar; eles querem me fazer sua rainha imortal.



Outro som vem dos túneis, quase como um sussurro abafado, mas definitivamente real.

Eles finalmente me encontraram, e a lógica diz que eles não colocarão uma coroa na minha cabeça.

Amaldiçoando, arranco e atiro punhados de terra da parede. A sujeira bate silenciosamente em meus pés descalços. Tenho uma sensação de ter acabado de acordar, como se tivesse aberto os olhos e caído em um pesadelo. O pior, se isso é mesmo possível.

Sou uma garota dentro de um poço cheio de monstros.

Uma garota com um segredo.

O som de algo correndo aos meus pés me faz pular, mas é apenas Bramble. O som de máquina de suas pernas de metal raspando juntas me dá um pouco de conforto.

Com a forma de uma aranha, Bramble tem seis pernas articuladas, um corpo esférico e sensores afixados no topo de sua cabeça que brilham em vermelho. Encontrei o sensor da prisão sob uma pilha de trapos, uma de suas antenas quase quebrada. Endireitei seu sensor e limpei a sujeira de suas juntas, esperando que voltasse a contar sanguessugas, mas em vez disso me seguiu pelos túneis.

— Os outros prisioneiros nos encontraram, B. — Sussurro.

Bramble solta uma enxurrada de chilreios que tenho certeza que se traduz em, *estamos ferrados*.

— Ei, Garota Cavadora, não há mais onde se esconder. — A primeira voz, claramente a de Rafe, se aloja na boca do meu estômago. O que significa que sua companheira cruel, Estripadora, estará bem atrás dele.

Algem gênio a chamou assim porque ela gosta de cortar coisas.

Correção, não coisas. Pessoas.



— Cavadora, Cavadora, no escuro. — Canta Estripadora. — Cavadora, Cavadora, não é muito inteligente. Conseguiu um buraco no qual ela caiu. Conseguiu para ela um túmulo no qual ela morrerá também.

Empurro Bramble para longe com meu pé.

— Esconda-se!

Uma névoa dourada suave desliza pelo chão. Quando minhas mãos, pulsos e depois as pernas aparecem, fico tonta de emoção. É a primeira luz real que vejo em anos.

Duas sombras brotam do chão. Uma vazia e imóvel, a outra desajeitada e inquieta.

Elas cheiram a fumaça e podridão. O farol colado à testa de Rafe balança de um lado para o outro, iluminando minha luxuosa casa nos últimos sete anos, um buraco de dois por dois metros na terra.

Não é exatamente um palácio, mas o que falta em ambiente é compensado em privacidade... Até agora, obviamente.

— Fez seu ninho imundo aqui, Garota Cavadora? — Estripadora diz. — Cuidado, Rafe, ela gosta de morder. Uma selvagem, é o que ela é.

Como um todo, acho sua declaração bastante irônica.

Um sorriso sem graça anima o rosto de Rafe. Ele range o ar, seus poucos dentes restantes batendo juntos.

— Bem, eu mordo de volta.

Claro que sim, sua coisa grande e feia.

— Vou fazer mais do que morder. — Advirto, retirando o fragmento de madeira que uso para matar ratos. Eu o empurro para baixo e no centro e espero que eles não percebam como ele treme em minha mão.



A última vez que vi a Estripadora, ela estava me levando para as catacumbas onde as criaturas que infestam o fosso esperam a cada poucos dias por seu sacrifício.

De alguma forma, eu fugi. Agora, porém, não há para onde correr. Eu tenho que lutar, e não tenho certeza se posso fazer isso.

Eu odeio meu medo. A maneira como meu corpo fica todo emborrachado e fraco.

Acalme-se. Faça um plano. Os dois vão me apressar, então decido ir atrás da Estripadora primeiro. Rafe é especialista em traumas por força bruta. Em ambientes fechados, a Estripadora e sua lâmina farão o dano mais rápido.

Ela se lança para frente, com um brilho prateado. Resmungo. Um fogo formigante sobe do meu lado. A boca quase desdentada de Estripadora está escancarada, seu peito balançando com a respiração excitada e faminta.

Ela deve ter me esfaqueado, mas meu corpo mascara a dor com adrenalina. Precisando de mim para continuar. Para lutar de volta.

Lute de volta, Maia.

Desta vez, a Estripadora ataca com a adaga apontada bem no meio do meu estômago. Eu torço, pegando-a pelo braço e tentando desequilibrá-la. Impossivelmente, ela se contorce de minhas mãos, toda músculos e ossos, e salta para mim novamente na velocidade da luz.

Sua adaga golpeia metodicamente minha barriga.

Punhalada.

Punhalada.

Chutando e arranhando, eu recuo para trás em uma parede suada de músculos rígidos. Uma respiração quente e rançosa aquece meu pescoço.

Rafe.



Meu corpo fica dormente. A Perdição está se instalando. Ambos os meus ombros estão presos ao aperto de ferro de Rafe. Dor percorre meu peito enquanto ele aperta, ossos quebrando.

Se ele apertar com mais força, temo que meu pobre corpo desnutrido se despedace.

Pisco e a adaga de Estripadora gira a centímetros do meu rosto, uma luz escorregadia cintila ao longo de seu comprimento sangrento.

— Olá, Garota Cavadora.

Em minha névoa de pânico, quase digo olá de volta. Eu estive sozinha por muito tempo.

Rafe grunhe atrás de mim. — Quem diria que este era um prêmio tão grande. Por que eles a querem de novo?

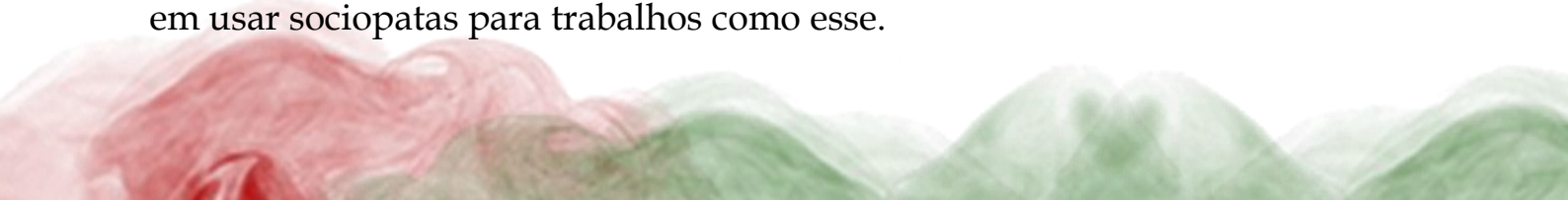
E assim mesmo, meus piores temores se confirmam. O imperador me encontrou. Ele deve estar desesperado para usar esses dois selvagens homicidas.

Os olhos de Estripadora brilham. — Quem se importa por quê? — Sua boca endurece. — Dê-nos qualquer problema e eu vou tirar seu lindo nariz.

Uau. De alguma forma, a Estripadora conseguiu se tornar mais sanguinária do que da última vez que nos encontramos, o que não era fácil.

— Estripadora, eles a querem intacta. — Antes que eu possa me maravilhar por Rafe saber uma palavra tão grande, a pressão diminui em meus ombros. Atrás de mim, um objeto oco, provavelmente o cachimbo de metal favorito de Rafe, bate contra a carne quando ele o passa entre as palmas das mãos carnudas.

Com o que quer que estejam sendo pagos para me coletar, é o suficiente para que se voltem um contra o outro. Afinal, existem algumas desvantagens em usar sociopatas para trabalhos como esse.



Meus músculos estremecem. Não vai demorar muito para um apagar o outro. Mas tudo que preciso são alguns segundos para desaparecer no labirinto de terra logo além daquele buraco. Me preparo para correr.

Pelo menos sou boa nisso.

Mas minha frágil esperança se evapora quando a lâmina da adaga de Estripadora adaga de volta em sua manga.

— Não se preocupe, sim, Rafe?

O pavor gela minhas veias enquanto Rafe amarra uma corda em volta do meu pescoço, passando-a sobre meus braços e pernas e de volta para ele de forma que a menor pressão me faça engasgar.

Sei que o sistema de corda que Rafe configurou é um erro no segundo em que entramos no buraco. Os túneis que criei são um labirinto sinuoso de tocas verticais e laterais, entrelaçados com becos sem saída e passagens circulares.

A maioria é um ajuste apertado para mim, o que significa que Rafe mal deve estar se espremendo.

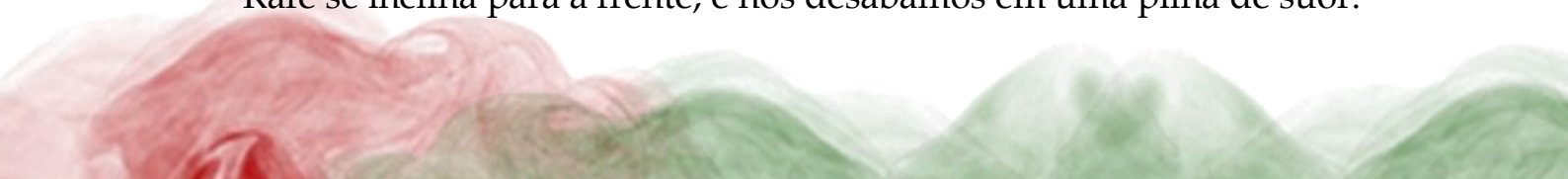
Quanto mais rápido ele tenta se mover, mais emaranhada eu fico.

Como um animal preso em uma armadilha, Rafe enlouquece. Ele se lança para frente, grunhindo descontroladamente, quebrando grandes pedaços de terra que se amontoam em cima de nós. A corda morde sob minha mandíbula e rasga minha cabeça para frente.

Meus pulmões gritam.

Assim que a escuridão engole minha visão, as paredes me libertam. Como se estivesse usando molas, meus braços disparam e eu deslizo quatro dedos por baixo da corda que aperta meu pescoço. Um filete de ar desce pela minha garganta e entra nos pulmões, clareando minha visão.

Rafe se inclina para a frente, e nós desabamos em uma pilha de suor.



Minha cabeça, pressionada em seu peito encharcado de suor, balança para cima e para baixo com sua respiração em pânico.

Meus olhos seguem a lanterna de Rafe enquanto ela salta ao redor da pequena cavidade, revelando brevemente outra passagem perto do telhado, e minha boca fica seca. Se Rafe me obrigar a segui-lo até aquele buraco, estaremos todos mortos.

Estripadora, que escorregou para dentro do Fosso, está estudando Rafe em silêncio.

— Deixe-me liderar, Rafe.

— Não posso... — A respiração estrangulada de Rafe é interrompida. Seus olhos de ovo branco brilham de pânico enquanto seu olhar rola entre ela e o buraco. — Não consigo respirar.

O Destino. Também o encontrou.

Estripadora corta a corda que me amarra a Rafe com tanta delicadeza que nem tenho certeza se ele percebe.

— Eu voltarei por você. — Ela promete.

Eu me pergunto o quanto isso é uma mentira enquanto o deixamos para trás, sua respiração difícil ficando cada vez mais suave. Na minha experiência, no momento em que você mostra fraqueza no fosso, você é uma mercadoria danificada.

— Vocês eram amigos. — Digo a Estripadora enquanto caminhamos agachados sob um teto baixo. — E você o deixou morrer. — Enquanto tento mantê-la falando, estou avaliando minhas opções cada vez menores de fuga, enquanto um mantra desesperado passa pela minha cabeça.

Pegue a adaga. Corte a corda. Tente nos rins ou no fígado. Em seguida, libere suas pernas. Pegue a adaga...



— Você não sabe de nada, Garota Cavadora. — Estripadora fixa seu olhar morto em mim; por trás de suas pálpebras pesadas, seus olhos de pupila brilham como um líquido negro.

É neste exato momento que entendo minha situação.

Eu não vou revidar.

Eu não vou escapar.

Eu sou uma covarde.

A raiva surge para me preencher. Eu odeio a Estripadora. Eu odeio este lugar. E mais do que tudo, me odeio por ter tanto medo.

Estimulada pelo meu ódio, eu rebato: — Pelo menos eu sei como é o terreno acima. Você nunca viu como o céu pode ficar azul. Provei pêssegos recém colhidos, ainda quentes do sol. E as estrelas, tantas que levaria uma vida inteira para contar. Elas cintilam como se estivessem vivas, minúsculos pedaços de fogo branco...

Estripadora aperta sua mão sobre minha boca. — Você acha que é melhor do que eu, Garota Cavadora?

— Sim.

Esta é obviamente a última coisa no mundo que eu deveria ter dito. Talvez eu tenha um plano, incitar a Estripadora a me tirar do meu sofrimento.

Ela pisca, seus olhos selvagens de uma forma que não posso prever. Lentamente, o olhar animalesco afunda dentro dela.

— Cale a boca ou eu calo para você.

Estripadora me puxa para ficar de pé, sadicamente torcendo a corda para que eu sufoque e ofegue enquanto ela entra no buraco. Tento resistir, mas a corda morde meu pescoço e tropeço para frente, tentando recuperar o fôlego.



Dado o meu jeito atual com as palavras, isso pode realmente me manter viva.



CAPITULO 2



O fedor de dejetos humanos me atinge como uma parede. Uma cacofonia de lamentos e gemidos ecoa nos tetos altos do fosso. Semicerrando os olhos na escuridão, vejo as paredes de dez andares, lágrimas dos riachos subterrâneos escorrendo pela terra e formando rios cintilantes pelas laterais.

Isso continua por quilômetros. Ou talvez sem a luz do sol tudo pareça maior.

Alguém grita. Mais longe, os uivos atingem um tom febril e então cessam abruptamente.

Exceto que não há animais aqui. Nem guardas, tampouco, ou gaiolas para nos impedir de nos separar. Apenas um buraco fechado com tábuas no teto, chamado de queda, que nos conecta aos níveis superiores da prisão onde residem os presos regulares.

Eles nos chamam de sanguessugas do buraco porque vivemos da prisão acima, forçados a comer suas sobras. Engraçado como vim parar aqui exatamente pelo mesmo motivo: em busca de sucatas. Não que eu chamasse de comida os pedaços difusos e brilhantes que chovem a cada sete dias.

Metade das vezes os vermes e besouros que os infestam são mais comestíveis.

O som da lanterna da Estripadora apagando chama minha atenção. A julgar por seu comportamento tenso, vamos viajar direto pelas catacumbas, um labirinto de uma coleção de cavernas escuras escavadas nas paredes.

Pequenos fogos queimam dentro dos buracos, sua luz fraca espalhando centenas de sombras. A cabeça dela gira da esquerda para a direita, olhos penetrantes e famintos enquanto nos aproximamos das primeiras celas. Esta é a parte mais perigosa do fosso.

O medo ronca através de mim. Mesmo Estripadora não tem segurança garantida nas catacumbas, um fato do qual ela precisa estar bem ciente agora que Rafe se foi.

Leva todo o meu esforço para manter a corda frouxa o suficiente para respirar. Também tenho o cuidado de manter meus movimentos lentos e suaves. Aqui, o sistema de classificação é simples.

Predador ou presa.

E os predadores estão sempre observando, sempre trabalhando para determinar em qual categoria você se enquadra.

Piscinas cintilantes de luz do fogo pontilham nosso caminho enquanto continuamos. Dentro das celas inferiores, corpos com costelas protuberantes e espinhas protuberantes se curvam em torno de fogueiras sorridentes.

Seus olhos brilham assustadoramente à luz do fogo enquanto eles nos seguem.

Estamos chegando às últimas celas quando faço uma pausa, apenas por um instante. Estripadora está se movendo rápido agora. Seu ímpeto puxa a corda e eu tropeço.

Uma centena de rostos esqueléticos apareceu em mim de uma vez.

Porcaria. Meu erro épico acaba de me declarar como uma presa.

E todos os predadores notaram.



É exatamente por isso que fiquei escondida por tanto tempo. Basta um passo em falso e o jogo acaba.

— Ande mais rápido. — Ordena Estripadora.

Percebo o brilho de uma adaga cega dentro de sua palma. Os cabelos do meu pescoço se arrepiam enquanto minha visão periférica capta sombras.

As paredes parecem balançar para cima e para baixo enquanto corremos. Eu me pergunto quanto tempo nossa compostura vai durar. Eu me pergunto se a Estripadora se arrepende de ter deixado Rafe.

Eu me pergunto se é assim que vou morrer.

O ar esfria. As catacumbas e suas fogueiras sufocantes estão atrás de nós. Eu tremo, e não apenas por causa do frio.

As sombras ficaram mais espessas. Eu posso ouvi-las. Embaralhando. Rosnando e mordendo uma a outra enquanto elas se arrastam atrás de nós. Logo, a única coisa que posso ouvir é minha respiração ofegante ritmicamente dentro da minha cabeça.

Ossos cobrem o chão sob a Queda. Eles foram rachados, roídos e arrancados. Um holofote se acende.

As sombras que estão nos seguindo gritam e se espalham, embora não longe o suficiente para nosso conforto.

Estripadora protege o rosto dela com a mão. — Eu tenho a Garota Cavadora.

Meio minuto se passa antes que a tampa de metal se abra; terra e pedras borrifam o solo. Pisco quando o holofote atinge meu rosto. A luz se apaga e ouve-se o som de algo pesado sendo baixado.

A lanterna de Estripadora salta sobre um balde, que mal é grande o suficiente para uma pessoa.



Quando o balde cai no chão, Estripadora parece não saber o que fazer. Ela se vira para as sombras, que estão lentamente nos circundando novamente para formar um anel estreito e inevitável.

— O balde é muito pequeno. — Grita a Estripadora no buraco sem rosto. Ela me puxa para perto; fico surpresa ao sentir que ela está tremendo.

— Coloque a garota primeiro. — O homem grita. — Enviaremos outro balde para você.

— O acordo era que nós duas iríamos. — Sinto o gume frio da lâmina de Estripadora prender-se ao meu pomo de adão. — Vamos juntas ou... ou eu derramo o sangue dela bem aqui.

Agora entendo o pagamento de Estripadora: uma viagem lá em cima. Mais uma vez, o alarme dispara. Poucas pessoas teriam autorização para fazer tal acordo.

Mas um Ouro poderoso sim.

Passei tanto tempo escondida, fingindo ser uma Bronze comum, que quase esqueci que sou procurada pela pessoa mais poderosa do nosso mundo, o Imperador Laevus. Fiquei confortável, se você pode chamar assim.

Agora, uma onda de pânico inunda meus membros. Se o imperador me capturar, minha vida aqui parecerá férias agradáveis.

Há uma pausa. — Você tem um minuto para abrir mão da garota. Após esse minuto, o negócio é encerrado e o balde vai embora.

Estripadora lambe os lábios e olha para a massa crescente ao nosso redor. Algumas sombras se lançam para frente, e ela corta o ar com sua adaga, enviando-os para trás.

A lâmina morde minha pele, e acho que ela vai cumprir sua promessa de antes, mas então a corda cai do meu pescoço e sou empurrada em direção ao balde.



Madeira dura raspa contra meus pés descalços quando entro. O balde balança enquanto se levanta, as correntes tilintando. Caio de joelhos, minhas mãos nodosas brancas em torno da borda do balde.

De repente, o balde balança com força, como se alguém o tivesse agarrado e estivesse pendurado. Ele vira violentamente para o lado. Estou girando, meus braços e pernas girando inutilmente, minha boca aberta em um grito silencioso e sem ar.

O chão golpeia o grito do meu peito. Eu luto de joelhos, Estripadora vomita uma torrente de maldições ao meu lado enquanto os prisioneiros se aproximam.

Os holofotes mais uma vez afastam a escuridão, mas desta vez têm pouco efeito sobre a multidão frenética.

O medo me faz querer morrer agora e acabar com isso. Feche a cortina desta vida violenta.

Mas não posso morrer. Max precisa de mim.

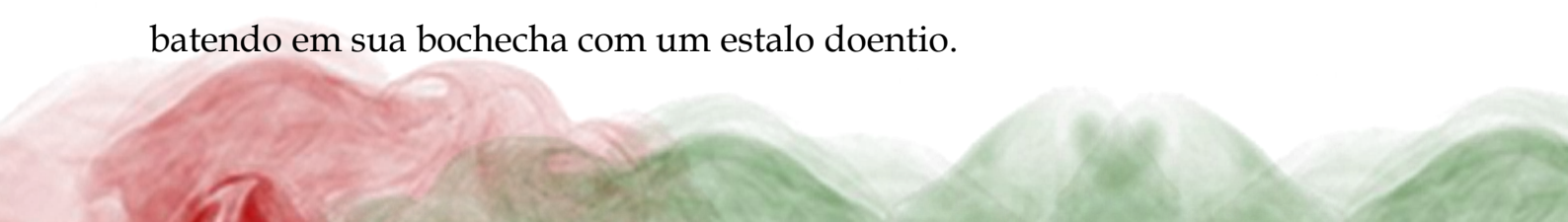
Um ombro duro me gira. Sujeira fria pressiona minha bochecha. O topo da minha cabeça queima, alguém está me puxando para trás pelo meu cabelo. Eu acho que grito. Meus calcanhares cravam no chão, e eu giro e balanço.

Dedos ossudos prendem meu pé descalço e uma boca emoldurada por dentes irregulares se prepara para tirar um pedaço da minha panturrilha.

Uma pequena sombra sobe quase comicamente pelo braço da criatura e se agarra em seu rosto. *Bramble!* A criatura grita em fúria cega, girando a cabeça de um lado para o outro.

Bramble perde o controle e cai no chão.

Movendo-me do aperto da criatura, eu chuto cegamente, meu calcanhar batendo em sua bochecha com um estalo doentio.



De repente, a pressão do meu cabelo é liberada. Alguém enfia o braço por baixo da minha axila e perna, e fico sem peso antes de cair de cabeça no balde.

Fico de joelhos e faço contato visual com ele, o homem que me ajudou.

Não, não um homem, um menino mais velho, embora seja impossível dizer exatamente quantos anos. O cabelo desgrenhado forma uma auréola nas maçãs do rosto nítidas e cicatrizes brancas como o vento. Uma cicatriz particularmente desagradável vinca a órbita do olho, onde o olho esquerdo deve ter estado. O outro olho é selvagem e inebriante, um tom de azul surpreendentemente machucado.

Por fora, ele poderia ser impressionante, talvez até bonito. Mas aqui, a beleza é a primeira coisa que eles tiram de você.

Um sorriso duro abre seu rosto. — Espere aí, Garota Cavadora.

— Obrigada. — Começo a dizer, mas faço uma pausa. Ele parece tão familiar...

Agora eu lembro. Ele estava com a Estripadora no dia em que me capturaram e me levaram para as catacumbas. Na verdade, ele ajudou a amarrar meus pulsos. Ele tinha os dois olhos então, e ele era mais jovem, mais suave, com aparência menos selvagem.

Ele é exatamente como eles.

Recuo diante do menino ao me lembrar de como ele ignorou meus pedidos de ajuda. Como ele olhou para mim como se eu fosse inútil. Fraca. *Nada.*

— Você é... Você é um deles.

O menino franze a testa.

O balde sacode para cima, e eu franzo o cenho de volta, expondo meus pobres dentes para garantir. *Sim, eu me lembro de você, Garoto do Fosso.*



Expiro com alívio enquanto Bramble se agacha para o lado. Ele se abaixa sob a minha camisa e se enrola em uma bola, seu corpo frio contra o meu estômago.

No topo, dois parafusos, nosso apelido para os guardas, me colocam de pé. Algemas de aço frio estalam frouxamente em torno de meus pulsos. Pela primeira vez em anos, imagino como devo ser.

Como devo cheirar.

Deuses do céu, daria um braço por um banho quente.

— Ande, sanguessuga. — O primeiro parafuso ordena. O tom de sua voz indica que, se eu lhe causar problemas, ele me empurrará de volta e se divertirá imensamente. Seus olhos estão lacrimejantes e vidrados, e ele cheira a alcatrão, a droga barata que predomina entre as cores baixas. Há rumores de que a realeza secretamente a fornece para nos manter fracos e sedados.

— E quanto à garota? — Eu aponto para Estripadora. Nós dois olhamos para ela, uma pequena cintilação branca em um mar de corpos imundos e agitados, uma estrela solitária morrendo. Ela ainda está balançando a adaga. Ainda esperando o balde.

A última coisa que ouço antes que a tampa se feche, fechando o buraco, é um grito estridente.

Um que imagino que ela daria.

Sorrindo, o parafuso cospe no chão, saliva marrom com alcatrão espirrando gotas em minhas pernas.

— Que garota? Tudo o que vejo são sanguessugas.



CAPITULO 3



A parte da prisão é boa. Limpa, ordenada e silenciosa. Outro mundo, realmente. Velhas luzes de halogênio zumbem no teto e nas paredes e afastam as sombras. Pisco contra a luz estranha, não acostumada a nada além de uma chama fraca.

Eletricidade não é regulamentação, mas nada na prisão é. Passamos por uma sala onde prisioneiros bem tratados em uniformes laranja imaculados formam uma fila organizada enquanto aguardam as rações.

Meu cérebro imediatamente os categoriza como presas antes de me lembrar que não estamos no fosso, onde algo tão pequeno como desistir de suas costas irá matá-lo.

Há um estremecimento lamentoso e as luzes piscam, morrem. Imediatamente, as tochas ao longo das paredes ganham vida. Os parafusos e prisioneiros dificilmente reagem, então a energia deve falhar frequentemente.

Os prisioneiros aqui são Bronzes das Cidades Diamante mais próximas. Para permanecer na superfície, eles devem estar em boa situação com o magistrado local, estar em dia com o dízimo ao imperador e provar que são um produtor decente nas fábricas.

Nem é preciso dizer que o fosso está um pouco superlotado.

A última vez que estive nestes corredores, estava morrendo de medo. Eles estavam me levando para a Queda. Lembro-me de como minhas mãos tremiam. A maneira como minha respiração ficou presa no meu peito. Eu não sabia o que esperar; eu só sabia que não poderia fazer o medo ir embora.

Eu tinha nove.

O balde era o mesmo que usei ao subir. Exceto quando eu me encolhi nele, tão pequena que quase me engoliu, ele estava molhado com o vômito da garota que veio logo antes.

Ela gritou durante toda a descida.

No fundo, seus gritos foram interrompidos abruptamente.

Resolvi não fazer barulho.

Assim que o balde atingiu o chão, corri, correndo às cegas, meu coração explodindo dentro do meu peito. Mãos alcançadas na escuridão, mas eu me desviei de suas garras. Corri em direção à luz.

Ingenuamente, pensei que isso poderia me proteger. Que eu estaria segura lá.

Meu jovem cérebro ainda não conseguia entender que existem alguns lugares onde você nunca está segura.

Passei a primeira noite nas catacumbas, aprendendo a ser um fantasma, a me esgueirar nas sombras e respirar calmamente e usar a planta dos pés.

Aprendi que a luz do fogo brilha nos olhos e que a lama pode ser usada para mascarar a pele.

Aprendi que às vezes a luz é ruim, não boa.

Aprendi que leva menos de um dia para arrancar sua humanidade, para arrancá-la como uma pele extra.

A sensação da luz do dia em meu rosto me chama das minhas memórias. Estamos em um escritório com pouca mobília, com uma cadeira de



rodinhas e mesa frágeis, duas estantes holográficas e uma janela do chão ao teto que dá para o pátio da prisão.

O parafuso me solta e recua. Só então, estou sozinha.

A primeira coisa que faço é vasculhar a mesa em busca de comida, mas não há nada. Eu ando, procurando por qualquer coisa mesmo ligeiramente comestível. Estou prostrada no chão, sem desculpas, procurando migalhas quando as nuvens devem se abrir e ela vem.

Luz solar.

Esquecendo-me da comida, vou cambaleando avidamente até a janela. Por mais que eu queira beber tudo isso, meus olhos não podem suportar a luz brilhante e eles se fecham. Eu bato minha bochecha no vidro quente, os dedos espalhados de cada lado da minha cabeça.

Bramble solta um chilreio curioso. Ele nunca viu o lado de fora. Eu o sinto levantar minha camisa, dar um murmúrio suave com o que ele deve estar vendo, e então seu peso me deixa.

— Olha, Bramble. Não há nada igual.

Eu dou um olhar corajoso. A luz deixa anéis amarelos difusos em volta da minha visão. Passado o quintal, há abetos verdes espessos. Além disso, o mar, uma fita azul-esverdeada cintilante manchada de escuridão.

— Cypher. — Minha respiração turva o vidro.

Eu traço a mão sobre a mancha escura enquanto imagino a velha Cidade Diamante e minha casa, o horizonte repleto de fábricas de metal e vidro que brilham ao sol. Da baía, quando o sol atinge o pico das ondas e se espalha pela malha de edifícios, a cidade inteira parece pegar fogo.

Após a Guerra Eterna, Cypher foi uma das poucas cidades sobreviventes de vidro e metal. Cidades de diamantes, eles as chamam, porque as fábricas de



propriedade Ouro em que somos forçados a trabalhar brilham como joias ao sol.

Olhando para Cypher agora, me pergunto se a casa de três andares em que cresci ainda está lá, assim como Max e eu a deixamos. Minha garganta aperta com o pensamento do meu irmão.

Já são duas vezes no dia que deixo minha mente vagar por ele.

Eu deveria saber disso, mas algo sobre quase morrer me deixa nostálgica.

O que ele deve ter pensado quando eu não voltei? Que eu o abandonei? Quanto tempo ele esperou por mim debaixo daquela ponte segurando sua gata velha e desarrumada, Cleo, seus olhos azuis piscando para afastar as lágrimas?

— Eu já volto. — Acho que falei.

Ainda posso ouvir os gritos de Cleo enquanto Max se agarrava a ela como um salva-vidas, o lábio inferior tremendo. Eu sei que levou toda a sua coragem para não correr atrás de mim.

A porta se fecha, me assustando. Imediatamente meu corpo se prepara para lutar. Eu me viro. Meu primeiro instinto é encontrar uma arma. A única coisa disponível é uma caneta de pena dourada, e eu a empurro como uma pequena adaga patética.

A mulher é alta e angulosa, usando botas de montaria pretas e um sobretudo verde chartreuse. Uma cartola cinza cai na altura dos ombros, uma peruca prata esbranquiçada em pó.

Ela é bonita de uma maneira masculina. Testa cheia. Nariz forte e nobre. Sobrancelhas escuras e acinzentadas se arqueando nitidamente sobre os olhos escondidos atrás de óculos esfumados de aro de metal. Luvas de seda branca deslizam por seus braços.



Ela tem Realeza escrito sobre ela, os membros aristocráticos de nossa sociedade que dominam sobre nós.

Meus olhos se fixam na cabeça da fênix dourada do imperador aparecendo em seu colarinho. A marca em seu pescoço me diz que ela é Ouro. O suor brota em minhas palmas enquanto procuro pelo Símbolo que me dirá de qual Casa Dourada ela vem, mas ela não usa nada que indique sua linhagem.

— Todos saúdem o Imperador! — Ela encaixa, batendo a mão ossuda no coração. Já se passaram anos desde que ouvi essas palavras. Devo responder na mesma moeda, uma declaração pública de minha lealdade ao imperador, mas a ideia me revolta.

A comida, porém, não me revolta.

— Eu preciso comer. — Sem um pinga de vergonha, caio de joelhos, ainda, inexoravelmente, segurando minha arma inútil. Minha voz é um coaxar patético. — O que você tiver. Por favor.

Sei o quanto devo parecer desesperada, mas quando você está a uma refeição da fome total, o orgulho é a última coisa em sua mente.

O nojo torce o rosto da mulher. — Pelo amor do imperador, levante-se Bronze.

Consigo obedecer. Dois homens em fraques idênticos de veludo preto estão ao lado da mulher. Centuriões. Quando eles localizam a caneta em minha mão, os dois alcançam os revólveres de cabo de pérola cuidadosamente enfiados na cintura.

Suas marcas, uma fênix de bronze lisa e elevada, gravam a carne acima de seus rígidos colarinhos brancos.

Conforme a mulher se move, o resto de sua marca fica à vista e meus olhos pousam no escorpião vermelho preso dentro das garras da fênix. Apenas



um membro do Gabinete de Guerra do Imperador usaria essa marca, o símbolo da morte para todos os fienianos, ou teria permissão para usar a cor vermelha.

A cor foi proibida anos atrás, após a morte da primeira esposa e filha recém-nascida do imperador pelas mãos dos rebeldes fienianos. Vermelho significa rebelião, levante.

Para alguns, o vermelho significa liberdade.

Mordendo minha bochecha, concentro-me novamente na mulher. Ela levanta a mão e os Centuriões relaxam. Mas seus dedos se contorcem em torno de suas pistolas. Convocados aos seis anos de idade nas famílias Bronze, as Microplantas incrustadas em seus crânios e os anos de treinamento significam que os dois Centuriões são cegamente leais ao Imperador, uma afirmação que eles provarão com prazer se eu lhes der um motivo.

Uma mulher baixa e normal, vestindo um uniforme cinza sujo, empurra um carrinho barulhento para dentro do escritório, escoltada pelo olhar cauteloso dos Centuriões. Uma fênix prateada pisca abaixo de sua mandíbula para indicar sua posição, Prata.

Após a Guerra Eterna, o primeiro imperador separou o império em cores. Aqueles do lado perdedor da Guerra Eterna receberam as Cores de Bronze. Os poucos que não trabalhavam nas fábricas foram despachados para o norte, para o Estado do Ouro, para trabalhar como criados. Pratas têm um pouco melhor: empregos públicos confortáveis, horas decentes e uma quantidade razoável de garantias.

Mas Ouros, Ouros têm o melhor de tudo.

É um sistema destinado a garantir que todos conheçam seu lugar.

Bisturis, seringas, uma variedade de agulhas e um tubo de ensaio transparente fazem barulho contra o carrinho do Prata quando ela o direciona



para o canto. Seus olhos arregalados refletem sobre os outros. Acho que esta é a primeira vez que ela encontra um Ouro de alto escalão.

— Querida, sou a arquiduquesa Victoria Crowder. — Diz a mulher responsável, sua voz profunda e suave e autoritária, tudo ao mesmo tempo. Seu rosto está escorregadio e tenso, como a carne inchada de um cadáver.

Engulo a sensação perturbadora subindo pelo meu peito e levanto a caneta alguns centímetros.

— Eu não me importo quem você é; diga a seus dândis para pararem de acariciar suas armas e podemos conversar.

Chamamos Centuriões de dândis porque eles são como soldadinhos de brinquedo: brilhantes e robóticos.

Os cantos dos lábios da arquiduquesa tremem da mesma forma que os bigodes de um gato se contraem para um rato preso. Ela vai até a janela, os braços cruzados atrás das costas.

— Há quanto tempo?

— Eu... Eu sinto muito? — É mais difícil do que eu me lembro, conversar. Pelo menos um com um ser humano.

— O céu. O lado de fora. Há quanto tempo você não vê isso?

Abaixo minha caneta um pouco. — Você teve todo esse trabalho para me trazer aqui para me perguntar isso?

— Trabalho? — Atrás dos óculos, posso sentir seus olhos avaliando a mancha de sangue no meu lado. — De fato?

Limpo minha garganta. — Um menino morreu. E a garota que você prometeu uma viagem lá em cima, provavelmente também está morta.

— Meu, meu. Isso é doloroso. — Suas palavras são revestidas de indiferença presunçosa. — Você os matou?



— Isso importa?

— Não particularmente. — Do reflexo da janela, pego seus lábios se esticando em um bocejo. — Pandora está prestes a matar milhões. As mortes prematuras de alguns bronzes dificilmente são significativas.

— Como... — Limpo minha garganta e tento novamente. — Quando?

Assim como o imperador, no fosso era quase fácil esquecer Pandora e a desgraça iminente do mundo, e perdi a noção de quanto tempo nos resta até que ela nos destrua.

Dentro da terra, os dias se transformaram em semanas em anos inteiros. Olhando para a escuridão. Ouvia os ratos se canibalizarem. Sonhando com o gosto da comida, o cheiro da comida, a sensação dela deslizando pela minha língua e entre os meus dentes. A manhã tornou-se noite e cada dia uma vida inteira.

E então meu último fósforo queimou e a noite se tornou eterna.

— Duas semanas, cinco dias até o Dia D. — Ela diz com sua voz entediada. Com muito cuidado, ela remove os óculos esfumados e os coloca no bolso da camisa, como se o que quer que esteja além daquela janela devesse ser visto com clareza. — Exatamente 552 horas.

Dia da Libertação. O dia em que os Ouros e todos os seus servos assistem de sua estação espacial nas estrelas enquanto Pandora causa estragos em nosso planeta e nos demais.

Libertação do medo. Da morte. De nós.

Libertação. A palavra me dá vontade de vomitar.

Ela se vira para mim.

Empurro minha triste desculpa para uma adaga. — Perto o suficiente.



Victoria dá um pequeno suspiro desapontado. — Pelo amor do imperador, querida, largue essa coisa. — Ela acena para os Centuriões. — Você está deixando esses dois mongoloides nervosos.

Mentira: aqueles dois estão inquietos desde o nascimento.

— Água. — Exijo. — Comida. Pão. O que você tiver.

— Combinado.

Eu sei que é outra mentira, mas estou desesperada demais para me importar.

Sentindo minha fraqueza, a arquiduquesa arranca a caneta das minhas mãos. — Boa menina. — Sua voz exala controle. Estremeço quando seu olhar cruel preguiçosamente flutua da minha testa aos meus pés e de volta ao meu rosto.

Então eu noto a imagem vacilante no canto, e qualquer esperança que eu tenho de comida morre.



CAPITULO 4



O holograma do Imperador me estuda, seus olhos brilhantes, a boca retorcida em um sorriso. Uma coroa de ouro dentada incrustada com rubis em forma de fênix fica no topo de sua cabeça.

Embora eu saiba que é um holograma, o Interceptor do tamanho de um lápis no chão confirma isso, os detalhes dele são tão reais que imagino que, se ele se mexesse, a bainha de pele preta de seu manto tiraria a poeira do ladrilho.

— Criatura patética, não é? — O imperador comenta.

— Sim, meu imperador. — A arquiduquesa concorda em um tom reverente. — Se ao menos seu pai traidor pudesse ver o verme que ela é agora.

Meus lábios se abrem um centímetro, e uma respiração assustada escapa. Eu me escondi do imperador por tanto tempo que me convenci de que ele nunca me encontraria. Agora que ele fez isso, é difícil controlar meu medo dele ou me acomodar nesta nova e assustadora realidade.

Ele passa um dedo nos lábios. — Hmm, é uma pena que Graystone morreu antes que pudéssemos esquartejá-lo adequadamente. Esse tipo de morte teria enviado uma mensagem mais alta para os vermes.

— Mas como você foi sábio... — Diz a arquiduquesa. — Em montar sua cabeça em uma lança sobre a parede, depois.

Apesar do meu medo, eu estremeço com a adoração que escorre de sua voz.

— Sim. — O imperador lança seu olhar penetrante sobre mim. — Você tem certeza que esta é a filha dele?

— Saberemos em breve. — A arquiduquesa enrolou uma mecha laranja emaranhada do meu cabelo entre seus longos dedos e puxa, virando minha cabeça e expondo meu pescoço. — Ela removeu a marca Escolhida. Garota esperta.

Ser Escolhida simplesmente significava que eu era uma das poucas afortunadas escolhidas antes do nascimento para povoar a estação espacial, Hyperion, e dar continuidade à raça humana.

— Se eles soubessem que ela foi escolhida... — Acrescenta a arquiduquesa. — Eles teriam a rasgado membro por membro há anos. — Ela solta minha cabeça. — Para nossa sorte, ela ainda está relativamente inteira.

A marca Escolhida, dada a mim ao nascer, junto com cinco mil outras crianças Ouro, é uma fênix, semelhante às outras. Mas em vez de uma cor, uma chama laranja estremeceu sobre minha carne. Obtê-la ao nascer não foi doloroso, pelo que me disseram, mas tirá-la com um caco irregular de uma garrafa de vidro doeu como o inferno.

Minha boca está seca, e tenho que forçar as palavras a saírem.

— Você pegou a pessoa errada.

É verdade. A menina ingênua que levava o nome da estrela da constelação favorita de minha mãe encolheu e morreu em algum lugar no escuro dos túneis.

Victoria olha para a garota Prata. — Aquela coisinha sombria lá vai coletar seu sangue. Importa-se de alterar sua declaração?



Enrolo as mangas esfarrapadas do meu uniforme e exponho meu braço sujo.

— Carne, e eu de boa vontade darei a você. Ou pão... O que você tiver. Eu levo qualquer coisa. — Eu odeio minha fraqueza, minha fome. — Por favor.

— É curioso como você acha que pode negociar conosco. — Seus olhos estranhos se estreitam. — Eles chamam você de Garota Cavadora porque você se esconde nos túneis. A garota que desapareceu, dizem eles. — Um lampejo de excitação cruza seu rosto magro. — Importa-se de me dizer como você manipulou os sensores?

Balanço minha cabeça, mas é um gesto fútil. A prova do meu crime está neste mesmo escritório. Se escondendo. Com sorte, para meu bem e de Bramble, bem o suficiente para não ser encontrado.

— Você vê, Maia, o imperador Laevus me incumbiu de encontrar você e seu irmão, e por sete anos, sete anos esquecidos por Deus, eu vasculhei cada Cidade Diamante apodrecida, cada prisão de larvas imunda para você. — Seus lábios se torceram em uma careta irregular enquanto ela sussurra perto do meu ouvido. — Por sua causa, o Imperador e sua corte chorona estão lá em Hyperion desfrutando do que é meu por direito enquanto eu definho aqui com vocês, vermes.

— Sinto muito que você desperdiçou...

Seu dedo pressiona com força contra meus lábios. — Shh. Você é exatamente como os outros vermes. Cega, gananciosa, ingrata. Você sabe que eles estão se rebelando agora? O imperador Laevus ofereceu a eles uma chance na vida... — Sua voz se tornou odiosa — Mas eles querem mais. É sempre mais com vocês vermes. Implorando por isso, chorando por aquilo. Gananciosos, insuportáveis...



Ela para de repente, piscando enquanto se esforça para colocar sua máscara de compostura de volta. — Maia, vou contê-la, descascar cuidadosamente sua carne como a casca de uma laranja, separar seus tendões e músculos dos ossos e peneirar através de você, cada parte de você.

Insana, ela é louca.

— Não posso matar você. — Acrescenta ela, quase em tom de conversa. — Porque se eu fizer isso, a coisa dentro de você, a coisa que seu pai roubou de nós, pode morrer também. Mas isso não significa que não vou encontrar.

Vivendo no fosso, pensei que sabia o que era o verdadeiro medo, mas a arquiduquesa provou que eu estava errada.

Ela reúne a garota Prata com um aceno, casualmente, como se ela não tivesse acabado de me dar um relato detalhado da minha próxima tortura.

Acho que vou desmaiar, especialmente quando a agulha enfia no meu antebraço. Mesmo que cada parte de mim esteja gritando, observo calmamente enquanto a seringa se derrama em meu sangue.

— Onde está o seu irmão, Maia? — A arquiduquesa sussurra.

Estive olhando pela janela para evitar seu olhar, mas agora olho diretamente para o Imperador, uma nova onda de raiva cortando o medo.

— Eu vou morrer antes que você o encontre.

Por uma fração de segundo, algo sombrio estraga sua expressão. Tenho a sensação de olhar para um lago parado e ver algo preto e viscoso escorrer logo abaixo da superfície.

A arquiduquesa dá um tapa na minha bochecha, me forçando a olhar para ela.

— Como você ousa falar com o imperador dessa maneira, verme!

Lágrimas de dor brotam dos meus olhos. — Eu te disse, eu não sou...



— Você tem um minuto para admitir que é Maia e me dizer onde estão a chave e seu irmão. — Um alarme soa lá fora. Victoria olha para o relógio de ouro pendurado no bolso do casaco e acena para a janela. — Dê uma olhada enquanto você pensa sobre a oferta.

Desta vez, não pressiono meu rosto contra o vidro. Algo está errado. Um arrepio percorre meu corpo enquanto observo a cortina preta transparente que envolve a terra.

— Ela já está aqui.

— Pandora eclipsa o sol do final da tarde até quase o pôr do sol. Eles estão chamando as horas sombrias de Queda da Sombra.

A sombra de Pandora.

A partir daqui ela tem o tamanho de uma uva grande, o que explica por que a perdi antes. Marrom escuro, com manchas pretas em certos pontos, ela bloqueou completamente o sol.

Eu tinha quatro anos quando meu pai me contou pela primeira vez. Ainda posso imaginar seus dedos finos, dedos feitos para calcular equações matemáticas complexas e esvoaçar sobre as teclas do piano, enquanto firmavam a ocular do telescópio para que eu pudesse examiná-la.

Dentro daquele pequeno círculo de vidro, Pandora parecia diferente, quase bonita. Mas isso é porque ela estava muito distante. Um pedaço de rocha a milhões de quilômetros de distância.

Agora ela está aqui. E ela não é mais bonita.

Em algum lugar lá em cima, eu sei, longe do asteroide e de nosso planeta condenado, está a estação espacial Hyperion. É dali que o imperador deve se comunicar agora, ao lado de sua corte de ouro e seus preciosos Escolhidos.

Cubro a Pandora com meu polegar imundo, como se de alguma forma isso pudesse impedi-la.



— Os Julgamentos das Sombras já começaram?

O imperador ri e, por algum motivo, o som faz minha pele arrepiar. — Ela é uma coisa insolente, não é?

A arquiduquesa levanta a mão enluvada para me golpear novamente, mas o imperador balança a cabeça. — Em alguns minutos, você pode ter toda a diversão que gostaria com ela. Mas, por enquanto, deixe-a testemunhar nossa destruição vindoura.

Eu olho novamente para a escuridão. É como um lago escuro onde você pode ver o fundo se olhar com atenção.

— Por que eles limpam o quintal?

Eu luto contra a vontade de tapar minha boca com a mão enquanto a pergunta paira perigosamente no ar. *Inteligente, Graystone*. Continue fazendo perguntas e talvez eles a matem agora, em vez de arrastar tudo para fora.

— Porque na escuridão... — Victoria diz. — Vocês vermes fazem coisas horríveis uns com os outros. — Ela olha para o relógio e um sorriso horrível se estende por seu rosto. — Acabou seu minuto.

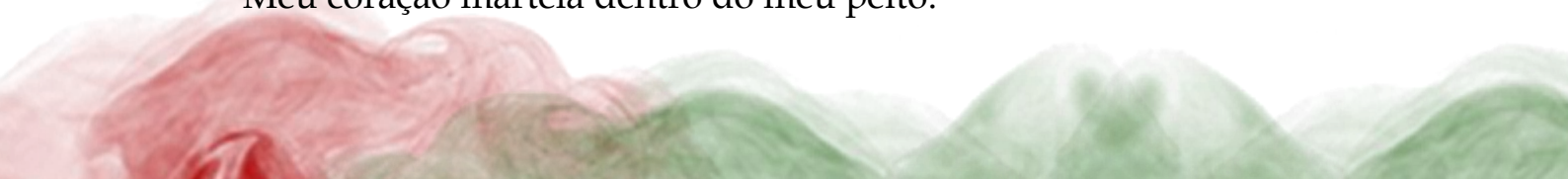
Antes que eu possa me mover, os dois centuriões me prendem, um em cada braço, contra a parede. A borda dura de uma moldura atinge meu ombro esquerdo. Sinto o cheiro forte do esmalte usado em suas armas e o talco sutil de suas perucas.

A luva esquerda imaculada de Victoria farfalha quando ela a tira. Com a mão sem luva, ela remove um longo alfinete adornado com a fênix dourada do imperador de seu chapéu. Seu nariz fino e adunco quase toca o meu.

Mas há algo estranho em seus olhos. Estranhas marcas brancas marcam suas íris cinza-claro, suas pupilas denteadas e rasgadas.

— Onde ele escondeu, verme?

Meu coração martela dentro do meu peito.



— O que?

— A chave. Está aqui? — Ela bate no meu nariz com a ponta afiada do alfinete. — Aqui? — O alfinete atinge meus lábios. — Eu sei que você tem a chave e seu irmão tem o mapa. O que não sei é onde.

— Você está louca. — Digo, estremecendo enquanto ela raspa o alfinete de chapéu ao longo do meu queixo e bochecha até pairar sobre meu olho direito. E ela poderia ser. Louca. Com seu olhar febril, seu sorriso aberto, o tique sutil de sua bochecha esquerda.

Mas nós duas sabemos que o que ela diz é verdade. Meu pai escondeu algo dentro do meu irmão e de mim. Não tenho certeza do que foi, eles o mataram antes que eu pudesse descobrir, mas seja o que for, o imperador deve querer tanto para mandar a arquiduquesa vasculhar o país em busca disso.

— Meu palpite está aqui. — A agulha atinge meus cílios, me fazendo piscar. — Com os olhos você deve ser delicado. Use um alicate e eles podem explodir. O mesmo para um bisturi. Mas uma colher de sopa comum os tira em segundos e os deixa perfeitamente intactos.

Uau. Achei que os monstros no fosso eram ruins, mas a arquiduquesa dá uma nova interpretação a psicopatia.

O imperador deve estar muito orgulhoso.

— Levem ela. — A arquiduquesa acena para os centuriões. — Cuidado, idiotas, ela está infestada de vermes.

— Victoria. — Diz o Imperador. — Resolva nosso problema, eu sei que você não vai me decepcionar de novo.

Radiante, a arquiduquesa se curva. — Eu sou sua serva leal até o fim, meu imperador.



Os dois centuriões me levam facilmente em direção à porta. Consigo chutar um na coxa, mas posso muito bem estar dando um soco no tronco de uma árvore.

Em resposta, ele me vira em uma chave de braço, minha traqueia imprensada entre seu antebraço e bíceps, e aperta.

Pontos pretos circundam minha visão, meus olhos parecem que vão explodir das minhas órbitas.

A arquiduquesa não ficará feliz com isso? Eu acho uma loucura.

O escritório começa a girar, mas um rosto permanece em foco. Victoria me avalia com um sorriso demente. Sua mão direita cruza o coração.

— Todos saúdem o imperador, pequeno verme.

Absurdamente, sinto-me sorrir. No caos, Bramble conseguiu escapar. Eu o vejo correr pelo corredor, ficando menor dentro do minúsculo ponto de visão que me resta.

Corra. É isso aí, B. Corra!

Eu de alguma forma consigo agarrar este pequeno conforto, puxando-o e saboreando-o como a respiração que meu corpo implora enquanto a escuridão se fecha.

Seguro. Ele está bem...



CAPITULO 5



Estou enrolada como uma bola em um chão frio e duro. Uma enorme dor de cabeça abraça meu cérebro, meu lado rígido e latejante. Espero que o ferimento seja apenas um ferimento superficial, mas não posso ter certeza sem olhar.

Dada minha sorte recente, provavelmente é melhor não fazer isso.

O cheiro de urina velha misturada com o cheiro acobreado de sangue faz cócegas na minha garganta. Meu ou do ocupante anterior, é impossível dizer.

Quanto tempo estive fora? Eu me pergunto, no momento em que um roedor do tamanho de um gato grande passa pelo pequeno triângulo de luz fluindo e começa a lambar uma poça escura no chão.

Meu sangue.

No Fosso, as únicas coisas piores do que a escuridão são as criaturas que se escondem dentro dela. Eu chuto o rato.

Ele sibila, range o ar com os incisivos do comprimento de um dedo e continua descaradamente seu banquete vermelho.

Veja, Maia, nem mesmo os ratos têm medo de você.

Minha visão começa a girar. Eu me inclino sobre meus joelhos, piscando para afastar a névoa oleosa. Uma dor profunda perfura meu lado. Olhando para baixo, descubro que a metade superior do meu uniforme está encharcada.

Então... não uma ferida na carne.

Estou sangrando.

Meus pensamentos vacilantes ecoam nas memórias. Fugindo com Max na noite em que mataram meu pai. Os gritos minúsculos e lamentáveis de Max enquanto nos amontoamos no elevador de fuga escondido dentro do laboratório do meu pai. As noites frias e os dias brutais escondidos nas ruas para que os Centuriões não nos encontrassem.

Morrendo de fome.

Muitas e muitas pessoas morrendo de fome tentando explicar a uma criança de seis anos por que eu não conseguia conjurar comida magicamente.

Quero rir. Eu quero chorar. Talvez seja uma misericórdia morrer assim. Uma misericórdia covarde e abençoada. Eu vou dormir. *Dormir...*

O som das garras do rato raspando a pedra enquanto foge me traz de volta. Algo está errado. Fora da minha cela, as chaves tilintam suavemente. A fechadura da porta se abre com um clique agudo e uma entrada de ar fresco.

Os resultados do teste. Eles já sabem.

É um parafuso diferente desta vez. Na verdade, ele é o mesmo parafuso que me levou ao fosso no meu primeiro dia aqui, embora eu não possa dizer se ele me reconhece por meio de seu olhar mortal, o meio-olhar que todos os tarados acabam recebendo dos nanos que vasculham seus cérebros.

Em seguida, vem a contração à medida que os nanos invadem seu sistema nervoso.

Chuto nele e quase desmaio com o esforço. Ignorando minha luta patética, o parafuso algema minhas mãos na frente da minha cintura, prendendo a longa corrente que prende as algemas ao seu cinto.

Não dizemos uma palavra um ao outro enquanto ele me arrasta pelo corredor estreito que separa as celas.



Eu me sinto desamparada, derrotada. *Como nos velhos tempos.*

Estou mais do que um pouco surpresa quando ele me leva por uma porta para o exterior. Eu olho para as estrelas. É noite e uma grande lua perolada guia nosso caminho. O vento frio perfura minhas roupas esfarrapadas e se aninha em meus ossos.

Devo continuar fazendo uma pausa, porque o parafuso continua puxando minha corrente. A perda de sangue está começando a me afetar. Minha visão gira toda vez que dou um passo, e minhas pernas ficam frias e pesadas.

Tento mexer os dedos dos pés, mas nada acontece. Provavelmente não é uma coisa boa, mas estou além de me importar no momento.

Logo é como se meu cérebro tivesse abaixado o volume. Não consigo ouvir nossos passos, mal consigo ouvir as chaves tilintando enquanto o parafuso destranca os dois portões não tripulados pelos quais passamos. Olho através das pálpebras pesadas para os edifícios de concreto à frente, que dizem ser para os raros e ricos prisioneiros de Bronze.

Luto contra a necessidade crescente de deitar bem aqui na grama e dormir.

O parafuso puxa minhas algemas. — Mova-se, sanguessuga!

Tropeço em direção ao recinto que vaza fumaça de sua chaminé.

— Onde... — Meu olhar salta através da porta de madeira desgastada à nossa frente. — Estamos?

— Cale a boca. — O parafuso murmura enquanto ele se atrapalha com minhas restrições. Estou começando a pensar que poderíamos ser melhores amigos.



Meus braços se soltam e flexiono meus pulsos doloridos enquanto ele dá duas batidas rápidas na porta, abre com uma chave e, em seguida, me empurra para dentro do cômodo escuro.

A porta bate atrás de mim.

— Sinto muito pela luz. — Diz um homem da escuridão. — Os apagões duram dias agora. — Há algo estranho em sua voz, um timbre eletrônico e estridente.

Os restos de um fogo ardem atrás do homem. Fico em silêncio enquanto espero meus olhos se ajustarem.

Duas cadeiras aparecem. Uma mesa. A pequena janela gradeada contra a parede de trás está aberta, e a vela na mesa trêmula com a brisa, dançando a luz da forma de um homem caído em uma cadeira, seu rosto encapuzado coberto pelas sombras. A julgar pelo relógio de ouro brilhante pendurado em seu bolso, a luxuosa pele preta forrando a capa e o ar não tão sutil de superioridade em sua voz, ele é um monarquista. Mesmo o mais rico dos Bronzes não teria tais luxos.

O homem pigarrou e eu me assusto com meus pensamentos. Por alguma razão, tenho a sensação de que ele está feliz com a escuridão. Eu procuro nas sombras por sua Cor, mas não encontro nada.

— Sente-se, por favor. — Ordena o homem. — Estamos com pouco tempo. — Seu discurso parece refinado, apesar de sua qualidade não natural.

— O eufemismo do século. — Digo, mesmo hesitando.

Uma cápsula de prata oblonga e convexa do comprimento de um homem alto se projeta na parede. É um Uploader, o que nós bronzes chamamos de caixão. Feito de uma mistura de titânio, aço e prata, foi sem dúvida fabricado em Cypher, em uma das centenas de fábricas de metal que revestem a baía.



— Vou ficar em pé. — Acrescento, apontando para o caixão com a cabeça. — Por que você tem isso? Os prisioneiros estão proibidos de fazer upload.

— Quem disse que eu sou um prisioneiro?

— Então o que você está fazendo aqui?

— Ah, você sabe. Um pouco disso, um pouco daquilo.

Sua presunção deixa um gosto amargo na minha boca. Eu cruzo meus braços. — Você é Fieniano, então?

— Eu pareço um rebelde Fieniano?

Nem um pouco. Sacudindo outro feitiço de tontura, eu viro meu olhar para o caixão.

— Você vai fazer isso? Enviar quando chegar a hora?

Ele encolhe os ombros. — O frio faz coisas horríveis na minha pele.

— Você quer dizer que ser transformado em um pedaço de gelo e viver dentro da mente de um Escolhido não é sua ideia de diversão?

— Oh, eu conheci os Escolhidos. A maioria são estúpidos chatos cujas mentes seriam uma forma implacável de tortura. — Batendo os dedos na mesa, ele acena com a cabeça em direção à cadeira mais próxima de mim.

Eu fico enraizada no chão. Se eu tiver que andar, sem dúvida vou desmaiar.

Ele suspira. — Vou tornar isso simples. Você é Maia Graystone, filha do traidor Bronze, Philip Graystone?

Pela segunda vez esta noite, meu coração pula uma batida.

— Ele não era um traidor. — Corrijo-o, e apesar da sensação de segundos antes de desmoronar, minha voz tem um tom de aço.



— A bomba que ele construiu para matar o imperador diz o contrário.
— Suas palavras são envoltas em tédio arrogante. — Não que eu o culpe, é claro.

— Isso é uma mentira. — Não me importo com o que a realeza acusa meu pai, ou o fato de que eu sei que ele estava construindo algo; nunca vou acreditar que ele conseguiu construir uma bomba conscientemente.

— Fala como uma filha leal.

— Eu nunca disse que era ela...

— Vergonha. Eu ia te ajudar a escapar. Mas se você não é Maia...

— Qual é o ponto? — Cruzo meus braços. — Ou você não tem olhado para o céu ultimamente?

— Você não ouviu o resto da minha oferta, Everly.

— Everly? — Repito, tentando manter a confusão longe da minha voz. — Mas você apenas...

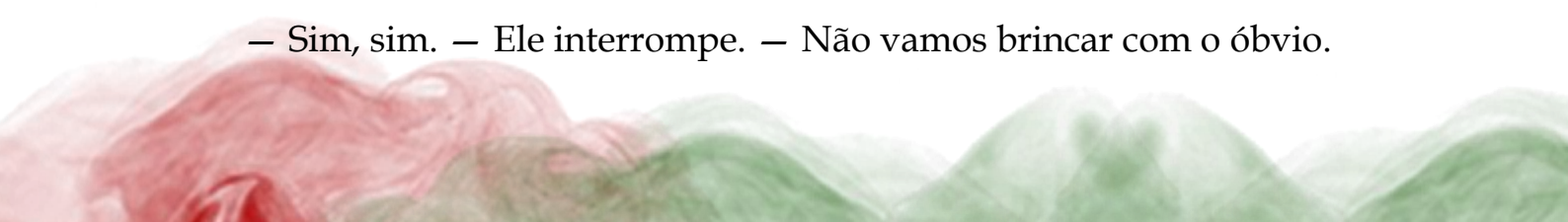
— Seu novo nome: Everly. Em vez disso, sai da língua, você não concorda? — Sua mortalha muda de repente, revelando parte de seu antebraço. A pele é esticada e cerosa. — Everly, você gostaria de competir no Julgamentos das Sombras?

Sua pergunta me empurra para um mundo que venho tentando esquecer nos últimos sete anos. Os Julgamentos das Sombras são o final brutal do Imperador, um reality show implacável para os competidores que morrem, literalmente, pela chance de ganhar um assento no Hyperion.

Ainda...

— Mas os Julgamentos das Sombras serão realizados em um país realista, na Ilha Esmeralda, e os concorrentes são cortesãos exilados de uma vez proeminentes Casas de Ouro...

— Sim, sim. — Ele interrompe. — Não vamos brincar com o óbvio.



— Isso é uma piada, certo?

— Uma piada? Eu imagino que os milhares de lordes e damas do norte esperando para serem escolhidos não pensam assim. Não é uma piada, Everly. Um simples sim e você terá uma segunda chance na vida.

De alguma forma, consigo cruzar o chão e cair na cadeira. Estou perfeitamente ciente do sangue escorrendo pelo meu lado. Ainda mais da rara pontada de esperança queimando em meu peito.

— Quem é você?

— Só pode haver quatro campeões no Julgamentos das Sombras. A pergunta certa é: como você será um deles? Ou você esqueceu quais são os vencedores?

— Um assento. — Minha cabeça está girando, mas não posso ter certeza se é por causa da perda de sangue ou da oferta. — Os vencedores recebem um assento na estação espacial.

— Certo. Um assento ao lado do Imperador e seus amados Escolhidos em Hyperion, o castelo nas estrelas. E a melhor parte é que você não precisa fazer nada por mim até vencer.

— Você quer dizer se. — Digo, enunciando cuidadosamente. — Se eu vencer.

— Naturalmente.

— Qual é o seu fim nisso?

Há uma pausa. — Você se lembra o que acontece depois dos Julgamentos das Sombras?

Já se passaram anos desde que ouvi qualquer notícia monárquica, e estou quebrando a cabeça.



— Há um... uma bola. O Immortalis Dominium. — Eu balanço minha cabeça com a colheita de memórias que voltam correndo. — A última festa para os escolhidos.

— E os campeões do Julgamento das Sombras, os quatro sortudos, serão convidados para jantar com o magnífico Imperador Rand Laevus.

— Grunhindo, ele puxa o capuz para trás para revelar seu rosto.

Ou o que sobrou dele.



CAPITULO 6



Dou um suspiro assustado. As orelhas, nariz e lábios do homem estão faltando. Toda a sua carne exposta está brilhante e com marcas, esticada, faltando em alguns lugares, derretida em outros.

Preso à garganta, brilha uma eletrolaringe metálica e brilhante.

— Eis a obra-prima do imperador Rand Laevus. Não se preocupe em esconder sua repulsa. Eu reajo exatamente da mesma maneira todas as manhãs quando me olho no espelho.

Desvio meus olhos. — O imperador fez isso com você?

— Agora você entende, não é?

— Retribuição. — Qualquer esperança que eu nutria se esvai de mim, tão real e esmagadora quanto o sangue que sai de minhas artérias. — Você quer retribuição.

— Bem, para ser claro, eu quero que você mergulhe uma lâmina no coração negro retorcido do imperador Laevus. Embora um instrumento rombudo em seu crânio me deixasse quase tão tonto.

Ele sufoca um gemido enquanto torce seu corpo mutilado em uma posição mais confortável. Percebo que seus dedos estão queimados e transformados em saliências ósseas. — O fogo seria o fim poético. — Continua ele. — Mas não particularmente pragmático, dadas as circunstâncias.

— Pragmático? Estamos falando sobre o assassinato do Imperador, chefe dos Monarquistas, o segundo descendente primogênito do Imperador Marcus Laevus da Casa mais poderosa da história. — Me levanto vacilante quando uma onda de tontura cai sobre mim. — Você é... Você é insano.

Dou dois passos em direção à porta antes de vê-lo. Ele deve ter estado aqui o tempo todo, espreitando nas sombras mais escuras enquanto me observava.

Há algo inerentemente predatório sobre ele, e meus sentidos gritam enquanto nossos corpos quase colidem.

É só quando ele muda para pegar a luz que reconheço que está sem um olho.

Garoto do Fosso.

— Você. — Assobio, forçando cada pedaço de raiva reprimida nessa palavra.

O menino de um olho só abre um sorriso de lobo. — Eu.

— Ele está aqui para me assustar até dizer sim? — Atiro, desviando minha atenção de Garoto do Fosso e seu olhar intenso e imparcial, que é uma arma por si só.

— Esse adorável espécime é Riser. — Diz o homem queimado. — Seu parceiro.

Bufo, segurando minhas costelas enquanto a dor desce pelo meu lado. — Impressionante. Você está delirando e é louco.

O sangue da minha ferida, mascarado pela penumbra, encharcou a perna da minha calça e agora está pingando silenciosamente no chão. Riser inclina a cabeça, apenas o suficiente para eu saber que ele percebeu. Não posso deixar de sentir que ele está constantemente me avaliando, calculando minhas forças e fraquezas, procurando por rachaduras em minha armadura.



— Poderíamos debater a veracidade de minha mente a noite toda. — Diz o homem queimado. — Exceto que agora o cão de ataque geneticamente mutilado favorito do imperador descobriu que seu novo brinquedo está faltando. Confie em mim; você não quer que ela o encontre novamente.

Seus olhos estranhos surgem em minha mente e meu corpo estremece.

— Eu não sabia que havia algum Maligno ainda vivo.

— O imperador Laevus manteve os que considerou úteis, e imagino que a arquiduquesa seja extremamente útil.

Malignos foram os primeiros sujeitos geneticamente modificados. Isso foi antes de entendermos a nanotecnologia e a engenharia de tecidos. Antes que as falhas nos procedimentos fossem corrigidas. O raro Maligno que sobreviveu à concepção, como a Arquiduquesa, parecia humano, mas não era, não completamente. Eles eram outra coisa. Algo danificado.

Algo errado.

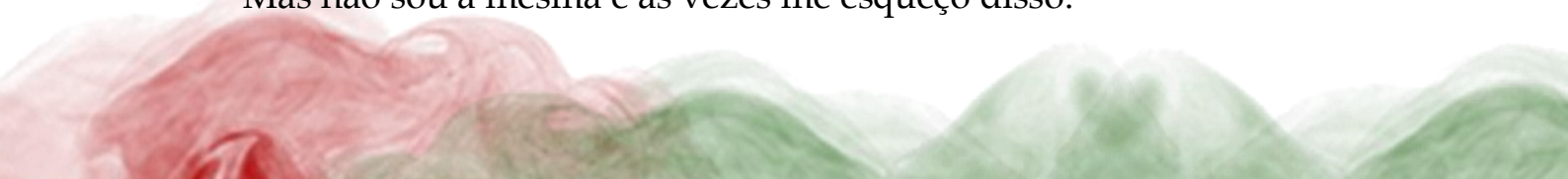
Me viro para encará-lo. — Por que eu?

— Porque, ao contrário das aparências, você é a Escolhida, aquele subgrupo abundantemente afortunado e geneticamente perfeito que representa a todos nós. Você estava perto de Ouros o suficiente para saber como eles falam, como pensam. Com os aprimoramentos estéticos certos, você pode se misturar ao mundo deles.

Parece que faz muito tempo que fui chamada por essa palavra, *Escolhida*, que agora se tornou sinônimo de sobrevivência.

Bem, não me sinto uma escolhida, pelo menos não por algo que valha a pena escolher. Meu sangue parece igual ao dos outros. Minhas entranhas, eu imagino, se eu fosse aberta como a arquiduquesa parecia tão ansiosa para fazer, ficariam totalmente iguais também.

Mas não sou a mesma e às vezes me esqueço disso.



— Exatamente. — Digo. — E Riser... Ou qualquer que seja o nome dele...
— Aceno para o menino caolho. — Não pode. Os candidatos de Bronze para os julgamentos são escolhidos em Casas de Ouro caídas e passam pelo menos um verão na corte. Eles nunca vão acreditar que ele já foi... — Uma onda de tontura me invade e aperto o assento da cadeira. — Uma vez...

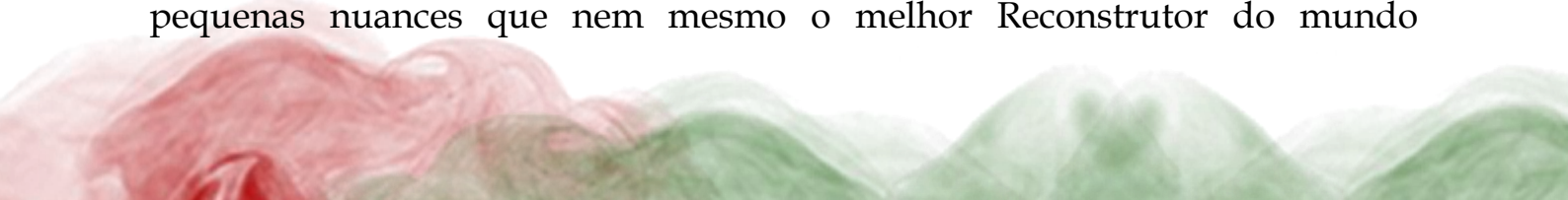
— Vergonhosamente privilegiado, raça impecável? — O homem queimado termina, me olhando com atenção. — Por favor, tenha um pouco de fé. Os Julgamentos das Sombras começam em menos de uma semana. A essa altura, com os ajustes certos, Riser se parecerá com qualquer outro competidor endinheirado. — Ele dá o que teria sido um sorriso vencedor, se não fosse por seu rosto grotescamente desfigurado. — O imperador Laevus não é o único artista a criar obras-primas.

— Ele não é uma tela! — Estalo. — Ele é um assassino. — Ainda me lembro do dia em que me pegaram no fosso, a maneira como as unhas ásperas de Garoto do Fosso espetaram meus pulsos enquanto ele os amarrava. Sujeira e lágrimas escorrendo pelo meu rosto, implorei a ele para me ajudar.

Cale a boca, Garoto do Fosso havia dito. Olha, fica quieta, tudo bem? Tudo ficará bem.

Me forço a sair daquela memória sombria e me concentro no que o homem queimado está dizendo, mas não antes de lançar um olhar mortal para o Garoto do Fosso.

— Precisamente o ponto. — Continua o homem queimado. — Veja, com a quantia certa posso consertar suas cicatrizes, seus dentes horríveis. Posso fazê-lo falar eloquentemente e abrir portas para as mulheres e fazer as reverências mais requintadas. Posso até dotá-lo de um novo olho. Mas o que não posso fazer é dar a ele o seu conhecimento do mundo deles. As pequenas nuances que nem mesmo o melhor Recontrutor do mundo



consegue implantar. Se você quer aquele assento, tem que ser um esforço de equipe.

— E se não matarmos ninguém? — Novamente eu corto meus olhos para Riser, que está assistindo nossa interação com leve interesse, como uma cobra assistindo dois ratos brincando. — O que nos impede de nos separarmos uma vez que conquistarmos nossas vagas?

— Além da sua palavra? — O homem queimado levanta o que deve ter sido uma sobrancelha, a pele esticada de seu rosto se contorcendo quase comicamente. — Considerando o que o imperador fez com seu pai, Everly, pensei que você aproveitaria a chance de matá-lo.

Por um intervalo de tempo, eu tenho nove anos de novo, observando meu pai cair aparentemente em câmera lenta, sangue vermelho brilhante escorrendo por sua testa, seus olhos verdes antes vibrantes achatados e desbotados.

Suspiro e me concentro no meu ambiente atual. Os olhos de Riser se aguçam com fria curiosidade, mas mantenho meu rosto impassível.

A cobra está repentinamente interessada.

— Eu não quero vingança. — Finalmente digo. — Eu só quero...

Max.

Vivo.

Seguro.

Mas não me atrevo a dizer isso, porque agora que estou fora dos túneis e um pouco da minha loucura se desvaneceu, percebo que não há como ele ainda estar vivo.

— Pena. — O homem queimado franze a testa. — Então, talvez mais um ponto no Hyperion irá motivá-la. Para quem realmente derramar o sangue do Imperador Laevus.



— Por que eu precisaria de mais ingressos? — Meu coração bate forte. Poucas pessoas teriam acesso a outro local no Hyperion. O custo sozinho exigiria mais salários do que um Bronze poderia ganhar em toda a vida nas fábricas.

— Por que, Everly, com certeza você não estava pensando em abandonar Max de novo?

É como se o ar tivesse sido retirado do meu peito. — Max está... — Tento as palavras, mas nunca as declarei em voz alta antes, e elas se alojam na minha garganta. Piscando para afastar as lágrimas quentes, tento novamente. — Meu irmão está morto.

Estupidamente esfrego as lágrimas; não posso mostrar o quanto isso me dói.

— Bem, isso é uma decepção. O Max que conheci me contou tudo sobre si mesmo. Como seus pais o nomearam em homenagem ao deus dos céus, Júpiter Optimus Maximus. Como sua irmã mais velha gritava com ele por mexer com o belo telescópio novo que ela ganhou de aniversário, mas ela sempre dava a ele o último pedaço de caramelo. Como ela foi escolhida, mas ele foi deixado para entrar nas fábricas quando tinha seis anos, para trabalhar como escravo durante sua infância até ser forçado a fazer upload. — Ele se inclina. — Como você o deixou um dia e nem olhou para trás.

— Onde? — Minha voz soa vazia, desesperada. — Onde está Max?

Antes que ele possa responder, um alarme estridente perfura o ar.



CAPITULO 7



O parafuso irrompe pela porta. Sem nem piscar, Riser desliza para trás dele, a adaga cintilando na garganta do parafuso.

— Nicolai, tire esse sanguessuga de cima de mim, — rosna o parafuso para o homem queimado, obviamente chamado de Nicolai, que gesticula para que Riser se distancie.

Quando Riser não se move, Nicolai diz: — Primeira lição fora do fosso, Riser. Não mate o homem que vai te ajudar a escapar.

O punho de Riser aperta a adaga, mas ele se derrete nas sombras, uma carranca de desapontamento puxando seus lábios.

— Hora de decisão, Everly. — A voz de Nicolai é brusca de impaciência. — Embora, se você disser não, eu instruirei nosso amigo civilizado ali. — Ele acena para Riser. — Para ajudá-la até o ponto de extração.

A tontura vem em ondas agora. Esmagando-me até que estou prestes a me afogar e depois me deixando levantar para tomar pequenos goles de ar. Pedacos pretos flutuam em meus olhos. Estou perigosamente perto de desmaiar.

Eu quero dizer que não sou Everly. Sou Maia Graystone. Quero dizer que não sou forte o suficiente para fazer isso. Quero dizer que é minha mãe,

não o imperador Laevus, que deve ser punida. Eu quero dizer que se o garoto brutal com um olho só se atrever a me tocar, ele vai se ver sem o outro olho.

Em vez disso, levanto meu queixo e sussurro: — Vou fazer isso.

Por Max.

— Bom. — Parecendo aliviado, Nicolai aponta para uma mochila preta no chão. — Agora, pegue isso e vá. Já pode ser tarde demais.

Assisto sem acreditar enquanto Nicolai e a mesa desaparecem. *Um holograma!* Eu examino o chão escuro em busca do Interceptador que transmitiu sua imagem, mas o parafuso agarra meu braço e me puxa para fora da porta.

Assim que o ar frio de fora me atinge, pego um segundo fôlego. Sirenes soam e holofotes percorrem o terreno, formas escuras deslizando ao longo da linha da cerca. Os cães latem à distância.

Ficamos juntos, correndo baixo ao longo do caminho sombreado entre as casas. Meus pulmões queimam com ar fresco pela primeira vez em anos, e me pergunto se ainda estou dentro da minha pequena tumba escura, sonhando.

A floresta se ergue como uma parede escura. Abrimos caminho por entre as árvores, galhos rasgando nosso rosto e braços. O céu cintila por entre as copas das árvores, as estrelas tão brilhantes, tão maravilhosas que me perco nelas por um momento.

Alguém está me sacudindo pelo colarinho e eu abro os olhos para ver o mundo fazendo piruetas tortas. Me ancoro no único olho azul de Riser. Apesar de nossa situação, ele está calmo, examinando as árvores enquanto me arrasta, meus dedos cravando no chão a cada passo desajeitado.

Inalo avidamente os cheiros de terra, grama e mar. A sensação é avassaladora, como engolir goles gigantes de água gelada após ficar presa por anos no deserto escaldante sem uma gota...



O parafuso está me xingando baixinho. Eu devo ter adormecido novamente. Tenho a impressão de que ele está se arrependendo de seu acordo com Nicolai.

Neste caso, somos dois.

O teto escuro de galhos se abre para revelar o céu incrustado de diamantes. Nós nos espalhamos ao ar livre, a poucos metros de distância, lutando para abrir caminho pela grama na altura dos joelhos. Eu posso ouvir o oceano... cheirá-lo... prová-lo na minha língua...

Outro empurrão me arranca do meu devaneio. *Continue indo, Graystone. Um pé, agora o outro...*

Um abismo negro se abre sob meus pés. Minhas mãos se agitam em uma tentativa desesperada de equilíbrio. Pedras caem ruidosamente na face do penhasco e desaparecem nas ondas espumosas, vinte metros abaixo, enquanto meu estômago embrulha.

Pouco antes de eu cair, mãos agarraram meus ombros e me puxam para trás.

Riser. Seu peito está quente contra minha carne trêmula.

Lutando contra a vontade de afundar em seu calor, deixo escapar uma risada nervosa.

— Este é um momento ruim para dizer que tenho medo de altura?

Riser me encara.

O parafuso caminha ao longo da borda do penhasco, seu olhar percorrendo a floresta enquanto os gritos ficam mais altos.

— Nicolai não está me pagando o suficiente por isso.

Riser me dá um tapinha no ombro e aponta. Aninhado dentro das ondas de obsidiana balança um pequeno barco branco. — Temos que nadar até lá. —



Diz ele, sua voz tão sem emoção quanto um pedaço de madeira. — Você pode fazer isso?

— Claro que ela não pode! — O parafuso fala. — Olha para ela. Nicolai não disse nada sobre ela estar ferida. — Ele passa a mão pelo cabelo curto. — Eles vão pegar vocês dois, sanguessugas. — Sua mão cai para seu bastão de atordoamento, o fino bastão de metal preto em seu quadril. — E vocês vão ter muito a dizer.

Riser inclina a cabeça, observando o parafuso de uma forma que faz meu sangue gelar.

Vamos desistir. Acho que estou dizendo isso, mas talvez esteja pensando nisso. Desista. Vá dormir. Encontre calor...

Minhas bochechas estão em chamas. Riser está batendo levemente em meu rosto; devo ter adormecido novamente. A dor corta a névoa dentro da minha cabeça. Uma gargalhada sai dos meus lábios quando percebo que não consigo sentir minhas pernas.

— Temos que pular. — Afirma Riser novamente. — A água vai estar congelando. Você pode fazer isso?

O que você vai fazer se eu disser não, Garoto do Fosso? Me calar para que eu não possa contar a eles os planos de Nicolai?

Penso em Max. Todas aquelas vezes eu tive que nadar além das boias e arrastá-lo para a costa depois que ele flutuava para longe demais. Max era assim. Um sonhador, cabeça enterrada nas nuvens.

Não, não era. É.

Max ainda está vivo, então se recomponha, Graystone.

Aceno para Riser, dizendo a mim mesma que estou nadando para salvar Max mais uma vez.



Um pequeno lampejo passa pela minha periferia. O bastão atordoante do parafuso solta faíscas, uma linha azul irregular zumbindo em suas duas pontas.

— Por aqui! — O parafuso grita, seu olhar rolando para a floresta enquanto ele cutuca Riser com o bastão. — Eu-eu os encontrei!

No espaço de um segundo, Riser evita seu alcance, serpenteia atrás dele e empurra.

O parafuso se inclina sobre o penhasco, seus braços girando comicamente.

Dois segundos depois, há um baque contra as rochas abaixo. Fagulhas azuis saltam da batuta onde ela zumba na grama.

Ele nem mesmo piscou.

Nossos olhos se encontram. Começo a tremer enquanto Riser me avalia como se tivesse feito com o parafuso.

Sou uma ativa ou uma passiva?

Aceno, nunca quebrando o contato visual. Com um sorriso sombrio, ele aperta uma mão forte na minha nuca, me guiando até a borda. Percebo uma pequena lacuna entre as rochas. Riser aponta para ela e diz: — Siga-me se quiser viver. — E desce do penhasco.

A escuridão o engole. Contando mentalmente, chego a oito antes que o oceano o expulse de volta.

Minha vez. O medo invade todas as células do meu corpo. Fecho meus olhos. Respiro fundo.

— Só por você, merdinha, eu pularia de um penhasco.

Se Max estivesse aqui, meu apelido para ele teria iniciado uma grande briga entre nós.

Se tudo correr bem, ele vai me ouvir chamá-lo assim de novo.



Meu mergulho não é tão gracioso quanto o de Riser; de alguma forma, fico na horizontal antes de bater na água. Em seguida, uma dor incandescente bate em meu corpo, seguida por dormência.

Eu estou debaixo d'água. Caindo. Afundando.

Tanto para essa ideia.

Algo se envolve em mim. Nossos corpos lutam com o mar e uns com os outros. Minha cabeça surge na superfície, e há uma doce liberação enquanto meus pulmões se enchem de ar. O vento frio pica meu rosto. Ondas puxam e arranham meus membros mortos, me empurrando em várias direções enquanto a água salgada queima minha garganta.

O golpe de madeira dura contra minhas costas, tira o ar e a água do mar de meus pulmões. Meus olhos se abrem. A água que bate nas laterais do barco está oleosa de sangue.

Meu sangue.

Você provavelmente precisa disso, Graystone.

Ouve-se um som de arranhar-raspar na lateral do barco. Algo corre pela lateral, agarrando-se ao remo de Riser para não se molhar. *Bramble!*

Riser tenta desalojar o sensor, mas eu faço uma carranca para ele.

— Machuque-o... — Advirto. — E juro pelos deuses que vou encontrar a força para matá-lo com minhas próprias mãos.

Riser me lança um olhar divertido que diz que gostaria muito de me ver tentar, mas permite que Bramble corra para um terreno mais alto. Bramble tuita com raiva para ele, balançando uma perna em protesto, circulando duas vezes e depois se dobrando em uma bola de metal.

Eu faço o mesmo, enrolando-me de lado. Nosso pequeno barco desliza na água, ricocheteando de onda em onda, girando e girando. Cada onda estala



minha cabeça e esvazia meu estômago. Para me equilibrar, eu olho para cima e encontro o penhasco de onde acabamos de pular.

Algo me chama a atenção. Apesar do meu torpor, leva apenas um segundo para eu reconhecer a peruca fantasmagórica soprando no vento, a capa chicoteando atrás dela como um demônio que muda de forma.

A arquiduquesa.

Tudo sobre ela grita cruel. Não natural. Monstruosa.

Seus olhos enervantes me seguem enquanto nos rendemos ao mar. Acho que um pequeno e brutal sorriso estremece em seus lábios, mas posso estar errada. Eu poderia estar.

Riser deixa cair um remo aos meus pés. — Reme.

Olho incrédula para ele. — Eu pareço que posso remar agora?

— Não, parece que você quer viver. — Ressalta.

Touché.



CAPÍTULO 8



Quando meus dedos desajeitados se fecham em volta do meu remo, encontro-me olhando para ele. Seu uniforme cinza encharcado gruda em seu corpo, revelando músculos famintos e fibrosos que se tensionam com cada impulso de seu remo.

Surpresa pisca através de mim. Como um dos prisioneiros mais temidos do fosso, ele deve estar bem alimentado.

Eu mal mergulhei meu próprio remo na água quando uma onda gelada bate no barco. Nós oscilamos de lado.

Com o estômago balançando, vejo o mar arrancar o remo de meus dedos mortos.

Um sorriso lunático encontra meu rosto. — Oops.

Riser me lança um olhar ruinoso. Sua primeira emoção real. *Garoto do Fosso é humano, afinal. Um assassino sanguinário, mas vou aceitar.*

Há um período suave de nada cinza. Eu volto, tremendo tão violentamente que minhas mandíbulas se fecham e minha cabeça bate ritmicamente na lateral do barco. Começo a fantasiar sobre um banho quente e fumegante ao lado de uma lareira gigante e ruidosa. Posso ver Garoto do Fosso me encarando de vez em quando, e sua expressão não é um bom presságio para a minha sobrevivência.

Finalmente, ele puxa algo da mochila preta que Nicolai deu a ele e joga um cobertor grosso no meu rosto.

— Se você puder me ouvir. — Diz Garoto do Fosso. — Envolver-se nisso.

— Qua... quão... ca-cavalheiro... você... é. — Resmungo entre dentes.

— Se você não pode fazer essa tarefa simples, não há motivo para cobri-la.

— Eu não estou... morrendo, Garoto do Fosso. Não... Nã-não aqui com... com você.

Transformando meu aborrecimento em combustível, consigo colocar o cobertor pesado sobre minhas pernas e quadril esquerdo. Então encontro uma estrela azul legal no céu, a Estrela do Cachorro. Concentre-se nisso.

Não feche os olhos, Maia Graystone. Foco. Prove que ele está errado.

Em algum lugar lá dentro, sei que minha mente está vagando porque o sangue que deveria nutrir meu cérebro está flutuando na água ao meu redor.

Estou morrendo.

Meu olhar continua rasgando do céu para a forma afiada e melancólica de Riser. Sou um coelho incapaz de tirar os olhos de um lobo.

Os músculos do pescoço do lobo se tensionam enquanto ele rema ainda mais forte.

Meus olhos se fecham. Só por um segundo...

— Estaremos lá em breve.

As palavras me arrancam da escuridão para ver Riser ajustando o cobertor sobre a parte superior do meu corpo.

— Cypher? — Murmuro.

Ele acena sem olhar para mim; seu olhar, eu noto, está constantemente piscando para o céu, o mar.

— Você sabe o que é isso, Garoto do Fosso?



— Sim, Garota Cavadora. O lugar que precisamos estar.

Começo a me perguntar o que Garoto do Fosso sabe de fora. — Você aprendeu sobre a Guerra Eterna?

Ele olha para o mar. — O exterior nunca foi importante.

Até agora. — Tudo começou quando os operários e mineiros do sul se revoltaram contra os ricos Barões das Fábricas no Norte.

— Fábricas?

Oh garoto. Sua ignorância sobre nosso mundo é difícil de compreender.

Pisco para o céu, lembrando-me dos bronzes que passaram pela minha janela depois de seu turno, ombros curvados e cabeças cansadas demais para fazer qualquer coisa além de olhar para seus pés.

— Nós fazemos coisas para os Ouros. Bolas, sedas e linhos, você sabe. Coisas. — Eu corto meus olhos para ele. — Mas os trabalhadores não queriam mais fazer suas coisas e usaram a tecnologia disponível contra os Barões.

— Parece um motivo perfeitamente bom para ir para a guerra. — Ele brinca, e não posso dizer se ele está falando sério ou não.

— Sim, bem, o mundo inteiro quase morreu.

Eu vi vídeos arquivados da vida antes do Ato da Reforma, antes que a maior parte da tecnologia fosse banida. Bombas explodindo em mercados e festivais, criando crateras em cidades inteiras. Hospitais apinhados de corpos mutilados, os corredores manchados de sangue. Escolas reduzidas a cinzas.

Estremeço, tentando imaginar um mundo com tantas bombas, tanta incerteza e morte.

A tecnologia é perigosa. Os poucos rebeldes Fienianos restantes provaram isso repetidamente. A maioria dos bronzes que conheço concorda com a Lei da Reforma, mesmo que despreze o imperador.



Luto com o cobertor encharcado de água e consigo virar de lado. Eu sei que Cypher está esperando por mim, surgindo das ondas em toda a sua glória imponente, seus milhões de luzes movidas a energia solar como estrelas no céu.

Uma dor aguda preenche meu peito. É tudo o que sempre quis. Ver Cypher novamente.

E agora vou morrer a minutos de sua costa.

Quem disse que o universo não tem senso de humor?

— Você vai jogar meu corpo no oceano? — Sussurro. Eu parei de tremer. Certamente um mau sinal. — Tem que ser onde a água tem aquele tom impossível de azul... Meio como seus olhos... Quero dizer, olho.

Riser me olha em silêncio enquanto sou tomada por uma risada histérica, silenciosa e sufocante.

Mas não estou totalmente louca. Não posso deixar a arquiduquesa encontrar meu corpo. Ela vai desmontar peça por peça, pinçando órgãos e ossos até encontrar o que meu pai escondeu com tanto cuidado.

Outra gargalhada lunática explode de mim. — E também não me coma, Garoto do Fosso.

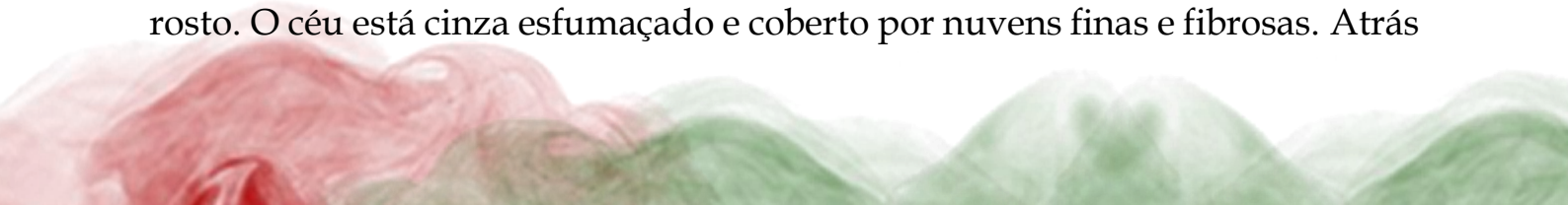
Garoto do Fosso me lança um olhar inexpressivo. Os músculos se contraem em sua mandíbula. Lentamente, um sorriso irregular rasga seus lábios.

— Não se preocupe; você não faz meu tipo.

Eu engulo mais risadas loucas. Somos um bando de comediantes. A menos, é claro, que ele esteja falando sério.

É difícil dizer.

Riser volta a remar, seus remos depositando gotas de água fria em meu rosto. O céu está cinza esfumado e coberto por nuvens finas e fibrosas. Atrás



de nós, perto da Ilha Rhine, onde as nuvens ainda estão amontoadas como cobertores sujos, rastreadores de luz azulada laser no céu. Eles estão procurando por nós.

Precisamos nos apressar.

— Eu não sou um sanguessuga. — A princípio, acho que Riser está falando comigo, mas ele está olhando para o horizonte. Tenho a sensação de que ele está falando com o guarda que matou. — Eu não sou um sanguessuga. — Ele diz novamente. Sua voz treme de raiva enquanto ele murmura: — Nem ela era.

Ela? Pela primeira vez, me pergunto se há alguém que Riser teve que deixar para trás. Exceto que ele disse que *era*.

Então, alguém que ele perdeu.

Mais silêncio. Seus olhos continuam indo para o oceano. — Se você nasceu no fosso... — pondero em voz alta. — Como aprendeu a nadar?

Riser não tira o olhar da água. — Nicolai me deu uma memória.

— Com um Uploader portátil?

Sem resposta. Claro que ele não tem ideia do que seja. Ele provavelmente está mais preocupado que as memórias sejam temporárias, durando não mais do que uma hora.

O que significa que se o barco virar, ele se afogará.

O vento vem em rajadas petulantes. Ele bagunça meu cabelo e gira nosso barco, trazendo consigo um cheiro oleoso de queimado misturado com vestígios de podridão e produtos químicos que picam meu nariz. Uma cortina esfumaçada escurece o céu.

Os objetos começam a bater em nosso barco. Bramble solta uma série de pios surpresos e se mexe nervosamente enquanto o fedor pungente e de dar água nos olhos satura o ar.



Grunhindo, eu luto com meus cotovelos e me inclino para o lado. A água, até o horizonte, brilha com peixes mortos e podres, pedaços de lixo balançando entre os corpos prateados inchados.

Sigo o olhar de Riser para a cidade. Por um segundo, não consigo dizer o que estou vendo; a fumaça é muito densa, misturada com tentáculos de névoa branca e ondulante.

Mas então ele se separa e um suspiro convulsiona minha garganta.

A bela cidade cintilante da minha infância é uma paisagem carbonizada e mutilada, inundada com água do mar rançosa e entupida com peixes mortos, cães em decomposição e outras coisas pútridas e não identificadas. Gaivotas, com seus corpos emplumados manchados de cinza pela fumaça, mergulham e mergulham no esqueleto irregular das fábricas de metal quebradas como moscas enxameando um cadáver. O enorme corpo dourado da ponte do píer quebrou e caiu no oceano.

E os gigantes caem um por um, para encher a taça de Podridão e Ruína. Uma cidade devastada pelas façanhas do homem, para nunca mais se levantar.

Palavras roubadas dos poemas da minha mãe. Eles formam um redemoinho dentro da minha cabeça como a sujeira fora do nosso barco. Essa é minha mãe para você. Estou morrendo e ela está lá, me lembrando que ela sempre tem razão. Que ela é um super gênio que também tem talento para letras.

— Vá para o inferno, mãe. — Grito enquanto meu corpo desiste. Apenas desiste. E eu desmorono de cabeça na água venenosa de coisas mortas e memórias.



CAPÍTULO 9



Um grito agudo rasga meu peito, assustando meus pesadelos. A luz se difunde suavemente pelo cômodo. Partículas de poeira rodopiam com cada respiração minha. Meu pescoço dói e queima.

Esticando todo o meu corpo, enrolo os dedos dos pés dentro dos lençóis frios da minha velha cama. Carne macia e flexível substituiu a ferida do meu lado.

Reconstruída.

Significava que os rebeldes fienianos estão próximos; apenas os fienianos ousariam tocar na nanotecnologia proibida.

Olhando ao redor, vejo minha lâmpada azul-petróleo na mesa de cabeceira onde a deixei. As estrelas douradas que minha mãe me ajudou a pintar quando eu tinha sete anos cruzam o teto, uma das poucas boas lembranças que tenho de nós duas.

— Luzes. — Grito. O quarto se enche de luz branca e fria. — Mais brilhante. — A luz surge, percorrendo minhas pálpebras semicerradas até que eu ordeno um brilho suave.

Sei que estou sonhando porque este é o quarto em que cresci. Há até a rachadura torta no canto e as marcas de mãos amarelas de quando Max e eu roubamos as tintas de minha mãe e marcamos as paredes.

Exceto que não posso estar sonhando. Porque quando tento me levantar, a corda presa ao meu braço se desloca, o sangue respingando em meus lençóis amarelos. O minúsculo orifício escorrendo na minha pele causa uma dor real. A outra ponta da linha está pendurada em uma máquina que se agita com um líquido espesso e vermelho-escuro.

Ele começa a apitar em alarme quando eu atravesso o chão para a grande janela saliente.

Alguém pegou todos os travesseiros de seda que costumavam forrar o assento da janela. Cinzas velhas mancham o chão onde meu telescópio costumava ficar, junto com vidros quebrados e agulhas de alcatrão enferrujadas. Uma brisa esfumaçada serpenteia preguiçosamente pelo buraco de explosão estelar no vidro, o cheiro sugerindo caos e morte.

Cypher se estende abaixo de mim, assustadoramente bela em sua decomposição, fumegante, quebradiça e arruinada. O que a inundação não destruiu, os incêndios queimaram.

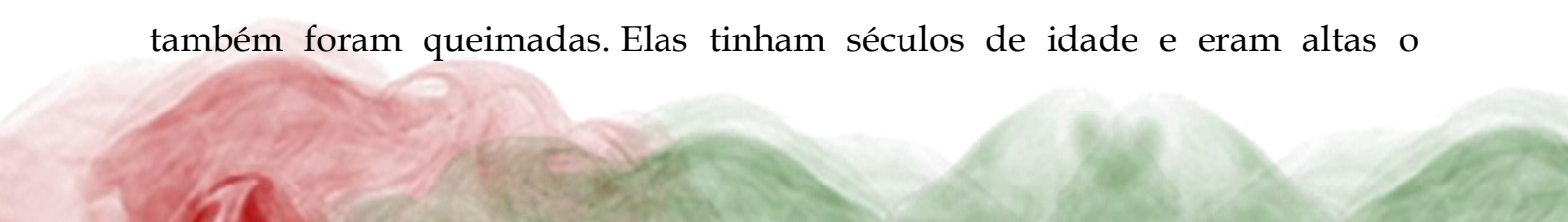
Mas eu estava errada: Cypher não está completamente perdida. Partes dela permanecem, pequenos enclaves de vida em uma cidade morta, como vermes agitando um cadáver para fazê-lo parecer vivo.

Os casebres infestam as ruas e pontes sinuosas, e vozes desesperadas estremecem entre os escombros. Um drone zumba em algum lugar próximo.

Abaixo da minha janela, vejo que o parque da minha infância foi destruído por um incêndio. Agora é um mercado improvisado com barracas e rios lentos de gente. Ninguém olha para cima.

Eu, porém, descubro que hoje Pandora tem o tamanho de uma noz. Suas bordas queimam laranja, seu centro preto, dando a ela a aparência de um olho.

Meu coração afunda quando percebo que minhas árvores favoritas também foram queimadas. Elas tinham séculos de idade e eram altas o



suficiente para arranhar a janela do meu quarto durante as tempestades de primavera. Max e eu costumávamos observá-las à noite, inventando histórias sobre ninfas e fadas que viviam em seus galhos retorcidos.

Um dia, minha mãe nos repreendeu por brincar perto delas. Ela explicou que durante uma das revoltas fienianas, antes de eu nascer, nossa parte da cidade era controlada pelos fiênios, e eles penduraram os centuriões capturados em seus galhos. Às vezes, regimentos inteiros balançavam dessas belas árvores antigas.

Há até uma música Fieniana sobre eles:

Maçãs de dândi, Maçãs de dândi, cheiram como rosas no outono.

Quando elas estão balançando e gritando,

Não são as vistas mais lindas de todas?

Então, talvez seja uma coisa boa sobre as árvores, afinal.



Estou intoxicada de luz. Bêbada com seu calor, sua fragilidade, a maneira como espirra nas paredes e mancha o assoalho.

Não é suficiente ter uma janela cheia disso; devo acender todas as luzes do meu quarto.

Mas a luz também me força a reconhecer o quanto mudei. Reunindo fôlego para ganhar coragem, enfrento o espelho de vestir no canto. A garota dentro da estrutura de aço é um espectro envolto em uma pele de papel que parece prestes a rasgar seus ossos afiados. Seu crânio cai sob a carcaça emaranhada de cabelo laranja lamacento, e dois olhos enormes e fundos projetam-se das órbitas sombrias.

Ela tenta sorrir, mas seus lábios rachados não parecem se lembrar de como.

A maioria de seus dentes está em vários estados de podridão.

Suas sardas, porém, as alfinetadas acobreadas perfeitas formadas para imitar as constelações favoritas de seus pais, ainda estão lá, espiando por baixo da sujeira. O que de certa forma é irônico, já que isso era o que ela mais odiava em si mesma.

Por alguma razão idiota, as lágrimas queimam minha garganta. Eu sou um monstro: uma coisa viscosa que anseia deslizar de volta para baixo de sua rocha para se esconder.

Embora eu não veja minha mãe há anos, posso imaginar o que ela diria. *Você acha que a pena vai te salvar, Maia?*

E ela está certa; uma das primeiras lições que aprendi no fosso foi que a pena é uma emoção inútil. Então eu me afasto da criatura horrível no vidro, engulo minhas lágrimas e começo a avaliar o que me rodeia.

Só há uma maneira de determinar se isso é uma simulação ou real. Algo que Nicolai não sabia.

Cruzando o chão, abro a gaveta da mesinha de cabeceira e removo cuidadosamente o fundo falso.

A minúscula moldura ornamentada do Príncipe Caspian Laevus está exatamente onde eu a deixei, seu vidro manchado com minhas impressões digitais e poeira. Eu olho para os olhos cor de champanhe e cabelos louros despenteados na fotografia. Inúmeras noites eu encarei aquele rosto perfeito, tentando decidir como ele era enquanto as perguntas giravam dentro da minha cabeça.



Ele gostaria de mim? Odiaria minhas sardas e meu cabelo laranja brilhante? Ele estava olhando para a minha foto a milhares de quilômetros de distância pensando em mim também?

Naquela época, eu não entendia muito bem o significado de ser casada com o príncipe herdeiro, filho do imperador.

Eu, uma Bronze.

Mandeí um poema para ele uma vez.

Deveríamos escrever algo sobre nós mesmos, mas não consegui pensar em nada que valesse a pena dizer, então, em vez disso, rabisquei um poema apressado de doze versos sobre as estrelas. Foi horrível, uma confusão clichê de palavras floridas e frases bobas que eu pensei que me fariam parecer inteligente.

Duas semanas depois, um envelope azul liso com o selo da Casa Laevus, uma Esfinge, chegou à minha casa, carregado por milhares de quilômetros por um mensageiro real.

Agora, minhas mãos tremem quando coloco a moldura voltada para baixo e pesco o envelope azul. O esboço de carvão bruto ainda está lá dentro, obviamente desenhado a partir da foto que ele tinha de mim, meus lábios oscilando no sorriso misterioso que recebi de meu pai. Ele não mudou meu nariz para caber melhor no meu rosto, o que eu gostei. E cada sarda foi contabilizada.

Mas só há metade do meu rosto contra um fundo preto carvão. E meticulosamente gravadas onde a outra metade deveria estar estão constelações perfeitamente reproduzidas para combinar com minhas sardas.

Minha garganta queima. *O que eles te disseram, Príncipe? Que eu estava morta? Filha de um traidor? Que houve um erro com nossa correspondência?*



Meus lábios tremem ao imaginar seu alívio por não ter que se casar com a feia garota Bronze de uma Cidade Diamante.

Golpeando minhas juntas em minhas coxas, eu passo para o grande livro no final. O velho livro de couro é pesado e meus dedos serrilhados têm dificuldade em virar as páginas, mas realmente não preciso.

Sei de cor cada centímetro deste livro. A inscrição inclinada e rabiscada de minha mãe. As belas ilustrações douradas em ouro.

É um livro de histórias sobre os deuses. Minha mãe me deu no meu sétimo aniversário, um pouco antes de partir para sempre.

Não consigo nem imaginar o quanto isso custou a ela no mercado negro; até onde eu sabia, todos os livros antigos da Lei de Pré-Reforma tinham sido destruídos, e apenas Ouros eram ricos o suficiente para possuir textos sancionados, não que meu livrinho esteja nem perto de sancionado.

O livro abre na página que mais li. Meus olhos voam de Afrodite para as duas pombas descansando em seus ombros. Essas mesmas duas pombas constituem o Símbolo da Casa Lockhart, a Casa de Ouro de onde minha mãe nasceu.

Meu corpo afunda. Não há como negar que Nicolai me trouxe para a casa da minha infância. Uma decisão incrivelmente inteligente ou incrivelmente estúpida.

Não consigo decidir qual.

Considerando que a arquidquesa e seus centuriões estão procurando por você duas cidades adiante, uma voz masculina zumbe em minha cabeça, eu escolheria incrivelmente inteligente.

O lado esquerdo do meu cérebro formiga como se um eletrodo pulsante minúsculo estivesse embutido dentro do meu crânio. *Microplanta*. Mesmo sem



o timbre robótico da eletrolaringe, reconheço o tom arrogante e refinado de Nicolai.

O primeiro e único, a voz confirma. Sua presunção dissipa quaisquer dúvidas que eu tivesse deixado.

Encontro o espelho e divido meu cabelo logo acima da têmpora esquerda, esfregando a sujeira para expor uma linha vermelha fraca e fresca não mais do que uma polegada acima da velha cicatriz da microplanta. Nicolai incorporou uma nova microplanta em meu cérebro que nos permite nos comunicar.

Correto novamente, diz Nicolai. Foi um risco, dada a sua condição, mas valeu a pena. Agora eu sei o quão quebrada você está.

Eu não estou quebrada. Mas dizer isso não me faz acreditar.

Seus pesadelos dizem o contrário.

Você é doente. Você provavelmente se divertiu com isso. Para deixar claro o que quero dizer, eu me imagino socando violentamente o que sobrou de seu rosto.

Não consigo ouvi-lo rir, mas posso sentir.

Por que você me trouxe aqui? Eu grito mentalmente, balançando minha cabeça em um esforço para desalojar a sensação de coceira/rastejamento que sua presença cria dentro do meu cérebro.

A arquiduquesa, minha querida, é astuta, mas carece de criatividade. Ela sabe que este é o último lugar para onde você iria, mas ela não consegue entender que o raciocínio a torna previsível. Quando ela procurar aqui, já teremos ido embora.

Tenho a sensação de que há mais por trás de seu raciocínio. Que ele quer que eu lembre o que aconteceu aqui na noite em que meu pai morreu. Mas tudo que consigo pensar é na arquiduquesa me rastreando. *Prometa que ela não vai me encontrar, Nicolai. Por favor.*



Desculpe, eu não faço promessas. Mas o plano é bom.

— Não, é estúpido. — Digo em voz alta, testando se a Microplanta também consegue captar a voz falada.

O tempo dirá, Everly. Há uma longa pausa. Descanse. Esta noite é a sua grande transformação.

Mal posso esperar. Espero que meu sarcasmo se traduza.

Fico olhando para o espelho, ignorando a criatura lamentável olhando de volta.

— Conecte-me. — Diz a criatura.

Meu coração bate forte enquanto espero a interface sob a superfície do espelho responder, conectando-me às notícias sancionadas pelos monarquistas. Em vez disso, pontos pretos e brancos difusos nevam no vidro. Ele fica preto e as palavras *Sem Conexão* pulsam na superfície.

É quando eu noto o feed de notícias contínuo correndo na parte inferior.

Não se reúna em grupos maiores que dez. Não saia durante a Queda da Sombra ou depois de escurecer.

Mais éditos rolam, mas eu olho para longe. Não há mais notícias. Não há como saber o que está acontecendo no mundo. Não que tenhamos alguma coisa além do que o imperador queria para nos dar de comer.

Eu sei porque minha mãe chefiava a divisão de propaganda e, como tudo o mais, ela era excepcionalmente boa em seu trabalho.

O banheiro é exatamente como Max e eu o deixamos. Os raios de sol jorram da claraboia acima. Uma escova de dentes vermelha espia de um copo no balcão. Bonecos de corda enfileirados se alinham no balcão em um ataque em grande escala, e a Sra. Jane, minha boneca favorita, afunda no canto, um mostrador em forma de chave projetando-se de suas costas.



Minha mãe era uma monarca devota da estimada Casa de Ouro Lockhart, controladora das companhias marítimas da costa oeste. Seus enormes navios a vapor transportavam os bens preciosos dos monarquistas das fábricas da Cidade Diamante ao norte.

Minha mãe se certificou de que a maioria de nossos brinquedos fosse aprovada pela Lei da Reforma, sem qualquer tipo de tecnologia. A maioria dos itens do pré-guerra foram sistematicamente destruídos no Grande Expurgo de qualquer maneira, logo após a Lei da Reforma.

Nunca quebrei as regras. Queria deixar minha mãe orgulhosa.

Veja, mãe, eu queria dizer. Posso não ser tão brilhante e talentosa como você, posso não brilhar com a fúria de mil sóis como você sempre fez, mas posso ser boa.

Max, por outro lado, trocou suas rações por qualquer brinquedo pré-Reforma que pudesse colocar suas mãozinhas sujas. *O Imperador!* E de alguma forma ele nunca teve problemas. Eles sentiram pena dele. Logo ele teria que entrar nas fábricas.

O destino de Max nunca esteve longe da mente de meu pai. Ele mesmo trabalhou nas forjas até os 12 anos, quando seu brilho incomum lhe rendeu um cobiçado cargo de servir em uma propriedade Ouro e, eventualmente, uma educação Ouro.

Quando Max perguntou como seria lá embaixo, os olhos do meu pai ficaram distantes e ele mudou de assunto.

Então Max escapou sendo Max enquanto eu tinha que ser perfeita, tive que lutar por cada sorriso, cada olhar fugaz de elogio que minha mãe me deu. Às vezes, ser escolhida não era tudo o que parecia ser.

Me inclino contra o balcão, fecho meus olhos por um momento. Se não fosse pelo grafite Fieniano vermelho e preto rabiscado nas paredes azul-marinho desbotadas, quase poderia fingir que tenho oito anos de novo,

empoleirada no balcão, Max gritando atrás da porta para eu me apressar, o vapor do banho quente filmando o espelho enquanto eu traço as constelações na condensação.

Agora as palavras *Morte à escolhida* e *Realeza se exploda* escorrem pelo espelho. O símbolo de Fienian, um escorpião enrolado em uma fênix agonizante, cobre o teto.

Abro meu livro no último Capítulo intitulado *Mitologia do Bestiário*, virando as páginas até que o mesmo enorme escorpião vermelho apareça. Uma gota de veneno brilha em sua cauda.

Examino a legenda abaixo: *Em sua arrogância, Orion jurou matar todas as feras deste mundo, mas Gaia, deusa da terra, enviou o Escorpião para protegê-los e derrubou Orion com um golpe poderoso.*

O grafite me lembra que tudo está diferente agora. Até eu. *Principalmente eu.*

— Eu odeio este lugar. — Falo para a menina monstruosa no espelho. Seu rosto se transforma em uma carranca.

Aparentemente, ela concorda.



CAPITULO 10



Ponho de lado meu livro proibido. Como tantas manhãs incontáveis antes, desço as escadas. No patamar, meu olhar para na mancha cor de vinho deformando a madeira e, em seguida, segue os dedos de sangue velho escada abaixo.

A respiração dentro do meu peito parece desaparecer.

Respire.

É a garota do espelho, aquela que comeu ratos e esculpiu varas destinadas a empalar as pessoas e contou pedras para não enlouquecer.

Ela conta até três. Sussurra as mesmas palavras que ela cantou para mim na escuridão.

Inspire. Expire. Sobreviva.

A cozinha é pequena mas confortável, desenhada especialmente para aproveitar o mínimo de espaço. Uma inclinação de luz dourada cintila e se estende pelos armários brilhantes. Eu quero tocá-la.

Não, eu quero pintá-la, possuí-la de alguma forma. Fazer durar para sempre.

Meu olhar cai para o canto. *Max, pai?*

Seus nomes morrem em meu peito enquanto o olho de Riser se fixa no meu. Ele está limpo. A mandíbula de ponta afiada raspada

suavemente. Cabelo escuro, ondulado, na altura dos ombros, brilhante e recém-lavado, bem penteado para trás. Calça cinza bem feita e um colete de carvão pendem dos ângulos agudos de seu corpo.

Franzo a testa. É uma mentira perigosa, como vestir um crocodilo com pele de carneiro.

Depois do que parece ser uma breve avaliação, o olho de Riser vagueia dos meus pés à minha cabeça, catalogando sistematicamente meu corpo, Riser se vira para observar o homem curvado sobre o canto. Aquele que pensei ser meu pai.

Claro que ele não se parece em nada com meu pai. Peito em barril, curto, com cabelo cinza-areia raspado nas laterais e preso em uma longa trança. Listras marcam suas sobrancelhas, e a barba por fazer sombreia sua mandíbula romba e quadrada. Ele usa um colete de couro desgastado parcialmente desfeito, com cabelos grisalhos aparecendo.

Duas toscas tatuagens negras adornam cada ombro.

Mercs. Nicolai contratou mercenários. Ex-centuriões desgraçados sem mestre, exceto moeda.

Claro que sim. Eu sempre esqueço que minha única esperança está em um lunático demente.

O Merc se vira e abre um sorriso gorduroso, revelando mais do que alguns dentes de ouro não autorizados. As manchas marrons de alcatrão turvam o resto.

— Senhora. — Ele inclina o chapéu-coco marrom mal ajustado e a cicatriz bem cuidada de meia polegada acima da sobrancelha, de onde tirou os lampejos da Microplanta Centuriana, apagando quaisquer dúvidas que eu tivesse deixado sobre sua profissão sombria. — Meu nome é Brogue.



Cruzo meus braços, vasculhando seus bolsos em busca de talheres roubados ou qualquer outra coisa que um Merc possa achar digno de roubar.

— Onde está Bramble?

Brogue levanta uma sobrancelha grisalha em questão.

— A máquina que estava comigo.

— Ah! O sensor. — Ele acena em direção ao porão. — Um pouco encharcado no momento, mas nada que eu não possa consertar.

Empurro meu queixo. — Eu o quero de volta.

— Ok. Mas primeiro um pouco de comida, certo?

O cheiro da comida me atinge como um trem. Meu estômago aperta e meu olhar se fixa nos ovos mexidos que se formam lentamente na frigideira. Sua vívida cor amarela e textura emborrachada me dizem que são sintéticos, mas isso não diminui minha fome.

Brogue raspa a mistura com uma espátula e dobra a bolha protuberante, espalhando alguns pedaços de algo marrom. Seus movimentos são suaves e exatos, não agitados como a maioria dos cinturões. Mas o aroma revelador de amêndoas de alcatrão se agarra a sua pele como uma colônia.

Quando Brogue se vira para distribuir os ovos nos dois pratos verdes no balcão, Riser e eu flanqueamos suas costas, guardando a comida.

Os velhos hábitos são difíceis de morrer.

Brogue se abaixa embaixo de nós e consegue jogar um pouco no primeiro prato antes que Riser o agarre e devore os ovos, fumegando.

Rindo, Brogue segura um garfo. — Já viu um desses, garoto?

Riser o encara. Tenho certeza de que entregar a Riser um utensílio com pontas é uma má ideia.

Brogue encolhe os ombros e pousa o garfo. — Bem, pelo menos mastigue antes de engolir. Há o suficiente para todos.



Eu não consigo me ajudar. Os ovos mal atingem meu prato antes de começarem a queimar minha garganta.

Suspirando, Brogue joga o resto dos ovos no meu prato e no de Riser. Inalo a comida tão rápido que nem consigo sentir o gosto. Uma pequena bola cai no chão, e Riser e eu caímos, lutando pelo pedaço.

Riser vence. Ele segura seu prêmio amarelo fofo entre o polegar e o indicador sujos e o ergue com orgulho.

Um olho azul profundo me avalia pelas pontas dos dedos. Não consigo ler sua expressão. É como se seu rosto fosse um escudo protegendo o conteúdo de dentro.

A ideia de que não posso romper suas paredes e acessar suas intenções é enlouquecedora.

Suspirando, ele oferece a mordida para mim.

Existe uma ligeira curva em seus lábios? Talvez.

Meus dedos coçam para pegá-lo. Minha língua se enche de ansiedade.

E ainda assim eu o odeio por seu gesto inesperadamente gentil. Ele acha que pode me enganar para que eu baixe a guarda, mas não sabe que me lembro dele.

— Pegue. — Riser ordena. Suas sobrancelhas se juntam quando uma respiração impaciente sibila de seus lábios entreabertos. Obviamente, isso é novo para ele. Compartilhando. E a vulnerabilidade que vem com isso.

— Não. — Eu rosno, cerrando meu punho para não ceder. Eu deixo meu rosto plano e ilegível. Ele não consegue ver meu desespero.

— Você precisa disso mais do que eu. Pegue.

É uma ordem. Recuse e estarei estabelecendo minha posição enquanto questiono a dele. A tensão engrossa o ar até que parece que a eletricidade passa pela minha pele.



Eu estudo seu único olho, pensando em como minha mãe teria adorado tentar capturá-lo na tela. O azul tão profundo e rico que as sombras o tornam preto como tinta. Ela colecionava coisas quebradas, minha mãe. Ela os achava interessantes, um desafio.

Mas tenho certeza de que Riser está quebrado demais, até para ela.

— Eu prefiro morrer de fome. — O deixo lá ainda segurando sua oferta.

Brogue se vira quando eu passo, mas não antes que eu localize a pena em seus olhos. Agora que meu estômago está cheio, estou com raiva de mim mesma por agir tão desesperadamente antes.

Não vai acontecer de novo.

— O que aconteceu com a cidade? — Pergunto, parando perto da janela.

Brogue segue meu olhar. — Seu setor não aguentou quando deveria, e o Imperador tirou suas rações. Em seguida, a vadia do céu enviou tsunamis para golpear a costa, destruindo as fábricas. Ela aqueceu as águas até que os peixes morreram. Fez com que as plantações parassem de crescer também. Então eles se revoltaram. — Ele esfrega um dedo grosso no queixo. — Mas os drones pararam essa loucura tão rápido quanto uma revolta fieniana, eles o fizeram.

Minha concentração foi quebrada por algum tipo de mudança. Algo que não consigo identificar, mas meus sentidos captam. Uma sombra escura se derrama da janela, se arrasta pela cozinha, desenrolando-se para preencher os cantos.

Queda da Sombra.

Brogue vai até a porta e a abre com um rangido, depois desaparece. Eu sigo.

A porta mal abre antes de Brogue me empurrar de volta.



— Desculpe garota. Estamos bloqueados durante a Queda das Sombras. Arme o alarme e não deixe ninguém entrar até ver o sol novamente. Até nós.

Há mais dois Mercs postados na porta. Uma jovem da minha idade, cabelos ruivos com tranças francesas na parte inferior das costas e um rapaz com cara de bebê. Embora eles não se voltem para me reconhecer, o Fosso me ensinou que seus ombros tensos e mãos inquietas significam que estão com medo.

Mercs assustados. Isso é novo.

A porta se fecha na minha cara.

Segundos depois de definir o alarme, ouço um suspiro monótono e a energia é desligada. O alarme toca, silencia.

— O sol. — Murmuro. A energia solar é inútil sem ela, embora deva ser armazenada o suficiente para continuar trabalhando por mais algumas horas.

A escuridão envolve meu quarto em trevas. Eu fico no meio do quarto escuro, tentando segurar minha comida enquanto meu estômago fraco tenta forçá-la de volta. Os ruídos me atraem para a janela. O barulho de tubos de metal batendo contra tijolos reverbera nas paredes. O vidro se estilhaça em algum lugar próximo. Gritos explodem, seguidos pelo som de luta.

O piso range atrás de mim. Já no limite, eu me viro para ver Riser, sombras cobrindo seu rosto e corpo. Ele parece completamente em casa na escuridão.

— O que você está fazendo? — Digo, dando um passo para trás. — Saia!

Eu digo isso por instinto, assim como fiz para Max um milhão de vezes antes. Imediatamente sei que Riser verá isso como um desafio.

— Se eu não fizer? — A sobrancelha negra como breu se ergue sobre os arcos do olho bom. Sua voz é suave, curiosa. *Outro teste.*



— Então eu farei você sair.

— Todo o sangue que você perdeu ontem... — Sua cabeça inclina para o lado, um meio sorriso no rosto. — Eu odiaria pegar mais.

— Você iria? Porque estou começando a me perguntar.

Nós nos enfrentamos em um concurso de encarar. Finalmente, eu jogo minhas mãos.

— Bem! Fique. Mas este não é o Fosso. Você tem que bater antes de entrar no quarto de alguém.

— É aqui que você morava antes? — Ele de alguma forma se aproxima sem parecer se mover.

— Sim. Esta é a minha casa, ou era.

Olhando em volta, ele faz uma pausa nas estrelas brilhando acima da minha cama. Na penumbra, é difícil ler as emoções fugazes que suavizam seu rosto e o fazem momentaneamente parecer se esquecer de mim.

— Não é nada. — Falo — Uma tinta idiota que fica fluorescente no escuro.

— Por que pintá-las? — Riser franze a testa com a ideia. — Você pode vê-las da sua janela.

Fico olhando para cima, lembrando da sensação sedosa da tinta iridescente enquanto ela deslizava sobre o teto. As gotas brilhantes que manchavam a pele e o cabelo da minha mãe. Sua risada rara e despreocupada enquanto eu tentava limpar a tinta derramada da minha bochecha, borrando-a.

— Porque eu era uma criança, tudo bem? — Minha voz falha de raiva. — Uma criança burra que não entendia nada.

Não consigo mais olhar para as estrelas falsas. Não posso sentar no quarto falso que pertencia à garota morta por mais um segundo. Mas não sei



mais para onde ir. Eu me sinto como se estivesse na prisão de novo, só que desta vez as paredes estão invisíveis.

Na ponta dos pés em torno do vidro quebrado, cuidadosamente abro o peitoril da janela e o levanto. Ele pega na metade do caminho, mas a lacuna é grande o suficiente para que eu possa deslizar de cabeça e andar como um caranguejo ao longo do beiral.



CAPITULO 11



Leva apenas alguns segundos para Riser seguir; ele não faz nenhum som enquanto se esgueira pelo ladrilho, empoleirando-se a alguns metros de mim.

As telhas solares trituram sob meus pés descalços. Remanescentes do velho mundo quando tudo girava ao sol, elas devem ter pelo menos cinquenta anos. Isso explica a falta de energia.

Um tom estranho de verde assombra o horizonte, piscando em laranja aqui e ali onde a cidade queima. O grito distante dos drones agita o ar. Coroando o horizonte está a enorme parede que separa nossa Cidade Diamante das cidades realistas além. Algumas torres escuras aparecem do outro lado.

Pendurados na divisória estão cadáveres, as capas escuras dos guardas realistas balançando com a brisa. Amarrados por furiosos cidadãos de Bronze deixados para trás, ou talvez rebeldes que ficaram ousados agora que os monarquistas fugiram.

A maioria das cidades controladas pelos monarquistas neste extremo sul já deve ter sido evacuada. Os Pratas para as montanhas, os Ouros para Hyperion.

E somos deixados aqui na sombra de Pandora.

Encontro aninhada entre as nuvens, vazando fogo vermelho. Um arrepio desce pela minha espinha. Se eu olhar de perto, quase posso ver a névoa empoeirada que a rodeia: o campo de destroços.

Mesmo se os astrônomos reais estiverem certos e Pandora não atingir diretamente, os pedaços de rocha que a sombreiam destruirão cidades inteiras, esmagando oceanos e levantando nuvens de poeira mortais que envolverão o mundo.

Eu olho para baixo, a Queda da Sombra esvaziou o mercado, mas as fogueiras das barracas ainda ardem, potes de metal pendurados tilintam com o vento e cães selvagens farejam o que os ocupantes deixaram para trás de forma tão abrupta.

— Nem sempre foi assim. — Aviso a Riser, que está observando os cães ferozes como se quisesse pular do telhado e se juntar a eles.

Por alguma razão, é importante que ele saiba que coisas bonitas existem fora do Fosso.

Enquanto Riser estuda a cidade em ruínas, eu o estudo. O vento bagunça seu cabelo escuro e ondulado para trás, revelando sobrancelhas e cílios cor de fuligem e maçãs do rosto pontudas que prendem sombras profundas. Sob essa luz estranha, as cicatrizes que cruzam seu rosto são branco-prateadas. Exceto pelo corte sobre o olho, as cicatrizes são finas e delicadas, marcando quase cada centímetro de sua carne exposta.

— Brogue é um tremor como os parafusos. — Riser comenta com o canto da boca.

Ele provavelmente sabe que estou estudando-o, assim como ele sabe sobre Brogue. O Garoto do Fosso não perde nada.

— Acabou de descobrir isso? — Imediatamente me arrependo do meu tom infantil, mas não suporto que ele pense que sabe mais do que eu.



Riser lentamente se vira para me encarar, sua expressão ilegível. — Eu não sou o inimigo, Everly.

Sinto algo amolecer dentro de mim. Riser seria um forte aliado. E eu não o odeio, não exatamente. Na verdade, agora ele é a coisa mais próxima de um amigo que tive em anos.

Mas não posso esquecer que ele foi um deles.

Não, é um deles. Ele ajudou a me capturar e me amarrar. Quem sabe os horrores que eu teria sofrido se não tivesse me libertado e escapado?

Não, o Garoto do Fosso não é confiável.

— Juntos... — Riser insiste. — Você teria uma chance melhor de salvar Max.

Aperto meu queixo. É como se ele estivesse lentamente se afastando de mim. — Por favor, não diga o nome dele.

— O que aconteceu com ele?

— Ele estava com fome. — Minha voz falha. — Tive que sair para buscar comida. Eu disse a ele que voltaria, mas então os Centuriões me pegaram roubando no mercado e...

A pena em seus olhos me faz perceber o quão tola sou por deixar o Garoto do Fosso ver minha fraqueza, algo que ele sem dúvida usará contra mim.

Com as mãos cerradas no colo, engulo as lágrimas queimando minha garganta.

— Esqueça. Se eu quisesse discutir meus sentimentos, a última pessoa com quem faria isso seria um assassino que provavelmente me mataria durante o sono.

— Você está errada. — Um lado de sua boca se curva. — Eu prefiro exterminar as pessoas enquanto elas estão acordadas. Mais divertido assim.



Ele está fazendo uma piada?

Cruzo meus braços. — Ok, deixe-me deixar isso claro. Acho você deplorável, uma lembrança do Fosso e de tudo o que ele representa. Portanto, corte o ato de cuidar. Somos parceiros porque temos que ser, mas não somos amigos.

Parte de mim sente muito por dizer isso, mas a outra parte está aliviada. Agora ele está claro que eu sei quem ele realmente é, então ele pode parar de fingir o contrário.

O músculo em sua mandíbula estremece quando ele desvia o olhar. Talvez ele esteja feliz por ser resolvido com as civilidades normais esperadas entre duas pessoas.

Afinal, nenhum de nós se destaca nisso.

De repente, percebo o que está me incomodando nele. Embora implacável, ele é diferente de Estripadora e Rafe.

— Por que você não fala como os outros?

Seus ombros estão tensos. — Eu nasci de uma prisioneira nos níveis superiores de Rhine.

— O que aconteceu?

Ele estava olhando para o céu, mas agora sua cabeça gira em minha direção.

— Discutindo nossos sentimentos agora, não é, Garota Cavadora?

— Não. — Falo, revirando os olhos. — Só estou pensando em voz alta.

Ele continua olhando para o asteroide. Quase como se ele a estivesse encarando, mostrando que não tem medo.

Aceno para a minha direita. — Você vê o X vermelho nas casas ali?

Riser segue meu olhar.



— Isso significa que há Adormecidos lá dentro, pessoas já se carregaram em Caixões.

Um pequeno sulco abre sua testa. — Caixões?

— Crio-máquinas que podem manter os corpos em um estado de hibernação por anos enquanto sua mente experimenta tudo que seu Avatar faz. Uma vez dentro deles, você se conecta da mesma forma que estamos ligados a Nicolai, através de uma Microplanta, só que a experiência é cem vezes mais realista, e você pode escolher entre um grupo de Avatares. — Suas sobrancelhas pretas se franzem e eu acrescento: — Pessoas especiais com privilégios especiais, criadas para continuar a raça humana.

— Por que alguém iria querer fazer isso?

Solto um suspiro. — Olhe para cima. Vê aquela coisa no céu? Ela vai passar por nós e causará muitos estragos. Levará anos para que a Terra se torne habitável novamente.

— O Imperador e sua corte Ouro e Escolhidos estarão seguros em seu palácio no céu. Os Pratas localizam os caixões nas profundezas da terra para que sejam protegidos. Mas o resto de nós tem que fazer upload acima do solo e arriscar.

— E as pessoas realmente começaram... Enviando?

— Os monarquistas venderam como uma experiência única na vida. Prove a comida dos Escolhidos. — Minha voz se aprofunda para imitar o locutor dos vídeos de propaganda. — Vista suas roupas suntuosas e experimente todas as finuras que a vida na corte tem a oferecer. E não se esqueça das intrigas da corte. — Solto um suspiro de raiva. — A população viu os Escolhidos crescerem. Eles são figuras amadas de casas famosas. Nossos salvadores.



Riser arranca seu olhar do céu. — E se estivermos congelados em nossos caixões, não podemos causar problemas.

— Exatamente. E quando eles voltarem de Hyperion aqui estaremos preservados e prontos para trabalhar em suas fábricas novamente. Não pode ter seus escravos morrendo. Ou, pior, se alguns bolsões de civilização sobrevivessem de alguma forma na superfície e se unissem? Não consigo imaginar que o imperador iria querer voltar para casa para isso. — A amargura mancha minha voz. — Exceto, como você pode ver, nem todo mundo quer dormir. Mesmo com as rações acabando e a água fechada, eles se recusam. É para isso que servem os Julgamentos das Sombras. Para atrair a população rebelde a obedecer. Todo mundo quer assistir a um bom programa.

— E os que ainda se recusam a enviar?

— Eu não sei. — É mentira, claro. Eu sei. Mas eu gostaria de não ter feito.

Riser fica imóvel, sua cabeça ligeiramente inclinada, minha primeira indicação de que algo está errado. É quando percebo que os cães se espalharam.

À direita, no bosque, atrás da fileira curva de residências, pequenas sombras escorrem das árvores. Parece que crianças pequenas, com idades entre sete e quatorze anos, um grupo grande demais para contar, carregando paus afiados e ferros.

Eles convergem para um prédio aparentemente ao acaso, chutando e arranhando a porta. Um menino com menos de nove anos golpeia a cabeça de uma estátua de jardim. Eles gritam quando ele desce pelo caminho.

Eles quebram uma janela. Um, depois outro e, finalmente, todo o grupo atravessa o vidro quebrado. Depois de um minuto, um grito solitário irrompe e depois morre.



Eles estão matando os Adormecidos. Imagino a família descansando dentro de sua fileira de caixões. Eles acreditaram nos realistas quando prometeram protegê-los. Para dar a eles uma vida melhor.

Eu viro minha cabeça e cubro meus ouvidos enquanto mais sombras se projetam das árvores e correm pelas ruas, grata por Brogue e os outros Mercs guardando nossa porta.

De repente, as sombras se espalham enquanto um apito estridente apunhala o ar, seguido pelo som de um zumbido fraco.

A princípio, na escuridão nebulosa, os drones parecem grandes pássaros. Mas a maneira como eles se movem e ziguezagueiam os denuncia. Bramble é uma versão tosca dos drones que nos observam, exceto que os sensores no fosso foram usados principalmente para coletar informações.

Esses drones não estão aqui para coletar nada. Eles estão aqui para fazer cumprir os decretos.

Minha respiração fica presa enquanto eles giram no lugar três metros à nossa frente. Um laser vermelho corta a escuridão e pisco contra sua luz raivosa. Mais ruídos bizarros conforme as máquinas parecem se comunicar e meu coração ameaça explodir.

A arquiduquesa. E se os drones me reconhecerem? E se ela puder me ver agora? Não posso deixar que ela me encontre. Eu não posso...

Minha respiração se solta quando eles voam para a rua tão rápido que não consigo vê-los se mover. Os avisto deslizando baixo pelos becos. Alguns segundos depois, uma explosão balança os edifícios, seguida pelo som de gritos infantis de dor. Mais explosões. Mais gritos.

E então não há mais gritos.

Sentindo-me aliviada e estranhamente vazia, levanto-me para entrar.



Riser, que está assistindo a tudo com curiosidade imparcial, sobe comigo.

— Eles chegaram tarde demais para proteger os Adormecidos.

Me ouço rir, mas é um som vazio e doentio. — Eles não se importam em nos proteger. Apenas em garantir que não possamos nos agrupar. Porque isso seria perigoso para eles.

Riser olha para baixo em meio à fumaça agitada. — Assim como Fosso, então. Apenas mais cênico.

Decidi que Riser precisa melhorar seu humor.



CAPITULO 12



Um zilhão e um dia. O quanto tempo faz que não tomo banho. Depois de fazer meu pedido a Brogue, a pequena banheira do meu antigo banheiro está milagrosamente brilhando com a água. Está até quente como se tivesse sido aquecida no fogo. Brogue insistiu que eu usasse primeiro o pó nocivo para despiolhar sob o armário, felizmente obedeci, então estou coberta por uma fina camada de pó branco venenoso.

O uniforme se solta do meu corpo e faz um barulho caindo no chão. A Queda da Sombra acabou, e a luz muda desliza pela clarabóia e se refrata nas minúsculas ondas que meu dedo levanta.

Minhas pernas vacilam quando entro na água agora morna. Eu afundo no fundo. Pequenas bolhas escapam do meu nariz enquanto vejo todos os vestígios horríveis dos últimos sete anos deixarem meu corpo.

Com os pulmões em chamas, eu me levanto e fico cara a cara com o Garoto do Fosso.

Olho para ele. — Você realmente tem que trabalhar na sua entrada.

Apesar de eu estar indecente, sua atenção nunca sai do meu rosto. Quase desejo que sim, só para me dar uma pausa na intensidade de seu foco.

— Eu só tenho mais algumas horas para ser o “assassino” do fosso. É melhor tirar vantagem. — Ele não ousa abrir um sorriso, então é difícil dizer se ele está brincando ou falando sério.

— Não se preocupe. No meu coração, é exatamente isso que você sempre será.

Suas palavras me lembram que em breve seremos reconstruídos usando nanotecnologia proibida. Mas não será apenas a nossa carne que eles farão a reengenharia. Será nosso cérebro também.

Não prevejo que minha religação seja muito complicada, mas Riser precisa carregar quase vinte anos de memórias falsas. Isso será complicado e demorado.

E tempo é a única coisa que não temos.

Riser olha rapidamente para o espelho. Ele levanta a mão, toca o pedaço de carne manchada onde seu olho deveria estar.

— Como isso aconteceu?

— Cuidado, minha senhora. — Seu olhar se fixa no meu rosto. — Você está começando a parecer que se importa.

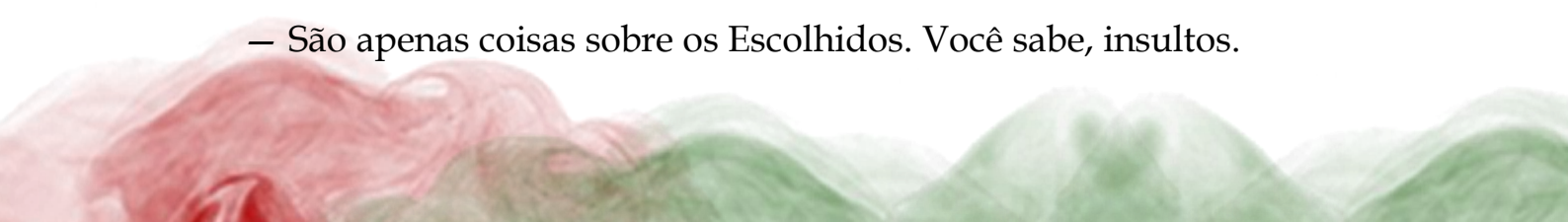
Reviro meus olhos. — E eu pensei que não tinha habilidades de conversação.

Ele concentra sua atenção no grafite espalhado no espelho.

— É uma linguagem escrita. — Eu deixo escapar, embora tudo que eu queira fazer seja encerrar a conversa para que Garoto do Fosso possa ir embora. Sua presença me enerva mais do que os outros sanguessugas jamais poderiam. — É como nos comunicamos.

— Eu sei o que é isso. — Ele examina sua unha dentada. — Eu só... não consigo ler.

— São apenas coisas sobre os Escolhidos. Você sabe, insultos.



— Achei que as ovelhas da superfície gostassem dos Escolhidos?

— A população é mimada. Por mais que amem assistir os Escolhidos com suas intrigas mesquinhas e vida na corte, eles ficariam muito felizes em ver suas cabeças em uma lança.

— Não consigo imaginar por quê.

Seu sarcasmo recém-descoberto me irrita e me pergunto se ele se lembra de Nicolai me chamando de um deles.

É hora de explicar o que você é, Everly.

A voz de Nicolai ressoa em meu crânio. Os olhos de Riser tremulam apenas o suficiente para que eu saiba que ele ouviu a voz de Nicolai também.

Você faz isso, eu falo, observando a reação de Riser. Mas seu rosto permanece sem emoção; ou ele é um bom ator ou apenas Nicolai pode ouvir minha resposta.

— Os astrônomos realistas descobriram o asteroide vinte e um anos atrás.

— Começo. — Na verdade, é um planeta que se move lentamente, chamado de cruzador da Terra, o que significa que sua órbita e a nossa se cruzam a cada vinte mil anos. Normalmente é muito longe para nos afetar, mas desta vez vai passar perto o suficiente para causar estragos e tornar a terra inabitável por anos. — Mexo a água com o dedão do pé. — Antes de eu nascer, o imperador decidiu que criar uma população de humanos geneticamente superiores para reiniciar a raça humana seria uma ótima ideia, você sabe, apenas no caso de os caixões não funcionarem ou o asteroide causar mais danos do que o previsto.

O olhar hiper focado de Riser me perfura. — Você é um deles?

Porcaria.

Não sei por que ele saber que sou uma Escolhida é vergonhoso, mas é.



— Sim. — Passo a mão na água suja. — Mas meu pai é um Bronze, então mesmo que minha mãe venha de uma Casa Ouro, o Imperador só permitiu a eles um Escolhido em vez dos gêmeos habituais. Então sou só eu... não Max.

— O que torna ser escolhida tão especial?

— Eu não sei... — Mordo meu lábio, tentando me lembrar de tudo que meus pais me disseram. — Meus genes são perfeitos, eu acho.

Por alguma razão, falar sobre meu corpo me faz lembrar que estou nua em um banheiro com um menino. Como se estivesse lendo minha mente, Riser permite lentamente seu olhar cair, sua expressão tão curiosa e sem remorso quando ele olha tudo de mim.

— O que você está olhando? — Deixo escapar, esmagando meus seios sob minhas mãos. Não é como se houvesse muito para cobrir. — Você não viu uma garota nua antes?

Um sorriso contrai seus lábios. — Não uma que seja geneticamente perfeita.

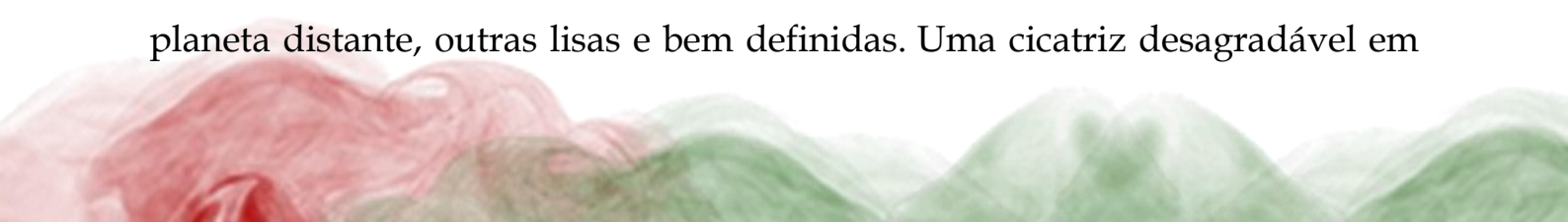
— Não funciona assim! Você não pode simplesmente olhar para nós e contar. Nós nos parecemos com todo mundo.

— Não. — Riser balança a cabeça, uma mecha escura de cabelo cobrindo seu olho danificado. — Você não parece. O que quer que você seja.

— Você deve estar feliz... sobre a nossa reconstrução, quero dizer. — Murmuro, tentando desesperadamente mudar de assunto. — Eles vão consertar seu olho... e... e todas aquelas cicatrizes horríveis.

Congelo enquanto ele desliza para fora do balcão, incapaz de desviar o olhar enquanto ele coloca um dedo sob sua camisa e o levanta.

Cicatrizes devastam seu corpo anêmico em vários tons de vermelho, prata e branco. Algumas profundas e pontiagudas como as crateras de um planeta distante, outras lisas e bem definidas. Uma cicatriz desagradável em



particular esculpe seu ombro, fazendo um túnel em seu peito e estômago. Uma ferida vermelha recente se aninha logo abaixo de sua garganta.

Ele toca cuidadosamente a comprida e feia. — Não tenho vergonha de sobreviver.

— Como você poderia querer mantê-las?

Ele se ajoelha abruptamente ao lado da banheira, seus olhos fixos nos meus, e separa a água com a mão. Minha respiração fica presa quando seu cotovelo roça o interior do meu joelho.

— Não. — Suspiro, mas ele parece estar olhando através de mim para algo que eu não posso ver. Eu quero chutá-lo; eu quero gritar.

Sua respiração é superficial e áspera quando sua mão emerge e segura o sabonete. Seus dedos são longos e ágeis, meias-luas perfeitas adornando suas unhas estragadas. Cada músculo sob sua carne danificada parece pular e se esticar, prendendo as sombras.

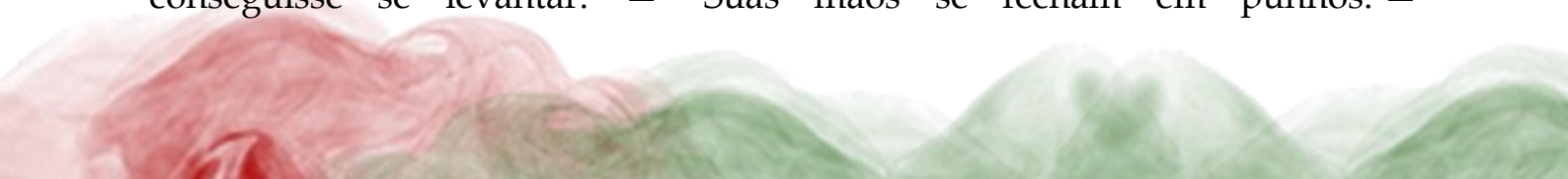
Sua respiração esfria minhas bochechas molhadas. — Deixe-me.

Mas ele não está realmente perguntando. Esfregando o sabonete em uma espuma rica, seus dedos deslizam suavemente pelo meu ninho de cabelo emaranhado, separando o sangue coagulado de sete anos do meu couro cabeludo.

Nossos olhos se encontram. Estou surpresa com a agonia no olho assombrado dele.

De alguma forma, encontro minha voz. — Por que você está fazendo isso?

— Oh... Eu estou... Eu não... Desculpe. — Como se estivesse saindo de um transe, Riser afasta a mão e se levanta. Água sangra da ponta dos dedos. — Os guardas forçaram minha mãe a fazer trabalhos manuais até que ela não conseguisse se levantar. — Suas mãos se fecham em punhos. —



Eventualmente, ela quebrou, então eu ajudei a cuidar dela. Alimentei-a com o pouco de comida que eles nos deram. Às vezes, lavei seu cabelo.

As palavras de Nicolai me provocam. — E você também acha que estou quebrada?

— Não. — Mas ele está carrancudo.

Em algum lugar lá no fundo, a garota do Fosso entende que essa interação, seja ela qual for, tem o objetivo de me tornar vulnerável. Para quebrar as barreiras entre nós, aquelas que um dia podem salvar minha vida.

Para me fazer confiar nele contra meus instintos.

Riser pega uma toalha amarela desbotada do balcão e seca as mãos.

— Eu me lembro quando você veio pela primeira vez ao Fosso.

— Mesmo em movimento, há quietude nele. — Nós a chamamos de Garota Cavadora porque você se escondeu nos túneis.

Paro minhas tentativas fracas de alisar meu cabelo. — Perfeito. Aposto que foi útil quando você falou sobre mim. Tipo, ei, tem a Garota Cavadora; vamos nos espreitar enquanto ela dorme e estripá-la.

Ele dá de ombros, qualquer intimidade de seu estranho gesto anterior se foi.

— Eu não fiz as regras.

— Mas você escolheu jogar por elas.

— Não. Não há escolha a não ser sobreviver, Everly.

— Bem, eu escolhi algo diferente.

— Você se escondeu. — Ele corrige.

Me endireito, enviando água espirrando na banheira. — Existem outras maneiras além da violência para responder ao conflito.

— Não, não há. — Ele fica em silêncio por um momento. — Eu tinha um amigo no Fosso, ou o mais próximo que você pode ter lá. Karl não era como os

outros. Ele tinha esses ratos que alimentava e eles o seguiam por toda parte, implorando nas patas traseiras e fazendo pequenos truques. Logo havia centenas deles. Muitos para alimentar. — Nossos olhos se encontram, mas meu olhar continua gravitando em direção à sua desfiguração. Se ele percebe, não diz nada. — Uma manhã eu encontrei Karl, ou pelo menos o que restou dele. Os ratos o pegaram enquanto ele dormia.

Engulo meu horror. — Oh... Eu sinto muito.

— Eu não. — Sua expressão endureceu. — Karl me ensinou duas lições importantes. Em primeiro lugar, cuidar de alguém que não seja você mesmo o torna fraco. — Por algum motivo, ele desvia o olhar de mim ao dizer isso. — Em segundo lugar, apenas os selvagens sobrevivem. Os ratos sabiam disso, mas ele não.

Fico olhando para Riser. E talvez seja a água, mas de repente me lembro que ainda não sei como sobrevivi depois de cair do barco.

— Ontem na água, você saltou para me salvar? Mesmo que você não saiba nadar?

Ele se levanta para sair. — A água chegava até a cintura. Eu simplesmente pesquei você. Sou muitas coisas, Garota Cavadora, mas um herói não é uma delas.



CAPITULO 13



Eu estou sentada na minha cama, olhando para a escuridão, quando os biotecnólogos chega. Uma pequena vela pisca na cômoda. A última hora de sol me deixou com energia solar suficiente para que eu possa usar minha lâmpada se quiser, mas tenho essa necessidade desesperada de conservá-la.

Lá embaixo, posso ouvir os dois Biotecnólogos conversando com Brogue. Adolescentes, uma menina e um menino. A garota está agitada, sua voz alta e nervosa enquanto ela persistentemente rechaça as ofertas de comida de Brogue.

Inteligente, considerando que verifiquei a despensa mais cedo e não havia nada perto de comestível.

Nicolai deve estar pagando a eles uma grande soma porque a penalidade por reconstruir alguém é severa. As máquinas Recontrutoras, suponho, estão lá embaixo, no porão. Eles precisariam estar próximos de um gerador e ser facilmente escondidos se formos revistados.

Preciso me levantar e encontrar algo para comer. Mas a sensação de que na próxima hora serei transformada em outra pessoa me paralisa.

Sem dúvida, minhas sardas, nariz e cabelo laranja brilhante serão alterados, a maioria dos pais seguiu os regulamentos e escolheu os atributos

esteticamente mais agradáveis para seus filhos. Minha aparência divergente me fará destacar quando eu desesperadamente preciso me misturar.

Mas é mais do que isso. Assim que a reconstrução estiver concluída, a menina que se parece com seu pai e ama as estrelas irá embora para sempre.

Por mais que deseje esquecê-la, também desejo salvar um pequeno pedaço dela. Seus dentes tortos ou seu humor seco. Só um pouco, como uma criança guardando um pedaço de tecido de um ursinho de pelúcia que já foi precioso.

Eles virão me buscar em breve. Pulo da minha cama, com a intenção de descer, mas minha atenção é atraída para a porta de Max parcialmente aberta. Luzes estroboscópicas azuis e vermelhas pulsam no quarto, junto com o som dos remixes de violino elétrico favoritos de Max.

É como se Riser tivesse ativado todos os brinquedos anti-Reforma que Max possuía.

Empurro a porta aberta. A música está tão alta que reverbera dentro do meu crânio.

Uma faísca de raiva aquece meu peito.

Quem Riser pensa que é, ouvindo a música de Max, brincando com suas coisas?

Riser pegou o edredom azul-marinho e os lençóis azuis combinando da cama de Max e fez um ninho torcido no chão. O cubo estroboscópico altamente premiado de Max pulsa, desarticulando meu movimento. O modelo de avião que comprei secretamente para Max em seu quarto aniversário, flagrantemente anti-Reforma, gira no ar, mergulhando e se abaixando, sua hélice criando um vento leve.

Demora um pouco para localizar Riser; ele está agachado, seu corpo inteiro rígido como um gato prestes a atacar um rato, fixado em algo abaixo dele, o distribuidor de comida de Cleo.



Ele está muito absorto em tudo o que está fazendo para me notar.

No Fosso, esse pequeno ato de descuido já o teria matado. Mas eu não quero matá-lo. Pelo menos ainda não. Eu quero estudá-lo sem seu olhar altamente perceptivo. Para descobrir suas fraquezas para que, quando chegar a hora, eu possa usar isso contra ele.

Seu cabelo ondulado já escapou da fita e caiu para o lado, eclipsando parte do rosto. Seus lábios, pelo menos metade deles, estão pressionados em uma linha fina de concentração. Eu observo enquanto ele acena cautelosamente com o dedo no fundo do distribuidor e ele zumbe, cuspidando um monte de comida de gato.

Riser se encolhe com o barulho. A essa altura, as pequenas bolas marrons formam uma montanha que se espalha no chão.

Beliscando uma ponta cor de lama, Riser a examina, cheira e a coloca na língua.

Bruto.

Embora apenas alguns dias atrás, eu teria matado por aquele pedaço minúsculo.

Riser se endireita, embolsando um pouco para depois, e reconhece minha presença com um olhar infernal. Talvez ele soubesse que eu estava aqui o tempo todo e escolheu me ignorar.

Isso me enfurece.

Da próxima vez você não vai me ouvir chegar, Garoto do Fosso.

— Max. — Riser aponta para a foto de Max na mesa de cabeceira.

Admito com um olhar destinado a congelar a alma de Riser. — Pare de tocar nas coisas dele.



— Essa coisa. — Impermeável ao meu brilho, ele cutuca o dispensador de comida para gatos com o pé, sua voz normalmente desligada cheia de admiração. — Isso te dá comida. Quer um pouco?

— Toda sua, Garoto do Fosso.

Ele mastiga a comida do gato lentamente, como se fosse um prêmio que valesse a pena saborear, e encolhe os ombros.

— Alguém me trouxe suprimentos quando eu estava no túnel. Às vezes, até restos da Queda. — Mordo meu lábio. — Por que eles fariam isso? Ajudar-me?

Luzes azuis pulsam em suas bochechas e pintam sombras em sua órbita sem olhos. Um nó formiga em sua mandíbula.

— Eles não iriam. Isso seria fraco e estúpido.

Antes que eu possa responder, seu interesse oscila para o cubo estroboscópico girando no chão. Ele o pega e pressiona um quadrado verde. Uma imagem é projetada na parede. É o parque perto da minha casa. Max caminha por um tapete de folhas laranja e amarelas, seu cabelo loiro desgrenhado quase na altura dos ombros, o que significa que minha mãe já tinha ido embora.

— Lá está, Max sendo Max. — Uma garota irritada reclama nos alto-falantes. Demora um segundo para perceber que é a minha voz.

Max está com uma espada lutando contra um inimigo imaginário, pulando e apunhalando o ar.

— Gabriel! — Max chama. Ele segura a espada de plástico em um desafio silencioso.

Sinto uma onda de emoção crua quando um homem entra pela direita. Embora ele use o traje tradicional do Centurião, fraque preto e botas de



montaria de couro marrom, o emblema dourado da fênix em seu ombro indica que ele está em posição superior.

Sacando uma espada imaginária, Gabriel envolve Max em um duelo que termina com Max apunhalando seu estômago e o homem fazendo uma queda elaborada para sua morte. O clipe para no momento em que Max se lança sobre o Centurião e eles caem por entre as folhas.

— Desligue. — Ordeno, embora agora seja apenas uma projeção branca espirrada na parede.

Riser coloca o cubo de volta na cama e o dispositivo é desligado.

Você deveria nos proteger, Gabriel.

De todas as traições, até mesmo da minha mãe, a dele pode ter sido a pior de todas. A essa altura, os Rebeldes Fienianos já haviam começado a atacar as crianças Escolhidas, então eles nos deram capas douradas para nos manter seguros. Guarda-costas basicamente glorificados e treinados para proteger os mais altos escalões da sociedade.

Gabriel estava sempre comigo e com Max. Gabriel segurou minha mão no caminho para o parque e não contou aos meus pais quando eu gastei parte de nossas rações em toffee para Max. Quando o menino do outro lado da rua começou a me provocar, Gabriel me ensinou a lançar um gancho de direita.

Eu confiei nele com minha vida, até o momento em que ele ajudou os centuriões a matar meu pai.

— Maia, você está bem? — Riser pergunta, e sou empurrado de volta para o agora. Ele estende a mão quase como se fosse me confortar, mas então seu olhar voa atrás de mim.

Me viro para ver Brogue subindo as escadas. Ele faz uma pausa na aterrissagem no momento em que o avião mergulha em sua cabeça.



Claramente não é um homem para se esquivar, ele bate em sua testa com um baque surdo.

Ele vê o avião ferido balançando a seus pés. Seu foco dança de mim para Riser e para a comida de gato espalhada pelo chão. O sorriso sardônico de Brogue dá dicas de que ele pensa que somos mais do que um pouco malucos.

— A Biotecnologia está aqui, patinhos. — Ele diz com uma voz rouca. — É hora de se tornarem cisnes.



CAPITULO 14



O único caminho para o porão é por elevador, outra invenção do Ato da Reforma. Estive lá exatamente uma vez: na noite em que meu pai foi morto.

Encontro os quatro tijolos na parede atrás da escada e os empurro. *Primeiro. Terceiro. Quarto. Segundo.* Os tijolos se abrem e as luzes piscam no pequeno retângulo de aço escondido atrás da parede. O elevador é para dois, o que significa que nós cinco estamos apertados cotovelo com cotovelo.

O hálito de alguém, o de Riser, pelo aroma de comida de gato, aquece minha nuca.

O Biotecnólogo e sua assistente estão grudados na parede oposta. Ligeiros e desamparados, eles exibem cabelos com mechas vermelhas, delineador borrado e incontáveis tatuagens vermelhas. Implantes de ponta de prata combinando espiralam sobre suas bochechas, sobrancelhas, pescoço e para baixo em seus antebraços e dedos.

É óbvio que eles são próximos, talvez até irmãos. E é tão óbvio que eles são rebeldes fienianos. Só um rebelde se vestiria assim e usaria a cor proibida vermelha, a cor da Casa Croft.

Confirmando minhas suspeitas, a garota vira a cabeça raspada pela metade, expondo o pescoço e me dando uma visão clara do escorpião Fieniano

vermelho tatuado ao redor de sua fênix de bronze oficial, com a ponta da cauda afundada no peito do pássaro.

Sério, Nicolai, acho acusadoramente. Achei que Mercs eram ruins, mas Fienianos?

Os fienianos são os piores dos piores. Eles são assassinos de bebês. Anarquistas amantes da bomba que ficariam mais do que felizes em ver o mundo inteiro queimar, desde que pelo menos um monarquista fosse morto no processo.

Não há resposta, é claro. Porque Nicolai não pode ter uma explicação plausível para ter terroristas envolvidos em nosso plano já exagerado.

Eles parecem extremamente desconfortáveis, especialmente a menina, que fica olhando para Brogue com suas pupilas largas reconstruídas em forma de pássaros.

Brogue dá uma piscadela desleixada para a garota e ela se encosta na parede, franzindo o nariz como se ele fosse leite estragado. Ela aparece a segundos de distância de empalá-lo em uma de suas pontas.

Fienianos e Mercs, juntos. E eles não se mataram... ainda. Tem que ser algum tipo de recorde.

O laboratório não é nada como eu me lembro. Cortinas separam móveis brancos austeros e estações de laboratório. Uma ilha de escrivaninhas abarrotadas de dispositivos e engrenagens de metal, microscópios e outros restos é onde imagino que meu pai trabalhou a maior parte do tempo. Debruçado sobre seus slides e amostras, rabiscando loucamente dentro de seus cadernos. Mexendo nas peças sobressalentes que conseguiu reunir no mercado negro administrado por Fienianos.



Brogue recua para o canto, chuta as botas pretas gastas para cima de uma mesa fina que parece que vai rachar com seu peso e afrouxa os botões de latão do colete. O resto de nós forma uma fila ao redor de uma mesa branca circular.

As apresentações são feitas. Quando os nomes Cage e Flame saem da língua cravejada do Biotecnólogo masculino, eu gemo.

Qual é a piada? *Como você pega um rebelde Fieniano no meio da multidão? Fale uma palavra de uma sílaba.* Todos eles são renomeados após a conversão. Rio, Blue, Fog. Certa vez, vi um alerta para um rebelde Fienian chamado Post.

Como você tira um Fieniano de uma árvore? Corte a corda.

O que é azul e vermelho e rola na rua? A cabeça de um Fieniano.

Por que todos os fienianos são corredores rápidos? Todos os lentos estão pendurados.

Cage abre uma maleta de metal e entrega a cada um de nós uma caneta eletrônica e um papel branco para assinar.

Rabisco meu nome sem ler o contrato.

Riser empurra sua caneta e franze a testa.

— Bem, você não é um dândi? — Flame coloca seus dedos sobre os de Riser, impermeável ao modo como ele enrijece, e guia sua mão para o papel. — Assim. — Diz ela, olhando para ele por entre as sobrancelhas vermelhas e finas com pontas de espinhos.

Enrolando o outro lado de seu pescoço está um bando de corvos negros, centenas deles, cada um, um pouco diferente. O último pássaro, um gracioso espécime azul brilhante, curva sua mandíbula.

Momentaneamente, a ferocidade por trás do olho de Riser parece suavizar e seus lábios se transformam em um meio sorriso agradável.

— Obrigado.



Seu olhar azul tempestuoso pousa em mim e meus dedos do pé se contraem involuntariamente.

— Sim. — Flame guia sua mão sobre a fileira de pontas que desce por seu braço; cada uma parece afiada o suficiente para tirar sangue. — Existem maneiras de chegar perto de mim sem dor. A menos que você goste desse tipo de coisa.

Recuperando sua mão, Riser a estuda da mesma forma que fazia com o dispensador de ração para gatos, como se ela fosse algo para amar ou matar ao primeiro sinal de perigo.

— Me amordace. — Murmuro baixinho.

— Mais alto, puta de ouro. — Flame cospe atrás de um sorriso tenso. Ela acha que, por causa das coisas boas ao nosso redor, sou como minha mãe.

— Fui muito clara, escória fieniana.

Mostrando-me o sinal de Fienianos, dedo mindinho e dedo indicador estendido, ela enfia a língua empalada entre os dedos e a balança lascivamente para mim.

— Encantador. Explodiu alguma criança inocente ultimamente?

— Engasgou com alguma colher de prata? — Seu olhar escaldante diz que ela pode me ajudar no assunto.

— Coloquem as garras de volta, gatinhas. — Cage diz, fixando Flame com uma aparência de não se misture com os nativos. — Negócios primeiro.

— Cage sorri, cada um de seus dentes brilhando com um diamante delicado não maior que um grão de areia.

Como o Fieniano pagou seu dízimo? Com um dente, é claro.

— Vocês concordam voluntariamente com esses procedimentos que estamos prestes a realizar. — Diz Cage. — Sabendo que eles são vinculativos e irreversíveis e compreendendo os riscos declarados no contrato que vocês

acabaram de assinar, incluindo alucinações potencialmente graves, catatonia, deformidade, coma e perda da vida?

— Bem, quando você coloca dessa maneira... — Deixo escapar uma tosse.

Cage não parece divertido.

— Sim. — Expiro

— Sim. — Riser repete, parecendo tão interessado quanto uma lesma.

— Excelente. — Cage obtém dois frascos da maleta e os entrega para nós. Um líquido verde borbulhante gira ameaçadoramente por dentro. — Para preparar seu sangue para a transformação. — As tachas em seus lábios piscam quando ele sorri. — De baixo para cima.

A mistura borbulha até meu estômago e deixa um gosto metálico. As veias sob minha pele ficam tensas. No intervalo de uma respiração, uma sensação de formigamento quente perfura o topo da minha espinha e grita até os dedos dos pés.

Toco o emaranhado de veias azuis cruzando as costas da minha mão esquerda; elas estão frias e duras como se meu sangue tivesse congelado em lama.

Logo depois que Riser abaixa o dele, um som de estática ecoa pela sala. Todos nós nos voltamos para a parede de vidro, onde uma tela retangular brilhante oscila e depois se solidifica.

Riser está paralisado. Flame parece que pode jogar algo nele.

— Propaganda monarquista. — Ela explica, revirando os olhos para a tela de abertura. Cada cômodo da casa tem um, mas somente as fendas nos cômodos com pessoas serão ativadas. Eles estão em todos os lugares públicos. Fábricas, mercados e até parques. — Eles estão prestes a nos dizer



para não entrarmos em pânico. Vai ficar tudo bem. Os escolhidos são nossos salvadores, blá, blá, blá. Agora vão dormir como bons pequenos sujeitos.

— Desligue. — Ninguém se move.

— Não é possível. — Brogue diz, me dizendo o que eu já sei. Ele silenciosamente se juntou a nós. — Os realistas tocam esses cliques de manhã e à noite. Somos obrigados por lei a assisti-los, embora os cliques sejam todos iguais.

— Bem, isso não é totalmente verdade. — Um sorriso orgulhoso transforma o rosto de Flame. — Ainda ontem, um dos cliques mostrava o imperador em sua glória plena e nua. Já ouviu o ditado “quanto maior a coroa, menor o...”

— Ok. — Cage interrompe. — Acho que eles pegaram a ideia.

Apesar da tensão sufocando a sala, eu me pego sorrindo. Toda a tecnologia está sob estrito controle dos monarquistas. Ocasionalmente, os rebeldes fienianos conseguem inserir suas próprias mensagens rebeldes, ou, às vezes, juvenis.

Meu sorriso vacila quando volto minha atenção para a tela. Eu sei o que verei, mas as imagens ainda enviam ondas de choque pelo meu núcleo. Lindos meninos e meninas, vestidos de ouro, sorrindo para a câmera com suas famílias. Uma garota de bochechas de porcelana, usando um vestido verde flexível decorado com renda dourada, olha seriamente para a tela enquanto diz como se sente privilegiada por representar a humanidade. Sua mãe chora orgulhosa ao lado dela.

Um menino usando uma cartola de veludo azul e um gibão de prata rígido com botões de ouro ornamentados diz que fará o possível para lembrar todos os que ficaram para trás.

Mentiras, penso com amargura.



A tela corta para crianças loiras brincando na grama enquanto seus pais assistem. Uma voz calma e serena enche a sala. — A maior esperança da humanidade, sua própria sobrevivência, repousa no Projeto Hyperion. Cinco mil dos filhos mais brilhantes do império, projetados com perfeição, foram escolhidos para continuar nosso legado até que a Terra esteja novamente segura.

— Mentiras! — Flame assobia.

Bem, nós concordamos com isso, pelo menos.

Cage a acalma com um olhar severo.

A escuridão enche a tela, seguida pelas imagens da Cidade de Diamante repleta de bronzes bem alimentados. Eles sorriem agradecidos e acenam para o céu. Eu me pergunto há quanto tempo isso foi filmado. Certamente não há cidades restantes que se pareçam com as imagens.

— Fiquem calmos, sejam produtivos. — Continua a voz da mulher. — Vivam seus dias finais com dignidade e humanidade. Em quatro dias, os finalistas do Julgamentos das Sombras chegarão à Ilha. Cem bronzes escolhidos por vocês. Portanto, tenham suas caixas de entrada prontas para fazer upload. E lembrem-se, se vocês fizerem o upload corretamente para um dos quatro finalistas vencedores, sua Cor será automaticamente atualizada para Ouro.

Foi então que li os avisos ameaçadores na parte inferior da tela: *Fique por dentro durante a Queda da Sombra e após o pôr do sol. Não incite pânico ou tumultos. Não participe de reuniões com mais de dez. Você tem cinco dias para fazer upload voluntariamente. Qualquer pessoa flagrada quebrando as regras acima mencionadas ou não carregada após o período de cinco dias será encerrada sumariamente.*

Bem, penso sombriamente, os drones estão prestes a ficar ocupados.



A tela corta para uma mulher. Se não muito bonita para os padrões modernos, ela tem uma aparência interessante, com uma peruca prateada na altura dos ombros e olhos castanhos afiados, grandes demais para seu rosto comprido e magro. Duas pombas de ouro, os símbolos de Afrodite, prendem seu manto azul. *O Símbolo da Casa Lockhart.*

Sua presença preenche a tela de uma maneira que eu nunca poderia esperar fazer.

Eu deveria odiar minha mãe. Me fazer odiá-la. E, no entanto, a primeira coisa que sinto quando ela começa a falar, sua voz confiante e calorosa, é um choque de saudade. Para cheirar seu perfume de jasmim. Para sentir a intensidade de seu foco, mesmo que apenas pelos breves momentos que ela me proporcionou. Para ouvir sua risada rara e maravilhosa.

A natureza pode ser cruel às vezes, fazendo-nos amar pessoas que não podem nos amar de volta.

— Não se preocupem, cidadãos. — Ela está dizendo. — O Imperador Laevus e eu fizemos todo o possível para tornar seu upload uma experiência maravilhosa.

Suas mãos estão emaranhadas no colo, seus dedos se contraindo nervosamente. *Isso não é típico dela.* A estudo em busca de sinais de que algo está errado, mas além de suas mãos retorcendo, ela é um estudo de compostura e charme.

— Depois de escolher seu Avatar, você estará imerso em um mundo de refinamento, beleza e luxo. Um mundo de ordem, onde todos não apenas conhecem o seu lugar, mas estão contentes. — Seu sorriso é cativante e eu quero acreditar nela. — Juntem-se a nós para que vocês possam viver para sempre.



A tela é cortada e mostra uma família sentada em um sofá marrom gasto. Os pais seguram as mãos de seus três filhos: dois meninos e uma adolescente. Marcas de bronze brilham em seus pescoços. Os pais sorriem enquanto prendem as caixas na cabeça dos filhos e as colocam dentro dos caixões. As tampas de vidro se fecham sobre eles. O nevoeiro frio cristaliza imediatamente o vidro.

Os pais se abraçam e olham para a tela. — No início, ficamos com medo. — Diz a mãe. — Mas sabíamos que nossos filhos mereciam uma chance de se tornarem Ouros.

O marido acena com a cabeça e beija a bochecha da esposa. — Quero dizer, que tipo de pais seríamos se não demos isso a eles?

A última imagem mostra a família inteira descansando em seus caixões, congelada pela névoa de gelo. Sorrisos felizes adornam seus rostos brancos sob as caixas de cabeça.

O vídeo termina com o hino dos Escolhidos, um coro de vozes jovens, centenas dos Escolhidos de maior classificação, subindo e descendo em uma harmonia de tirar o fôlego.

— Somos poucos, somos muitos; levantamos nossas vozes e cantamos para todo o mundo ouvir.

É para ser edificante, mas há um som estranho e sobrenatural em todas aquelas vozes artificialmente perfeitas juntas. — Feche os olhos e descanse a cabeça, cidadãos, deixe-nos mostrar como será lindo.

Mesmo que ninguém esteja olhando para mim, meu olhar encontra minhas unhas e eu sou empurrada para o passado. Fiquei grata quando eles finalmente me mandaram para a Ilha Esmeralda. Afinal, eu era uma Bronze convidada a me juntar ao Imperador e sua corte de Ouros de alto escalão na



faixa de terra mais exclusiva do mundo, um playground para os favoritos do Imperador.

Eu me senti escolhida pela primeira vez desde que descobri a verdade sobre minha origem.

Então conheci os outros Escolhidos e minha empolgação diminuiu. Eles eram altos, bonitos e exóticos.

Eles eram perfeitos.

Basicamente, o oposto de mim.

Mas eu me agarrei à esperança de que minhas diferenças não fossem perceptíveis quando uma garota loira e esguia, chamada Delphine Bloodwood, me levou para baixo para encontrar seus amigos no trajeto de balsa para a Ilha.

Ela era uma condessa, explicou com voz entediada, seu pai, o ministro da Defesa. Eles comentaram sobre minha *crina crespa alaranjada*, minhas sardas e bochechas. E então, como que por capricho, Delphine ordenou às amigas que me segurassem enquanto ela usava a adaga incrustada de esmeralda que carregava para cortar meu cabelo até o couro cabeludo enquanto cantava: “Minhoca, minhoca, por que você se contorce?” em sua voz perfeita, e seus amigos concluíram: “Oh, os pássaros vão arrancar seus olhos, seu pobre verme!”

Encontrei minha mãe na Ilha e implorei para que ela me mandasse embora. Em vez disso, ela me levou até o Imperador, que sorriu quando eu disse a ele o que a outra Escolhida havia feito. Ele me examinou com seus olhos agudos e pálidos, como se estivessem me examinando, e eu senti meu mundo encolher a quase nada.

— Entendo. — Ele finalmente disse. — Se o dedo do pé estiver gangrenado, você o arranca do pé. — Depois disso, esperei minha mãe vir me buscar.



Mas nunca mais veria minha mãe.



CAPITULO 15



A memória de minha mãe desaparece e meus olhos voltam a focar em meu entorno. O vídeo acabou. Estou inclinada sobre a mesa, minhas mãos fechadas em punhos trêmulos e com os nós dos dedos brancos.

Todo mundo está olhando para mim.

Mas por alguma razão é o rosto de Riser que me atrai. Uma mancha acentuada de uma sobrancelha está levantada acima de seu olho perscrutador, e ele me dá um aceno lento e suave.

Eu entendo, ele parece estar dizendo. Minha alma também está assombrada.

— Se eu tiver que ouvir essa música mais uma vez, eu morrerei. — Flame diz, tirando meu foco de Garoto do Fosso.

Ninguém se move.

Flame enrola um fio de cabelo vermelho neon.

— O que? Má escolha de palavras? *Morrer. Morrer. Morrer.* Todos nós vamos. — Ela olha para Riser. — Vergonha também.

— Bem. — Diz Cage, limpando a garganta. — Vou aceitar essa baboseira qualquer dia durante os compromissos.

— Compromissos? — Riser pergunta, passando a mão pelo cabelo. Ele parece um pouco perdido. Imagino todas as coisas novas que seu cérebro está

tentando assimilar agora. Que mundo este deve parecer em comparação com o selvagemmente simples que ele conhecia.

Que mundo louco, lindo, estranho, trágico e confuso.

— Sim, você sabe. — Diz Flame. — A programação que eles espalharam por uma semana sem parar? Você teria que viver sob uma rocha para não ver isso. Eles rodaram a biografia de cada Escolhido e depois nos deixaram votar em quem queríamos que ficassem juntos. Eles anunciarão os resultados amanhã.

— Juntos? — Riser se mexe em sua cadeira. — Para quê?

Flame ri. — Você é de verdade? — Baixando as pálpebras, ela repousa uma mão pontiaguda em seu antebraço, alheia à forma como sua mão aperta. — Quando uma mamãe e um papai se amam muito...

— Pare. — Interrompo. — Ele não é um idiota. — Me viro para Riser. — Os escolhidos que eles combinaram se casarão quando fizerem dezoito anos. — O olhar incompreensível de Riser me faz elaborar. — É uma espécie de contrato, como o que acabamos de assinar, onde você promete estar com essa pessoa para sempre.

A ideia brilhante da minha mãe. Apenas outra maneira de distrair as massas. Mantenha-os interessados em algo diferente da rocha gigante em chamas no céu. E que melhor maneira de fazer isso do que centenas de casamentos?

As sobrelhas escuras de Riser se encontram em uma carranca. — Por que você precisa de um contrato?

— Eu não sei. — Entrelaço meus dedos. Isso não impediu minha mãe de ir embora. Ou meu pai de deixá-la. — Olha, não importa. Foi tudo para mostrar. Uma maneira de evitar que você pense no que está por vir.



— Não foi para se exhibir. — Flame disse, projetando o queixo. — Eu votei. Usei três das minhas rações de água economizadas e levou o dia todo.

— Os casamentos eram predeterminados antes da concepção. — Todos param para olhar para mim, e eu me encolho ao ver como minha voz soa cínica. — Fomos combinados com base na harmonização genética e compatibilidade de temperamentos. Todo esforço foi feito para garantir um vínculo forte; nada foi deixado ao acaso.

— Nós? — Flame levanta as sobrancelhas, que não são tanto sobrancelhas, mas minúsculas pontas brilhantes com pedras preciosas. — Você é um dos... deles. Mas você não se parece com um. Onde está seu irmão gêmeo?

— Era. — Eu emendo cuidadosamente. — Eu era um deles. Tipo isso. — Embora ambos saibamos que realmente não há como desfazer o que sou. — Eu sou um Bronze, não vim da corte, não pareço como eles, e tenho um irmão mais novo, não um gêmeo.

— Perverso. Uma Bronze Escolhida. — Os olhos de Flame brilham. — Com qual escolhido você deveria se casar?

Riser, que até agora foi uma estátua do desinteresse, de repente ergueu os olhos.

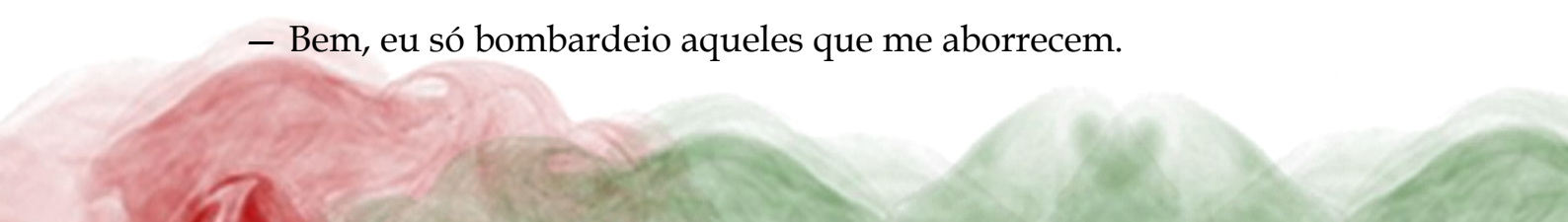
Meus lábios se contraem como se eu tivesse provado algo amargo.

— O que isso importa agora? Ele está com outra pessoa.

Flame faz um barulho de engasgo. — Uau, princesa, o laço realista seria mais divertido do que você agora.

— Uma Fieniana que participa de compromissos sancionados pelos monarquistas? — Levanto uma sobrancelha em desaprovação. — Um pouco hipócrita, não acha?

— Bem, eu só bombardeio aqueles que me aborrecem.



— A hora do jogo acabou, irmã. — Cage diz, aliviando a tensão. — Antes de começarmos, nosso empregador mútuo gostaria de uma palavra.

É quando noto a fina faixa branca no centro da mesa. O Interceptor estala, clica, emite um rápido lampejo azul e projeta um rosto quadridimensional em tamanho natural, quase todo eclipsado por um capuz, logo acima dele. Mesmo que o capuz projete sombras profundas sobre o rosto, obviamente é Nicolai.

— Olá, crianças. — Ele ronrona. — Achei que já que nossa última reunião foi um pouco apressada, poderíamos acertar alguns detalhes.

— Como o quê? — Pergunto, cruzando os braços enquanto Riser passa a mão pelo holograma, interrompendo-o momentaneamente.

Há uma pausa.

— Cage, Flame. — Nicolai diz em um tom de desprezo.

Eles se erguem em uníssono, reflexos espelhados um do outro e esvaziam a sala.

— Agora então. — Nicolai diz. — Primeiras coisas primeiro. Vocês dois foram inscritos como finalistas nos Julgamentos das Sombras, junto com outros noventa e oito ex-cortesãos desesperados, como Dama Everly March e Lorde Riser Thornbrook. — Estática interrompe a imagem. — Estas são suas identidades na corte, repletas de suas casas e os títulos e propriedades extravagantes que eles tiraram de vocês. Em breve, se vocês conseguirem sobreviver à reconstrução, terão memórias totalmente realizadas para acompanhá-los.

— Parece promissor. — Comento, tamborilando meus dedos na mesa.

Nicolai me lança um olhar irritado e continuou. — Em três dias, vocês serão escoltados para o norte, onde ficarão sob custódia dos realistas para viajar para a ilha.



- Como você pode ter certeza de que fomos escolhidos como finalistas?
- Deve haver milhares de outros cortesãos exilados competindo por nossos lugares.

Nicolai ri sombriamente. — Você sabe melhor do que ninguém que tudo o que o imperador Laevus faz tem um preço.

- As seleções são... são pagas?

— Eu ousou dizer que sim. — Seus lábios mutilados se estendem em um sorriso. — O imperador tem um império do mal para financiar, afinal. — A projeção estala, ondulando estática em sua forma antes de se solidificar novamente. — Assim que vocês pisarem na Ilha Esmeralda, vocês receberão outra Microplanta. No momento em que vocês aceitarem, vocês estarão abertos para fazer upload de gente.

— E se alguém que trabalha para os Monarquistas decidir pegar carona em nosso upload junto com os Adormecidos? Eles podem ver tudo também. Nossos pensamentos. Nossas memórias, as verdadeiras.

— Qualquer coisa que possa prejudicar sua missão ou segurança já foi criptografada. — Explica Nicolai. — A primeira noite será a Seleção. Vai parecer um banquete elaborado, mas não se deixem enganar. Cada interação que vocês tiverem, cada gesto inocente ou contato visual será observado e especulado até o final da noite, quando os cinquenta finalistas com a maior contagem de Avatar irão para a próxima rodada.

Pela primeira vez desde o início da projeção, Nicolai olha para Riser, que ainda está olhando cautelosamente para a projeção como se fosse uma ameaça. — Essa também é a noite em que os vinte e cinco Escolhidos com a classificação mais alta decidirão quais dois finalistas serão mentores. É absolutamente crucial que você esteja emparelhada com Lorde Thornbrook.

- Não...
- 

— Este não é um debate. — Interrompe Nicolai. — Nunca houve um momento mais perigoso para entrar na corte. A paranoia do imperador se espalhou pelos corredores como veneno, e eles estão se voltando um contra o outro.

Ótimo. Suspiro. — Ok, como vamos formar pares?

— Primeiro, nos preocupamos com a sua classificação Avatar. Os adormecidos não precisam escolher seu Avatar até a seleção, então eles estarão assistindo, procurando quem é o mais interessante. Dê a eles algo que os faça esquecer da rocha gigante acima de suas cabeças, apenas esperando para eliminar metade da população. — Sob as sombras, juro que o vejo piscar. — Talvez faíscas de amor voem entre Lorde Thornbrook e Dama March?

De repente desconfortável, eu colo meus olhos na mesa. — Os espectadores verão através disso.

— Os Adormecidos. — Diz Nicolai. — Verão exatamente o que querem ver. Só não exagerem. Eu preciso de vocês memoráveis, mas não empolgante o suficiente para interessar os mentores.

— Você também tem isso, não é?

Nicolai encolhe os ombros entediado. — Não gosto de surpresas.

— Nem eu. Então, talvez você possa nos dizer qual mentor procurar.

— Desculpe, Dama March. Você só vai ter que confiar em mim.

Olho para o holograma oscilante. — Mas eu não confio em você.

— Então eu recomendo que você comece. — Nicolai diz, gesticulando com desdém com a mão. — Agora, depois de suas reconstruções, vamos passar vários dias testando vocês. Esperemos que seja o suficiente.

Tenho a sensação de que ele não está exatamente otimista sobre isso, o que nos torna dois.

— Então é isso?



— Não exatamente. Brogue estará lá como oficial, portanto, se algo der errado, encontrem-no. Depois, há a questão de suas escoltas. Cada um de vocês tem permissão para ajudá-lo na Ilha. Eu escolhi os Biotecnólogos, Cage e Flame. Mas há um problema.

Meu coração salta na minha garganta. Não consigo imaginar o que poderia ser. O corpo de Riser se encaixa com interesse.

Nicolai pigarreia e dá as piores notícias possíveis. — Se um de seus assistentes conseguir matar o imperador Laevus antes de vocês, os ingressos extras vão para eles, não para vocês.

Minha boca se abre para protestar no momento em que a projeção se dissipa.



CAPITULO 16



Nicolai deve ter algum meio de se comunicar com Cage e Flame porque eles aparecem instantaneamente, os braços carregados com vestidos e bolsas médicas que tilintam.

Enquanto eles se ocupam na sala dos fundos, eu ando.

Encontro-me do lado de fora de uma porta perto do elevador. O cadeado foi quebrado e as dobradiças rangem quando o abro. Uma montanha de brinquedos de tecnologia proibidos preenche o espaço escuro. Meu pai os construiu para Max, mexendo até tarde da noite. Ainda posso ouvir meu pai cantarolando, ver seus dedos finos trabalhando nas engrenagens minúsculas, uma lupa cobrindo um olho.

Minha mãe os odiava, é claro. E, eventualmente, todos eles encontraram seu caminho aqui.

Algo se move no monte de metal no chão. Ouve-se um zumbido abafado e uma pequena esfera metálica cuspe das partes mortas, espalhando poeira no ar.

A esfera zumbe em volta da minha cabeça algumas vezes, rápido demais para seguir, e então paira alegremente na frente do meu rosto. Dentro de sua superfície reflexiva, meu nariz parece enorme, meus olhos enormes.

Ele voa para longe e para na frente de Riser. Ele enrijece e suas mãos começam a se mover para cima, lentamente, como se ele estivesse tentando pegar uma mosca. A esfera sai de seu alcance e Riser gira, perseguindo-a.

Rio, ignorando o olhar mortal que Riser me lança.

— Está brincando com você. — Explico.

A esfera zumbe acima da cabeça de Riser, e ele salta sobre a estação de trabalho do meu pai, fazendo com que um copo de vidro caia no chão e se estilhaça.

Brogue vem correndo para fora da outra sala. — O que diabos está acontecendo aqui?

Riser ataca o dispositivo, mas ele se esquivava e ele cai suavemente na ponta dos pés. Ele está ignorando Brogue, o que eu deduzo do olhar incrédulo de Brogue é adicionar um insulto à lesão.

Estou rindo muito para falar.

A esfera parou no ar. O zumbido é agora um zumbido silencioso conforme a superfície do globo prateado se ondula, a parte inferior se alonga em um queixo e um nariz se projeta da superfície mercurial. O ar escapa pelos dentes de Riser. Seu olhar me lembra a admiração infantil de Max depois de visitar o Salão das Sombras, o museu realista que abriga quase todas as invenções anti-Reforma pré-guerra.

— É...? — A boca de Riser se abre e ele estende a mão.

— Você. — Digo. — Está imitando seu rosto.

— É...? — O rosto diz. Ele até se inclina para o lado, assim como Riser fez.

Riser franze a testa, mostra a língua.

O rosto esférico franze a testa, mostra sua língua prateada. E então o dispositivo cria outro olho onde deveria estar o olho perdido de Riser.



Algo passa pelo rosto de Riser, transformando a expressão da esfera para imitá-la. Antes que o rosto possa mudar completamente, Riser o golpeia do outro lado da sala com o punho, e a bola bate na parede e cai no chão.

Flame emerge da porta. — Quem está pronto para se tornar fantás...?

Riser passa por ela e entra na sala antes que ela possa terminar de falar.

Coração martelando, eu os sigo. As máquinas Reconstructoras, duas cápsulas de aço oblongas semelhantes aos caixões, ficam em longas distâncias, uma de cada lado da parede. Triângulos vermelhos de luz pulsam em uma tela quadrada no centro de cada Reconstrutor, formando estranhos padrões geométricos. Uma cortina azul desbotada que cheira a mofo os separa.

Riser e eu recebemos batas amarelas para usar. Eu me visto rapidamente, tentando não olhar para a forma esguia oscilando do outro lado da cortina. No meu canto há uma tela com vários números e linhas. Cage me conecta à máquina para coletar meus sinais vitais e depois sai.

Depois de alguns minutos, Flame entra vestida com luvas rosa choque, um avental preto com caveiras que brilham no escuro e uma máscara que tem a palavra *calado* colada na boca.

Olho para ela agora que somos concorrentes. Ela me ignora habilmente.

Tudo dentro de mim está gritando para não fazer isso. Mas Flame bate nos triângulos vermelhos até que eles queimem em laranja e amarelo e pisquem descontroladamente. Em seguida, a tampa se abre com um assobio. Quando entro, minha bata sobe e me esforço para cobrir meu lado esquerdo.

— Não se preocupe. — Flame instrui, desviando o olhar da tela. A máscara abafa sua voz. — Eu vi cada centímetro de você. Quem você acha que colocou aquela microplanta pirata dentro do seu crânio?



— Certo. — Digo, ajustando minha bata de qualquer maneira. Após a revelação de Nicolai, não consigo afastar minha desconfiança. Esta máquina vai mexer com minha mente. Quem pode dizer que Flame não fará algo terrível comigo para se dar uma vantagem?

Suas sobrancelhas brilhantes erguem-se em exasperação. — Pronta agora, princesa?

Meus dedos roçam a cicatriz recente do meu lado. — Você curou minha ferida também?

— Bem, não, foi aquele idiota nojento, Brogue.

Hesito. — Você pode deixar uma parte de mim? Algo pequeno... Não importa o quê.

Seus dedos param na tela. — Nosso empregador não vai gostar.

— Poxa, se ele não vai gostar, acho que você não pode fazer isso.

Flame faz uma carranca. Sem outra palavra, ela golpeia a tela com o dedo e a tampa se fecha.

O interior do Recontrutor é um material metálico brilhante que brilha levemente, emitindo um zumbido baixo. Assim que me deito, uma dor fria se espalha pelas minhas costas e me faz engasgar. Gavinhas verde-néon serpenteiam pelo meu corpo. Pequenos choques são emitidos pelo toque semelhante a um dedo.

Antes que eu possa mudar para uma posição mais confortável, o aparelho logo acima do meu rosto, que lembra óculos de proteção pretos, cai, prendendo minha cabeça e me cegando. Alças de algum tipo paralisam meus pulsos. Uma sensação suave de beliscão, como uma agulha fina entrando na minha carne, se acumula no meu pescoço, logo abaixo da mandíbula, e se torna uma pressão latejante e opaca conforme os nanitos que eles injetam se espalham.



Eles se movem lentamente. Entorpecendo cada célula, cada molécula do meu ser, até que estou à deriva, desencarnada.

Os alto-falantes ganham vida. A voz de Flame, um sussurro distorcido murmurado do fim de um longo túnel, se mistura com a batida firme do meu coração.

— Não lute contra isso. Concentre-se em sua respiração. Pense em algo bom, algo seguro. A máquina vai te ajudar.

Estou flutuando em um oceano de escuridão. Os pensamentos se chocam e se separam. Sou impulsionada em direção a uma pontada de luz não maior do que um diamante; a cada respiração lenta e superficial que dou, outra joia aparece.

Logo, elas são inumeráveis, uma tapeçaria piscante de luzes gravadas na escuridão, abrangendo uma eternidade.

Não são diamantes, acho que me ouço sussurrar. Estrelas.

Adeus, garota monstro.

E então eu voou para longe.



CAPITULO 17



A primeira coisa que percebo são os ruídos. Zumbido constante e baixo. Zumbido suave. Um som de clique-clique lento. Vozes distantes e bipes agudos, abafados como se estivessem debaixo d'água.

Mas os ruídos estão se intensificando.

Os bipes se transformando em gritos, as vozes gritam.

Minha memória flui de volta. Eu pulo para cima, bato minha testa no topo do Recontrutor. A tampa se abre acima da minha palma.

Após a penumbra do Recontrutor, a sala fica dolorosamente iluminada. Sombras escapam por trás da cortina. A voz atormentada de Cage late comandos sobre a cacofonia estridente de alarmes.

O primeiro passo que dou é vacilante, mas não é ruim. O segundo me deixa de joelhos. Usando o balcão como apoio, cambaleio e luto até a cortina. Eu não me sinto diferente. Eu me pergunto se talvez eu tenha acordado antes de terminar a reconstrução.

A cena do outro lado é caótica. A tampa do Recontrutor de Riser está aberta, a tela uma confusão selvagem de formas vermelhas girando desordenadamente. O suor goteja na testa de Cage enquanto ele trabalha na máquina. As veias incham em seu pescoço e testa, e ele está piscando rápido e

resmungando. Atrás dele, com o rosto tenso de emoção, está Flame. Seu olhar desesperado me diz tudo que preciso saber sobre a condição de Riser.

Embora minha mente esteja um pouco confusa, devo ter me aproximado porque agora posso ver Riser. Sua bata emaranhada em torno de sua metade inferior, expondo a maior parte de seu corpo pálido, que está enrolado em si mesmo como uma criatura moribunda lamentável. Suas pernas se debatendo produzem um baque rítmico contra a máquina.

Suas cicatrizes, as que ele me mostrou apenas algumas horas antes, agora são de um roxo-avermelhado raivoso. Veias preto-azuladas como aranhas correm por sua carne, convergindo ao redor de seus olhos, nariz e boca.

— Ele está morrendo. — Não há emoção em minha voz. É como se meus sentimentos estivessem trancados em algum lugar. Posso acessá-las se necessário, ou não, dependendo de seu valor para minha causa.

Talvez eu esteja diferente, afinal.

Cage ergue os olhos do corpo de Riser, assustado.

— Você deveria estar descansando. — A voz de Cage falha.

Há quanto tempo eles trabalham no Riser? Muito longo, pela forma como seus ombros caem.

Todos nós congelamos quando um grito gutural irrompe de Riser. É horrível, o som mais miserável e suplicante que já ouvi. Flame tampa a boca com a mão, os olhos queimando de lágrimas.

— Ele não consegue encontrar. O lugar seguro. Ele não pode...

— É o bastante. — O tom de Cage é derrotado. — Feche-o. Deixe-o ir em paz.

— Esperem. — Minha mão está na tampa, a centímetros de um dos punhos cerrados de Riser. Eu deixei um dos meus dedos escovar seus



dedos. Um suspiro áspero escapa de seus lábios cinza-azulados. — Ele está frio.

Novamente, nenhuma emoção de uma forma ou de outra, apenas uma nota mental de que ele é vital para minha missão. Subo ao lado dele. Eu estava errada: ele não está apenas frio; ele está congelado, seu corpo rígido como mármore.

Tremo de frio enquanto desdobro meus membros ao redor de seu torso esquelético, sua espinha afiada projetando-se dolorosamente em meu esterno. Meus dedos percorrem os abismos profundos entre cada costela, e percebo agora o quão magro ele realmente é.

Ele começa a respirar forte e rápido, suas costelas subindo e descendo; a batida selvagem e irregular de seu coração parece um animal desesperado tentando escapar de sua jaula.

— Não. — Ele geme. — Não a machuque.

Não sei dizer se está ajudando, mas os Biotecnólogos devem pensar que sim porque fecham a tampa. Seu corpo amolece e aquece. Sua respiração se estabiliza, seu batimento cardíaco agora forte e regular sob meus dedos. E talvez seja o zumbido lento da máquina, ou a calma constante de sua respiração, mas eu me encontro caindo no sono...



Desta vez, acordo no meu quarto. Estou quente, deliciosamente, enterrada sob uma montanha de cobertores. Vejo Bramble no outro travesseiro com uma nota de Brogue: *Eu pensei que ele poderia animá-la*. Ainda está escuro, as estrelas pintadas bobas brilhando sobre mim, e por um momento eu juro

que posso sentir seu calor na minha pele. Isso me lembra que minha pele não é mais minha pele.

Percebo que esqueci de perguntar como seria minha aparência depois. Agora, preciso de toda a minha coragem para levantar da cama, meus novos e elegantes músculos abdominais se contraem a cada passo enquanto me aproximo do espelho.

Sentindo movimento, o espelho ilumina-se, transmitindo um leve brilho dourado. A garota do dia anterior se foi. Em seu lugar está Everly March, uma criatura saudável de pele de porcelana que parece ter acabado de voltar de um verão em algum lugar claro e arejado.

Ela é esguia, alta e clara, com seios empinados, maçãs do rosto salientes em um rosto em formato de coração, uma espessa mecha de cabelo ruivo escuro caindo em cascata sobre os ombros, o tom perfeito para elogiar sua pele, e um nariz de formato requintado. Ela se veste de verde, uma cor que costumava me deixar doente, como se tivesse sido feito para ela. Uma fênix de bronze curva seu pescoço flexível.

Ela é tudo que eu não era.

Ela é tudo que eu deveria ser.

Tenho certeza de que a odeio.

Levanto a mão, massagueio meu rosto, apenas para ter certeza de que ainda sou eu. Ergo meus braços, agora longos e tonificados, e viro de um lado para o outro. Fico a centímetros do espelho e faço caretas idiotas.

Meu cabelo, um vermelho rico é impossível que de alguma forma parece natural e glamoroso, captura a luz, e o efeito é indescritível. Exceto pelos meus olhos, que ainda são da mesma cor castanha, e um punhado de sardas teimosas que Flame deve ter guardado, não há nenhum vestígio de Maia Graystone.



Sou uma criação de Nicolai agora, uma criação com um objetivo singular: Vingança.



O café da manhã chega cedo. Sento-me à mesa com Bramble cantando no meu colo e examino minhas roupas novas. Calças de montar cinza, botas de montaria de couro castanho rico e uma túnica verde-clara rígida de colarinho alto que coça meu pescoço. Pego o sutiã pesado que meu novo corpo exige. Minha mãe uma vez disse que a forma de uma mulher pode ser usada como uma arma contra os homens, mas, até agora, ter decote é mais irritante do que letal.

Meus bens volumosos são esquecidos quando Brogue agracia meu prato com a mistura misteriosa semelhante a um ovo de antes. Engulo.

Flame e Brogue, que estão sentados o mais distantes possível, me estudam em silêncio.

Brogue me olha de soslaio e franze a testa. — Não era para o cabelo dela ser loiro?

— Sim. — Diz Flame. — Mas gosto mais dela assim.

— E como Nicolai se sente sobre isso?

Flame cutuca o montículo amarelo emborrachado à sua frente.

— Não sei. Não me importo.

Coloco outra garfada de mistério em minha boca. Estou ignorando os dois. Meu estômago ronca, e bato o garfo contra meu prato vazio, fazendo com que Bramble se mexa no meu colo.

Brogue sorri. — Mais?



Aceno, e ele amontoa mais tufos amarelos pegajosos na minha frente.

— A transformação a deixou com fome. — Diz Flame, caso ele pensasse que era porque eu realmente gostava de sua comida. Ela está brilhando em um macacão rosa-ouro amarrado por um cinto de couro vermelho e uma capa vermelha fina que combina com seu batom e cabelo.

Brogue pisca para mim. — Bem, há mais de onde isso veio.

— Não. — Flame diz. — Precisamos testá-la.

Brogue e eu compartilhamos um olhar conspiratório. Mordo meu lábio. Pela primeira vez desde que cheguei aqui, sinto uma conexão com alguém. Isso é bom. Muito bom. Para ter um amigo, mesmo que seja um Merc.

Brogue levanta a frigideira para depositar ainda mais comida no meu prato.

— Ela passou por um inferno. Deixe a garota e...

— Não. — A mão de Flame dispara e bate na frigideira da mão de Brogue.

O rosto de Brogue fica imóvel. A mão que segurava a panela ainda está aberta. Ele não moveu um músculo, seus olhos cravados em Flame, que não parecia notar ou se importar. A veia em sua têmpora lateja.

Flame se levanta e joga a panela no lixo. — Nós temos que testá-la. Certificar-nos de que não haja dobras. — Ela se vira e desafia Brogue com um olhar intenso. — Agora vá se preparar para os testes físicos.

Franzindo a testa, acho que ele não está acostumado a receber ordens das pessoas, especialmente de uma rebelde Fieniana ruiva, alegre, de língua azeda, Brogue se levanta, sua cadeira rangendo no ladrilho e se afasta.

— Dobras? — Digo, relutantemente empurrando meu prato. — Que tipo...?

— Nome? — Flame late.



— Everly March. — Meu cérebro dispara sem hesitação.

— Símbolo da Casa March?

— A Lira de Ouro.

— Nome dos pais?

— Dama Olivia e Lorde Statham March, anteriormente Baronesa e Barão de Brandywine, antes de nossa Cor ser despojada.

— Qual você ama mais?

Faço uma pausa. — Meu pai. — O vejo, ou como ele deveria se parecer. Cabelo loiro médio, olhos cinza-claros, rosto jovem, charuto delicadamente empoleirado entre seus lindos dentes brancos. Meu peito ameaça explodir com seu amor e meu amor por ele... este estranho, meu pai.

— Como e quando eles morreram?

— Fogo. Dois meses atrás. — Minha garganta se fecha e, por um segundo, sinto o gosto de cinza e fuligem. Ele se agarra à minha boca, cobre minha garganta, queima meus pulmões até que eu sinto que estou sufocando.

Uma dor de cabeça esmagadora divide meu crânio. Alguma coisa... na ponta da língua, uma lembrança. Uma memória horrível. Milhares de agulhas fantasmagóricas picam minha pele. Olho para baixo para ver as chamas derretendo minha carne, arrancando-a de meus ossos.

Então grito.

— Everly! — Flame grita enquanto Bramble pula do meu colo e corre pelo chão.

Meu novo nome me traz de volta. Respiro fundo, prendo o ar até que minha cabeça nade e a memória se vá. — O que é que foi isso?

— Uma memória fantasma. — Ela se agita, entrelaçando os polegares enquanto olha para a mesa. — As memórias traumáticas são as mais difíceis de filtrar. Às vezes, o extrator pega algumas. Elas devem desaparecer.



— Mas isso significa... — Minha boca fica aberta. Achei que Nicolai havia me criado. Mas o que acabei de experimentar foi real. O medo. A dor.

O horror.

— Existe... Existiu uma verdadeira Everly March?

Flame ajeita as pontas de suas sobrancelhas. — Estamos fora do caminho.

Meu coração cai. — Como ela morreu? O fogo? Ela morreu queimada com os pais? Foi um acidente? — Minha cadeira raspa quando fico de pé. — Nicolai! — Minhas mãos batem em minhas bochechas. Estou usando o rosto de outra garota. O rosto de uma garota morta. — *Nicolai!*

Flame cruza os braços e chuta a perna sobre a mesa, o rosto cruzado, como se estivesse sendo forçada a suportar o acesso de raiva de uma criança.

— Avise-me quando terminar.

Minha perna coça para chutar a mesa. Melhor ainda, a cadeira de Flame, mandá-la voando para o chão. Isso pode fazer seu olhar presunçoso desaparecer, embora eu duvide seriamente.

Eu sufoco minha raiva, algo que teria sido impossível antes da minha reconstrução, e luto contra as palavras através do sorriso da minha garota morta.

— Feito.

Ela estreita os olhos. — Certo?

— Positivo. — Minha respiração sibila por entre os dentes cerrados enquanto me sento.

Ela continua como se nada tivesse acontecido. — Irmãos?

— Não.

— Virgem?

— Sim.



Flame lança perguntas para mim como se fossem armas, e eu atiro de volta. Minha boca responde e, assim que o faz, as memórias estão lá, imagens fugazes, mas salientes, tecnicamente coloridas que, colocadas juntas em sequência, quase fazem uma vida.

Flame continua tentando impiedosamente me deixar perplexa. — Cor favorita? Temporada favorita?

— Verde. Verão.

— Primeiro beijo?

— Lorde Bradley, um Ouro da Casa Royce e irmão do meu melhor amigo, debaixo da macieira, a torta...

Sua voz muda de intensidade, tornando-se repentinamente empática.

— O que é o Fosso?

— É... — Por uma fração de segundo meu coração pula uma batida, mas depois se acalma. Minha mente fica em branco. — Eu não sei.

— Quem é Maia Graystone?

Eu! meu cérebro grita. Uma imagem da garota de cabelos crespos e sardentos surge na minha cabeça. *Eu!* Ainda assim, abro a boca para dizer isso, para gritar, mas é como se minha língua estivesse torcida em nós.

— Qual é a sua opinião sobre o Imperador Laevus? — Flame se inclina ligeiramente para frente, apenas o suficiente para que eu decida que minha resposta é importante.

— Ele é nosso salvador, o único homem a quem todos devemos ser gratos. Sem ele e sua dedicação incansável, a humanidade pereceria. — É assustador como minha voz é convincente.

Ela não pisca enquanto seu olhar queima o meu. — O que você vai fazer quando o encontrar?



Eu sei minha resposta antes de dizer, e meu sangue gela. — Enfiar uma lâmina em seu crânio. As melhores entradas estão na base do crânio e nas órbitas dos olhos. Mas uma lâmina afiada vai penetrar nas têmporas com a mesma facilidade, e uma lâmina longa pode deslizar por baixo da mandíbula e atingir o cérebro.

— Bom. — A tensão desaparece do rosto de Flame. Eu me pergunto o que teria acontecido se eu tivesse respondido errado. — A reconstrução parece bem-sucedida. Saberemos em breve.

— E Riser? — É a primeira vez desde que acordei que me permiti pensar nele e me encolho com a memória estranha do meu corpo dobrado sobre o dele. Se eu ainda fosse Maia, ficaria vermelha brilhante e manchada e levaria vários minutos para me recuperar. Mas com um encolher de ombros frio, a emoção desaparece.

Sorrio; eu vou gostar muito de ser Everly March.

O rosto de Flame se reorganizou em uma máscara ilegível.

— Isso não é da sua conta. — Ela limpa a garganta. — É provável que sua reconstrução tenha sido irrevogavelmente corrompida. Não saberemos até ele acordar.

— Se ele acordar, você quer dizer?

Pela primeira vez desde que nos sentamos, ela pisca.



CAPITULO 18



Depois do café da manhã, faço um teste mais longo, no qual respondo ao que parece um zilhão de perguntas sobre Everly March.

Na superfície, ela é exatamente o que todos esperam. Recatada. Compatível. Bem educada. Ela adora cavalos, vestidos de seda e joias de ouro caras. Ela pode tocar a sinfonia nº 9 em ré menor e cantar em oitava alta. Ela ficou arrasada com a perda de seus pais.

Parece que temos algo em comum, afinal.

Mas além da fachada brilhante, ela é algo mais. Fria, calculada. Inteligente. Determinada individualmente. Everly March seria alguém que Estripadora e Rafe teriam evitado.

Eu passei no teste com louvor. Antes que eu possa ir, Flame me inunda com avisos para as primeiras quarenta e oito horas após a reconstrução.

Sem dormir, eu poderia entrar em um coma irrevogável. Espere que memórias dolorosas do meu passado apareçam, lutar contra elas só as torna piores, e um estado emocional aprimorado. Beba o dobro da quantidade normal de água. Espere um apetite insaciável, dores de cabeça esmagadoras, alucinações e momentos de delírio. Coceira é normal, mas formigamento nos lábios ou dedos deve ser relatado imediatamente, junto com odores estranhos e problemas de visão.

Tenho a sensação de que, se isso acontecer, estou ferrada.

Flame marca meu itinerário difícil de pós-reconstrução. Mais testes, incluindo Sims, e não do tipo que você pode comprar no mercado negro. O tipo real. Do tipo frite seu cérebro se não for cuidadoso.

Encolho, quase pulando para o elevador. Espero que Brogue esteja no porão, mas meu coração dá um tombo quando o vejo se aquecendo na sala no final do corredor. Basta olhar para o acolchoamento branco e grosso cobrindo as paredes da antiga sala de treinamento da minha mãe e meus joelhos ficam fracos.

Hesito; memórias ruins se apegam a este lugar. Memórias que prefiro não desenterrar.

Mas Brogue está sorrindo para mim. Acenando para eu me juntar a ele. E Brogue não é minha mãe. Ele não me machucaria. Então eu retorno seu sorriso e entro.

Os pés de Brogue martelam o chão enquanto ele me ataca. Meu sorriso morre. Seu rosto está mortalmente calmo. Estou muito pasma para fazer qualquer coisa...

No último segundo antes de ele bater em mim, meu corpo reage aparentemente por conta própria. Evito, estico um pé e bato minha palma na parte inferior de suas costas.

Acho que a cabeça dele vai bater na parede, mas ele rola para o lado para compensar o impulso, o ombro recebendo o impacto da força.

A voz da minha mãe me encontra. *Mais rápido! Levante seu florete. Mire no meu coração.*

Grunhindo, Brogue corre para mim de novo, os braços grossos agitando minha cabeça como se ele quisesse arrancá-la do meu pescoço. Desta vez eu me abaixo em seus braços, serpenteio atrás dele, aperto meus braços em volta



de suas costas musculosas e encharcadas de suor, e bato meu pé na parte macia de seu joelho.

Ele cai no chão, e eu monto seu peito barril, cavando meus joelhos em suas costelas. Meus punhos erguidos lançaram sombras em seu rosto corado.

Brogue grunhe sob meu peso, o sorriso zombeteiro que ele está usando é substituído por um olhar relutante de respeito.

— Então, a gatinha de beco e seu ajudante sabem o que fazem.

Demoro um momento para recuperar o fôlego, meus novos músculos abdominais tremendo gloriosamente sob minha camisa.

— Isso foi um teste?

— Algo parecido.

Me afasto dele, os braços em uma posição defensiva no caso de ele vir para mim novamente. Eu me sinto totalmente traída. — Você poderia ter me avisado.

Ficando de pé, Brogue enrola a manga direita. O laço do carrasco mercenário desce em seu ombro, junto com o lema Merc, uma série de palavras escritas em latim. *“Parati ad omnia”*, ele lê.

— Sabe o que isso significa, garota?

— Não mexa comigo? — Meio que estou brincando.

— Esteja pronto para tudo.

— Bem, eu nem sei se posso fazer isso de novo...

Antes que eu possa terminar minha frase, Brogue está com o braço levantado e balançando uma vara de madeira redonda na minha cabeça. Ele deve ter escondido isso. Grito enquanto me abaixo, e a vara apenas prende meu cabelo.

— Achei que tínhamos terminado! — Assobio, sugando o ar.



Alheio ao meu pânico, meu corpo salta para o lado, girando e estendendo uma perna. Meu pé pega a bota de Brogue, fazendo-o tropeçar.

Ele se recupera facilmente. Com um sorriso maroto, ele pisca, bate as palavras no ombro e balança a vara na minha cara como se estivesse tentando quebrar uma melancia.

Eu caio bem na hora. Em vez disso, a vara atinge a parede e ricocheteia no acolchoamento, a borda atingindo logo abaixo do meu olho direito. Sinto o sangue começar a escorrer pela minha bochecha.

Vejo minha mãe parada sobre mim, esguia em seu uniforme de esgrima branco, viseira abaixada de forma que não consigo ver seus olhos. Um braço está dobrado atrás das costas.

Você vai chorar por um pouco de sangue? Levante-se!

Torna-se uma dança perigosa. Nossa respiração difícil, o refrão, nossos grunhidos e corações batendo forte o ritmo. Brogue balança, esfaqueia e corta com a vara, e eu evito. Às vezes me movo com facilidade, como se nossos movimentos fossem coreografados. Mas, principalmente, me debato, me debato e me contorço como um animal ferido tentando se livrar de um predador muito maior.

Descubro que sei coisas. Onde chutar a coxa para chocar a artéria femoral e causar inconsciência. Como enganchar minhas pernas em volta de um homem para segurá-lo enquanto uso a lâmina do meu antebraço para estrangular sua artéria carótida. Como transformar minha mão em uma lança áspera que pode facilmente deslizar pelo queixo e atingir a garganta.

O suor escorre de nossos corpos e forma poças no tapete. Cada músculo enrola, cada neurônio dispara, cada tendão se contrai. O cheiro forte e penetrante de adrenalina e suor enche a sala.



Meu corpo não é mais meu, mas uma máquina eficiente e bem oleada, controlada por uma mestra diferente e mais poderosa.

Sobrevivência.

Finalmente, desmorono em uma pilha quente e desossada. Brogue bate com sua bota no meu peito, me esmagando no chão. O ar foge dos meus pulmões. Minha bochecha dói onde a ponta estilhaçada de sua vara acerta, torcendo-se impiedosamente.

— Garota. — Brogue diz em uma voz áspera como uma lixa. — Você dará um lindo cadáver.

A ponta do papel alumínio da minha mãe pressiona a área macia da minha garganta. Ela levanta a viseira para que eu possa ver a decepção em seus olhos. Fraca, ela está dizendo. Fraca e lenta. Estou chorando. Eu tenho sete.

É quase como se eu pudesse ouvir algo quebrar dentro de mim. Sem pensar, engulo sua bota com o braço direito e giro, rolando de ponta a ponta como um tronco. Em vez de me deixar deslocar seu joelho, Brogue rola comigo, caindo. Mais uma vez estou montando nele, meus joelhos esmagando cada um de seus bíceps musculosos de modo que seus braços ficam imobilizados.

Não estou mais cansada; estou furiosa.

Piscando para afastar o rosto de minha mãe, eu me inclino, perto o suficiente para que seu hálito quente e cheio de alcatrão percorra meu rosto. — Meu nome é Everly. Everly March. Não Garota Cavadora. Não verme ou sanguessuga. E certamente não garota. — Me certifico e aperto meus joelhos em seus músculos e ossos enquanto empurro para ficar de pé. Seus olhos enchem de dor. — E de agora em diante é Dama March para você, Merc.

É a primeira lição desde que me tornei Dama March. Nós não somos amigos. Nenhuma dessas pessoas jamais será minha amiga.



CAPITULO 19



O ladino sobe um pouco mais devagar dessa vez. Ele está cansado, mas eu também. Fazemos isso há horas, e cada pedacinho da minha carne grita em agonia; já perdi a conta de quantas vezes bati no tatame.

Os olhos do Merc têm um brilho intenso. — Desistir ainda?

Estou sem fôlego para responder, então simplesmente balanço a cabeça, embora Maia esteja me implorando para parar. Mas eu não posso.

Eu não posso.

A vara bate no chão. Girando ameaçadoramente em sua mão esquerda está uma lâmina curta e grossa, a lâmina afiada cintilando. Uma onda de medo e adrenalina percorre meu corpo. Meus olhos se fixam no aço brilhante. Nada mais existe. As paredes parecem encolher, desaparecer.

— Mas você pode realmente me matar. — Digo, levantando minhas mãos, agora entorpecidas de medo.

Tento afastar meu horror como minhas outras emoções, mas ela se agarra a mim. Aparentemente, nem mesmo Dama March está imune ao medo.

Minha mãe estava bem ali. Os vergões de onde o alumínio fustigou minha carne tenra cruzaram meus braços. Eu estava implorando para ela parar. Por favor, mãe. Isso dói. Você está me assustando.

Mas isso pareceu apenas deixá-la mais furiosa, e eu caí sob uma enxurrada de chicotes, sua folha cortando o ar a cada golpe enfurecido.

Agora cometi o mesmo erro, pedindo misericórdia a Brogue. Ele dá um passo rápido e confiante em minha direção, seus olhos brilhando implacavelmente. — Um pequeno passo em falso na Ilha, você realmente morre. — Outro passo. — Revele acidentalmente sua verdadeira identidade e você morre também. — Sua bota desliza um pé mais perto. — Deixar de vencer os Julgamentos das Sombras, também... você entendeu. — Para seu tamanho, ele tem uma graça felina, movendo-se pelos espaços com uma facilidade silenciosa que me leva a pensar que ele está mais longe do que realmente está. Que ele é meu amigo.

Seu último passo o coloca a apenas um pé de mim. — A morte está ao seu redor, Dama March. É o espectro silencioso e fantasmagórico, respirando tão silenciosamente em seu pescoço. — Seu hálito de alcatrão é quente contra minhas bochechas. — Vai encontrar seu caminho, eventualmente.

A lâmina pisca enquanto se dirige para o meu pescoço. Há um momento antes de entrar em minha carne que eu posso realmente sentir a lâmina queimando meu pescoço e alojando-se em minha espinha. Mas no último segundo eu me movo e, em vez disso, ele abre um rastro de fogo, mas superficial, da minha clavícula até o queixo.

— Você me esfaqueou! — Grito. O pânico enfraquece minha voz enquanto o espaço entre meus seios se enche de sangue.

De repente, tenho certeza absoluta de que ele tem a intenção de me matar.

Brogue limpa a lâmina na manga da camisa. — Eu arranhei você. Da próxima vez, vá mais rápido.

— Próxima vez?



Ele está vindo de novo, me perseguindo. — Melhor ainda. — Um sorriso perverso curva sua mandíbula. — Apanhe isto.

Ele agarra a lâmina da faca entre o polegar e o indicador, aponta para o meu rosto como um dardo e estala o pulso.

Caio no chão. Tenho certeza de que a lâmina me empalou. Não havia como eu ter evitado; ele está muito perto, sua pontaria muito certa.

Meus olhos, que devem estar fechados, se abrem. Presa entre minhas palmas, brilhando a meros centímetros do meu nariz, está a lâmina da espada.

A lâmina desliza por entre meus dedos e se enterra no chão acolchoado. Eu sei que devo usar a arma nele, mas o pensamento me deixa doente.

Forço meu corpo a ficar agachado. — Eu terminei. — Digo, pressionando meus dedos no meu pescoço para estancar o sangue que goteja. — Isso é uma tortura.

Isso é sobrevivência, Everly, a voz animada de Nicolai diz em minha cabeça. Agora pegue a espada e o esfaquee com ela.

— Não. — Meu corpo está tremendo. — Eu disse que mataria o imperador Laevus, e o farei. Mas eu me recuso a machucar mais alguém.

Suas vias neuronais reconstruídas precisam ser solidificadas, diz Nicolai. Para fazer isso, precisamos de duas coisas: situações traumáticas que induzem ao estresse e repetição. Não queremos que Everly March perca suas memórias e habilidades definidas prematuramente.

— Você deveria ter me dito que estava me dando as memórias de uma garota morta!

Não era pertinente.

Aperto a ponta do meu nariz e fecho os olhos.

— Isso foi. Pertinente. Para mim.



— A garota precisa de uma pausa. — Brogue interrompe. Sua voz é áspera e indiferente, como sempre. Mas há algo sobre isso que me diz diferente.

A voz de minha mãe sussurra: *Atenda. Use-o. Ele é fraco.*

Pego a espada. É surpreendentemente leve, o cabo de aço frio e macio na minha palma. É bom segurá-la. Capacitar.

Uma raiva silenciosa toma conta de mim. Sorrio para Brogue como se fôssemos amigos de novo, como se tudo estivesse perdoado, agito meu pulso e levo a lâmina em direção à sua cabeça.

Ele grunhe de surpresa. A lâmina se enterra na parede atrás dele com um baque. Ele gorjeia para frente e para trás por um momento e depois para.

Se ele não tivesse sido distraído por sua emoção, ele teria previsto isso. Encontrei a fenda em sua armadura.

Brogue toca a linha vermelha fina em sua bochecha onde a lâmina roçou e observa o sangue escurecendo suas pontas dos dedos com olhos arregalados.

— Eu disse a você. — Lembro, então sorrio. — Para não me chamar de garota.



CAPITULO 20



Exceto por teias de aranha e algumas latas de feijão verde sintético, a despensa está vazia. Examino as estantes estéreis, meu estômago roncando, enquanto Bramble cutuca e zumbe nas poucas migalhas no chão.

É para onde costumavam ir o pão e a massa. A farinha e os temperos logo abaixo. Os biscoitos de pão salgado e os cobiçados bolos de passas doces de Max à minha esquerda. Prateleiras inteiras com ameixas secas, maçãs e tiras de cordeiro com infusão de açafrão perto do fundo.

Tínhamos mais sorte do que a maioria dos bronzes, com as rações de ouro de minha mãe e a casa de meu pai na Universidade Real do outro lado da parede.

Eu vejo isso agora, mesmo se não tivesse visto antes.

Seleciono a lata menos enferrujada. É pesada quando a arrasto até o balcão da cozinha, Bramble deslizando aos meus pés. O corte em meu pescoço protesta sob uma tira de gaze e fita adesiva.

Eu retiro a tampa, gotas verdes acinzentadas borrifando a nova blusa que vesti. Espero que Nicolai tenha um superávit, dada minha taxa atual.

Estou levantando a lata quando a tela rachada acima da mesa da cozinha ganha vida. *Oh que bom.* Dado o meu humor, prefiro não assistir, mas a tela de fenda me seguirá aonde quer que eu vá, então é melhor eu acabar com isso.

Música dramática enche a cozinha, a tela pulando sobre pares de Escolhidos. *Os resultados dos compromissos.* Engulo e me concentro em depositar o conteúdo da lata na tigela e não na minha blusa. *Eles não podem me forçar a ouvir.*

Mas um nó se forma na minha barriga ao pensar na corte. Mesmo agora, com meu cabelo perfeito e feições agradáveis, ainda sinto a picada de suas provocações.

Cutuco e cutuco a sujeira com cheiro de mofo com uma colher de pau. Um lodo oleoso preto salta para a superfície, e Bramble pula desconfiado para ele. *Não é um bom sinal.* A fome parte da minha boca. A colher paira em meus lábios. Mas eu literalmente não posso lutar contra a mordida congelada em minha boca.

— Só pode estar brincando comigo! — Grito para os rostos iguais na tela de fenda.

Eles sorriem para mim. Lindos. Saudáveis. Mesmo que eles não possam realmente me ver, sinto seu desprezo.

Eu luto contra a vontade de jogar a tigela em seus rostos de Escolhidos estúpidos, sabendo que adular uma tela de fenda acarreta uma penalidade dura.

Em vez disso, observo com satisfação sombria enquanto a tigela voa pelo ar e, em seguida, explode em uma explosão estelar pegajosa de verde contra a parede.

Lamento minha atitude infantil imediatamente; continuo com fome.

Vejo que Flame precisa ajustar sua veia impulsiva, a voz de Nicolai irrita minha cabeça.

Deixe-a tentar, respondo.

E torná-la mais receptiva.



— Eu seria mais receptiva se não estivesse morrendo de fome!

Dama March não tocaria nessa desculpa de comida se estivesse morrendo de fome. Ela também não sofreria explosões petulantes.

Tento desinflar. — Então... Eu não posso comer?

Não pode. Não vai. Pelo menos, não essa sujeira.

Os aplausos dos compromissos destroem a conexão de Nicolai. Rolo meus olhos para o casal lindo e elaboradamente coberto, aceitando rosas brancas da multidão. Eles pingam rubis que pegam o sol.

Provavelmente filhos de generais de alto escalão. Eles tocam as mãos timidamente. Lágrimas brotam dos grandes olhos azuis da garota. Depois do Dia D, depois que a maioria de nós for morta, todos os emparelhados terão casamentos elaborados no Hyperion. Quando seu trabalho é continuar a raça humana, você começa cedo.

Por um momento estranho e desconectado, a garota olha diretamente para a fenda e é como se eu pudesse ver cada Adormecido que foi enviado para ela. Seu olhar triste e gritando queima na tela.

Logo eles estarão dentro de mim também.

Deslizando para fora a adaga que embolsei com o treino anterior, noto como seu cabo preenche perfeitamente a base da minha palma. Meu polegar fecha sobre o aço frio e uma sensação primitiva e eufórica toma conta de mim.

Nesse momento, eu poderia fazer qualquer coisa. Não tenho controle, nem limites morais que não possa ultrapassar. Eu me pergunto se é assim que é perdê-lo.

— Então deixe-me ver se entendi. — Minha voz começa a falhar como se eu fosse uma fruta podre prestes a se abrir. — Não posso comer certos alimentos, mas posso enfiar esta adaga no coração de alguém?

Exatamente, Nicolai ronrona em minha cabeça.



— Pare. — Imploro. — Por favor. O que quer que você tenha feito comigo, desfça.

Uma longa extensão de silêncio enche meu crânio. Só posso presumir que Nicolai está me dando tempo para me recompor.

Impossível, ele diz finalmente. Você é Dama March. De agora em diante, tudo que você fizer deve refletir isso.

— Mas estou com fome.

Então descubra algo.

Há um estranho alívio dentro da minha cabeça quando ele sai, e então me encontro caindo no ladrilho frio. Bramble cutuca meu ombro com cautela enquanto me concentro dentro e fora da poeira que cobre o chão, observando as pequenas esferas dançarem com minha respiração superficial. Sinto-me leve, oca, como se pudesse flutuar na menor brisa.

O que você fez, Graystone?

— Não Graystone. — Meus novos e perfeitos lábios sussurram. — Dama. Everly. March. — Cada palavra é uma luta, mas uma vez que são ditas, um pouco do pânico se evapora. — Você ainda é você, apenas melhor. Mais forte.

Limpando a poeira da minha bochecha, eu me levanto e digo: — Você é Dama Everly March e, se vai sobreviver, é melhor pensar como ela.

Episódio histórico evitado, coloco a adaga no bolso e passo alguns minutos vasculhando os armários da cozinha, embora eu saiba que algo próximo ao comestível já foi colhido deste lugar.

Hora de sair de casa.

Meu estômago aperta. O pensamento me assusta e me exalta. Queda da Sombra só daqui a uma hora. Haverá luz do sol, ar fresco e céu. Lembro-me da multidão de pessoas no mercado improvisado. Me convenço de que será

seguro durante o dia. Que minha adaga e minhas novas habilidades vão me proteger.

Vasculho a casa em busca de coisas para negociar.

Não demora muito para preencher uma folha cheia de itens. Um abridor de latas, pilhas, um destilador de água, uma barra de manjerição e sabão de tomilho pela metade, alguns talheres da cozinha, um pote empoeirado do que parece ser geleia de amora, a lanterna de corda de Max.

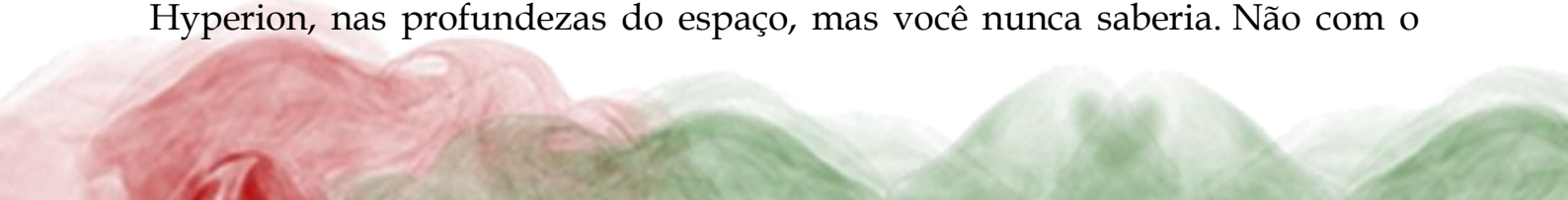
Antes de sair, eu olho para cima. O rosto de Caspian sorri para mim da tela de fenda acima da porta. Ele está mais velho, é claro. Seu rosto se inclinou para fora, seus olhos mais sombrios do que eu me lembrava. Ele está de pé em uma plataforma, sua capa de pele preta balançando em torno de suas pernas enquanto ele bate o pé impacientemente.

Uma enorme coroa dourada fica de lado em sua cabeça. Aplausos explodem da multidão quando ele dá um aceno rígido, com as mãos enluvadas de branco fechadas em punhos ao seu lado. Ele examina a multidão com vaga indiferença.

Em uma palavra, ele parece entediado.

— Vocês estão preparados? — O locutor fala arrastado de entusiasmo. — É isso, observadores reais, os resultados do compromisso que todos esperávamos. Príncipe Caspian Laevus, o Príncipe Real Soberano e futuro Imperador, terceiro primeiro descendente do amado Imperador Marcus Laevus, a mesma razão pela qual metade da multidão está quase desmaiando, certo, senhoras? — Há o som de risadas estridentes e excitadas, sobrepondo-se ao zumbido surdo dos aplausos.

A câmera focaliza a enorme multidão, com quase um quilômetro de profundidade, toda vestida de branco para os compromissos. Eles estão no Hyperion, nas profundezas do espaço, mas você nunca saberia. Não com o



castelo dourado erguendo-se atrás deles e as paredes feitas para parecer um céu perfeitamente azul. — E a sortuda Escolhida, nossa futura Imperatriz, não é outra senão... a universalmente amada Ouro da Casa Bloodwood, filha do estimado e honrado General Bloodwood, Condessa Delphine Bloodwood!

Gritos e aplausos rugem em meus tímpanos. Por um mínimo de segundos, meu cérebro lateja com algo. Uma emoção.

Mas então, quando abro a porta, o sol esquenta em meu rosto, a sensação se esvai como um odor fétido levado pela brisa até que não consigo mais me lembrar do cheiro real, só que não gostei.

O jovem Merc masculino postado contra a coluna salta de atenção.

— Minha senhora. — Diz ele, projetando o ombro em meu caminho. — Queda da Sombra está chegando.

Encontro seus olhos em pânico, preparados para lutar, se necessário.

— Então é melhor você ficar atento.

Um momento tenso. Um impasse, realmente. Estamos cara a cara. Percebo uma fina camada de pelos loiros logo acima de seu lábio superior. E seu peito é em forma de barril, indicativo de doença respiratória. Muito provavelmente um mineiro da Gália, a próxima Cidade Diamante. Não é um Merc usual.

Eles estão ficando desesperados.

Eu sei que ganhei quando ele recua. Brogue teria me impedido.

Ou, pelo menos, ele teria tentado.

Chego ao portão de ferro forjado quebrado perto da rua quando ele grita:

— Entre o quinto e o sexto intercostal, minha senhora.

— Desculpe?

— Sua adaga. É como você para o coração de um homem... Caso você tenha problemas.





Eu pego meu ritmo. O sol já está alto no céu.

Muito alto.

Estou fugindo. Eu me conheço, ou costumava me conhecer o suficiente para entender isso. Fugindo da casa que não é minha casa, das pessoas que não são minhas amigas, da comida que não consigo comer e da garota morta dentro no espelho.

A tela de fenda acima do mercado está ativa. Observo enquanto a mulher na tela enorme entra em seu caixão e demonstra como fazer o upload, enquanto uma voz serena flutua pelos alto-falantes.

— Cidadões de Cypher, sua cidade foi enviada para carregar. O não cumprimento será considerado uma ofensa ao Imperador, punível com a morte.

Os bronzes que aglomeram as tendas o ignoram. Em vez disso, seus rostos sujos e olhos vítreos olham para ela, vasculhando o céu cheio de fumaça. Eles têm mais medo do Queda da Sombra do que do Imperador e seus drones.

Lutando contra uma parede de cotovelos e ombros, agarro meu saco contra o peito e me perco por um momento, ignorando os bolsões de caos ao meu redor.

Dois meninos da minha idade espancaram uma pilha de trapos no chão com tacos. *Thunk. Thunk.* Um pé se contorce embaixo dele.

Desvie o olhar. Corra.

Uma jovem se oferece ao homem à minha esquerda. Para mim.



Desvie o olhar.

Quase tropeço em duas mulheres lutando na terra onde costumava ser o lindo jardim de rosas, antes que os incêndios as reduzissem a cinzas. A mulher maior em cima tem os longos cabelos castanhos da mulher menor enrolados em seu punho e está esmagando seu rosto no chão. Zombarias se erguem de um círculo de homens que as cercam.

Desvie o olhar. Continue.

Um cotovelo bate em minhas costelas e me arranca do meu torpor. Estou sob a fileira improvisada de tendas. O cheiro de carne queimada se mistura com suor acre e lixo podre. Exatamente onde eu preciso estar.

Escolho uma barraca perto dos fundos. A carne pendurada nas prateleiras não lembra a do gato de Max, pelo menos, e a mulher frágil e curvada de pé no balcão parece limpa.

Uma pequena parte de mim admite que a visei porque ela é bonita. *Fraca*. Eu deveria sentir pena dela, mas não sinto nada.

Bem, exceto a fome.

Os olhos desbotados da mulher espiam por trás de grandes óculos os produtos que eu coloquei. Seu olhar voa avidamente para os talheres, uma faca e um garfo com gravações de pérolas, duas delicadas colheres de prata. Um sorriso desdentado divide seu rosto.

Algo rasteja logo abaixo da minha pele.

Encontro os olhos da velha. Ela não é mais a avó fraca e sorridente. Uma imagem pisca dentro de seus óculos e eu fico gelada.

Eu me viro bem a tempo de encontrá-los: três homens, cada um maior que o anterior; cada um segurando um bastão cravejado de pregos. Eles têm sorrisos sádicos e olhos mortos.

No Fosso, eu sei em que categoria eles se enquadrariam.



Predadores.

E isso me coloca diretamente como a presa.



CAPITULO 21



Isca. A mulher era uma isca. Não preciso me virar para saber que a mulher fugiu. Assim como não preciso olhar para cima para ver o anel de fogo no céu está desaparecendo.

Este foi um grande erro. *Enorme*. De proporções épicas, estou ferrada.

— Então, vocês são os três idiotas com quem eu tenho que negociar. — Digo, orgulhosa que minha voz não tremeu. Minha mão, porém, treme incontrolavelmente ao entrar na bolsa e agarrar a lanterna de Max.

Rezo aos deuses para que as engrenagens ainda estejam funcionando.

Minha voz destemida faz meus algozes pararem a alguns passos de mim. Seu fedor pútrido atravessa a sujeira da carne estragada balançando logo acima da minha cabeça.

Uma rápida olhada me diz que a multidão desapareceu com a luz fraca. Estou sozinha.

— Ela tem uma boca esperta. — Diz o homem maior. Ele tem cabelo laranja queimado, membros esguios e mãos grandes, e olha para o homem do meio, obviamente o líder, enquanto fala.

Um sorriso divide o rosto do líder. — Drake, Mathias, por que vocês não mostram a ela o que fazemos com os espertos?

Isso não está indo como planejado. Se este fosse o Fosso, eu já estaria correndo sem pensar, minha mente inundada com a Perdição.

Eu brevemente me pergunto o que Dama Everly March faria. Antes que eu possa pensar mais, meu corpo reage e eu caio e rolo. Rochas pontiagudas da calçada de paralelepípedos em ruínas arranham minhas bochechas e cotovelos.

Céu, solo, céu. Rolo repetidamente, sob duas baias, sob uma mesa. Finalmente me encosto em uma cadeira de madeira e pulo de pé. A escuridão sufoca o ar, então mal posso ver minha mão na minha frente. Minha respiração irregular se alinha aos meus passos. Tropeço em uma barraca. Bato em uma grade de ferro cheia de ervas secas.

Antes que eu perceba, árvores grossas e cinzentas me cercam. Um caminho se abre. Meu pai e eu costumávamos passear por esta parte da floresta, recolhendo pedras e folhas.

Outras coisas usam essas árvores agora. Lembro-me do som da janela quebrando na casa do outro lado da rua, os gritos enquanto as crianças entravam.

Não crianças. Não mais.

A trilha desaparece. Galhos de árvore arranham meu rosto enquanto eu luto para abrir caminho através da folhagem densa, chutando e socando meu próprio caminho. Mas eu estou muito alto e logo a floresta se enche com os sons de galhos quebrando e respiração pesada, não a minha.

Isso é bom porque tenho um plano desesperado e lunático. Um que exige que meus atacantes e eu façamos o máximo de barulho possível.

Entro em uma clareira no momento em que uma sombra surge de uma das árvores. Então outra. Agora são três. Sua altura e fedor me dizem que são os cretinos do mercado.



Pego a lanterna de Max no bolso, giro as engrenagens, estendendo as mãos enquanto recuo. Uma débil elíptica de luz reflete nos rostos de meus algozes. O vento chicoteia tiras de meu cabelo sobre meus olhos. Percebo vagamente que minha camisa está rasgada no busto, expondo parte do meu sutiã branco, que parece brilhar na escuridão.

Outra camisa, estragada. Uma risada histérica borbulha no meu peito.

Não, não entre em pânico. O pânico é para os fracos. O pânico é para a presa, e você não é a presa. Não mais.

Eles me cercam até que eu não possa mais voltar. Depois da minha fuga mais cedo, eles estão sendo extremamente cuidadosos. Tenho a sensação de que eles estão desenhando isso. Aproveitando isso.

— Não deveria ter corrido, minha senhora. — O líder diz em uma voz suave e ameaçadora. Por causa da minha aparência e do meu vestido, ele provavelmente presume que sou uma Alta Cor. — Nós íamos nos divertir um pouco. Mas agora...

Meu coração aperta. O cretino ruivo está preguiçosamente acariciando a meia dúzia de unhas afiadas saindo de seu porrete. Ele cospe aos meus pés e ri, um som nervoso e agudo. Os outros se juntam.

Examino as árvores. *Onde eles estão?*

A floresta está quieta. De repente, sou inundada por dúvidas sobre meu plano. Eu cometi um erro. Um pequeno erro imperdoável que vai me custar tudo.

Enrole-se em uma bola. Oculte-se. Desapareça.

Não!

Não sou mais Maia Graystone, a garota que se escondia nos túneis. A menina que come rato e chora no escuro e fica com medo, sempre com medo.

Sou Everly March, a garota que lutará de volta.



Pegando a lanterna na mão esquerda, retiro a adaga que escondi dentro da manga. Ela dança dentro dos meus dedos. Agora eu gostaria de ter encontrado algo maior.

Pelo menos eles não estariam rindo de mim como se eu tivesse contado uma piada.

Mas o líder não está rindo. Seus olhos se demoram na lâmina. Ele pensou que eu não lutaria. Seus olhos escuros pegam meu olhar, espere. Posso dizer pela torção cruel de seus lábios que ele não gosta de surpresas.

Cuidado com ele.

— Olhe aqui. — Diz Mathias enquanto eles se aproximam. — A pequena cadela realista tem garras.

— Não vai ser tão engraçado quando estiver saindo do seu estômago, vai? — O provoco com um sorriso. Aparentemente, Everly March tem uma tendência impulsiva. Se eu conseguir sair daqui, terei que trabalhar nisso.

O grande corre para mim. Eu me viro para encará-lo.

Erro.

É uma finta, eu percebo, enquanto Drake ataca minhas costas expostas.

Instintivamente me encolho, girando enquanto faço. Mas além de uma lufada de ar silenciosa e um farfalhar de folhas, nada acontece. Ouve-se um grunhido agudo e o som de algo sendo arrastado rapidamente para as árvores.

Sombras escorregadias passam rapidamente pela minha periferia.

Drake se foi. O silêncio se estende e é interrompido por um grito agudo.

E agora são dois. Afinal, meu plano é bom.

Meus dois ex-algozes se amontoam, suas costas pressionadas juntas enquanto circulam lentamente.



Uma pequena sombra atravessa o espaço aberto e atinge o líder na coxa. Uma risada infantil ecoa pelas árvores. O líder toca sua perna e levanta a mão. Seu rosto está branco de choque.

Apontando a luz para a palma da mão, vejo que goteja sangue vermelho brilhante.

Saio em uma corrida tranquila e galopante. Minha lanterna balança inutilmente, então eu a coloco de lado e me concentro em minha adaga e entendendo a escuridão. Corpos borrados piscam ao meu redor.

Um galho me bate na bochecha, mas estou entorpecida demais para sentir.

Parte de mim grita para voltar. Encontrar refúgio com os outros. Eu estava melhor com meus algozes, porque três sempre serão melhores do que um.

Mas estou apostando minha vida na lição que aprendi na cova: ao lutar por uma presa, os predadores têm que se matar primeiro.

Uma pequena faixa acinzentada de luz corta a escuridão total. Estou fora das árvores e correndo. Correndo descontroladamente. Agora não consigo parar. Acho que ouço gritos e berros na floresta, mas não posso ter certeza.

Eu ganhei. Superei os predadores, e nem precisei usar minha adaga.

O mercado está vazio. Corto por duas barracas que vendem ervas medicinais e coloco minhas mãos nos joelhos.

Agora que minha adrenalina passou, meu corpo está tremendo, e me lembro que ainda preciso desesperadamente de algo para comer.

Eu deveria voltar para a casa-que-não-é-mais-minha-casa. A julgar pela escuridão das sombras, Queda da Sombra ainda tem mais meia hora para reinar.

Vá para casa, idiota. É só comida.



Exceto que não é. É voltar para dentro daquela casa de mãos vazias e ter que implorar comida a outra pessoa. É admitir que ainda sou a fraca e assustada sanguessuga que vive dos restos dos outros.

A lanterna zumba quando a enrolo, e a meia-lua de luz explode em uma estrela brilhante.

São necessárias mais cinco baías para encontrar algo adequado. Mações, um balde inteiro cheio. Elas estão machucadas e maduras demais, mas cheiram a céu. Também encontro ovos, embora a maioria esteja quebrada. Há até algumas batatas e um saco de farinha meio vazio com vazamento.

Tudo vai para uma colcha verde puída que alguém estava usando como cortina, que amarro para fazer um saco.

Meu corpo vibra de excitação. Mal posso esperar para ver os rostos de todos quando voltar com esse saque.

No último minuto, descubro alguns morangos perfeitamente maduros espalhados pelo chão. Seu cheiro perfumado umedece minha boca.

Espanando-os, lembro o quanto Max adora morangos e sorrio.

— Deveria ter continuado correndo, minha senhora.

O líder sorri para mim, sua expressão alegre é tão diferente da situação que, por um momento desorientador, acho que ele pode não me machucar.

Você achou que sairia tão facilmente? Nicolai pergunta dentro da minha cabeça. *Não há maneira de contornar isso. Ou você se torna uma assassina ou está morta. Sua escolha.*

Só assim, eu sei com certeza absoluta que se eu não usar de violência, ele vai me matar.

Mate-o, Everly, ordena Nicolai. Mate ele!

O homem ataca, uma lâmina brilhando em sua mão.



No Fosso, muitas vezes sonhei que os monstros estavam tentando me machucar, mas quando levantei minha arma, era algo inútil. Um sapato. Uma borboleta. Antigamente era até uma banana.

É assim que me sinto agora, brandindo a pequena adaga da sala acolchoada. O cabo é escorregadio e leve dentro da palma da minha mão, a lâmina do tamanho do meu dedo indicador.

Pouco antes de enfiar a arma nele, naquele segundo longo e esticado, vejo o rosto de minha mãe olhando para mim.

Essa é minha garota, ela sussurra.

Então seus olhos se tornam enormes discos brancos de surpresa quando a lâmina penetra em seu peito e afunda até o cabo. Minha mãe cai de joelhos, sua própria arma caindo de seus dedos. Pega em minha alucinação, eu me ajoelho e jogo meus braços em volta dela, tentando desesperadamente mantê-la de pé. O sangue encharca minhas roupas, minhas mãos.

— Mãe? — Sussurro, mesmo sabendo que não pode ser ela.

Ela é muito pesada para mantê-la em pé e nós caímos de lado na terra fria.

Fiquei ali por um segundo, respirando com dificuldade, presa sob o corpo. Eu sei que não pode ser minha mãe deitada em cima de mim.

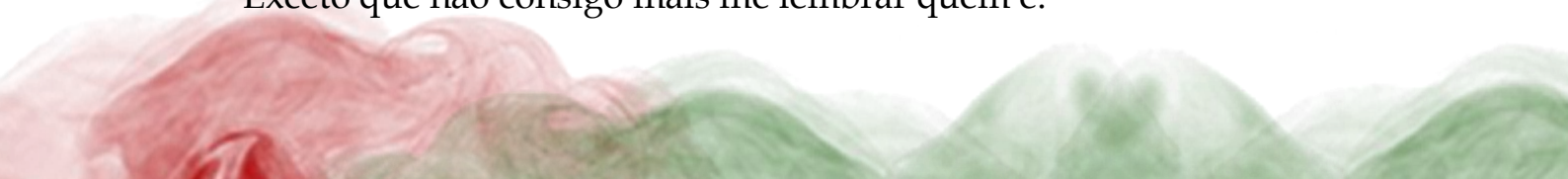
Mas eu a vi. Eu a vi.

Alucinação reconstruída.

Engolindo respirações gananciosas, digo a mim mesma o que preciso ouvir.

Não estou coberta de sangue. Fecho os olhos, vou dormir e, quando acordar, estarei na minha cama. Isso vai ser um pesadelo. E eu serei eu novamente.

Exceto que não consigo mais me lembrar quem é.



Everly, diz Nicolai. Você é Everly March. Aceite isso.

Uma escolha. Ser Everly March. Desligar minhas emoções. Terminar minha missão.

Ou ser a garota da qual não consigo me lembrar. A menina com medo de sua própria sombra. A garota que nunca tiraria a vida de outra pessoa.

A garota que vai deixar Max morrer.

Por fim me levanto. O corpo escorrega como um avental e o sangue escorre por meus braços e pernas. Não está mais quente.

Uma sombra se move e uma chama ganha vida. O brilho suave da lanterna centra-se na túnica branca e no colete carvão de um homem. Uma fita azul da moda prende seu cabelo preto até os ombros.

Mas, apesar de sua aparência cavalheiresca, seu rosto corta até os ossos, como se cada parte dele tivesse sido cinzelada. Pico da viúva irregular. Sobrancelhas arqueadas em formato de adaga. Maças do rosto afiadas como navalhas que eu poderia cortar uma maçã. Um olho é totalmente azul, o outro é de um verde claro e fascinante. Ambos têm cílios emoldurados por carvão tão grossos que parece que ele está usando delineador.

E ambos bebem o novo eu com curiosidade impenitente.

Suponho que suas feições sejam familiares, mas é seu semblante, a maneira como ele mantém a cabeça em um ângulo leve e me varre com seu olhar, que eu reconheço.

Riser não parece corrompido. Mas não tenho certeza de como é uma pessoa corrompida. Certamente não assim. Nicolai deu a ele uma espécie de beleza cruel e avassaladora, cujo objetivo é perturbar, penetrar profundamente sob a pele e se contorcer um pouco.



Os outros escolhidos são esteticamente atraentes por *design*. Sua boa aparência é uma harmonização de características simétricas complementares destinadas a transmitir saúde perfeita e criação impecável.

Eu penso em Caspian. Se seus traços físicos são um bálsamo calmante, os de Riser são uma arma rudimentar.

Mas não importa o quanto Nicolai melhorou as características de Riser porque Nicolai nunca poderia apagar completamente o olhar selvagem e predatório que assombra o rosto de Riser e o faz parecer que está a segundos de rasgar algo.

Por alguma razão, sinto-me aliviada por ele estar bem e franzo a testa com a sensação indesejável. Minha reconstrução deve ter suavizado meus sentimentos por Riser de alguma forma.

O sol reaparece, brilhando nas poças de sangue molhando a grama. Pego os morangos, amarro o cobertor em volta deles e coloco meu saco no ombro. Estou surpresa de como é fácil ignorar o corpo.

Seguro a bolsa. — Com fome?

Os olhos incompatíveis de Riser cortaram para o cadáver, minha camisa ensanguentada, meu rosto. Uma carranca contrai seus lábios. Seus dentes, noto, ao contrário do resto do rosto, não são exatamente perfeitos. Ligeiramente tortos. Uma pequena torção no canino esquerdo. Não o suficiente para chamar atenção, mas o suficiente para notar.

— Você está sangrando. — Ressalta.

— Obviamente.

Ele hesita antes de dar um passo hesitante para mais perto.

— Não consigo evitar esse sentimento de que deveria... Eu não sei, ajudar você de alguma forma.



— Bem-vindo a não ser um sociopata. É irritante se preocupar com os outros, mas você vai se acostumar com isso.

Ele se mexe desconfortavelmente com minhas palavras. Por mais que tente, não posso ignorar a pena que sinto ao vê-lo lutar com suas novas emoções.

Mas rapidamente recupero os meus sentidos. Eu sou um monstro agora, assim como ele. Um monstro lindo e vingativo. E neste jogo de monstros que Nicolai construiu, tornando-se outra coisa, algo que sinto, significa algo que eu perco.

Eu morro.

Atiro a bolsa para ele. — Pronto, Garoto do Fosso?

O olhar intenso de Riser nunca deixa meus olhos enquanto sua mão estala para pegar a comida. Eu ignoro a nuvem de tempestade de emoções se formando em seu rosto.

— Em seu comando, minha senhora.

Abaixando-se, ele cuidadosamente retira minha adaga do corpo, enxugando o sangue em seu lenço branco antes de entregá-la a mim.

Entre o quinto e o sexto intercostal.

Um sentimento horrível e sombrio toma conta de mim quando percebo que, em vez de culpa, sinto uma sensação doentia de orgulho.



CAPITULO 22



Eu sei que estou tendo uma memória de vigília. Embora eu esteja sentada na minha cama, posso ver minha mãe curvada sobre a mesa como se ela estivesse bem na minha frente. Seu cabelo está preso em um nó mole, um robe de seda azul engolindo sua figura esguia. Ela está falando com um holograma.

Eu luto para me concentrar no meu ambiente atual, mas minha cama se transforma no piso de madeira arranhado do escritório da minha mãe. Eles estão discutindo as previsões de baixo upload.

— Os fienianos estão espalhando boatos de que o upload é na verdade um extermínio em massa. — Minha mãe está dizendo. — As pessoas estão com medo.

— Que os vermes tenham medo! — O imperador Laevus sibila. Há um estrondo alto quando seu punho bate em algo duro, e eu agarro minhas cobertas, tentando piscar para afastar as imagens vívidas. — A maioria vai morrer, de qualquer maneira, e pela minha vida, não consigo entender por que estou tentando tornar as coisas mais fáceis para eles.

Minha mãe hesita. — Talvez devêssemos considerar intermediar uma trégua com os Fienianos.

— Como você ousa falar de uma trégua com aqueles vermes para mim. Você se lembra do que eles fizeram com Eleanor? Que tal minha filha recém-nascida, Grace?

— Ela era minha amiga, Marcus, é claro que eu...

— E ela era minha esposa! — O imperador se inclina para frente, coçando o pescoço com o dedo. — Por que você está falando de paz? Falou-se em simpatia pelos Fienianos? O que os parasitas sugadores de sangue na corte estão dizendo?

— Não, meu imperador...

— Talvez seja hora de Julgamentor a corte novamente.

No começo eu queria sair da minha alucinação, mas agora, curiosa, me concentro em minha mãe enquanto ela levanta as mãos em um gesto reconfortante.

— Quando os Julgamentos das Sombras começarem, imperador, a população se unirá aos finalistas de Bronze porque eles podem se relacionar melhor com eles e os uploads irão melhorar. Você vai ver.

— Nenhum verme pode entrar no Hyperion. — Ele balança a cabeça para si mesmo. — Os finalistas devem ser bem educados e de sangue nobre, acostumados com a corte e nossos costumes.

— Claro, existem milhares de Ouros desgraçados de Casas que já foram proeminentes que aproveitariam a chance de...

— Devemos ter cuidado para que nenhum verme passe através, Lillian. Assim que os finalistas entrarem na Ilha, eles devem ser orientados por Escolhidos para que possamos monitorá-los. Agora... — Ele junta as mãos. — Vamos discutir aquele pequeno bronze engraçado com quem você insistiu em se casar.

A memória está começando a desaparecer, a mesa da minha mãe derretendo nas paredes do meu quarto, e eu luto para ver o que acontece a seguir.

Minha mãe fica muito quieta. Há uma sensação de ameaça que não entendo, e a ideia de que alguém poderia fazer a mulher mais forte que conheço praticamente se encolher forma um buraco frio em meu estômago.

— Eu descobri que ele tem perguntado por aí sobre certas tecnologias proibidas.

— Os olhos penetrantes do imperador brilham perigosamente. — Eu preciso que Victoria fale com ele?



— Não! Você não terá isso...

Uma batida na porta me traz de volta à realidade. Esfrego minhas têmporas.

Alucinações estúpidas.

Antes que eu possa me recuperar de ser jogada no passado, Brogue entra vestindo um avental amarelo manchado com tulipas roxas brilhantes e cheirando a algo delicioso. Bramble grita com sua presença e corre até a beira da cama para cumprimentá-lo. Após uma pausa, Brogue cruza o chão e se senta na cama ao meu lado.

Ele limpa a garganta. Uma barba de dois dias sombreia sua mandíbula e seus olhos estão manchados, brilhantes e soltos. Enquanto ele luta para saber onde colocar a mão, me pergunto o quão longe ele está.

É difícil dizer. Podem parecer bem em um segundo e se desenrolar completamente no próximo.

— Flame trocou algo por carne. — Ele diz, acariciando as costas lisas de Bramble. — Isso e o que você pegou, nós nos arranjamos uma boa refeição.

— Não estou com fome. — Minto, concentrando-me nas estrelas falsas acima, e não na preocupação em seu rosto. Considerando que meus braços começaram a coçar loucamente e meu cérebro decidiu repetir minhas memórias com um projetor invisível, meu apetite está bastante baixo. Resmungo enquanto cavo minhas unhas sobre minha carne em uma tentativa de conter a sensação de vermes sob minha pele.

Brogue pigarreia. *Mais uma vez.* Claramente, conversar com garotas não é sua especialidade.

— Tenho simulações esta noite. Preciso da sua força.

Coço meu pescoço. — Vou sobreviver.



— Calma lá fora. — A cama levanta quando ele se levanta. Atravessando a janela, ele bate no vidro com os nós dos dedos e franze a testa.

— Regredir.

— Só daqui a uma hora.

Meu estômago ronca desafiador. — Com o que ela trocou, afinal? Não é o charme dela, com certeza.

— A pequena incendiária? — Há uma risada rouca. — Eu não tenho ideia sobre. Acho que também não me importo.

— Esquilo?

— Carne, Dama March. Não preciso saber de que tipo.

Rolo para encará-lo, sorrindo. — Como você sabe se um Fieniano está perto?

Os olhos de Brogue brilham. — Todos os cães e gatos desaparecem.

— Então você não se importa que ela seja uma rebelde Fieniana?

— Não é da minha conta.

Cruzo meus braços. — O Marquês Ezra Croft também não é da sua conta?

Assim que menciono o líder rebelde Fieniano morto, todo o corpo de Brogue fica tenso.

— Não mais.

Não mais? — Mas era... uma vez?

Ele suspira. — Outra vida atrás. Eu estava lá para o bombardeio de Dominus durante o acordo de trégua. O imperador era um tolo ao pensar que Fienianos e monarquistas podiam fazer as pazes e um tolo maior por confiar em Ezra, mas ele era apenas um filhote, um imperador temerário que tinha que provar que seu pai estava errado. Ele até divulgou o acordo de trégua como se fosse algum tipo de herói.



O imperador Rand III exibiu o vídeo do evento nas telas todas as manhãs por dez anos depois, para que a população nunca se esquecesse das atrocidades dos Fienianos. Ainda posso imaginar o pequeno sulco que formaria vincos na testa de minha mãe enquanto mexíamos nossa aveia fumegante e observávamos a esposa e o filho do imperador sendo feitos em pedaços.

Lembro-me da primeira vez que percebi que a garota na primeira fila da cerimônia era minha mãe. Com menos de vinte anos, ela usava a longa peruca branca popular na época, uma capa azul royal cascadeando gloriosamente ao seu redor, escondendo sua escandalosa gravidez de mim. Ela estava com vários da Casa Lockhart e outras casas Ouro proeminentes na época. Pratas lotaram o estádio em frente à Praça Laevus, os bronzes inundando as ruas para assistir.

A família do imperador Rand Laevus ficou ao lado, protegida por Guardas Ouro, os guardas designados para proteger a família real. As capas brilhantes que receberam o nome cintilavam ao redor dos Realistas como um anel de lindas chamas mortais. O príncipe Caspian e sua irmã gêmea, a princesa Ophelia, com apenas um, cada um segurava a mão de um guarda enquanto sua mãe, a imperatriz Eleanor, embalava a recém-nascida princesa Grace.

A capa vermelha de Ezra ondulou pelo pódio quando ele saiu, um ponto brilhante em um mar de azul, preto, prata e ouro, e então sangue vermelho pintou a tela rachada, e um grito ensurdecedor rugiu pelos alto-falantes. É disso que me lembro.

Então o silêncio.

Então os gritos.



A bomba era uma especialidade de Fienianos, um nano-triturador, ou seja, quando a Imperatriz cruzou o pódio para falar, segurando sua filha, os milhões de nano-estilhaços implantados sob o andaime basicamente as transformaram em pó. Mas os nanos não terminaram. Eles ainda tinham milhares de corpos para encontrar, carne para perfurar, sangue para respingar, osso para pulverizar.

Cercado pelos mantos dourados, o príncipe Caspian e a princesa Ophelia permaneceram intocados, assim como o imperador. Mas minha mãe ainda tem a grande cicatriz rosa claro em sua clavícula e pescoço daquele dia.

Agora, com esses pensamentos perturbadores pesando em minha mente, franzo a testa para Brogue.

— Bem, você pode confiar nos Fienianos, mas eu jamais irei.

— E ainda assim, aqui está você.

— Isso é injusto.

— A guerra é injusta. O asteroide que está nos seguindo é injusto. Vida é injusta. Talvez seja a hora, minha senhora, de você parar de acreditar que sua vida vai ser justa.

O que ele diz é verdade, mas não posso deixar de não gostar dele por isso.

— Bem, se fosse, eu não estaria presa aos rebeldes Mercs e Fienianos, ficaria?

Brogue fica rígido. — Você deveria comer.

Sua voz é cortada, formal e sugere o fim de nossa amizade.

Também cheira a uma ordem.

Nós nos enfrentamos em um concurso de encarar que eu ganho. Ele faz todo o caminho até a porta antes de se virar. — Você sabe, o que Nicolai faz ou



quem ele emprega, não é da minha conta. — Uma sobrancelha velha se arqueia sobre uma piscadela. — Acima do meu nível salarial.

— Mas esse é o benefício de ser um rebelde, certo? — Me apoio nos cotovelos. — Você consegue apenas dançar junto com as cordas do Titereiro sem uma única emoção para atrapalhar.

Eu odeio a crueldade em minha voz. O brilho duro em meus olhos. De todos os envolvidos neste plano insano, eu gosto mais de Brogue.

Talvez seja por isso que estou sendo assim, porque na verdade gosto dele.

Brogue estreita os olhos.

— Garota esperta. Mas se você fosse realmente inteligente, saberia que não danço para ninguém, Dama March, muito menos para um homem como Nicolai.

— Então por que você está aqui? — Sai mais como acusação do que pergunta. Não consigo afastar a sensação de que há mais nessa história. E preciso descobrir isso se quiser ficar à frente do jogo de Nicolai.

— Para mantê-la segura.

— Engraçado. — Minha voz soa fria até para mim. — Poderia ter usado você antes. Ou esse era o plano do Titereiro o tempo todo. O teste final?

— Ouvi dizer que você se saiu muito bem sem mim.

Meus dedos voam para o meu colarinho.

— Muito bem não são as palavras que eu escolheria. — Eu faço uma pausa. — Você quis dizer nós. Para nos manter seguros.

— Certo. O que eu disse.

— Não. Você disse para me manter segura.

— Nós, rebeldes, dizemos as coisas mais complicadas.



Piscando, ele junta três dedos sobre a testa na saudação do Centurião. Em seguida, ele faz uma reverência elegante e abrangente que eu nunca teria imaginado que ele fosse capaz de fazer e sai pela porta.

O fato é que eu já vi aquela reverência em particular, queixo contraído, joelho a uma polegada exata do chão, mão circulando três vezes, antes. É o arco centurião de elite normalmente usado para membros da corte e realistas.

Nicolai está empregando um Merc que já foi um manto dourado da Guarda Real. Sorrio, sabendo que estou um passo mais perto de entender o jogo de Nicolai.



CAPITULO 23



– Verme. – *A voz me tira do sono. A arquiduquesa está de pé sobre a minha cama, o rosto na sombra, a ponta do alfinete, parecido como um fio de cabelo, acima da minha córnea. Tento piscar, mas dois centuriões mantêm minhas pálpebras abertas. Meus braços estão amarrados à cama.*

Me debato, mas não adianta. – Não por favor...

– *Você realmente achou que poderia se esconder de mim, Verme?*

O alfinete mergulha...

As sirenes do toque de recolher me tiraram do pesadelo. Estou deitada em uma poça de suor, meus braços vermelhos de tanto arranhar durante o sono.

Coceira maldita!

Enxugando os olhos, tento apagar a imagem da arquiduquesa. Mas seu rosto sombrio me assombra.

Ela vai me encontrar. Eu posso sentir isso.

Saio da cama e molho meus lábios com um copo de água tépida e com gosto metálico. Ela se instala inquietamente no fundo do meu estômago vazio.

Não importa o que eu faça, o espectro da arquiduquesa paira sobre mim, então decido que é hora de uma conversa estimulante.

Lembre-se de quem você é agora. Você é Everly, não a fraca Maia. E Everly não tem medo de ninguém, então se recomponha.

A tripulação está reunida no saguão. Todos os olhos me encontram enquanto desço as escadas.

— Teve uma boa soneca, princesa? — Flame pergunta, sua voz enganosamente doce.

Ela está tentando me envergonhar. Meus pés sussurram escada abaixo e através do tapete de lã amarelo desbotado. Todo mundo fica quieto.

Paro quando Flame e eu estamos frente a frente. Flame pisca e eu sorrio. Ela está prestes a aprender que Dama March não tolera provocações.

— Por que você não pergunta a Brogue o quanto eu gosto de apelidos?

Flame sorri. — Aww, Princesa, afrouxe seu espartilho um pouco...

— Você me criou. Você sabe exatamente do que sou capaz. — Observo com profunda satisfação enquanto o sorriso de Flame morre lentamente. — Você pode conseguir colocar a mão em sua adaga, mas graças a você e sua tecnologia fora da lei, a minha já estará em sua garganta, ou em sua barriga, ou em vários outros lugares que agora conheço para matar alguém.

Silêncio. Flame finalmente perdeu sua voz.

Estou começando a gostar de ser Dama March, acho, enquanto sigo as outras pelo corredor. Riser desacelera. Tento aumentar meu ritmo para passar por ele, mas sua mão segura o interior do meu braço direito. Seus dedos são surpreendentemente quentes e fortes.

— Minha senhora, para você. — Uma maçã verde brilhante repousa em sua palma aberta. Combina com seu único olho verde. — Do jantar.

Fico olhando para a maçã. Imagine o suco doce e perfumado, o estalo quando meus dentes perfurarem sua pele brilhante. Meu estômago queima de



necessidade. Eu luto contra o sentimento inesperado de gratidão borbulhando dentro de mim.

— Obrigada. Porém eu não quero, obrigada novamente. — Recupero meu braço; ele dá um passo na minha frente. Por um momento, olho em volta, porque este homem elegante e generoso com ombros largos não pode ser Riser. Mas o olho azul, aquele colorido como um hematoma e assombrado por horrores não ditos, me diz o contrário.

— Pegue. Eu sei que você está com fome.

Me irrita com sua ordem. Usando minhas novas habilidades, obrigada, Flame, eu giro, bato meu ombro em seu peito e me contorço passando por ele. Há apenas um toque de couro e sabão.

Cage coloca a cabeça para fora do escritório e balança uma sobrancelha severa para mim.

Levanto um dedo de espera e me viro. Uma pessoa normal iria se chocar contra mim, mas Riser não é normal, nem pela metade, e seu corpo graciosamente para a uma polegada do meu.

— Você pode pensar que as coisas são diferentes agora. — Deixo escapar.

— Mas eu sei que por trás dessa fachada brilhante, você é a mesma criatura assassina do fosso.

— Talvez. — Seus olhos incompatíveis me seguram no lugar com sua intensidade, seus dentes cerrando enquanto ele procura por suas palavras. — Mas... Eu quero dizer... obrigado.

Levanto uma sobrancelha.

— O que você fez durante a minha reconstrução.

Todo o ar me deixa quando me lembro de como embalei seu lamentável corpo moribundo em meus braços. Meu coração amolece. Talvez eu deva



perdoá-lo pelo que aconteceu no Fosso. Seria bom ter um amigo, alguém que entende as emoções conflitantes que vêm com a reconstrução.

— Eu sei o que sou, Everly. — Ele continua suavemente. — Mas eu nunca machuquei você e nunca irei. O que posso fazer para provar isso?

Recuo como se tivesse levado um tapa. *Mentiroso, eu quero sibilar. Você me machucou. Você amarrou minhas mãos e me deixou para morrer... horivelmente, devo acrescentar.*

Ele acha que eu não me lembro que foi ele? Que eu ainda não sonho com aquele momento e acordo gritando loucamente? Que, de alguma forma, esqueci o pior e mais traumático incidente da minha vida? E vindo de alguém cujo pai foi assassinado diante de seus olhos, isso quer dizer algo.

Meu peito está pesado, a pulsação em meus pulsos salta descontroladamente. Eu odeio que ele possa me irritar assim quase tanto quanto odeio a rapidez com que quase esqueci o que ele é: um instrumento perfeito de violência e morte.

Um novo olho, um novo corte de cabelo e algumas maneiras, e eles esperam que eu confie no garoto que tentou me matar.

Como se isso pudesse acontecer. Endireitando meus ombros, eu o olho nos olhos e digo: — Quer saber como me fazer confiar em você? Morra.

O fantasma de um sorriso voa em seus lábios.

— Justo.

Justo? Quem responde assim, um psicopata?

Irritada e ainda com coceira, entro no escritório da minha mãe, onde eles têm os caixões preparados para os Sims.

— Teve uma boa conversa? — Cage pergunta enquanto eu deslizo por ele.

— Acho que chegamos a um acordo.



O escritório da minha mãe é pequeno e os Caixões ocupam a maior parte dele. Flame os reconectou para atuarem como Simuladores, mas meu estômago se agita de qualquer maneira só de pensar em entrar. A única parte da sala que ainda é a mesma é a estante de livros na parede oposta.

Como se estivesse lendo minha mente, Riser inspeciona o livro mais próximo dele. Sua camisa farfalha quando ele alcança o livro gasto, mas seus dedos cortam a miragem.

Cavo minhas unhas em meus antebraços e gemo.

— Não é real, Garoto do Fosso.

Flame corta seu olhar para mim antes de interromper.

— Os realistas destruíram todos os livros reais anos atrás, Riser. Lembra?

— Certo. — O afiado pomo de Adão de Riser balança enquanto ele engole. — Eu... Eu sei disso.

Cage e Flame compartilham um olhar enigmático. Conforme entro no Simulador, me pergunto o quanto da reconstrução de Riser realmente funcionou. A esta altura, ele deveria estar tão familiarizado com este mundo como se tivesse crescido nele.

Minhas costas arqueiam contra o metal frio, e eu me estico dentro da casca lisa. Tem cheiro de plástico queimado e metal. Riser desaparece em seu caixão à minha direita, e eu descanso minha cabeça e tento me concentrar nas instruções de Flame.

— Este será o teste final. — diz Flame. — Estaremos verificando suas novas habilidades, resolução de problemas, adaptabilidade, desenvoltura, astúcia, calma sob pressão, bem como erradicando os traços de velhos hábitos que podem atrapalhar a missão. Para torná-lo interessante, vocês trabalharão um contra o outro.



Meu pulso dispara e eu levanto minha mão. — Como saberemos o que fazer lá dentro?

— Um guia falará com cada um de vocês através do Sim. — Seu olhar pousa em mim neste momento. Suponho que ela seja minha guia e não esteja particularmente entusiasmada com isso. — Depois, vamos consertar o que pudermos.

Brogue cruza os braços carnudos. — Eu já vi Sims de nível cinco correrem antes, atrevida. Eles precisam de duas semanas após a reconstrução e um dia inteiro de preparação. Você conhece os riscos de entrar cedo demais.

Flame ergue os braços em aborrecimento. — Daqui a trinta e seis horas, esses dois precisam se apresentar ao quartel-general realista, então faremos isso agora ou não faremos isso.

Minha boca fica seca. Em menos de dois dias, entro na corte que desprezo. Por mais que eu queira dizer que não estou com medo, estou apavorada.

— Está claro? — Flame diz, olhando para mim. Minha expressão em branco confirma sua suspeita de que eu não estava ouvindo. — Se você ver algo estranho ou fora do lugar... — Ela repete. — Como algo que não deveria estar lá ou mesmo apenas uma sensação de lado, isso significa que há uma falha no programa e você precisa puxar a alavanca vermelha perto do teto.

Por algum motivo, levanto a mão. — E se eu não fizer?

A expressão de Flame não deixa espaço para discussão.

— Faça.

A cabeça de Cage aparece de cabeça para baixo sobre mim, seu hálito mentolado soprando sobre minhas bochechas.

— E, querida, tente o seu melhor para não morrer de repente.



— Desenhe isso. — Flame acrescenta. — Uma bala no intestino nos dá tempo suficiente para retirá-la do Sim antes que você expire, mas se não conseguirmos puxá-la antes da morte...

— Dores de cabeça. — Cage interrompe. — Concussão, coma, danos cerebrais irreparáveis. O de sempre.

Solto um suspiro ansioso. — Anotado.

Eu vi o aparelho parecido com uma gaiola que eles prendem em sua cabeça a partir dos filmes de propaganda, então estou esperando o peso frio e duro contra minhas têmporas. Eu não estava, no entanto, esperando o pânico que inunda minhas veias quando de repente não consigo mover minha cabeça.

Pouco antes de o visor rolar sobre minha visão, vejo Brogue, com a cabeça inclinada para o lado, um frasco de prata elegante colocado em seus lábios.

Ele acena para mim como se eu fosse um boxeador em quem ele está apostando, dá um longo gole na garrafa e me saúda com a mão livre. — Não pegue leve com o garoto só porque ele tem um rosto novo e bonito.

— Oh, você não precisa se preocupar com isso. — Franzindo o rosto em uma carranca feroz, tento parecer intimidante. Quero deixar Brogue orgulhoso, mas até eu sei que sou uma aposta terrível.

De repente, o aparelho faz um ruído sibilante agudo e se fixa como um torno. Meus olhos incham e vibram com a dor inesperada.

Nada. Um nada cinza e sem forma. O som está abafado, como se eu estivesse debaixo d'água.

Você pode me ouvir?

A voz de Flame nada preguiçosamente pela água.

Sim. Acho que falo, exceto que minha boca não se move.

Bom. Só para você saber, Riser vai vencer, e então todos verão você como a covarde fraca que você é.



Oh, ótimo. Alguém concorda comigo.

Vibrações. Meu caixão está se movendo. Não, é outra coisa. O som de algo sendo ligado, ganhando força. Há uma liberação poderosa de ar seguida por um assobio estridente. Estou balançando para frente e para trás.

Estou em um trem.

Outros sons enchem meus ouvidos: passageiros conversando, porcelana e delicados chocalhos de prata, música operística, o guincho de rodas quebrando.

A paisagem do lado de fora da janela é de um branco ofuscante. O céu azul-escuro flui pela tela de neve como um rio cheio. Ocasionalmente, uma nuvem de neve se desprende do topo do trem e dá a ilusão de nuvens.

Um vestido rígido amarelo-narciso com enfeites de pele escura e bordado de soutache azul farfalha em volta de mim e grita Realista. Um requintado regalo de raposa verde-esmeralda aquece minhas mãos. Eu luto contra a respiração provocante do espartilho puxando minhas costelas e tento sentar, mas a agitação ajustável interfere.

Realmente? Penso, torcendo para aliviar o osso do espartilho apunhalando meu lado. Nicolai não conseguiu encontrar nada mais confortável?

A beleza tem um preço, princesa, a voz de Flame ronrona.

Bem, não importa como você me veste; não há nenhuma maneira no inferno deixar aquele sociopata caolho vencer.

Se você diz.

Sua voz parece entediada. Estou perdendo um tempo valioso, duvido que Riser esteja conversando agora sobre sua roupa.

Me aproximo da primeira mesa. Um homem e uma mulher bem vestidos riem de alguma coisa, o dedo mindinho da mulher circulando a borda dourada



da xícara de chá enquanto o vapor se enrosca em seus dedos. O enorme anel de ouro incrustado de diamantes pendurado em sua junta ameaça cair.

O que deveria dizer?

— Qual é a sua cor? — A mulher exige.

A voz divertida de Flame interrompe.

Dama March não é um rato de igreja, princesa.

Certo.

E ela também não imploraria. Ela assumiria o controle da situação. Afinal, antes de sua família cair em desgraça, eles eram Ouros de alto escalão.

— Não é da sua conta. — Gaguejo, feliz pelo regalo escondendo minhas mãos inquietas.

O rosto solene de um cavalheiro alto em um terno escuro bloqueia meu caminho. Atrás dele estão dois centuriões inquietos.

— Bem, mocinha, certamente é da minha conta. Ingresso, por favor.

Porcaria.

Procuro em meus dois bolsos, mas eles estão vazios. Isso significa que não há ingresso. Um sussurro de pânico treme através de mim enquanto escondo minhas mãos suadas de volta no regalo.

Fique tranquila. Tem que haver um ponto para isso. Pense.

— Ela obviamente não pertence aqui. — A mulher brinca. — Prenda-a.

— Bilhete. — A mandíbula do condutor se contrai. — Não vou perguntar de novo.

Engulo. Se eu for presa, o Sim acabou e Riser venceu.

Você não vai deixar o Garoto do Fosso vencer. Pense. O que está fora do lugar? O que não faz sentido?



De repente, a calma toma conta de mim enquanto meu cérebro resolve o mistério. Deslizando uma mão para fora do regalo, eu viro meu pulso, oferecendo o bilhete dourado que esteve aqui o tempo todo.

O homem olha para a passagem, olha para mim e dá um aceno irritado para trás.

— Este carro é para Ouros, minha senhora.

— Desculpe. — Digo. — Eu devo ter me perdido.

Examino as paredes como se estivesse tentando me orientar para sair. *O que eu faço agora?* Sinto-me desamparada, inepta e completamente deslocada.

Uma ajudinha, Flame?

Apenas desista.

Ela solta uma risada estridente às minhas custas.

Aposto que você é boa nisso.

Se Flame pretende fazer com que eu me sinta derrotada, suas palavras têm o efeito oposto. Elas me lembram da escuridão. O medo. Elas me lembram o quão ingênua e ignorante eu era.

Elas me lembram que nunca poderei ser aquela garota novamente.

Vejo um homem elegante perto da janela. Ombros para trás e queixo erguido, deslizo propositalmente em direção a ele.

— Com licença. — Digo, descansando uma mão sobre seu ombro direito. Inclino minha cabeça para que meu pescoço fique exposto. Assim como planejado, seus olhos castanhos profundos traçam uma rota rápida do ponto do meu pulso até meus seios, que estão desconfortavelmente apertados no alto do meu decote.

— Você parece o tipo de homem que sabe o que fazer a seguir.

Bajulação e sedução. Duas armas prontamente acessíveis e, aparentemente, Dama March se destaca. Minha mãe ficaria orgulhosa.



— Ora. — Ele diz. — Dama March, eu estava começando a pensar que você nunca perguntaria. — Seus olhos pousam em meus seios novamente enquanto ele me entrega a nota. — Leia isso rapidamente, mas com cuidado. Você não tem muito tempo.

Recuando para o canto, meus olhos piscam sobre a elegante letra rabiscada no papel branco: *Encontre o homem no vagão do meio com a rosa dourada na lapela e mate-o.*

Só assim, eu sei que perdi. Não há como vencer Riser quando se trata desse tipo de desafio. Ele provavelmente já está na metade do caminho agora.

Mas pelo inferno, eu tenho que tentar.



CAPITULO 24



O trem faz curvas ao redor de uma montanha cinza, permitindo uma visão desobstruída de seu comprimento através da janela fosca. Paro de contar aos vinte. Mais de vinte vagões, pelo menos dez entre mim e o homem que tenho que matar. E ainda assim, não tenho arma.

O próximo vagão é maior e mais barulhento do que o primeiro. Vestidos de seda em todos os tons de preto que se possa imaginar farfalham e giram sobre um piso de parquet feito para dançar.

Homens lindos e escuros deslizam pelo mar cintilante de mulheres como enguias escorregadias. Um desses homens pega minha mão e me puxa para a dança. Curvando-se, ele mantém as palmas das mãos para cima, esquerda mais alta do que direita. Minhas mãos encontram as dele e estamos nos movendo em sintonia com os outros, encenando uma dança que eu nunca fiz antes, mas deveria saber.

Há pressão na minha cintura quando ele me vira. O teto espelhado gira em um redemoinho. Minha contagem está errada e meu cotovelo bate no ombro de uma mulher.

Todos olham para mim ao mesmo tempo. Encontro a contagem novamente com meus pés, embaralhar, arrastar, pisar, usando minha

respiração para encontrar o ritmo, mas outro passo em falso me faz tropeçar nos sapatos de couro envernizado do meu parceiro.

Você definitivamente deveria marcar minhas habilidades de dança como precisando de melhorias, brinco para Flame.

Os dançarinos não olham para mim desta vez, mas algo mudou. Eles estão girando mais rápido, braços e pernas se movendo em uma exibição quase violenta. A música martela dentro do meu peito. O ar está tão denso que mal consigo recuperar o fôlego.

Meu parceiro parece ter escapado.

Uma abertura aparece entre duas mulheres, e a pego correndo. Uma massa de corpos bloqueia minha fuga e alguém me empurra de volta. Embora eles não estejam olhando para mim, a multidão está se aproximando lentamente.

Um lampejo! Me viro a tempo de perder a adaga apontada para o meu pescoço e chuto a multidão, abrindo espaço suficiente para deslizar pelo emaranhado de carne.

Uma mulher se separa do grupo, um chicote preso dentro de sua luva branca. O ar estala quando seu chicote desce pela minha coxa. Grito.

Com um sorriso calmo, ela desce o chicote novamente, a ponta atingindo minha bochecha. Há uma picada incandescente e então minha bochecha fica dormente.

Recuo, mas o próximo golpe nunca vem. A ponta do chicote, um rabo de cavalo preto, envolveu minha mão. O puxo e corro.

O próximo vagão está silencioso e quase vazio. O sol entra pelas grandes janelas, enchendo o espaço com uma luz brilhante e implacável. Um homem está atrás de uma mesa no meio da sala.

Aproximando-me, vejo armas dispostas sobre ele.



— Dama March. — Diz o homem em voz nasalada. Ele olha seu relógio de peltre. — Você está inaceitavelmente atrasada. — Uma cartola preta coroa cabelos brancos e ralos e olhos azul-claros lacrimejantes. Enquanto ele fala, seus dedos beliscam as pontas de seu bigode branco.

— Minhas desculpas. — Não consigo desviar os olhos da mesa. Alinhada em uma linha organizada está uma pequena adaga com cabo de pérola, um garrote, um porrete de madeira, uma besta de prata e três flechas elegantes, uma grande pistola de prata e um frasco de veneno, claramente marcado pela caveira e ossos cruzados.

Rapidamente pondero minhas opções. A arma precisa ser pequena o suficiente para que eu possa escondê-la em mim, o que elimina a pistola, a clava e a besta. E o veneno tem muitos fatores desconhecidos.

Fico com o garrote e a adaga.

Estendo a mão para examinar o garrote, mas o homem me impede.

— Há um preço para tudo, Dama March.

— Claro. — Digo com uma voz surpreendentemente calma, considerando que não tenho ideia de como vou pagar. Encontro os dois bolsos do meu vestido vazios, novamente. Meu regalo... mas o perdi no último carro.

Não tenho nada com que negociar. Talvez eu devesse roubar alguém enquanto dançava, mas essa opção está perdida para mim agora.

Ooh, nada bom, Flame comenta em minha cabeça.

Uma sobrancelha branca e espessa se levanta. — Problema?

— Não. — Balanço minha cabeça para dar ênfase, deixando algumas de minhas mechas, enroladas e arrelhadas em um ninho romântico coroando meu crânio, livres. — Sem problemas. Estou apenas... — Olhando em volta, vejo uma garrafa de cristal; a luz do sol transforma o líquido vermelho escuro em



uma ameixa tumescente e salta para dentro dos três taças cordiais ao lado dele.
— Com sede.

O homem não tirou os olhos de mim. A maneira como seu olhar continua voando para os meus bolsos me diz que ele suspeita que estou tramando algo, mas ele quer acreditar em mim. Sua ganância o cega.

Alcanço meu decote como se realmente houvesse algo lá. — Vou pagar o dobro do preço pedido.

Seu olhar pousa no meu peito, e um rubor de expectativa ruboriza suas bochechas.

— Um brinde, então.

Enquanto ele derrama nossas taças, penso sobre meu próximo movimento. Meu coração bate tão forte que acho que ele certamente vai perceber que não pretendo pagar. Mas ele me entrega a taça fria e leve, levanta o seu e sorri.

— À sua generosidade infalível e à minha saúde infalível.

E então eu entendo. Ele estava esperando que eu tentasse usar uma das armas para matá-lo e pegar o que eu queria. Bem, estou mudando um pouco as coisas.

Nossas taças se chocam com um som de *chink*. Ouço o som de vidro se estilhaçando e o líquido em minha taça sangra da borda irregular onde se quebrou, manchando o forro de pele de minha manga.

— Oh, meu Deus. — Digo, tentando parecer envergonhada. — Isso foi minha culpa.

A taça do homem ainda oscila no ar. Um raio de sol perfura seu conteúdo e dança sobre sua expressão impenetrável.

— Claro. — O homem diz, suas palavras lentas e cuidadosas. — Que desajeitado da sua parte.



A última taça remanescente incha com o líquido escuro. Ele hesita antes de entregar a bebida para mim.

— Virando? — Digo, minhas palavras arrastadas com impaciência.

O líquido atinge meus lábios primeiro. Rum Blackberry, pelo sabor, um favorito dos monarquistas. O homem, que ainda parece incomodado com alguma coisa, levanta a taça, lentamente, com a boca aberta. Paro de respirar enquanto vejo o líquido vermelho subir pelo vidro. Beijar seus lábios...

Ele bate a bebida com um estrondo, cuspiendo. O rum vermelho-arroxeadado explode na mesa e escorre pelo queixo. Não sei dizer se ele engoliu alguma coisa ou não.

— Você trapaceou! — Ele acusa. Um dedo toca a mancha vermelha sob o queixo, onde o líquido envenenado ainda goteja. Seu olhar repousa sobre a garrafa marcada com um X. Não tive tempo de colocá-la de volta exatamente onde estava, e ela está na beirada da mesa agora. Um sorriso estica seus lábios. — Garota esperta.

Minhas mãos ficam dormentes.

Inferno Fienian, ele não engoliu.

Então sua mandíbula afrouxa, seus olhos opacos, e ele derrete no chão, o sorriso de manequim ainda estampado em seu rosto. Uma fina fita vermelha escorre de seu nariz.

— Sinto muito. — Falo, colocando o garrote e a adaga em cada bolso, tudo isso vai caber. Mas eu não sinto. Por mais que tente, não sinto muito.

Nem um pouco.

Há uma sensação de urgência forte agora, enquanto entro no próximo vagão. Paro no meio do caminho. Crianças, um monte de meninos e meninas vestidos com linho branco limpo. O alívio toma conta de mim quando percebo



que não terei que usar a violência, pelo menos, seja o que for que este vagão tenha reservado para mim.

Vários brinquedos infantis, trens de madeira, blocos, um pião, espalham-se pelo chão. Passo por cima deles enquanto caminho. As crianças correm ao meu redor como se eu fosse invisível. O chão treme com o bater de seus pés descalços. A bainha da minha saia se estende na minha frente, derrubando um pião. Ele rola pelo chão e bate na lateral do vagão. Uma sensação maçante e incômoda de mal-estar faz cócegas na minha nuca.

Isso está muito fácil.

Estou quase na porta quando uma brisa sussurra contra minha bochecha. Uma mecha livre do meu cabelo, vermelho acobreado sob esta luz pura, faz cócegas no meu lábio inferior. A janela à minha direita está totalmente aberta. Uma criança se apega ao exterior. Os dedinhos apertam o peitoril da janela, a cabeça pressionada para baixo, agindo como uma alavanca para impedi-la de cair enquanto seu cabelo castanho ondula com o vento.

Uma de suas mãos escorrega e ele grita, mal se segurando, seus dedos borrando o vidro. As outras crianças o ignoram.

Tenho que tomar uma decisão. Salvar o menino ou terminar minha missão e vencer. Estou surpresa com o quão pouco sinto por ele, apesar de saber que sou sua única esperança.

Na verdade, eu me ressinto por ele ser fraco. Por não se ajudar.

Meus pés se movem. O vento puxa impiedosamente meu cabelo e molha meus olhos. Eu vejo o rosto do menino enquanto ele olha para mim. Não sei por que estou aqui, queria ir por outro caminho. Mas parte de mim está aliviada por não ser um monstro completo. Eu ainda sou resgatável.



O ajudo sobre o lado. É quando eu noto o apito dourado pendurado em seu pescoço. Ele sorri para mim, os olhos castanhos brilhando de gratidão, pega o apito entre os lábios e sopra.

As crianças param de brincar.

— O que você está fazendo? — Grito por cima do zumbido do trem. — Pare. — Continuo gritando enquanto ele traz o apito mais uma vez aos lábios.

Através da porta que leva de volta ao vagão de dança, vejo a forma distante de um Centurião. Sua cabeça se vira em dúvida quando outro grito alto do apito perfura meus tímpanos.

— Você não é Dama Everly March. — O rosto do garoto se contorceu em uma careta odiosa e seus lábios se curvaram em torno do apito para um terceiro golpe. O Centurião vai me encontrar se ele fizer isso.

— Por favor. — Imploro. — Não faça isso.

Eu pensei que não era um monstro. Mas minhas mãos, lindamente delgadas, graciosas e aristocráticas destinadas a dançar em um piano ou servir chá, seguram cada ombro minúsculo, os ossos de um filho afiados e frágeis sob minhas palmas, e dão um pequeno empurrão.

Fico olhando para o vazio onde ele se agarrou. Minhas mãos ainda estão erguidas, perfeitamente imóveis, sem remorsos. Uma rajada de neve dança através da janela e pousa na ponta de um dedo bem cuidado, desaparece.

Vasculho meus bolsos, procurando as armas enquanto faço meu caminho para o próximo vagão. Sinto-me distante, afastada de mim mesma. Meu reflexo fica preso na vidraça da porta antes de eu abri-la. A luz do sol ilumina minha metade direita, deixando o lado esquerdo escuro.

Por um breve momento, vejo a garota que costumava ser resolvida na escuridão. Seu rosto inocente e simples sorri para mim, meu reflexo em metades perfeitamente opostas.



Velha e nova.

Fraca e forte.

Sinto muito, penso, enquanto ela derrete como o floco de neve, e eu abro a porta do próximo vagão. Não há mais lugar para você.

Exceto que estou errada. Uma mulher espera por mim do outro lado. Ela está vestida com um macacão dourado, seu florete levantado em posição de guarda, pronta para atacar. O vagão inteiro é uma réplica exata da sala acolchoada em que eu costumava treinar.

Um florete de ouro repousa aos meus pés.

Meu coração dispara quando percebo que eles querem que eu lute contra a única pessoa que não posso derrotar. A única pessoa que pode ver, através da minha Reconstrução, a menina assustada abaixo.

Minha mãe.



CAPITULO 25



— Mãe! — Eu sei que ela não é real. Eu sei que ela não é. Mas tudo que quero fazer é me jogar nos braços dela e chorar. — Mãe...

— Em guarda! — Ela estala, seu corpo enrolado tremendo de antecipação, assim como todas as outras vezes.

A raiva se acumula entre minhas omoplatas. De alguma forma, provavelmente durante minha reconstrução, eles souberam sobre aquelas sessões torturantes.

Esta não é uma reunião; é um duelo. Um que eu tenho que lutar e vencer se quiser derrotar o Garoto do Fosso, o que eu quero desesperadamente.

Me inclino, agarro o pomo, levantando o florete de uma mão para a outra para testar seu peso. Satisfeita, saúdo e me abaixo, esticando o braço até que a lâmina fosse apontada diretamente para seu coração. Meu braço esquerdo se curva para trás e sobre minha cabeça como a cauda de um escorpião.

Então faço contato visual com minha mãe. — Pronto.

Minha mãe avança como uma cobra.

E eu me oponho e recuo.

A ponta de seu florete atinge apenas alguns centímetros do meu coração. Antes que eu possa me recuperar, ela está atacando novamente. Um

grito sobe dentro de mim e eu bato na parte de trás do vagão, girando para a minha direita.

Ela segue, quase sem se mover, uma mola de aço e está se aproximando.

Tropeço, quase sendo atropelada. Enquanto ela recupera a posição de guarda, seus olhos se fixam nos meus.

— Você é fraca, Maia. Fraca e lenta e...

Ela salta para frente, seu florete assobiando no ar em direção à minha garganta. A ponta sai do meu pescoço. Sangue quente escorre pela bainha do meu corpete.

— Fraca e lenta e facilmente distraída. — Ela continua, seus pés em silêncio enquanto eles ganham terreno sem parecer se mover. — Você está desistindo, Maia?

Ela ataca novamente, e eu caio para baixo para uma estocada, quase acertando seu peito.

— Este não é meu nome!

— Não? Eu tive uma filha como você uma vez. Ela era fraca, assustada. Desamparada.

— E então você a abandonou. — Atiro, e ela defende sem nem mesmo um grunhido. — Você deixou seus filhos para morrerem! — Ataco novamente, mas ela cobriu seu florete baixo, e perfurou meu ombro.

Grito de dor e caio para trás antes que ela possa me empurrar novamente. Seus lábios se apertam em escárnio.

— Maia fraca, fraca. Você não é filha minha.

O sangue goteja no chão branco acolchoado. Eu não posso vencê-la. A raiva e a decepção que sinto são tão reais que quase me sufocam.

Minha mãe está certa. Mesmo reconstruída, não sou boa o suficiente. Eu nunca vou ser boa o suficiente.



Posso acabar com isso agora, Flame oferece. Não há razão para sofrer se você já perdeu.

Oh, o que eu teria dado para alguém ter acabado com isso naquela época. Perder de propósito só teria enfurecido minha mãe, então aprendi a fazer parecer que estava perdendo em um acidente, encontrando maneiras cada vez mais criativas de perder.

Na verdade, essas sessões me ensinaram a ser astuta e engenhosa.

Minha mãe retoma a posição de guarda em preparação para o golpe final. Mas meus olhos estão grudados no contorno fraco da porta.

— Eu não era o que você queria, mãe. — Digo, tentando evitar que minha voz falhasse. — Mas fui inteligente.

Ela zomba, seu corpo enrolado para saltar. — E como ser inteligente ganha uma luta?

— Não ganha. Isso me tira de uma.

Pulo para a porta quando ela bate. Minha mão bate na maçaneta da porta, ela se abre e eu entro.

Não há razão para ficar e lutar uma batalha perdida quando você pode simplesmente partir.

Caindo na porta, puxo o ar por um momento, repassando meu novo plano. A ideia é tão simples que me pergunto como a perdi. Não preciso lutar para chegar ao vagão do meio. Na verdade, se eu tiver alguma chance de ganhar, preciso voltar para o vagão-piloto, que está mais perto.

Olho para a porta na minha frente, fazendo uma careta com a ideia de atravessar os vagões pelos quais já passei.

A menos que eu esteja sendo inteligente e passe por cima deles.

Uma risada histérica escapa da minha garganta.



Princesa, você enlouqueceu, Flame acusa. Vindo dela, o termo pode ser um elogio.

Você quer loucura, Fieniana? Veja isto.

A escada que leva ao telhado está escorregadia de gelo. No topo, uma rajada de vento joga neve contra minhas bochechas e arranca o resto do meu cabelo preso, chicoteando minha visão. O sol apareceu abaixo da montanha.

Forço um pequeno passo, tentando não olhar para o chão milhares de metros abaixo. A ponte inacabada assoma à frente, mais perto do que eu esperava.

Apenas um Sim, eu me lembro. Não é real.

Minhas botas escorregam e deslizam pela fina lama gelada que cobre o telhado. Meu estômago afunda a cada vez enquanto meu cérebro inutilmente fornece cenas de mim despencando para a morte. Chego ao fim do vagão e navego com sucesso no meu salto para o próximo vagão quando ouço.

Ou melhor, sinto.

Alguém está atrás de mim.

Eu sei que é Riser antes mesmo de me virar. Por alguma razão, não estou surpresa. Todos os medos que eu tinha sobre ele de repente se tornam realidade quando olho para a pistola pendurada frouxamente em sua mão esquerda. Meu peito se ilumina e um estranho vazio me preenche.

Eu havia assumido o tempo todo que as ordens de Riser eram as mesmas que as minhas. E elas eram semelhantes. Ele foi ordenado a matar alguém.

Eu.

— Dama March. — Riser está com um sorriso irreverente, seu cabelo voando ao vento. Seu gibão negro como carvão e sua capa carmesim contrastam fortemente com sua pele pálida. Nenhum traço de dúvida ou remorso enfeita seu rosto reconhecidamente bonito.



Ele corre dois dedos pelo queixo como se achasse minha situação curiosa. Apenas a lacuna entre os vagões nos separa, não que sua pistola se incomode. Luto contra o breve toque de prazer que sua presença traz, sabendo que é apenas minha reconstrução.

Sério, como eu poderia ficar feliz em ver alguém que está prestes a me matar?

— Garoto do Fosso. — Grito em saudação acima do vento, de repente desejando ter escolhido a besta. Uma flecha saindo do oco de sua garganta me deixaria tonta agora. — Você ganhou, então siga suas ordens como um bom menino e atire em mim.

Sua testa franze. — É isso que você quer?

Faço uma pausa. Algo está errado. Ele deveria ter atirado em mim agora. Talvez ele esteja brincando comigo? Ele quer esfregar sua vitória? Dar-me um pequeno vislumbre de esperança para que ele possa arrancá-lo das minhas mãos?

— Recebemos as mesmas ordens, Dama March. O homem com a rosa de ouro? Eu o conheci. Bom rapaz. — Ele levanta uma sobrancelha desafiador. — Mas não estou seguindo suas ordens.

Nossos olhos se encontram. Ele está tão inclinado sobre a lacuna que mesmo o menor solavanco o derrubaria. Embora eu tenha certeza de que gostaria disso, o pensamento faz minhas mãos suarem. O que quer que ele esteja tentando fazer, ele parece em conflito.

Como se uma parte dele quisesse pular a barreira e me empurrar para o abismo e a outra parte estivesse lutando contra ele.

— Então, as ordens de quem você está seguindo?

Ele suspira, como se não pudesse acreditar no que estava prestes a dizer.

— Suas.



Minha mão bate o grito de volta em minha boca enquanto ele cai para o lado, sua capa escorrendo atrás dele. Eu vejo seu corpo virar de ponta-cabeça até que se torne uma pedra escura contra a neve.

Há um grito de surpresa dentro da minha cabeça quando Flame reage.

— Rápido! Puxe ele!

Sua voz me tira do choque. A ponte surge à frente, perto demais. *Corra, idiota*, meu cérebro grita.

E então eu faço.



CAPITULO 26



Picadas penetrantes e incômodas. Elas apunham meu rosto e meus dedos expostos. Meus lábios estão duros, frios e doloridos ao se mover, e o sangue na gola da minha blusa se transformou em uma crosta gelada. Relaxo meu corpo congelado na espreguiçadeira na parte de trás do vagão vazio, tentando colocar calor suficiente em meus dedos para que eu possa agarrar o garrote.

Felizmente, o calor da fornalha do motor tornou esta sala insuportavelmente quente e meus dedos se tornaram dobráveis novamente.

Não tenho certeza do que estou esperando quando abro a porta do piloto.

Eu sei que haverá um condutor.

Sei que para mudar o curso do trem, terei que matá-lo e que, mesmo que seja uma experiência simulada, vai parecer terrivelmente real.

Mas não espero que o condutor seja meu pai.

— Olá, Maia. — Diz ele.

Pisco e esfrego meus olhos. Por um segundo, ele vacila. A menor das falhas. Tão pequeno que presumo que tenha inventado.

Algo não está certo, diz Flame. Olhe para cima, acima da porta.

Eu faço como ordenado.

Vê a alavanca vermelha? Puxe.

Eu quero, mas não posso. Meu pai está sorrindo para mim, seus olhos gentis, calorosos e brilhantes. Eu sei que não é real, mas não me importo. Ele está falando comigo. É uma conversa que tivemos pouco antes de ele morrer. Eu me esforço para ouvir as palavras.

Puxe a alavanca, Flame ordena. Sua voz está estranhamente calma, o que realmente me assusta mais do que se estivesse em pânico.

— Está tudo bem. — Meu pai está dizendo. Ele estende a mão para me confortar. Assim como quando eu tinha nove anos, eu me afasto, com raiva dele porque minha mãe não está aqui para culpar. — Todos nós queremos nos apegar a quem éramos. Mas você não é mais uma criança, Maia, e é hora de você crescer.

— Se eu fizer isso. — Digo. — Vou me tornar outra pessoa.

O rosto de meu pai se distorce de modo que seus olhos caem um pouco. A cadeira de couro do condutor em que ele se senta torna-se sua poltrona verde favorita, e parte do para-brisa do trem ruge e se transforma na lareira acesa atrás dele.

Sua voz normalmente rica torna-se um som mecânico. — Todos nós temos que mudar. — O garrote, que de alguma forma chegou às minhas mãos, estremece. Seus grandes olhos derretidos olham para o garrote.

Ele sorri. — Mas não importa o quanto você mude, você sempre será minha linda garotinha.

O para-brisa oscila e, como uma tela mudando de canal, a imagem volta para a paisagem fora do trem. A ponte sobe à direita. Se eu não mudar de faixa agora, vou perder minha chance.

Última vez que digo, Princesa, Flame diz. *Puxe*.

A alavanca, *Everly*. A voz de Nicolai se junta à de Flame.



Em vez disso, volto-me para meu pai. — Você sabe o que tenho que fazer, papai.

Ele balança a cabeça, uma pequena carranca escurecendo seu rosto. — Sobreviver.

O garrote desliza facilmente em seu pescoço. Desvio a cabeça e giro, contando até sessenta. Seu corpo cai aos quarenta e sete. De alguma forma, meus dedos encontram o botão certo no painel para mudar as faixas.

Há gritos. O trem balança para a direita, estremecendo enquanto faz a curva fechada.

Olho para cima, mas a alavanca vermelha no topo sumiu. Chamo Flame para obter instruções, mas ela não responde mais.

Ignorando o corpo na cadeira, encontro a porta e abro. Uma onda de vento violento bate em mim.

Ponte, céu, ponte, céu.

Eu espero. O tempo passa correndo. E então eu olho para baixo e, em vez dos trilhos do trem, vejo o ar.

Ouçó um barulho horrível de metal contra metal, como se o trem estivesse gritando, e o chão desaparece de meus pés. Silêncio total, como se estivesse dentro de um vácuo. Estou suspensa no ar. Sem peso. Uma curiosa sensação de queda preenche minha barriga. Café preto fumegante escorre da xícara preta flutuando perto da minha cabeça.

Por um único e assustador momento, estou congelada.

Meu pai está entre os destroços em pausa. Não a versão defeituosa, mas a de carne e osso. O que beijava-antes-de-dormir. Aquele que queimava sua torrada.

O que está morto.



Cada detalhe dele é real. Os cabelos brancos que fazem seu cabelo ruivo parecer loiro ao sol. As duas linhas profundas que marcam sua testa. Seus óculos de armação de metal, lentes rachadas no canto, espreitam de seu bolso. Cacos de vidro, congelados no tempo, brilham em volta de sua cabeça.

E eu entendo que de alguma forma, de alguma forma, ele deixou este último pedaço de si mesmo para mim dentro do Sim.

— A chave... — Ele diz, seus olhos fundos implorando. — Você deve manter a chave segura. Faça o que for preciso.

— Espere. — Imploro com uma voz estrangulada.

— Não temos muito tempo. Ouça, não confie em ninguém. Você precisa encontrar sua jornada...

Simples assim, ele se foi. Como se estivéssemos parados e alguém pressionou o botão de começar, tudo irrompe ao mesmo tempo. Cacos de vidro batendo na carne exposta de minha cabeça e mãos. Algo esmaga minha boca. O ar chia com ruídos de morte terríveis, uma cacofonia de gritos horríveis.

Um deles, eu sei, é o homem com a rosa de ouro.

Leva toda a energia que me resta para segurar a porta aberta, me arrastar para o lado, o vento pintando meu rosto com meu sangue.

Há inúmeras coisas com as quais eu deveria estar chateada agora. Meu pai. O fato de que minha tarefa final era matá-lo, e que a fiz com relativa facilidade.

O fato de eu poder acordar com um cérebro confuso porque fui teimosa demais para puxar a alavanca, ou nunca mais acordar.

Mas tudo em que consigo pensar enquanto abro os braços e me preparo para pular é a inebriante pressa que sinto por vencer essa tarefa.



CAPITULO 27



Um barulho horrível me acorda. Leva menos de um segundo para perceber que estou gritando, ou melhor, gorgolejando meio-gritos animais e me debatendo loucamente.

No mundo real, todas as emoções que eu deveria sentir no trem finalmente me alcançaram.

Brogue me ajuda a ficar de pé.

Fico mole, mas minha mente está selvagem de raiva. — O que, diabos... foi isso? — Flame está mais perto, então concentro minha ira nela. — Você colocou meus pais no Sim para bagunçar minha mente?

— acredite em mim, princesa. — Flame cospe. — Esse navio navegou há muito tempo.

Olho para Cage. — Eu quero voltar.

Brogue aperta meus ombros. — Calma, Dama March...

— Não! — Afasto suas mãos. — Ele estava tentando me dizer algo. Se eu pudesse voltar...

— Não. — Flame diz cuidadosamente. Devo parecer à beira da violência porque ela está apoiada no caixão de Riser, mantendo pelo menos um metro entre nós. — Essa foi a falha. Faz você ver e ouvir coisas que não existem. — Há uma pausa. — E eu não puxei você. Você estava muito longe.

— Certo. — Questiono. — Então quem foi?

Todo mundo está olhando para mim. Percebo que algo deu errado e eles não querem me contar.

— Você fez. — É Nicolai. Ou melhor, seu holograma encapuzado. O seguinte silêncio me diz que puxar a si mesmo não é uma parte normal do Sim.

— Mas como?

— Boa pergunta, considerando que é impossível.

A maneira como os outros estão olhando para mim me deixa desconfortável. Limpo minha garganta.

— Então, o que vem a seguir?

Brogue cruza os braços. — Eu não acho que você está pronta...

— Ela está certa. — Flame interrompe. — Precisamos seguir em frente.

Eles discutem por alguns minutos, mas Flame consegue o que quer. A primeira coisa que fazemos é corrigir as falhas apontadas no último Sim, um exercício que leva apenas alguns minutos e parece que estou sonhando.

Em seguida, o Sim de treinamento com armas. Estes são Sims de nível dois bastante simples. Aprendi que minha velocidade me torna boa com a adaga, espada curta e luta corpo a corpo, mas minha pontaria com a pistola e a besta é atroz. Riser se destaca em todas as formas de armamento, algo que ele fica muito feliz em apontar enquanto me bate todas as vezes.

Brogue finalmente incita Flame a nos conceder uma pausa. Quinze minutos, então vamos consertar as deficiências gritantes em minha pontaria e Riser pode engasgar com aquele sorriso exultante que ele está usando.

Meu corpo precisa de uma pausa mais do que eu penso, porque me encontro no meu quarto. Já passa da meia-noite. Do lado de fora da minha janela aberta, uma cidade negra gravada contra um céu azul aveludado estala com estrelas.



Rastejando pelo pequeno espaço, contorno o telhado e espio pela borda, provavelmente mais perto do que deveria, tremendo no ar noturno ventoso.

Uma pergunta queima em mim: que tipo de monstro mata seu pai?

Se eu não estivesse tão focada em vencer, se tivesse apenas pausado a tarefa e feito mais perguntas...

— Vai pular? — A voz de Riser me assusta e eu instintivamente me afasto de sua presença...

E quase na beirada do telhado. Giro bem a tempo, agarrando-me às telhas em ruínas com todo o meu corpo enquanto uma rajada de vento envia um azulejo solto para o lado.

Minhas bochechas queimam enquanto ele me observa escalar para uma posição mais estável colocada contra o beiral.

— Você se importa com alguma coisa? — Exijo, em partes iguais envergonhada e furiosa. — Quero dizer, além de você.

— Eu me importo com você confiando em mim.

A resposta dele não é o que eu esperava, o que explica por que não consigo pensar em uma única resposta. Novamente, há aquela pontada indesejada de afeto. A menor pontada de... anseio. Ou, pelo menos, atração.

Sentimentos reconstruídos, eu me lembro. *Não. É. Real.*

— Mesmo com tudo que eles fizeram comigo, ainda existem tantas coisas sobre o seu mundo que eu não entendo. — Ele pisca, a luz da lua gravando sombras frágeis sob seus cílios inferiores. — Mas eu sei que se não confiarmos um no outro, isso não funcionará.

— É por isso que você fez aquilo? No trem?

Ele se inclina para perto, o calor irradia de onde sua respiração derrama no meu pescoço. — Se eu morresse você confiaria em mim. Suas palavras. Então eu fiz.



Ele diz isso de forma tão simples que temo que ele espere que eu realmente cumpra minha promessa.

— Eu estava bem sozinha.

— Tirando o trem inteiro. Inteligente. — Parte de sua boca se curva em um sorriso suave. — Mesmo assim, eu deixei você vencer.

Ele diz isso simplesmente. Ele está me dizendo o que desistiu por mim, quanto vale a minha confiança.

— Como você chegou à nossa marca tão rápido?

Algo pisca dentro de seus olhos normalmente separados. — Encontrei a nota imediatamente, matei todos no primeiro vagão e não parei de matar até chegar ao homem com a rosa de ouro.

Ele desvia o olhar. Pelo menos eu sei que Flame conseguiu inserir um pouco de humanidade em sua alma negra. Eu penso em todas aquelas crianças e estremeço.

É estranho, no entanto. Eu entendo que testei minha habilidade de matar, mas Riser não teve nenhum problema nesse departamento. Então, em que estavam lhe testando?

— Por que se dar tanto trabalho se você apenas ia me deixar vencer, afinal?

— Eu não tinha nenhuma intenção de deixar você vencer. Apenas... — Ele franze a testa. — Quando cheguei ao homem com a rosa, ele me entregou este pequeno espelho, e ele tinha uma visão de você em cima do trem, como se eu estivesse te observando através de uma lente. — Ele puxa o botão de bronze de seu colarinho. — Então eu estava com você. Eu deveria ter matado você, mas por alguma razão não pude.



Oh. Eu sei o que eles estavam testando. Sua lealdade a mim. Ou talvez apenas sua capacidade de se aliar a outro ser humano, ou de confiar, ou talvez seja específico para mim, como me proteger. Não tenho certeza.

Obviamente pela reação de Flame, eles não esperavam que ele fosse tão longe, no entanto.

A única coisa que sei é que agora tenho uma arma extra em meu arsenal para usar contra Riser. E vou usá-la, lutando contra o afeto que eles reconstruíram em mim com tudo o que tenho, até que matemos o Imperador e possamos seguir nossos caminhos separados.

A menos que Riser volte contra mim antes disso. O pensamento me enche de uma forte sensação de pavor, e eu prometo a mim mesma que farei o que for preciso para ganhar o assento extra no Hyperion e salvar Max.

Uma estrela cruza o céu. Ela desaparece e meus olhos se ajustam, escolhendo uma forma escura em seu rastro. Pandora me faz pensar na arquiduquesa, elas são parecidas, afinal de contas; e uma sensação estranha faz cócegas na minha nuca. O imperador me assusta porque eu sei o que ele é. Mas a arquiduquesa me assusta mais, exatamente porque não sei o que ela é, ou até onde ela irá para me encontrar.

— Você está pensando na mulher da prisão, não é? — A voz de Riser é suave, confiante. — Você está com o mesmo olhar aterrorizado de quando Nicolai a mencionou pela primeira vez.

— Ela faz isso. Me apavora. — Digo, enervada com a facilidade com que Riser pode me ler quando acho impossível decifrá-lo. — Ela ainda me quer. E ela não vai parar até que me encontre. — Preocupada que minhas mãos começaram a tremer, eu às dobro no meu colo.

Aparentemente, até Everly March está com medo da arquiduquesa.

— O que ela quer?



— Além de me torturar de maneiras terrivelmente criativas e violentas?

— Ficamos sentados em silêncio por um minuto enquanto eu medito sobre sua pergunta, me perguntando o que dizer a ele. — Meu pai me deu algo, uma chave, eu acho. Não sei o que ela abre, mas o imperador a enviou para recuperá-la.

Eu sei que as emoções de Riser por mim são reconstruídas. Então, eu desconsidero a maneira como seu corpo manobra para formar uma barreira protetora ao meu redor.

— Isso tem a ver com a coisa em que seu pai estava trabalhando?

— Não tenho certeza do que você quer dizer. — Minto, sufocando minha surpresa.

— Aqui. — O livro que Riser me oferece é encadernado em couro, MG em relevo na capa. — Considere como mais um símbolo da minha confiança.

Embalo meu diário protetoramente no meu colo. — Você leu isso?

— Não tudo. — Meu rosto deve espelhar meu horror porque ele elabora. — Eu não planejei, nem pensei que pudesse ler... Mas então, eu sei ler... — Ele dá um sorriso diabólico. — E foi tão fascinante.

Minha boca fica aberta. Despida. É assim que me sinto agora. Ninguém deveria ver essas páginas.

— Bem, você não tinha o direito de lê-lo.

Algo balança ao vento aos meus pés, uma foto. Deve ter caído do livro. Recupero a foto desbotada, torcendo-a para pegar o luar fraco. Minha garganta se contrai e coloco a foto virada para baixo no meu colo.

— Quem são eles? — Riser pergunta, sua voz menos sarcástica do que o normal. Talvez ele esteja tentando compensar a invasão da minha privacidade. Apesar de mim, um pouco da minha raiva desaparece.



Viro a foto e dou outra olhada. A emoção que pensei ter sentido se dissipa em apatia.

— Foi antes de eu nascer, quando eles estavam na universidade.

— Quem?

— Os dois da direita em pé são os pais de Maia... meus pais. — Meu pai parece elegante em uma túnica branca e gibão marrom. Minha mãe, a estrita monarquista até então, exibe um vestido prateado de gola alta deslumbrante, para esconder sua cicatriz, e uma peruca prateada na altura do queixo que faz seus olhos castanhos parecerem de um verde vibrante. — Era a noite da conferência organizada pelo imperador para discutir seus planos para o asteroide. — À esquerda deles está uma alta, pálida e delicada garota Ouro com não mais de dezoito anos, imensamente grávida, que parece que a mais leve brisa vai derrubá-la.

Como se estivesse se ancorando, os dedos finos da jovem curvam-se em torno do ombro do jovem sentado na cadeira de sequoia na frente deles. Seu rosto mantém a aparência arrogante de juventude e privilégio, sua perna esquerda pendurada sobre a mão direita, com uma luva branca, segurando a taça de cristal quase vazia em uma sutil demanda por mais. Medalhas de guerra adornam seu casaco militar de ouro, e um manto roxo profundo bordado com a fênix monárquica cobre a cadeira como sangue.

Já vi a foto antes; do contrário, não reconheceria o jovem que parece ser o foco da foto.

— Você deve saber quem é. — Aponto para o homem com as medalhas.

— Claro. — Riser esfrega um dedo no lábio inferior. Eu me pergunto se o hábito pertence ao antigo ou ao novo Riser.

— O imperador e sua esposa, Eleanor. — Aponto para a jovem, a mãe de Caspian. — Eles eram amigos de infância da minha mãe. — Minhas unhas



cravam na palma da mão. — Esta foto foi tirada no aniversário de um ano da descoberta de Pandora.

Menos de dois anos depois, Eleanor e sua filha recém-nascida foram mortas no bombardeio.

Riser estuda a imagem com seus olhos perdidos. — Eles parecem felizes com a ocasião.

Não é?

Limpo a amargura da minha garganta, deslizando a imagem aleatoriamente dentro das páginas do livro.

— Eles tinham acabado de anunciar o Projeto Hyperion. Eles iam salvar o mundo.

Eu não gosto do jeito que minha voz falha. Ou a maneira como Riser está olhando para mim, como se estivesse prestes a chorar. Talvez eu esteja, ou estaria, se Dama March fosse capaz de chorar.

Empurro o diário para ele e balanço minha cabeça. — Pegue. Queime isto. Tanto faz. Eu não quero isso.

Riser se recusa. — Mantenha. Você pode mudar de ideia mais tarde.

— O que você sabe?

— Eu sei... — Riser diz suavemente. — Que se eu tivesse uma foto da minha mãe, gostaria de mantê-la.

Sua voz ficou fria, seu rosto afrouxou para camuflar as emoções que ele deve estar sentindo. Mas ele não consegue esconder a dor profunda piscando dentro de seus olhos incompatíveis.

Lutando contra o desejo repentino e irresistível de tocá-lo, confortá-lo de alguma forma, eu digo: — O que aconteceu com ela?

Ele pisca, engole em seco, como se pudesse de alguma forma engolir a memória dela, e pressiona os lábios em uma fina linha branca.



— O Fosso aconteceu com ela.

O tom zangado de sua voz me diz que ultrapassei a linha. Ele já está se afastando de mim. Luto com algo para dizer que o trará de volta.

— Você disse que isso era um símbolo de confiança. — Levanto meu diário. — O que você quis dizer?

Lentamente, o olhar assombrado desaparece de seus olhos enquanto ele se concentra em meu diário.

— Porque eu poderia ter dado a Nicolai.

Bizarro.

A raiva aquece meu rosto quando percebo que Riser está vasculhando as coisas privadas da minha família a mando de Nicolai.

— O que mais o Titereiro está procurando?

Riser dá de ombros, parecendo menos envergonhado do que deveria por esta profunda invasão de privacidade. — Ele mencionou uma chave. Uma que pode ajudá-lo a desbloquear o que seu pai escondeu.

Isso de novo.

Como sempre, com a menção da máquina que meu pai estava construindo, a coisa que ele escondeu de todos nós, a coisa que o fez ser rotulado de traidor e morto, meu cérebro começa a zumbir com perguntas.

Por que meu pai construiria uma bomba? Ele estava trabalhando para os Fienianos? Mas não, não há como o pai que eu conhecia, o homem que usava parte de suas próprias rações para alimentar os gatos vadios atrás de nossa casa e insistia em me colocar na cama todas as noites, não importa o quão cansado ele estivesse, ter construído uma bomba. Pelo menos, não para machucar as pessoas.

Mas existe algum outro tipo?



Forçando-me a sair da minha memória, eu pego as unhas perfeitas de Dama March.

— O que mais você encontrou?

— Nada.

Surpreendentemente, acredito que ele está me dizendo a verdade. Quanto Nicolai sabe? E como ele descobriu sobre a chave?

Agora que penso sobre isso, é provavelmente por isso que fui escolhida em primeiro lugar, e provavelmente porque temos Microplantas, para que Nicolai possa descobrir a localização da chave em meus pensamentos. A única razão pela qual ele não descobriu a chave até agora é porque tomo cuidado quando sinto Nicolai mexendo em minha mente. Mas isso pode mudar, então devo ter cuidado.

Fico olhando para o contorno escuro da cidade por um minuto. Então eu me levanto, tomando cuidado para manter meus pés firmes, e com um arremesso desajeitado e raivoso, vejo meu diário desaparecer. Há uma vibração suave conforme as páginas e fotos velhas se separam do livro, explodindo com o vento.

Me viro para Riser, agora também de pé. — Diga a Nicolai que a chave estará segura enquanto Max e eu estivermos.

Nós dois congelamos quando um barulho interrompe o silêncio. Embaralhando, ou talvez sussurrando lá embaixo. Antes que eu possa dizer uma palavra, Riser passa furtivamente por mim ao longo das telhas, se abaixando até poder espiar por cima do telhado. É quando eu percebo como a noite está calma. Brogue comentou sobre o silêncio mais cedo, e eu o ignorei.

E apenas uma coisa pode fazer uma Cidade Diamante ficar em silêncio.

Centuriões. Ignorando a sensação de vazio na boca do estômago, junto-me a Riser. A rua está vazia. O vento joga um balde vazio sobre os



paralelepípedos e na grama. Em algum lugar distante, uma porta se abre e se fecha rapidamente.

Riser acena com a cabeça em direção à fileira de casas logo abaixo de nós, à esquerda. Meus olhos levam um segundo para vagar pelas sombras.

Eu estava certa sobre os Centuriões: há doze deles. E eu estava certa sobre a arquiduquesa ter me encontrado também. Ela se destaca de seus homens, com uma peruca prateada trançada sob o chapéu. Pistolas com cabo de ouro brilham em cada quadril. Ela tem uma página do meu diário apertada dentro da mão, examinando-a.

Lentamente, seus lábios escuros descascam de seus dentes em um pequeno sorriso horrível.

Ela olha para o telhado.

Para mim.

Um zumbido horrível corta o silêncio, como se tivéssemos despertado uma colmeia de abelhas furiosas. Duas sombras giratórias disparam em nossa direção.

Drones.



CAPITULO 28



Eu não me lembro de ter me movido, mas de repente estou dentro do meu quarto. As estrelas giram em volta da minha cabeça. Meu corpo, obviamente assumindo o controle, sai da escada em dois saltos.

Onde ir? Estou na porta da frente antes de perceber minha loucura.

Claro que eles terão alguém postado aqui também.

Pense.

Corro para o escritório, Riser em meus calcanhares. Ao contrário de mim, sua respiração está regular e ele parece irritantemente composto, então deixo que diga aos outros.

Eles não parecem surpresos, o que me dá esperança de que estivessem esperando por isso e tenham um plano.

Brogue reúne os outros Mercs, que de alguma forma conseguiram duas mochilas de couro preto com o que eu suponho que sejam suprimentos. Quase o beijo quando ele arranca Bramble da escada e o joga em uma das mochilas.

Meu sentimento de esperança morre enquanto ouço o plano de Brogue. Algo sobre lutar para passar pelos Centuriões na porta da frente. Minha mente para de ouvir depois disso porque sei que o plano não funcionará. A arquidquesa não deixaria nossa fuga ao acaso.

Precisa ser algo que ela não esteja esperando.

Um segredo que ninguém conhece...

Uma ideia começa a se materializar. As palavras saem de meus lábios enquanto corro para explicar, tentando soar racional e no controle.

Demora alguns minutos dolorosamente longos para convencê-los a me seguir. Pegamos o elevador em silêncio, o gerador reserva de emergência tornando a viagem um pouco agitada, Brogue e os outros olhando para mim.

Se eu estiver errada, ficaremos presos à mercê da Arquiduquesa.

Não há dúvida de como isso vai acabar.

Corro para fora do elevador antes que as portas se abram completamente. De algum lugar acima, vem o som de algo quebrando, algo pesado batendo no chão. Todo mundo está me observando, esperando que eu prove o meu valor.

— Está aqui... Eu uh...? — Meu olhar salta de parede a parede enquanto tento me lembrar. Eu usei o elevador de fuga uma vez antes. Está oculto, é claro, em algum lugar atrás desses tijolos.

Eu só tenho que lembrar quais.

Exceto que Nicolai ou eu apagamos essa memória do meu cérebro. A última vez que usei foi logo depois que mataram meu pai, então provavelmente fui eu quem me obrigou a esquecer.

— Por favor, leve o seu doce tempo, princesa. — Flame ronrona enquanto as luzes piscam e estremecem. Eles estão usando bombas azuis de Fienianos para obter o controle do poder. — Não é como se estivéssemos com pressa.

Brogue coloca uma mão encorajadora no meu ombro.

— Mais alguns daqueles insetos azuis e eles podem anular os sistemas do elevador.

A resposta vem em um lampejo de memória. Ainda não tenho certeza, não inteiramente, até que meus dedos deslizam pela miragem que deveria se



parecer com o resto da parede de tijolos e sinto a porta de metal frio. A miragem se dissipa. Prendo minha respiração.

Se eles descobrirem isso da última vez, depois que Max e eu escapamos, ele terá se tornado inoperante.

Ou pior, minado.

Só há uma maneira de descobrir. Levanto a pesada tampa de metal e rastejo para dentro. Mal é grande o suficiente para sentar, o que significa que teremos que subir um de cada vez.

— Funciona? — Brogue pergunta, sua voz rouca de impaciência.

— Eu não sei. — Examino o único botão na parede. Ele emite um leve brilho vermelho.

O cabelo espetado de Flame quase me atinge quando ela se inclina para dentro do pequeno espaço, batendo na mochila.

— No caso de nos separarmos, há um localizador aqui que lhes dirá para onde ir. Vocês têm que estar na Sede Realista amanhã de manhã ou perderão os Julgamentos das Sombras.

— E ouça Nicolai. — Acrescenta Cage. — Assim que você estiver longe o suficiente, eles não poderão rastrear suas comunicações, ele fará contato novamente com mais instruções.

— Entendi. — Meu dedo paira sobre o botão. — Vamos fazer isso.

— Dama March. — É Riser. Atrás dele, vejo Brogue e os outros dois Mercs, armas apontadas para a porta do elevador que apita. Ele joga algo em mim; eu agarro por reflexo. Uma adaga dentro de uma bainha preta. Pela aparência tosca da lâmina, ela é feita à mão e não é estranha à violência. — Não parece muito, mas fará o trabalho.

Olho o espaço acima do elevador, onde a seta em uso brilha. — E você?



— Vou me sair bem, mas obrigado por sua preocupação. — Estendo a mão para apertar o botão, mas ele me impede. — Mais uma coisa. Se eu não estiver lá depois de uma contagem de sessenta, não espere.

— Não se preocupe. — Digo, em oposição à explosão de pânico que suas palavras trazem. — Eu não vou.

E então aperto o botão.

Nada. Nada acontece.

Meu coração bate na minha garganta assim que a porta do elevador na parede oposta se abre e a sala explode em tiros de pistola.

Coloco minhas mãos sobre meus ouvidos e fecho meus olhos. Abri-os. Um olho azul e um verde, ambos estranhamente calmos, estão a centímetros do meu.

Riser sorri. — Segunda vez é um charme.

Trevas. A sensação de subir, lenta e laboriosamente.

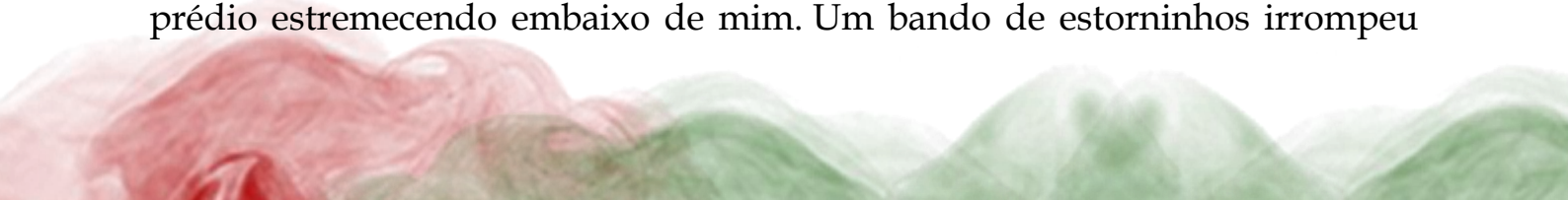
Flame grita com a voz abafada: — Peguem um pouco, seus Dândis de cara podre!

Os tiros e gritos ficam cada vez mais distantes até que tudo que eu ouço são os estalos abafados, como fogos de artifício fora de uma janela. Ocasionalmente, a energia pisca e eu paro de me mover. Mas o pequeno botão vermelho sempre acende novamente.

Estrelas desbotadas e ar fresco. Estou em um telhado. No momento, estou segura. O ar estala com reverberações agudas, me lembrando que os outros não.

Começo a contar imediatamente. *Um, dois, três, quatro, cinco...*

A explosão que destrói minha contagem é tão alta que, embora eu tenha certeza de que grito, não consigo ouvir. Estou de joelhos, devo ter caído, o prédio estremecendo embaixo de mim. Um bando de estorninhos irrompeu



sobre minha cabeça, gritando seu aborrecimento. O zumbido dos drones rapidamente os afoga.

Me arrasto para a saída. O elevador já foi enviado de volta, então é apenas um buraco aberto. Fumaça, poeira e pequenos detritos tosse do eixo e sopram meu cabelo para trás. O ar está quente da explosão e cheira a coisas carbonizadas.

Não coisas. Pessoas. Meu povo.

Uma onda de tristeza inexplicável quase me engole inteira. Encaro a saída por um segundo, cega pela poeira, e tento muito não gritar de novo.

Chore mais tarde.

Minha mochila pesa. Me ocupo catalogando seu conteúdo para não ter que pensar no que fazer a seguir. Pacotes sintéticos de carne bovina em pó. Um isqueiro. Dois rolos de manta fina. O localizador. Gotas purificadoras de água. Eu sei exatamente o que fazer com o frasco de vidro cheio de base espessa, esfregando-o rapidamente em minhas bochechas para cobrir minhas sardas.

Bem no fundo, encontro Bramble, enrolado em uma bola de medo. Ele gorjeia para mim e eu o abraço no meu peito. Meus olhos ardem com lágrimas, e eu as enxugo enquanto dou a mim mesma uma conversa boba de incentivo.

— Você está sozinha agora, assim como nos túneis. Você consegue fazer isso.

— Desculpe desapontar, Garota Cavadora.

A voz baixa e masculina penetra direto no meu núcleo. Mas não confio em meus sentidos. Não, até que eu me vire e fixo meus olhos nele.

Riser emerge do buraco onde ele obviamente ressuscitou dos mortos.

Mordo minha bochecha para me conter para não o abraçar.

— Como?



Ele move sua mochila para um local mais confortável em seu ombro e, em seguida, limpa a manga sobre a fuligem que cobre seu rosto. Sua camisa está rasgada e salpicada de sangue.

— O elevador de fuga nunca voltou, então olhamos para dentro e descobrimos uma escada. Muito prática, na verdade.

Meus lábios se esticam em um sorriso. Esse era meu pai, prático demais. Ele não teria confiado na fonte de energia.

Meu sorriso diminui quando vejo Riser. — Você está ferido?

Riser olha para o sangue em sua camisa. — Sangue de Flame. Brogue e Cage se ofereceram para carregá-la.

O alívio que sinto por saber que o sangue não é de Riser me enerva. Eu me movo de pé em pé.

— Os dois Mercs?

— Não tiveram tanta sorte. — Ele acena com a cabeça em direção à borda do edifício. — Devemos?

Substituo Bramble, o cheiro de petróleo forte enquanto cruzamos o telhado alcatroado para onde a escada de incêndio deveria estar, exceto agora apenas um esboço preto fraco no tijolo permanece.

— Perfeito. — Digo, olhando para a queda de três andares entre aqui e o próximo edifício. — Vamos torcer para que Dama March seja uma saltadora de força.

Riser pula para a borda, com toda coordenação e graça, e começa a me insultar com um sorriso encantador e a oferta de uma mão fuliginosa.

Empurrando-o de lado, eu me junto a ele, focando em qualquer coisa, exceto no chão e minhas pernas batendo juntas. Pedacos de cimento lascados saltam com meu salto e batem na borda.



— Por que sempre que estou perto de você... — Digo. — Tenho que pular de coisas incrivelmente altas?

Ele olha de lado para mim de uma forma cativante e imprudente. — Com medo, Dama March?

O zumbido dos drones está muito mais alto agora. Com seus sensores de calor, a escuridão crescente não significa nada. Soltando minha mochila, me inclino para longe da saliência e olho para o chão.

Maia ficaria com medo. Minha boca seca, minha respiração fica estrangulada, como se eu estivesse chupando por um canudo. O som do meu sangue correndo pelas minhas artérias preenche meu crânio.

Mas não tenho medo. Estou eufórica. Minha mente clareou pela primeira vez em anos.

— Vejo você do outro lado, Garoto do Fosso.

Não me lembro de ter empurrado a saliência, mas estou suspensa no ar. Então o chão está vindo para mim. Embalando minha cabeça em meus braços, abaixo e rolo, evitando um pouco da queda. O impacto grita no meu ombro e ondula pelo meu corpo.

Fico ali deitada por um momento atordoada, observando os dedos laranja-claros do amanhecer riscando o céu enquanto catálogo os danos. Ombro dolorido. Minha cabeça dói, mas minha visão está boa e posso mexer os dedos das mãos e dos pés.

Orgulhosa por ter conseguido não me quebrar, paro a tempo de ver as duas mochilas atravessarem o abismo, seguidas por Riser. Ele pousa com força e em silêncio, rolando para diminuir a queda da mesma forma que eu. Mas, ao contrário de mim, ele se levanta imediatamente.

Se mostrando.

Fazemos contato visual. Algo se passa entre nós.



Ele sorri.

Eu sorrio.

Nós dois avançamos ao mesmo tempo. Estou alguns metros à frente e chego ao próximo telhado meio segundo antes dele. Nós rolamos juntos, aterrissamos em nossos pés e explodimos em outra corrida. Levanto meu cotovelo e consegui forçá-lo a recuar, assumindo a liderança.

Correr, pular, pousar. Repetir. Nesse ritmo feroz, mesmo o menor erro de cálculo provavelmente terminará em morte. Mas o pico de adrenalina, a sensação de vazio no peito logo antes de eu pular, quase me faz esquecer.

Desta vez, quando a saliência sobe, eu nem olho para baixo antes de empurrar. Estou no ar quando avisto os Centuriões abaixo, mas consigo pousar suavemente no telhado de cascalho.

O medo me põe de pé.

Riser acaba de atingir o telhado quando ouço um estalo. Ambos ouvimos.

Riser reage primeiro. Eu vejo sua mão estendendo-se para mim. Ouve-se o som de vidro se estilhaçando, a sensação de cair, e a forma de Riser diminui, desaparece.

Um segundo depois, ou talvez mais, porque posso ter ficado inconsciente, abro os olhos. Meu cérebro grita atrás dos meus olhos enquanto eu olho ao redor. Armários de aço brilhantes e mesa de cozinha. Pisco, foco na claraboia destruída acima. O rosto de Riser aparece sobre o vidro quebrado no momento em que vozes chamam de fora.

Merda.

Riser leva um dedo aos lábios, Dândis.

Aceno, estremecendo com a dor enquanto luto para ficar de pé. Cacos de vidro se cravam na carne das minhas palmas e joelhos.



— Não se mova. — Sussurra Riser.

— Certo. — Esfrego minha cabeça. A dor diminuiu e minha visão está clareando. Percebo imediatamente o que precisa acontecer. — Vá. — Digo, arrancando um caco de vidro da minha palma esquerda. Se a situação fosse contrária, eu já teria ido.

Ele não responde. Olho para cima para vê-lo pendurado pelas pontas dos dedos. Ele balança as pernas como um pêndulo e se solta. Ele estava apontando para o balcão da cozinha, mas seus sapatos se desviam da superfície lisa e ele cai no chão ao meu lado.

Ele se levanta com um sorriso implacável.

— Isso foi muito mais suave na minha cabeça.

— Idiota. — Caminhamos mancando até a sala de estar, nossas botas quebrando vidro. As vozes estão na varanda agora.

As inclinações do amanhecer perfuram as janelas e prendem-se nas ranhuras cilíndricas do revólver de Riser. Ele o segura baixo contra sua perna. Seus braços estão soltos, os ombros para trás e a cabeça erguida, como se ele se sentisse mais confortável quando há ameaça de violência. A adaga que Riser me deu ainda está no meu bolso, então pego a lâmina e tento imitar sua confiança.

A maçaneta da porta balança, mas felizmente está trancada. Estou recuando, tentando decidir se vou apenas esfaquear descontroladamente ou atacar um de cada vez, quando sinto algo duro pressionar minha perna. Não há tempo para explicar, então pulo no caixão e espero que Riser pegue a ideia. Deslizo na caixa de entrada, deito e fecho a tampa de vidro curvo. Mantenho minhas mãos coladas ao meu lado com medo de apertar o botão que irá sincronizar com minha Microplanta e iniciar o upload.



O caixão sentiu minha presença e ouve-se um chiado alto quando a névoa fria me envolve. Meus dentes batem no silêncio. A bomba intravenosa que forçará nutrientes vitais em minha corrente sanguínea e me permitirá sobreviver sendo congelada.

Antes que eu possa espiar para ver se Riser me seguiu, pedaços da porta estilhaçam contra o vidro quando uma explosão balança meu caixão.



CAPITULO 29



Eu não consigo ver o que está acontecendo com meu caixão, mas posso ouvi-los vindo atrás de mim. Passos. Uma risada crua. Abafada, porém, como se saísse do fim de um túnel. Os passos desaparecem enquanto os Centuriões vasculham a casa antes de voltar para nós.

A tampa se levanta com um rangido. O ar quente e glorioso cai sobre mim, aliviando o frio cortante.

O hálito azedo e amendoado de alcatrão descongela minhas bochechas onde termina a caixa de entrada. Sinto o topo da minha blusa levantando, o ar frio formigando meu peito e estômago.

— Encontrei uma bonita. — Diz Bafo de Alcatrão. — Meninas adormecidas são o melhor tipo.

— Deixe-a. — Diz o outro centurião. — A menos que você queira que o Cachorro Louco do Imperador use suas bolas como um amuleto.

— Não tenho medo daquela cadela maligna. O imperador vai tirá-la de sua miséria em breve. — Eles estão falando sobre a arquiduquesa. Algo... Um dedo áspero? Acaricia o lado da minha cabeça. — Além disso, eu só quero conhecer. Não há mal nenhum nisso.

O pânico quente cresce dentro de mim. Penso nos outros. Imóveis. Desprotegidos. Sem saber o que está acontecendo. Minha

boca enche de água, náuseas fazendo cócegas na minha garganta. Neste momento, não me importo com nosso disfarce ou com a segurança.

Tudo que eu quero é matá-lo.

Antes que eu possa fazer algo estúpido, sinto o ar se mover sobre meu peito enquanto Bafo de Alcatrão fica ereto, e então os dois Centuriões ficam em um silêncio mortal. Ruídos agudos de estalo chacoalham o chão, seguido pelo som de vidro quebrando perto do meu caixão.

Assim que o forte odor de talco me atinge, meu corpo fica rígido.

Um dos Centuriões se move, derrubando minha caixa de entrada ligeiramente para que eu possa espiar por baixo. A arquiduquesa está de pé a um metro de mim, cortada da cintura para cima. Os centuriões estão pressionados contra a parede.

— Minhas desculpas, arquiduquesa. — Gagueja Bafo de Alcatrão. — Não quis ser desrespeitoso não-não-não.

A barra da saia da arquiduquesa farfalha no chão enquanto ela caminhava em direção a eles. Agora posso ver a parte de trás de seu chapéu, sua juba prateada trançada, mas não seu rosto.

Ela se vira para o amigo de Bafo de Alcatrão.

— Verifique o estado do edifício e informe-me.

Leva um momento para o homem perceber que está sendo poupado.

— Sim, arquiduquesa, imediatamente.

Bafo de Alcatrão começa a implorar à Arquiduquesa.

— O que eu disse antes...

Sons bizarros, como um cachorro latindo, assobiam pela sala e cortam as desculpas de Bafo de Alcatrão.

Ela está latindo.

Latindo.



— Bem, isso é um cachorro louco para você. — Diz a arquiduquesa com uma voz horrível que me diz que ela está sorrindo de orelha a orelha.

Bafo de Alcatrão tropeça para trás, agitando os braços. Ele erra o degrau da varanda e cai de costas, correndo para trás como um caranguejo para fugir.

Se eu tinha alguma dúvida sobre o estado de sua sanidade, elas sumiram agora.

Victoria tira um lenço de seda vermelha do bolso do casaco e enxuga meticulosamente as bochechas. O lado de seu rosto que posso ver agora está esticado em um sorriso morto.

Então a lunática está vindo em minha direção. Aperto meus olhos e luto para relaxar meu corpo cheio de adrenalina. Como os que estão dormindo, eu deveria estar em um estado profundo de depressão metabólica: respiração lenta, ritmo cardíaco letárgico. E meu corpo deve estar duro.

Basicamente, eu deveria estar congelada.

Meu coração dispara quando a ouço inclinar-se sobre mim, seu perfume queimando em meu nariz e em meu cérebro.

— Coisa bonita. — Sua voz soa como sacos de papel rasgando. — Coitadinha, linda e fria.

Posso sentir sua estranha mistura de ódio e curiosidade, como uma criança observando um inseto sob uma lente de aumento pouco antes de o sol incinerar a pobre criatura.

Se ela olhar muito de perto, ela verá o sangue escorrendo de minhas palmas.

Algo frio e afiado se arrasta sobre minha clavícula. Seu alfinete de chapéu. Eu imagino a agulha cavando através de carne e osso até meu coração.

Meu corpo anseia por estremecer; leva tudo o que tenho para não gritar.



— Perdão... Arquiduquesa. — Diz um homem da porta, a voz hesitante. — Nós, uh, encontramos um corpo feminino jovem dentro da explosão. Pelo que podemos dizer, ela se encaixa na descrição.

Há uma pausa. Em seguida, ela ajusta minha blusa para que eu fique coberta novamente e diz: — Volte a sonhar, pequeno verme.



Meu corpo decidiu que estou mais segura enrolada em uma pequena bola no chão sob a mesa da cozinha. Não me lembro de ter saído do caixão. Eu deveria ter ficado parada, Centuriões ainda podem ser ouvidos gritando ordens do lado de fora, mas pelo menos agora, com meus membros amarrados ao redor do meu corpo, o tremor está controlado.

Nicolai matou os dois Mercs. Eu sei disso com certeza absoluta, e isso me assusta quase tanto quanto a arquiduquesa. Ele planejou que fôssemos descobertos, planejou a explosão e garantiu que a arquiduquesa pensasse que eu estava morta. Eu não sei como, mas ele fez.

Estou presa em uma situação impossível entre uma mulher louca, um titereiro demente e um assassino psicopata que virou parceiro arrojado.

O que mais Nicolai planejou para nós? Que outros segredos ele guarda para ocasiões especiais?

- Você precisa se levantar. — Riser está me olhando embaixo da mesa.
- Não.
- Você está assustada?
- Não, estou tomada de alegria.

A vergonha queima minhas bochechas. Por que estou com tanto medo? Por que não consigo deixar de ser Maia, a Garota Cavadora assustada? A parte reconstruída de mim odeia minha fraqueza. *Levante-se, e escolha ser Everly. Maia apenas a tornará pequena e impotente.* Mas meu corpo se recusa.

Cadeiras rangem pelo chão. Riser está vindo atrás de mim. Dedos frios e meio congelados separam meus braços.

— Não vou deixar a arquiduquesa machucar você. — Diz ele, como se fosse a declaração mais simples do mundo.

— Não faça promessas que não pode cumprir. — Não pode manter. Não vai manter. É o que eu quero dizer. Porque se há alguém que pode me proteger da arquiduquesa, é Riser.

Na verdade, não tenho certeza de quem me assusta mais: a lunática ou o Garoto do Fosso.

Riser se deita ao meu lado, sua bochecha beijando o chão sujo.

— Eu sei o que eu sou. Mas com você... — A perplexidade tinge sua voz.
— Com você, eu sou diferente.

— Bem-vindo ao mundo dos sentimentos e da humanidade. Talvez quando eu terminar de superar os zilhões de vezes que quase morri nos últimos dias, eu planeje um desfile em sua homenagem.

— Veja. — Ele está segurando meu olhar com os olhos, querendo que eu acredite nele. — Isso também é novo para mim. Eu não pedi por isso. Tudo que sei é que não posso deixar nada acontecer com você.

Estudo seu rosto, ignorando o conforto que encontro nos planos afiados de suas bochechas e mandíbula. Como posso confiar nele? Ele pode estar mentindo para obter vantagem, para forçar minha confiança e me tornar fraca. — Mas você ainda tem algumas cicatrizes, o que significa...



— Minha reconstrução não foi concluída. — Seus dedos traçam o osso da sobrancelha acima de seu novo olho verde. Gosto mais disso do que dos olhos azuis, acho. — A transformação física provavelmente vai durar, mas o resto...

— Não vai durar. — E não temos ideia de quanto tempo até que o velho Riser mate-agora-faça-perguntas-depois erga sua cabeça psicótica.

Pegando minha mão, ele me puxa do meu pequeno esconderijo.

— Eu preciso que isso fique claro, Everly. — Tremo ao som do meu novo nome em seus lábios. — Eu não sou uma boa pessoa. Eu fiz coisas horríveis e não me arrependo delas. Mas eu prometo... — Ele guia minha mão em direção ao seu peito, o músculo duro pressionando a ponta dos meus dedos; seu coração bate pesado e lento sob meus dedos. — Eu vou mantê-la segura.

Algo dentro de mim se agita.

Riser, eu decido. *Riser me assusta mais.*

Porque ele possui a única coisa que a arquiduquesa não possui.

A capacidade de me tornar vulnerável.

De me fazer querer cuidar.



CAPITULO 30



O ponto de encontro é bem no interior de Riverton, a cidade realista fora da muralha. Nós deslizamos por um local desmoronado sob a torre de guarda vazia. Mesmo que não tivéssemos visto um Centurião ou drone por horas, nos limitamos aos becos estreitos entre as lojas.

Eu odeio o que Nicolai fez aos Mercs, mas sem dúvida nos salvou.

As ruas de paralelepípedos são assustadoramente silenciosas. A maioria dos ocupantes da cidade, quase todos os Pratas, provavelmente foram evacuados há muito tempo para seus abrigos subterrâneos abaixo das montanhas.

A fachada da loja fica no topo de uma enorme colina, abrigada entre uma padaria e uma alfaiataria. Assim como todos os outros edifícios, as janelas estão escurecidas. Do beco atrás da loja vem o cheiro de algo morto há muito tempo.

Entramos pela porta dos fundos.

Uma fina camada de poeira envolve a loja. A frente está repleta de antiguidades aprovadas pela Reforma, mas do outro lado da porta se esconde outro cômodo, muito diferente. A luz do fogo das velas meio derretidas nas paredes ilumina os livros, centenas deles. Empilhados nos cantos. Derramando das paredes.

Livros de verdade.

Estou tão ocupada olhando que quase piso em Flame. Ela está enrolada em posição fetal no chão, brilhando com suor e sangue.

— Cuidado, princesa! — Ela rosna com os dentes cerrados.

Brogue usa a distração para puxar um dos estilhaços de metal de quinze centímetros de seu quadril. Ela geme, torcendo o rosto no chão enquanto Cage derrama álcool sobre a ferida aberta e a costura.

De repente, toda a tensão deixa o corpo de Flame, e ela derrete nos longos braços de Cage.

Um suspiro cansado escapa dos lábios de Cage.

— Ela desmaiou.

— Ela lutou todo o caminho?

Cage ergue os olhos como se acabasse de me ver.

— Ora, só quando ela estava acordada.

Brogue me entrega uma xícara de chá lascada cheia de água tingida de marrom, e desabo em uma espreguiçadeira amarela manchada de mofo. A água tem gosto de mijo, mas eu a engulo com avidez. Não consigo me lembrar da última vez em que realmente dormi.

Meus olhos voam sobre sua forma. Braços como galhos. Mãos delicadas e infantis se enrolaram em pequenos punhos de boneca. Seus sapatos devem ter caído e os dedos dos pés pintados de roxo escuro tremulam. Como a dinamite, você nunca imaginaria que algo tão pequeno pudesse ser tão perigoso.

— Ela vai se recuperar?

Brogue mostra seus dentes cobertos de ouro.

— Eu certamente espero que sim. Tenho algumas palavras para a pequena azeda quando ela acordar.



É quando eu noto as marcas de mordidas circulares, preto-azuladas, atormentando seus braços e pescoço.

Flame grita algo em seu sono e franze a testa.

— Feroz para uma coisa tão pequena, não é? — Eu observo.

Brogue ri. — Eu lutei com texugos selvagens mais domesticados do que ela.

Bufo entre as risadas. — E... você... a ouviu xingando os Dândis?

Cage solta uma gargalhada estridente enquanto tenta imitar suas palavras.

— *Pegue um pouco... seu... seu...*

— Dândi de cara podre. — Grito.

Todos nós caímos na gargalhada. Eu rio tanto que lágrimas escorrem dos meus olhos. Eu também estou chorando. Bufando, chorando e sufocando toda a raiva, frustração e medo da última semana.

Flame rola, o cabelo grudado de lado, uma gota de saliva escorrendo pelo queixo.

— O que? O que é tão engraçado?

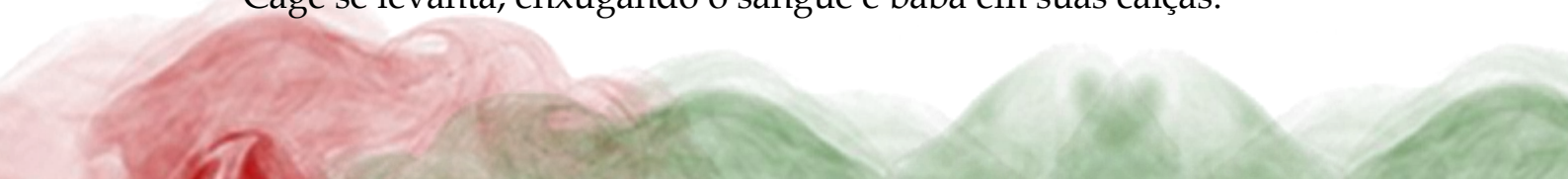
Há uma longa pausa. Mais gargalhadas histéricas se seguem. Brogue se dobra, dando um tapa na perna, ofegando entre gargalhadas latentes, seu rosto vermelho-tomate brilhante. Eu praticamente caio da espreguiçadeira, rindo tanto que não consigo respirar. Até Riser tem lágrimas escorrendo pelo rosto.

Cage entrega a Flame uma toalha manchada de sangue. Sem vontade de ser mimada, ela arranca das mãos dele e mostra os dentes.

Claro que isso só nos faz gritar mais alto.

Flame se levanta e sai tropeçando, quebrando algumas coisas em seu caminho. Assim que a porta se fecha atrás dela, o clima leve se dissipa.

Cage se levanta, enxugando o sangue e baba em suas calças.



— Eu irei atrás dela.

— Não. — Brogue apagou qualquer traço de humor de sua voz. — Deixe-me. Você os prepara.

Riser e eu nos revezamos nos lavando no pequeno lavabo atrás da escada. Eu faço o melhor que posso com a toalha frágil e o balde de água cor de ferrugem que Cage forneceu, penteando meu cabelo com os dedos e beliscando minhas bochechas na frente do espelho rachado. Esfregando círculos de base sobre minhas sardas, vejo minhas bochechas se tornarem porcelana luminescente.

Finalmente aceitável, subo a pequena escadaria fechada, minhas botas sujas levantando nuvens de poeira. Flame está esperando por mim em um apartamento no andar de cima. Apesar da mancha triangular de sangue em sua testa, ela parece bem o suficiente agora para infligir violência mortal, então eu paro na porta enquanto ela vasculha um armário.

Meu coração afunda quando percebo que a pluma de tecido marfim que estoura de seus braços é destinada a mim.

Com o conjunto colocado na cama, percebo que não é tão ruim quanto eu temia. É um vestido de viagem com calças de seda escondidas por baixo de uma saia destacável e um espartilho modificado que facilita o ato de sentar e respirar.

Agora sou oficialmente uma monarquista.

Uma vez vestida, me sento na cama para que Flame possa arrumar meu cabelo. Meu olhar viaja pelas colinas suaves de tecido branco em cascata ao meu redor. Como a maioria dos Bronzes trabalhava em fábricas onde o branco era impraticável, é uma cor associada a Prateados e superiores. Sempre imaginei que seria luxuoso, mas não é. Parece errado de alguma forma.



— É bastante cremoso. — Murmuro, dedilhando parte do acabamento do babado. — Mas pelo menos não tem laços.

— Quieta, princesa. — Flame ordena, uma palheta entre os dentes, seu pente torce pedaços do meu cabelo em qualquer mistura elaborada e trançada que ela tenha planejado. Calei a boca e a deixei trabalhar na chance de meu silêncio salvar meu couro cabeludo.

Em seguida sapatos, um par de botas de pele de foca um tamanho grande demais.

Depois que Flame me considera satisfatória, passo o tempo explorando a casa. Sou imediatamente atraída para a escada dos servos escondida nos fundos. Há um enclave de janela em arco encaixado na parede. Uma tinta preta velha e rachada cobre a vidraça, lanças de luz vazando. Um livro repousa sobre um travesseiro rosa desbotado. Entro, minhas botas muito grandes espalhando a camada de poeira que cobre a madeira.

Espio por uma rachadura de tinta. Riser está perfeitamente imóvel no meio de um jardim coberto de vegetação espessa com altas ervas-escorpião, as mãos nos bolsos, o rosto inclinado para cima para apanhar o sol. Algumas peônias rosa brilham no meio do mato marrom.

Eu me sinto sorrir enquanto uma sensação de calor percorre meu corpo. Eu não posso evitar. Ele parece tão bobo, um meio sorriso sublime rompendo sua expressão mascarada de costume.

Como as peônias rompendo o mato. Pela primeira vez desde que o conheço, ele parece desprotegido.

Vulnerável.

Normal.

Novamente, algo dentro de mim se agita. Eu quero ir com ele. Eu quero... Eu não sei.



Você realmente acabou de comparar Garoto do Fosso a flores? A voz é de Dama March. Essas são emoções plantadas, Everly, destinadas a enfraquecê-la.

De repente, a maré de escuridão das sombras cobre Riser. Meu corpo inteiro fica tenso. As palavras de Victoria sussurram em meu ouvido: *Na escuridão, vocês vermes fazem coisas horríveis uns com os outros.*

Ponto tomado. Procuro uma distração. O livro. Eu só toquei em um outro livro antes, então o pego com cuidado, soprando anos de poeira. A capa está descascando e o título há muito tempo se desgastou. Olhando por cima da lombada do livro, fico surpresa ao ver que Cage está me avaliando da mesma forma.

E ele não parece totalmente satisfeito com o que vê.

Puxo meu vestido. — É o marfim. Não combina com a minha pele.

Cage balança a cabeça. — Não, não importa. Mas o tom certo de rouge e creme labial vai ajudar.

Ele sai e volta antes que eu possa piscar, segurando uma série de pigmentos e uma vela acesa. Apertando os olhos contra a luz fraca, ele aplica os pigmentos com moderação, embora me informe que as damas da corte agora acham na moda pintar seus rostos com todas as cores imagináveis.

— Como pavões. — Ele murmura, metade do lábio inferior preso entre os dentes enquanto ele trabalha. — E este vestido está totalmente fora de moda, mas isso pode ser atribuído a seus pais terem caído em desgraça com a corte.

— E aqui estava eu pensando que este vestido horrível era a maneira de Flame me atormentar.

A escova que Cage está segurando no meu lábio superior. Algo pisca dentro de seus olhos.

— Usado pela mulher para a qual aquela peça foi feita, era deslumbrante, eu juro.



— Oh. — Franzo meus lábios para a escova de Cage. — Eu não queria te ofender.

— Você não fez isso. — Terminando com meus lábios, Cage pontilha o corretivo sobre minhas sardas teimosas. Seus olhos se voltam para a vidraça escura. — Há algo de interesse aí?

Limpo minha garganta. — Na verdade não... não.

— Aposto que ele ainda está lá, absorvendo as sombras com a mesma expressão embriagada. Como um garotinho, maravilhado com um mundo totalmente novo.

— Oh, acredite em mim... — Digo, batendo meus cílios enquanto ele passa um pó de ouro amanteigado sobre minhas pálpebras. — Não há nada de inocente nisso.

— Tsk, eu não disse inocente. — Ele passa uma esponja circular sobre minhas bochechas e testa até meu rosto brilhar. — Mas interessante? Absolutamente. É raro encontrar alguém que se sinta tão confortável na luz quanto no escuro.

— Sim, esse é o Garoto do Fosso. Raro e interessante. Quanto tempo até que a parte interessante passe e o assassino apareça?

Cage levanta uma sobrancelha perfeitamente arqueada.

— Oh, então ele lhe contou sobre sua reconstrução corrompida, não é? Bem, ele te contou por que algumas partes não se concluíram?

Eu balancei minha cabeça.

— Estávamos esperando por você perto das docas na manhã em que seu lamentável pequeno barco chegou à costa, mas quando revistamos o barco, só estava você, meio afogada e meio morta.

— Onde estava Riser?



Os lábios de Cage se contraem. — Nós o encontramos morto na areia alguns metros abaixo, onde as ondas o despejaram. Depois de tal evento, nossos Reconstructores Emendados tiveram muito pouco efeito além do físico.

Há um estranho nó ardente na minha garganta. *Por que ele mentiu para mim?* Desesperada para mudar de assunto, coloco os dedos no cabelo.

— Qualquer coisa que você pode fazer sobre isso?

Cage franze a testa, traçando uma das tranças vermelhas apertadas que torturam meu couro cabeludo.

— Eu diria que sim, se a cor não fosse tão perfeita para você.

— Mas...

Ele me silenciou com a palma da mão aberta.

— Sim, Sim. Eu sei. Você deveria ter cabelos claros e beijados pelo sol.

— Exatamente...

— A corte não tem ideia de como você deve ser porque os pais de Dama March caíram quando ela era uma criatura sem pelos, choramingando.

— Você quer dizer, um bebê.

— Criatura. — Cage fecha a tampa da maquiagem.

Meu novo reflexo me cumprimenta dentro da vidraça nublada.

— Melhor. — Admito. Eu geralmente detesto maquiagem, mas o tom de pétalas de rosa orvalhado que ele aplicou no meu rosto e lábios, de alguma forma, juntou tudo.

Cage graciosamente salta da alcova como se já tivesse feito isso um milhão de vezes antes.

— Espere... posso te perguntar uma coisa?

Virando-se, ele levanta uma sobrancelha severa.

— Dama March, eu sou um assistente. Você pode, e deve, fazer o que quiser.



Certo. Deve desempenhar o seu papel. Eu hesito.

— De quem foi o papel de Riser?

Cage sorri enigmaticamente. — Há apenas um Riser Thornbrook.

— Eu não entendo.

Ele dá de ombros, parecendo entediado com a pergunta.

— Garoto do Fosso está indo como ele mesmo. Embora eu prefira seu título oficial de Dorian Riser Laevus, Príncipe Bastardo Real, meio-irmão do Príncipe Caspian Laevus. — Minha boca fica aberta enquanto Cage elabora mais. — A mãe dele, conhecida na corte como a marquesa Amandine Croft, foi o primeiro amor do imperador Laevus III.

Minha mente está girando. — Então... Riser é...?

— O filho dele.

— E o imperador não sabe?

— Querida, ele estaria no chão se o fizesse. Quando Rand Laevus e a marquesa se apaixonaram, ele era o príncipe herdeiro e ela uma suspeita simpatizante de Fienianos, junto com seu irmão, o marquês de Coventry. Mas...

— Espere. — Respiro fundo. Ainda estou tentando entender que Riser é o filho do Imperador, e agora ele é sobrinho do líder rebelde Fienian morto também? — Então, a mãe dele... Amandine, como ela foi...?

— Acabar na prisão? — Cage ri secamente. — Você não acha que o imperador Laevus II teria deixado o príncipe herdeiro ser obcecado por uma simpatizante suspeita, não é? E comprometer sua imagem? Não, não, ele a prendeu secretamente na prisão do Rhine como Violet Thornbrook, e o pobre Príncipe Rand presumiu que ela simplesmente o havia deixado.

Sinto uma onda de pena do imperador. Não há pior sentimento no mundo do que ser abandonado.



— Ele não sabia que ela estava grávida, então?

Cage balança a cabeça. — Não, e ele eventualmente se esqueceu dela. Mas seu irmão Ezra não. Ele procurou por anos. Quando ele a encontrou, ela já estava morta.

O Fosso aconteceu com ela.

As palavras de Riser ecoam em minha cabeça e sinto uma pontada indesejada de empatia por ele também.

— O bombardeio? Isso foi para vingar a irmã de Ezra?

— Ezra adorava Amandine quase tanto quanto odiava os Monarquistas. Mas após a morte dela, ele foi de Simpatizante de Fienianos para o líder implacável que a história adora odiar.

Eu quero desprezar Ezra pelas pessoas que ele assassinou, mas é difícil agora, sabendo por que ele fez isso. Se Max tivesse sido falsamente preso e sofrido como Amandine, eu não faria o mesmo?

Esticando meus braços, bocejo. — E como Riser se sente sabendo que o homem que ele deveria assassinar é seu pai?

Cage encolhe os ombros. — Ele superou isso rapidamente.

Claro que sim. — Mais uma coisa, se você não se importar.

Cage me olha através de fendas azuis estreitas.

— Você ouviu a história sobre a curiosidade e o gato?

— Claro. — Lanço um sorriso de desculpas. — Fazem apenas alguns momentos que sou Dama March. Estou forte e confiante e muito, muito segura de mim. E então... — Minhas mãos giram em meu vestido. — Eu sou minha velha versão covarde novamente. Maia Graystone. Com medo de tudo.

— Sua mente tem que fazer uma escolha. Quem você quer ser?

— Mas eu já escolhi...



— Não, você não fez. Mas chegará um momento em que você terá que fazer isso. Confie em mim.



CAPITULO 31



Sem Cage, eu me recosto e distraidamente folheio o livro velho e empoeirado perto da janela. Estou surpresa ao ver a silhueta esguia de corvos escuros escurecendo algumas das páginas. Um aqui. Três ali. Uma página inteira deles, sentados, batendo as asas como se estivessem prestes a levantar voo. Outros pairam perto do topo, parecendo prontos para voar para fora da página.

Flame e Riser riem da sala acima, e o livro escorrega de meus dedos, a dor perfurando meu esterno.

Por que deveria me incomodar que eles sejam amigos? Ou que todo mundo, menos eu, sabia que Riser vinha da nobreza? E não qualquer família nobre. Mas da única família nobre que importa.

E talvez, apenas talvez, eu me sinta mal pela maneira como venho tratando Riser.

Talvez.

Precisando de uma distração, encontro Brogue no andar de baixo, em frente à lareira de pedra em ruínas, cutucando alguns livros. Eles pegam fogo de uma vez, a chama laranja descascando as capas de couro e transformando as páginas em cinzas. Parece um desperdício, mas não me importo quando

Brogue me entrega o chá quente e os hambúrgueres de carne reconstituídos aquecidos em delicados pratos de porcelana folheada a ouro.

Sintético, é claro, não que eu esteja reclamando.

E nem Dama March, porque ela devora o dela sem nem mesmo um nariz enrugado.

Muito cedo, é hora de ir. Riser desce as escadas com uma mochila de viagem cara com pele de avestruz pendurada no ombro e o cabelo cuidadosamente puxado para trás.

Reconheço que agora que sei sobre seu passado, ele parece diferente. Ou talvez seja apenas a maneira como ele veste sua túnica branca de um botão, repleta de lapelas pontiagudas e um colete azul meia-noite, como se tivesse nascido para usá-lo.

Flame e Cage mudaram para roupas adequadas para os bronzes. Não são mais perfurados, coloridos e marcados. No corpo de Cage está pendurado um casaco escuro sobre calças cinza.

Flame, por outro lado, usa calças masculinas de cintura alta cor de fumaça. Elas balançam enquanto ela caminha e destacam sua cintura esguia. Ela torce infeliz as mangas volumosas de sua blusa clara, o colarinho alto cobrindo sem sucesso as tatuagens de pássaros enrolando-se em seu pescoço fino.

Um chapéu de sol cinza-carvão diminui sua cabeça, o cabelo embaixo domado em curtas mechas pretas com pontas vermelhas.

Nossa, isso vai cair bem com os Sensores.

Sem os picos e cores selvagens para me distrair, eu percebo que Flame é bonita. Realmente, muito bonita, com olhos selvagens, lábios carnudos, pele de porcelana e um jeito alegre.



— Não é tão perigosa agora, hein? — Provoco, tendo um pequeno prazer em seu óbvio desconforto com o novo visual.

Sem suas lentes de contato, seus olhos são de um cinza claro. Eles cortam de lado para mim. Ela sorri o velho sorriso Flame, recupera algo pequeno e metálico de seu colarinho, uma balestra em miniatura, dobrável, de carregamento triplo, e arma-a com três flechas de metal elegantes arrancadas da borda de seu chapéu.

Ela está apontada a centímetros do meu nariz, tão perto que as pontas das flechas se confundem.

— Não se esqueça, princesa... — Flame ronrona. — Nada é o que parece. Riser usa dois dedos para apontar a besta para o chão.

— Acho que ela entendeu, Flame.

— E eu acho que ela precisa de mais treinamento sobre o assunto. — As sobrancelhas grossas e escuras de Flame se unem acima de um brilho desafiador.

— Na verdade. — Digo. — Adoraria continuar nossa lição. — Já sei o que vou fazer se a besta voltar a subir. Como minha mão esquerda vai balançar, como se eu estivesse limpando uma janela, derrubando a arma de sua mão, enquanto minha palma direita esmaga seu nariz com covinhas.

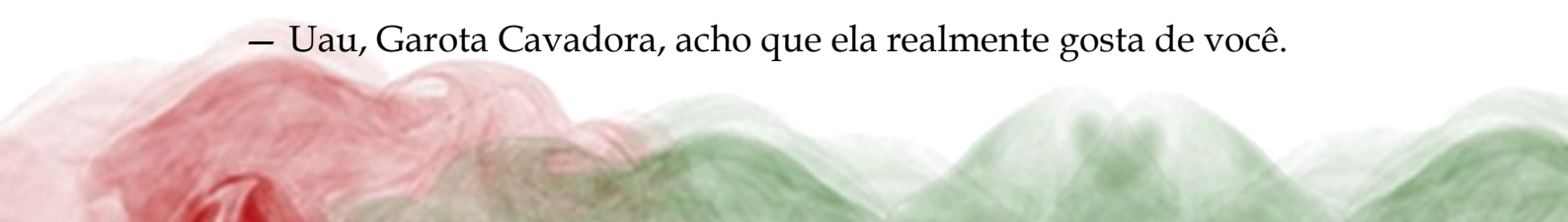
Riser se coloca entre nós, lutando contra um sorriso. Ele se inclina para frente e sussurra algo em seu ouvido.

Eu realmente espero que ela o desafie, então fico surpresa quando ela abre um sorriso hesitante, recoloca a arma e ajusta o chapéu em um gesto totalmente feminino e nada Flame.

— Hora de ir.

Riser se vira para mim assim que ela se vai.

— Uau, Garota Cavadora, acho que ela realmente gosta de você.



— Uau. — Papagaio de volta. — Nicolai realmente estragou seu senso de humor, Garoto do Fosso. E só para constar, não preciso de proteção.

Uma mecha de cabelo preto como corvo eclipsa parte da testa de Riser, e ele remove as mechas do rosto, seus lábios provocando um meio sorriso.

— Eu sei. Eu estava protegendo-a de você.



A Queda da Sombra faz com que pareça anoitecer. Atravessamos o beco e esperamos até que Brogue, espionando na esquina, dê permissão para atravessar a rua. Estou na metade do caminho quando percebo que Flame ficou para trás.

Virando-me, vejo um brilho laranja suave iluminando a janela suja que espiei antes. Ouve-se um estalo agudo quando o vidro explode, e chamas famintas vazam, espalhando-se pelo telhado.

Flame atravessa a rua exatamente quando uma bola de fogo consome a casa. Ela cheira a querosene e fumaça e está segurando um livro esfarrapado contra o peito. Um brilho febril brilha em seus olhos. Ficamos ali por um momento, observando, o calor acariciando nossos rostos. Cage estende o braço e aperta a mão de Flame.

Com as ruas vazias, avançamos bem. O fogo da chama ilumina nosso caminho. Ainda está queimando quando pegamos o trilho.

A maioria dos Prata já pegou a ferrovia sinuosa até seus caixões abaixo das montanhas, então nosso vagão está vazio. Sento-me sozinha, meus olhos vagando para o fogo crescente. Sem ninguém para lutar contra ele, ele devora avidamente o céu, um monstro faminto libertado de sua gaiola.

Logo, o movimento rítmico do vagão me embala até uma espécie de estupor. É bom fechar os olhos.

No meu pesadelo, estou presa entre o fogo e minha mãe. Sua voz sussurra através do crepitar das chamas.

— Você vê agora como é lindo, Maia? Você entende agora?

Tudo em mim grita para ir até ela, para encontrar o oco logo acima de sua clavícula onde eu costumava colocar meu queixo. Mas então Riser passa pelo fogo. Ele está vestindo os trapos do Fosso e estendendo a mão.

— Confie em mim, Maia.

Olhando para trás, para minha mãe, vejo que ela se transformou em Everly March, com uma cortina elegante de cabelo vermelho e pele clara e úmida.

Ela balança a cabeça para Riser, lentamente.

— Olhe para o seu Garoto do Fosso agora, Maia.

Riser segura as cordas com as quais me amarrou.

— Ele quer amarrar você, Maia, torná-la indefesa, assim como no Fosso.

Antes que eu possa responder, Riser se lança sobre mim.

Acordo com Riser me sacudindo suavemente. Ainda presa no meu sonho, grito e me encolho.

— Uau. — Ele levanta as mãos. — Foi apenas um sonho ruim.

— Promete? — Murmuro, meu coração ainda vibrando como um pássaro assustado de seu poleiro.

A testa de Riser se franze enquanto ele me estuda. Não querendo explicar, eu olho pela janela. A Queda da Sombra está quase acabando, o que significa que devemos passar pela cadeia da Cidade Diamante que traçam os rios e afluentes nas planícies.



Mas tudo o que vejo através da escuridão da sombra esverdeada é a destruição de Pandora. Uma cidade inundada, os topos das fábricas mal alcançando a superfície da água. Cidades madeireiras com florestas transformadas em tocos. Campos de plantações que se recusaram a crescer. Fábricas que reduziram as sedas favoritas dos monarquistas a montes de entulho.

O asteroide não está satisfeito em nos colocar um contra o outro; mas deve destruir nossas casas também.

À distância, uma cidade em chamas, a linha negra do que deve estar escapando dos Bronzes serpenteando ao redor de uma colina. O fogo me lembra de Flame, a maneira como seus olhos dançavam antes enquanto ela observava o fogo crescer.

— Por que ela fez isso? Queimou tudo?

Flame se senta com os outros perto da frente. Riser a estuda por um momento, do jeito que um irmão pode olhar para uma irmã mais nova irritante.

— Exorcizando demônios.

— Parece um pouco extremo. — Indico, irritada com o carinho em seu tom. Riser ri.

— Talvez os demônios de Flame precisem de mais incentivo do que a maioria.

De repente, um raio de compreensão explode em meu cérebro. Os corvos do livro. Os corvos se enrolando no pescoço de Flame. Eles são iguais! O que significa...

— O ponto de encontro era a casa deles.



Lembro-me de todos os lindos livros. Armazenar ou comercializar itens proibidos é uma atividade perigosa. Seus pais não poderiam ter escondido seu segredo por muito tempo, não em uma cidade realista.

Um pensamento horrível me ocorre. Seguro a saia do meu vestido.

— De quem é a roupa que estamos vestindo?

Riser pisca. — Por que fazer uma pergunta que você não quer respondida?

Minha boca fica seca. — Os pais dela estão mortos, não estão? E essas são as roupas deles?

— Eles eram Prata, mas isso não os impediu de tirar dois bronzes órfãos como Flame e Cage das ruas e criá-los como se fossem seus. — Seus olhos brilham de raiva. — Quando Flame tinha doze anos, o Imperador os executou.

— O Imperador. — Meus dedos se juntam no meu colo. — Você quer dizer seu...

— Pai? — A voz de Riser é cortante.

Concordo.

— O que? Você está se perguntando se eu posso matá-lo agora que eu sei?

— Sim, realmente.

— Eu vi minha mãe ser despedaçada por causa dele. — Ele se inclina, um sorriso tenso e amargo curvando sua mandíbula. — Portanto, a resposta à sua pergunta é: com prazer.

Flame limpa a garganta, quebrando a tensão.

— Isso parece divertido. — Seu olhar encontra Riser. — Quer se juntar a mim, Príncipe?

Riser ri, seu humor sombrio evaporando. — Me dá um segundo?

Ela olha para mim. — Sim.



Vejo Flame se juntar aos outros na frente.

— Príncipe?

— Um pouco mais distinto do que Garoto do Fosso, você não acha?

Acho graça. — Eu não sei, Garoto do Fosso estava crescendo em mim.

— Há um momento de silêncio constrangedor que se estende por um minuto inteiro, mordo meu lábio. — Então... você e a incendiária rabugenta são próximos?

— Incendiária rabugenta? — Ele levanta uma sobrancelha divertida. — Não próximos. Confortáveis. Um com o outro. — Ele dá de ombros, mexendo no fio solto de seu colete. — A incendiária rabugenta não vacila quando estou por perto.

Um sentimento amargo sobe em minha garganta. Engulo a emoção. Espiando pela janela, passo uma quantidade excessiva de tempo estudando manchas no vidro. Para mim, Riser parece complexo além da compreensão: uma moeda que você nunca sabe de que lado vai cair. Eu poderia fazer mil perguntas e nunca o entender. Ou me sentir completamente confortável perto dele.

— Bem, Flame não estava no Fosso, estava? — Digo, irritada com o quão estridente minha voz soa. Mas ela não estava com os braços amarrados com tanta força atrás dela que seus ombros estalaram e seus pulsos sangraram. Ela não implorou a Riser para ajudá-la, apenas para ser ignorada.

— Você está certa. — Sua mão passa pelo cabelo. — O que significa que você me conhece de uma maneira que ninguém mais conhecerá. Talvez seja por isso que eu... Eu me importo com o que você pensa sobre mim. — Ele força uma risada vazia. — Quero dizer, deve haver algo sobre mim que você considere redentor.



Minha respiração falha enquanto estudo seu rosto. Olhos incompatíveis me estudam de volta. O olho azul escuro e inquietante, o verde quente e claro.

Quem é você, Dorian Riser Laevus? Posso confiar em você?

Não seja estúpida. Pisco e olho para longe. Claro que você não pode confiar na pessoa que quase a matou na cova.

O som do papel sendo alisado atrai minha atenção de volta para Riser. Ele me entrega a página sem olhar para mim.

— Achei isso no telhado. É do seu diário. — Ele se levanta para sair. — Eu não li, se você estiver se perguntando.

— Obrigada... — Mas ele se foi antes que eu pudesse terminar. *É o melhor de qualquer maneira*, digo a mim mesma, mas minhas palavras soam vazias enquanto vejo Riser e Flame rindo de algo perto da frente.

O papel parece pesado em minha mão. Decido não ler as palavras. Elas só vão trazer memórias do passado, e agora eu preciso me concentrar. Procuro fósforos em minha bolsa para queimar a página e meus dedos arranham Bramble.

O levanto e planto um beijo rápido e maternal em suas costas de metal frio, então eu o desligo.

— Desculpe, B, mas eles não vão gostar muito de você para onde estamos indo.

Assim como a carta, ele pertence à minha velha vida e à garota fraca e covarde que vai me matar.

Encontro os fósforos. Restam dois. A carta está enrolada na minha mão, umedecida de suor. *Talvez eu deva deixar secar um pouco, acho, já que só existem dois fósforos.*

Coloco o papel no assento ao meu lado e inclino minha cabeça contra a janela.



Eu vou queimá-la. Eu vou.

Finalmente sucumbo ao sono e, quando acordo, os destroços do lado de fora foram substituídos por montanhas verdes exuberantes, curvando-se continuamente. Devo ter dormido a noite toda porque está quase amanhecendo, a cortina escura da noite se levantando lentamente. Quando chegamos ao topo da montanha, Dominus se espalha pelo horizonte, o local de nascimento de minha mãe e a maior cidade realista.

Antes de partirem para Hyperion, Ouros moraram aqui em propriedades majestosas com vista para o mar, servidas por um exército de bronzes. Muitos dos bronzes que serviram aqui tiveram permissão para entrar em Hyperion.

Porque o que seria do novo mundo sem os camponeses para dominar?

Uma dessas propriedades palacianas e sinuosas ao longo dos penhascos pertenceram à maldita Casa Croft. Após o bombardeio que matou a Imperatriz, Ezra fugiu, então eles invadiram a propriedade e aprisionaram toda a Casa Croft, embora sua família tivesse renegado Ezra publicamente anos antes.

Em troca de sua libertação, Ezra se entregou.

Impaciente para anunciar sua vitória, o imperador ordenou que fosse transmitido pelas telas de divisão. Todos viram Ezra Croft se explodir, matando uma série de Centuriões desavisados. Em retaliação, eles penduraram seu manto vermelho esfarrapado na praça, junto com todos os homens da Casa Croft, encerrando a linhagem Croft.

Ou então o imperador pensou: ele não sabia sobre Riser.

Meu olhar percorre a cidade agora abandonada enquanto tento imaginar minha mãe aqui como uma criança. Pálidos pináculos de mármore, pilares e cúpulas brotam dos edifícios brancos, junto com os longos e esguios aquedutos que trazem água para a cidade e enchem seus famosos banhos quentes. Acho



que há uma rua com o nome da família da minha mãe, ou talvez seja um parque. Lockhart. Tenho uma ideia de ir procurá-lo para poder explodi-lo.

Cuidado, Everly. Você está começando a soar como uma Fieniana.

O pensamento não é tão alarmante quanto deveria.



CAPITULO 32



Montanhas de minério, mais cidades monarquistas abandonadas. Devo ter adormecido de novo porque, quando volto, vejo campos verdes, faixas impossivelmente espessas de céu azul, uma ou outra aldeia vazia.

Finalmente, uma cúpula de mármore sobe do vale abaixo. Pisco sonolentemente na Sede Realista, mais ou menos do tamanho de uma melancia, cercada por todos os lados por montanhas cinzentas e uma cerca de aço farpado.

Demora um pouco para perceber que as esferas metálicas que poluem acima da sede são drones.

Logo acima da montanha mais alta com pico de neve fica a Ilha Esmeralda, na verdade mais como uma enseada que se estende por um lago verde cintilante.

As janelas escurecem abruptamente. Há uma sensação de queda no meu meio enquanto descemos o túnel dentro da montanha. O resto do caminho será subterrâneo.

É hora de destruir a carta. A cabeça do fósforo explode com um suave whoosh. Seguro a chama no canto do papel, com a intenção de queimá-la, mas, assim que minha letra maluca e infantil vem à tona, hesito.



Sinos de alarme tocam dentro da minha cabeça. A página é datada de três dias antes da morte de meu pai, mas não me lembro de ter escrito nada naquela época.

Eu me inclino para perto:

Eu, Maia Graystone, estou escrevendo esta mensagem para mim mesma, com o pleno conhecimento de que assim que estiver concluída, vou escondê-la e esquecer que alguma vez a escrevi.

Pai me contou tudo hoje. Decidimos, juntos, armazenar o mapa e a chave dentro de Max e eu. Depois, eu gravaria esta mensagem do Pai para você e então esqueceria tudo.

Por favor, não fique brava com ele, Maia. Eu me ofereci sobre seus protestos, e você sabe como podemos ser teimosas. Não sei onde você está em sua jornada agora, mas espero que você ainda seja a garota otimista, engraçada e autossuficiente que sou agora - claro que você é! - e que você esteja sendo legal com Max, eu sei que é difícil. Lembre-se de que papai te ama e que você está fazendo a coisa certa.

Oh, a parte mais importante. Não se esqueça de que você é incrivelmente corajosa!

Assinado,

Seu eu mais jovem e incrível

A mensagem de meu pai, embora entregue por minhas mãos, tem sua caligrafia elegante e meticulosa:

Minha querida Maia,

Se você está lendo isto, então você ainda está viva e, eu oro, saudável. Agora estou certamente morto e o Projeto Hyperion estará em seus estágios finais. Se isso for verdade, espero que não tenha causado muita dor. Sei que nem sempre fui o pai mais atencioso, mas garanto que tudo o que fiz foi por você e seu irmão.



O Projeto Hyperion começou como uma solução de último recurso para o asteroide. No caso de o dano causado à população remanescente ser catastrófico, os Escolhidos deveriam reconstruir a raça humana. No entanto, o imperador prometeu usar uma parte significativa de seus recursos para pesquisar maneiras de proteger a Terra do asteroide.

Como descobri mais tarde, essa promessa nunca foi cumprida.

Incapaz de aceitar a destruição de tantos, comecei a explorar as possibilidades usando materiais proibidos pela Lei da Reforma. Seis anos de desenvolvimento, descobri o que precisava. Trabalhei em segredo, chamando meu projeto de Mercurian. O Mercurian foi desenvolvido para tirar o asteroide de seu curso o suficiente para minimizar os danos e poupar a maior parte da população.

Infelizmente, a essa altura, o Imperador também havia descoberto o Mercurian. Cego por sua própria ideologia distorcida, ele ordenou que fosse destruído ao invés de usar a tecnologia que ele proibiu. Então, escondi o Mercurian e garanti que a única maneira de o encontrar fosse através de Max. Você é a outra parte do plano à prova de falhas, porque em alguns aspectos, o Imperador estava certo: Existem aqueles que usariam o Mercurian como arma.

Maia, isso é muito importante. Nas mãos erradas, o Mercurian poderia fazer a única coisa que foi projetado para prevenir: destruir a humanidade.

Não posso te dizer quanto tempo lutei com a decisão de envolver você e Max. Eu sabia que, ao fazer isso, estaria colocando você em perigo mortal, mas àquela altura não havia mais ninguém em quem confiasse totalmente. Embora eu chore pela vida da qual sem dúvida irei privá-la, sei que você não é como a maioria das crianças. Você é forte, honrada, engenhosa e sábia além da sua idade.

Você não deveria se casar com um príncipe, Maia; você deveria governar.

Por favor, lembre-se, Maia, da lua, das estrelas e do universo, que é o quão longe meu amor por você chega.



Espero que esta carta enigmática, intencionalmente, tenha permitido a você um pouco de paz. Sei que já exigi mais do que qualquer pai deveria pedir à filha, mas há mais uma coisa que preciso de você.

Você deve encontrar seu caminho para a corte. O Mercurian está escondido na Ilha, em um local projetado especialmente para você. Ainda há tempo para ativá-lo e parar o asteroide. O que outros usariam para destruir, você deve usar para salvar. Mas você não pode fazer isso sozinha. Você deve se aliar ao povo; você deve acordá-los. Bilhões de vidas dependem de você querida, por mais difícil que seja, eu sei que você não vai me decepcionar.

Com todo meu amor,

Pai.

Vejo a página queimar aos meus pés, uma estrela brilhante sussurrando pequenos vaga-lumes vermelhos que flutuam silenciosamente para o teto.

Abro a boca para fazer um som, para chorar, mas tudo que conjuro é a saliva azeda que significa que estou prestes a vomitar.

Meu pai não era um traidor. Ele estava tentando salvar a população. E agora bilhões de pessoas dependem de mim.

Não apenas um irmão mais novo irritantemente precoce.

Bilhões.

Por um segundo, a escuridão parece desabar sobre mim. Estou me afogando, me afogando nisso. Então, atravesso a névoa turva de sombras e memórias: meu pai, Max, o vestido branco que usei para o pequeno procedimento, a maneira como meu pai sorriu e me abraçou depois.

Meu cérebro se esforça para processar essa nova informação. Ainda há esperança.

Olho para cima, embora eu não consiga ver através do teto da grade e da montanha o pedaço gigante de rocha no céu, arremessando em nossa direção



com eficiência silenciosa. Penso em todas as famílias que clamaram por alguém para salvá-las, sabendo que ninguém o faria.

Existe uma maneira de parar a ira dela, e o imperador sabia disso o tempo todo.

É como um daqueles pesadelos quando você está caindo. Você sabe que em algum momento vai bater no chão, mas no último segundo você percebe que é apenas um sonho e acorda chorando de alívio.

Exceto que não estou chorando, nem perto disso. E o alívio que sinto dá lugar à raiva. Uma raiva fria, dura e opressora que ferve sob meu esterno e acende dentro de mim um senso de propósito.

É essa mesma raiva que arrasta a memória do corpo do meu pai para a superfície. Olhos vidrados e rolados para o teto. Sangue escorrendo em rios grossos e brilhantes de seu pescoço e do lado. Sua boca aberta, ofegante, um peixe fora d'água. Mãos suaves e gentis se abrem como se ainda estivessem alcançando a maçaneta da porta.

Ele poderia ter fugido, poderia ter escapado, mas ao invés disso ele veio para me salvar. Eles o executaram assim que eu abri minha porta.

— Eles o mataram. — Digo em voz alta.

Eles o mataram.

Eles o mataram.

Eles o assassinaram.

Meu corpo balança com o movimento da grade. A escuridão é envolvente, o ronronar alto da grade ecoando nas paredes apertadas. Em poucos minutos, chegaremos à Sede, onde Brogue nos entregará para viagem à Ilha.

Estou surpresa com o quão calma me sinto. Muito, muito determinada.



De alguma forma, parece que estive me preparando para este exato momento em toda a minha vida.

Afinal, não é a primeira vez que venho aqui. Assustada e sozinha. Não tendo certeza em quem confiar. Lutando pela sobrevivência em um ambiente hostil e implacável.

Exceto que desta vez será diferente.

Porque desta vez vou lutar.



PARTE II

*As coisas que nos agradavam se transformaram em pó.
E as coisas que nos perseguem brotaram de seus restos.
Até a colheita podre, regada com o sangue de nossos filhos,
cresceu tão alto que escondeu o sol.
E esquecemos que sempre amamos a luz.*

— Baronesa Lillian Lockhart



CAPITULO 33



A nave espacial faz um leve zumbido. Nós nos amontoamos e encontramos nossos cintos de segurança. Tenho que admitir, dada a minha história e a de Riser juntos em espaços altos, tento muito não olhar para o chão enquanto saímos do telhado e fazemos um arco sobre o vale.

Não ajuda em nada o fato de as paredes e o piso da nave espacial estarem completamente limpos, como se estivéssemos flutuando dentro de uma bolha. As paredes são realmente telas projetando imagens.

Esse conhecimento não torna as centenas de metros entre nós e o solo menos assustadoras, no entanto.

Ou surreal.

Essa é a palavra dançando na ponta da minha língua enquanto eu observo quilômetros de pastagens verdes, montanhas cinza-aço, céu aberto e céu intacto.

Na verdade, é como se eu tivesse entrado em outro mundo. Um quilômetro de distância da carnificina e feia a que estou acostumada.

Pouco antes de passarmos pelas montanhas, meu estômago se contrai e sinto uma sensação mais leve que o ar.

O topo da montanha se torna um espaço vazio. Céu azul e nuvens ondulantes. O enorme lago que abriga a Ilha se desdobra sob meus dedos, um

tecido de seda azul-esverdeado, lançando pequenas joias de luz do sol de sua superfície. Nós caímos baixo. Abaixo. Meu corpo fica tenso com o impacto imaginado.

Mas, no último segundo a embarcação para, errando por pouco as gaivotas brancas que planam baixo sobre a água.

Uma densa floresta verde forma um halo na costa, orlada com o marrom-amarelado dos pântanos. Floresta Penumbria. Meu corpo fica pesado quando nos erguemos acima das árvores e planamos pelo que parecem quilômetros. O tapete verdejante e frondoso desaparece e cruzamos um prado, a sombra da nave espacial assustando um grupo de veados de peito branco.

Aninhado nas profundezas das colinas onduladas distantes, e esculpido na encosta da montanha, uma monstruosidade branca como os ossos brilha sob o sol.

Palácio da Corte de Laevus.

Meus olhos vasculham tudo. O Mercurian se esconde em uma dessas florestas, um desses cômodos de pedra.

Na verdade, pode ser em qualquer lugar. E como vou encontrá-lo?

Mesmo se eu soubesse onde procurar, o castelo e os jardins estariam repletos de centuriões e cortesãos suspeitos. E como devo me concentrar em encontrá-lo quando todo o meu foco precisa estar em sobreviver à Seleção e às provações?

Uma sombra se espalha sobre a nave. A Alta Torre Clare brota à nossa direita, mais alta do que parece possível, suas pedras claras escuras de musgo, a enorme bandeira negra que balança em sua coroa ostentando a fênix com garras do imperador.

Merida segue a torre com os olhos.



— Eu esperava que eles o tivessem demolido. — Ela diz suavemente, para ninguém em particular. Ela se vira para mim. — Você já foi à corte antes, Dama March?

— Sim, quando eu era... — Criança. — Um bebê. — Finalizo, limpando minha garganta. — Mas eu não me lembro de nada sobre isso, obviamente.

Merida traça o topo da torre cada vez menor com a ponta do dedo.

— Eu tinha seis anos e Rhyddian sete quando fomos banidos. Eu vi meu tio, o pai de Rhyddian, ser enforcado naquele lugar bem ali, junto com outros cinco da Casa Pope.

Rhyddian ergue os olhos pela primeira vez desde que entramos na nave.

— Meu pai era um conspirador e Simpatizante de Fienianos, então ele recebeu a morte de um traidor.

Ninguém diz uma palavra depois disso. Há um pequeno solavanco quando a nave se acomoda no meio do pátio de paralelepípedos, próximo à fonte do Dia da Libertação, um impressionante monumento de mármore, esculpido na forma gigante do Imperador Laevus cercado por cem crianças de mármore assustadoras.

Quando eu tinha seis anos, eles começaram a transmitir o progresso da fonte do Dia D nas telas de fenda. Demorou mais de três anos e incontáveis Bronzes para construí-lo. De hora em hora, a água jorra das mãos em concha das crianças, para a contagem regressiva dos dias até o Dia D.

Abaixo dele, aquecendo-se com os respingos da fonte, estão flotilhas balançando com casais alimentando os cisnes sob guarda-sóis com babados.

Ouve-se um chiado baixo quando as laterais da nave se elevam. O ar encharcado de sol e o aroma inebriante e adocicado de rosas e grama quente encham a nave. Meu cérebro nada com o som de cascos batendo em uma



carruagem próxima e cisnes trombeteando. Meu corpo, agora acostumado ao balanço suave da nave, precisa de um segundo para se ajustar ao solo.

Merida e Rhydian saem primeiro. Fico olhando nervosamente para o mundo vibrante que me espera.

Minha mãe está aqui? Ou ela está lá em cima, passando seus dias em Hyperion? Claro que ela está.

O alívio tira a tensão em meus ombros. Eu não terei que vê-la ainda.

Real ou imaginário, sinto um leve toque em meu dedo mindinho, como se Riser, por um breve momento, estivesse praticando o gesto humano de reafirmação.

Riser salta e se vira para me oferecer sua mão. — Minha dama.

Sua mão é quente e forte e surpreendentemente reconfortante, e ele aperta suavemente, talvez demorando um pouco mais. Mas, por baixo das maneiras, sua voz é fria. É óbvio que nossa última conversa no trem mudou nossa amizade.

Faço uma reverência, abaixando-me para esconder a pontada de arrependimento que sinto por magoá-lo. Por alguma razão, as últimas frases do primeiro poema sancionado de minha mãe, escrito quando ela tinha a minha idade, ecoa dentro da minha cabeça:

Pois eu sou carne e sou osso.

Forjada em chamas; gravada na pedra.

Pois estou livre.

Livre para não ser mais uma garota.

— Não sou mais uma garota. — Sussurro. Em seguida, atravessamos o gramado luxuoso. Um Lorde e uma Dama, desempenhando nosso papel.



CAPITULO 34



O primeiro upload acontece logo após eu entrar no meu apartamento. Tarde demais para o passeio, vamos direto para os Apartamentos do Castelo Hawthorne, o prédio reservado estritamente para os finalistas do Julgamento das Sombras. É um edifício mais antigo, envolto em hera densa e sem grande parte da elegância da Corte de Laevus, mas ainda impressionante com suas colunatas ousadas e estátuas douradas.

Afinal, os Barões do Ouro visitantes e suas famílias costumavam ficar aqui.

Meu apartamento fica no segundo andar, logo após a grande escadaria de mármore. Um retângulo espesso de partículas de poeira gira na luz da janela aberta que dá para os Jardins Reais. Os estábulos ficam a leste, o cheiro pungente de esterco de cavalo e feno podre flutuando na brisa calma. O sol escapa do rio Palladium à distância.

Flame está aqui, agachada sobre o aparelho que ela conseguiu montar dentro do meu guarda-roupa, para se esconder rapidamente, ela explicou. Ela está mais grosseira do que o normal, devido ao fato de a criptografia que permitirá a comunicação com Nicolai estar demorando mais do que deveria.

Parei de contar suas explosões vulgares cheias de palavrões em cem. Caso contrário, estamos fazendo um trabalho especializado em ignorar uma à outra.

Como minha assistente, ela é bastante deficiente. Mas como o cérebro da tecnologia está me mantendo fora da grade realista e conectada a Nicolai, suponho que ela esteja ganhando seu sustento.

Estou perto da janela, curtindo o sol em minhas bochechas, quando um pequeno choque dispara no centro do meu cérebro. Meus lábios e a ponta do meu nariz zumbem. A sensação é estranha, mas familiar, uma palavra que você diz repetidamente até que se torne simplesmente uma sequência irreconhecível de sílabas.

A pressão atrás dos meus olhos diminui e fico com uma sensação de dor e entorpecimento, como uma contusão dentro do meu cérebro.

Meu primeiro upload.

Aliso meu cabelo, visto a roupa que Merida mandou, um terno de montaria cor de marfim sem costas com mangas largas e um colarinho alto que daria ao Sensor um golpe, e uma reverência para Flame.

— Como estou, Fieniana?

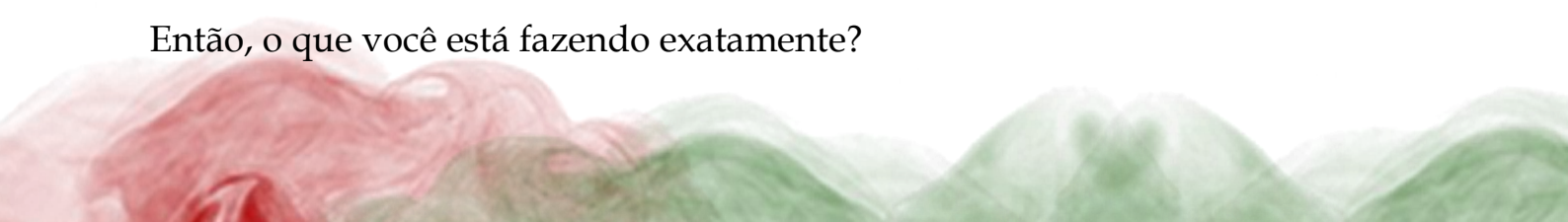
Embora melhor do que o traje bolorento anterior, é também mais ousado, sem espartilho e flagrantemente moderno.

Flame ergue os olhos de seu brinquedo. — Como uma prostituta monárquica.

— Perfeito. Quanto tempo até estarmos online novamente com Nicolai?

— Nós poderíamos fazer isso agora. Isto é, se você não se importa de ficar pendurada pelo pescoço na Torre da Queda da Sombra.

— Não, obrigada. — Apertando os olhos, eu olho mais de perto. — Então, o que você está fazendo exatamente?



Sem olhar para cima, Flame diz: — Aproveitando o sistema deles usando uma criptografia por cavalo de Tróia. Quando terminar, poderei controlar sua entrada e Nicolai terá um modo de transmissão sem detecção. Alguma outra pergunta idiota?

— Não. Terminei.

Flame me encara com um olhar irritado. — Você não tem um lugar para estar?

Jogo minhas mãos pro alto. — Saindo.

— Espere. — Ela tira uma adaga plana de seu decote ralo e entrega a arma para mim. Rolo a alça curta entre minhas palmas.

É impossível ignorar a maneira como meu coração palpita com o peso frio da adaga.

— Mas eles nos revistaram. — Indico estupidamente.

Ela bufa, pegando a arma de mim. — Não, prostituta, eles cutucavam e cutucavam como idiotas pudicos. — Ela puxa para trás o decote do meu busto e franze a testa. — Que tipo de terno não tem bolso de punhal? — Antes que eu possa responder, ela corta as costuras da bainha e desliza a lâmina plana para dentro. — Agora você está perfeita.

— Obrigada. — Sorrio. — Tente não fazer nada terrorista enquanto eu estiver fora.

Os outros estão me esperando no salão. Até agora, já houve centenas de uploads, suas mentes um zumbido baixo de estática dentro da minha cabeça. Vai levar algum tempo para me acostumar.

Merida mudou para um terno rosa escuro que é drapeado de uma forma que faz com que cada movimento pareça uma dança elaborada. Ousado e divertido, é elaborado com apenas um toque de batom coral.

Avaliando sua roupa em mim, ela dá um aperto rápido na minha mão.



— Como se tivesse sido feito para você. Você.... você sabe, já sentiu isso?

— Sim. — Digo, estremecendo com a memória do upload.

— É como se alguém estivesse se contorcendo dentro da sua cabeça.

Não aponto que eles realmente estão dentro de nossa cabeça. *Melhor não pensar nisso.*

Merida dá uma risadinha. — Mas a parte mais estranha é pensar em quem está dentro de você. Tenho quatro irmãs mais novas, e todas planejam me dar seus uploads, então agora não posso deixar de me perguntar se cada upload que sinto é uma delas bagunçando.

Rhydian segura a porta enquanto Riser nos conduz para fora. Vai demorar um pouco para se acostumar, ser tratada como uma dama.

Os dedos de Riser repousam nas minhas costas, roçando levemente meu ombro nu.

— Eu gosto do vestido, Dama March.

Me viro sorrindo, ignorando a maneira como minha pele arrepia sob seus dedos.

— Ora, obrigada, Lorde Thornbrook.

Tenho que admitir, estamos interpretando nossos papéis lindamente.

Pegamos uma carruagem pelos jardins a caminho do Castelo de Laevus. Acho o passeio acidentado calmante. Riser está perdido, olhando pela porta aberta.

Se ele está nervoso ou oprimido, está fazendo um bom trabalho em esconder isso.

A Queda da Sombra está para acontecer a qualquer segundo, então, a princípio, acho que a sombra que desliza sobre nossa carruagem é do asteroide. Mas essa sombra é passageira, seguida rapidamente por outra.



Olhando para fora, vejo as naves estelares da corte no céu, mais como gotas de prata, à medida que convergem sobre o Castelo de Laevus, muitas para contar, antes de sumirem de vista.

— A corte voltou de Hyperion. — Digo, muito ciente do medo que sua presença invoca. Eles vieram especialmente para o Julgamento esta noite.

A verdadeira Queda da Sombra acontece no momento em que a carruagem para em frente aos grandes degraus. Dois atendentes de Bronze segurando tochas acesas nos ajudam a sair e subir as escadas. Os pavões vagueiam preguiçosamente sob o pórtico, bicando as pernas dos centuriões silenciosos postados ao longo da parede. Cada centurião segura uma tocha e uma pistola.

Uma vez lá dentro, mal tenho tempo para apreciar a grandeza porque nossos atendentes estão nos apressando. Mesmo assim, parece que leva uma eternidade para percorrer o labirinto de corredores, escadas e ao redor dos criados acendendo velas. Por fim, somos depositados em uma sala repleta de almofadas de seda e um fogo afetuoso e mandados a esperar.

Meu primeiro objetivo é orientar-me ao meu redor. Assim que o fizer, posso começar uma busca adequada pelo Mercurian.

A futilidade da minha situação não passa despercebida. Existem literalmente milhares de hectares de terra e incontáveis cômodos para pesquisar. Por causa do risco de ser encontrada, meu pai teve que ser vago na carta. Presumo que ele forneceria mais orientação na Simulação.

Infelizmente, nada disso me ajuda agora.

Este cômodo, eu acho, parece um tanto familiar. A partir de fragmentos de memória, construo um mapa aproximado de onde estamos. Em algum lugar na ala leste, no quarto andar.

E se eu estiver certa...



O observatório fica exatamente onde eu me lembro. Um longo corredor repleto de retratos da família real leva até lá. Tochas adornam a parede à minha esquerda e, a cada chama que passo, minha sombra se estende até quase tocar as escadas sinuosas de ferro forjado que levam até o telescópio com cúpula de vidro.

Eu paro um pouco antes da escada e olho para a última pintura. Dentro da enorme moldura barroca dourada, o Príncipe Caspian está sentado ereto em um trono de mármore branco, a pesada coroa de ouro ligeiramente torta, seu manto negro quase o engolindo. O artista conseguiu capturar a curva irônica de seus lábios e o brilho confiante que aquece seus olhos cor de champanhe.

— Vê algo que você gosta? — Uma rica voz masculina pergunta.



CAPITULO 35



Assustada pela voz, eu me viro. — O que? Não há nada aqui que eu goste. Não... Quero dizer...

Pare de tagarelar.

Perturbada, eu aperto meus lábios e vejo o invasor. Recursos suaves e limpos. Sobrancelhas louro-claras elegantes. Maças do rosto e lábios cheios, reforçados por um nariz longo e reto. Olhos dourados claros e pele bronzeada fazem com que o cabelo loiro do homem pareça mais brilhante.

A familiaridade puxa logo abaixo da superfície da minha mente.

E aquele sorriso irônico...

O homem acena para o retrato. — Eu sou...

— Príncipe Caspian. — Interrompo, esquecendo cada pedacinho de graça que me ensinaram. — Eu sei.

Ele levanta uma sobrancelha real. — E você é...?

— Oh. Hum... Everly. Dama Everly March. — Ofereço um aperto de mão antes de lembrar que o protocolo adequado para cumprimentar alguém acima da minha posição é uma reverência.

Maldito seja o inferno Fieniano!

Ele não está apenas acima da minha posição. Ele é um Ouro. Realeza. Isso requer algum tipo de reverência extensa.

Pelos deuses, garota, Nicolai geme dentro da minha cabeça. Mal consigo assistir.

Bem, isso foi rápido, respondo. Flame disse que demoraria um pouco para criptografar.

Existem algumas torções que precisam ser corrigidas, mas presumi, pela maneira como as coisas estavam indo, que era uma emergência.

Bufo. — Você é a última pessoa de quem preciso de ajuda... oh.

Sim, Maia, me repreendo. Você apenas disse isso em voz alta.

— Desculpe? — A voz refinada de Caspian goteja diversão.

— Eu estava falando... comigo mesma.

Há um gemido quase imperceptível dentro da minha cabeça, e então sinto Nicolai ir embora.

Caspian me estuda por mais um momento, como se eu fosse uma criatura estranha que precisa ser catalogada. Em seguida, seus lábios se curvam em seu sorriso irônico e ele ri, pegando minha mão e apertando-a com firmeza.

— É um prazer conhecê-la, Dama March.

— Desculpe. — Digo. — Eu não venho à corte há um tempo. Eu sou uma...

— Finalista. — Caspian termina. — Eu sei.

É difícil não olhar para Caspian. Ele é exatamente como eu imaginei. Quente, acessível, real. Um sorriso rápido e fácil. Ele é bonito, de uma forma segura e agradável, seus ombros largos se esticando contra um gibão de couro amarelo preso com fitas de tafetá de ouro que só ele poderia puxar. Sua marca de Escolhido, a mesma que eu costumava usar, sobe de seu colarinho alto, as asas da fênix brilhando como se estivessem em chamas.

A conexão entre nós é imediata e impossível de ignorar. Ele está me olhando como se também sentisse. Nós fomos combinados, uma vez, nosso

DNA se encaixava perfeitamente, então imagino que mesmo com toda a minha reconstrução, partes de nós ainda sentiriam. Limpo minha garganta.

— Os outros provavelmente estão procurando por mim.

Ele passa a mão pelos cabelos grossos na altura dos ombros. Meu palpite é que o costume da corte exige que ele seja puxado, mas em algum momento durante o dia sua fita caiu, provavelmente durante uma justa ou algum outro esporte nobre que eles praticam em Hyperion, e ele ainda não percebeu.

— Sim, claro. — Ele pega minha mão com a palma para baixo e a leva aos lábios. — Um prazer, Dama March.

Faço uma pequena reverência desejosa. — Meu Soberano.

Quando me viro para sair, ouço um barulho alto de grade, e o telescópio acima muda para outra posição. Nós dois paramos para olhar.

Caspian sobe as escadas em espiral. Lá embaixo, posso apenas ver Caspian enquanto ele amorosamente passa a palma da mão sobre o corpo cilíndrico longo e elegante do telescópio.

— Ela nunca fez isso antes. — Diz ele, franzindo a testa. Parte de seu rosto desaparece quando ele olha pelas lentes. Quando ele termina, ele tem uma expressão estranha. — Você se importaria de ver onde ela caiu?

De alguma forma, não parece uma pergunta. Minhas botas batem suavemente na escada. O telescópio parece maior do que eu me lembrava e impossivelmente bonito, cercado por todos os lados por um vidro transparente. A luz da tocha percorre seu comprimento dourado.

Espio pelas lentes o que sei de cor. — A Grande Nebulosa de Órion. — Sussurro. Ela está dentro da espada de Orion. Uma flor rosa-avermelhada florescendo de gás hidrogênio preenche a lente, o centro branco brilhante um berçário estelar de estrelas bebês. — O aglomerado de estrelas das Plêiades fica logo acima dela.



— Então, você também ama Astronomia?

— Eu costumava adorar. — Minhas mãos se juntam de maneira estranha. — Então eu cresci.

— Bem, também sou um especialista em desistir de coisas que amo.

— Ele riu sombriamente. — Mas eu não tive que me separar disso... ainda.

— Sua mão passa por seu cabelo. — Eu estava realmente no meu caminho aqui quando eu encontrei você...?

— Procurando por isso. — Bato no telescópio. — Para acalmar meus nervos.

Minha voz vacila. Caspian ficou quieto, seus olhos lentamente, procurando cuidadosamente meu rosto, sua boca curvada como se eu fosse algo na ponta da língua, uma palavra a ser lembrada. Ele reconhece algo em meu comportamento? Meu rosto?

Franzindo a testa, Caspian se vira para olhar pela janela escura de forma que apenas seu perfil fique visível.

— Havia uma garota que conheci há muito tempo, que recebeu o nome da mais brilhante das sete irmãs. Ela usava a Constelação de Órion e as Plêiades no rosto. Você sabia, Dama March, que a mitologia afirma que Orion estava meio louco de amor pelas sete irmãs, então quando ele morreu Zeus as colocou no céu para que ele as contemplasse eternamente?

— Não. — Minto. Estamos nos aventurando em um território perigoso e quase posso sentir minhas sardas queimando como as estrelas das quais falamos.

— Ela escreveu um poema para mim uma vez, essa garota, sobre como era horrível para Orion ter que olhar para algo todos os dias que ele não poderia realmente ver.



O que ele não sabe é o significado por trás daquele poema infantil. Como meu pai era Órion e minha mãe as sete irmãs, incapaz de ser amarrada a nada além de sua causa.

Estudo minhas unhas. — O que aconteceu com essa poetisa em ascensão?

Mesmo olhando de lado, posso ver que cometi um erro. Nosso relacionamento tênue desapareceu, seus ombros largos repentinamente tensos.

— Um pequeno conselho, se me permite, Dama March?

— Claro.

— Nunca falamos sobre cortesãos que não estão mais presentes.

— Certo. Eu... Eu não deveria ter bisbilhotado. — Sei que se não sair agora, só vai ficar mais estranho, mas não consigo me mover.

— Everly! — Merida olha de baixo para cima. Quando seus olhos mudam para Caspian, ela cai em pânico, uma reverência meio perigosa. — Meu Soberano, desculpe por interromper...

— Não! — Gaguejo rapidamente, descendo as escadas correndo. — Eu estava saindo.

Caspian grita do topo da escada, mas eu me curvo, meio desajeitada, e fujo com Merida. Uma vez de volta à sala de estar, explodimos em risadas de colegial.

No meio de uma risada, Riser pega meu braço e me empurra para o canto, me forçando a encará-lo.

— Você não deveria desaparecer assim.

— Desculpe? — Estalo.

Fácil, não, diz Nicolai. Ele parece mais do que ligeiramente divertido. Lembre-se do plano. Eu não acho que cortejar envolve arrancar as cabeças uns dos outros.



Infelizmente para Nicolai, minhas palavras — ou a falta delas — no trilha já tornaram o cortejo quase impossível. Tiro os dedos de Riser do meu braço.

— Talvez você deva parar de tentar ser meu guardião.

Os músculos de sua mandíbula ficam tensos. — Você poderia ter se machucado.

A preocupação velada em sua voz se instala profundamente no meu núcleo. Por um momento, quero dizer a ele para não se preocupar. Que eu odeio a ideia de ele ficar chateado. Mas eu preciso afastá-lo, manter distância entre nós.

— Você prefere que eu fique aqui para que possamos trabalhar no plano?

— Empurrando na ponta dos pés, fecho o espaço entre nós. — Que tal, agora? Isso te deixa feliz?

— Isso não é sobre nós. É sobre os uploads. Certifique-se de passar pelo Julgamento. — Sua voz é baixa, suave enquanto rola em minhas bochechas. Me concentro em seu olho verde. Aquele que dá significado ao que ele diz.

Aquele por quem eu poderia me apaixonar.

Meu peito aperta enquanto dedos invisíveis batem em cada costela, até a minha garganta. Eu percebo que minhas unhas estão esculpidas em minhas palmas.

Não! Eles querem isso. Minhas emoções não são reais, não são minhas. Lute, Everly! Não deixe que eles controlem você.

Isso não é real.

Me encolho. — Você acha que um beijo estúpido vai conseguir tudo isso?

Ele ri sombriamente. — Everly, a única coisa que sei é que quando chegar a hora... — Ele se inclina. — Será tudo, menos estúpido.

Antes que eu possa dizer qualquer coisa para fazê-lo entender como isso nunca vai acontecer, as portas do Grande Salão se abrem. Grata pela

interrupção, me viro, totalmente esperando algo extravagante. Um banquete, talvez. Mesas repletas de comida e vinho. A maneira perfeita de exibir a riqueza e os privilégios do imperador.

O que vejo, em vez disso, me faz ficar fria.

A reação de Riser me tira do meu estupor de surpresa. Sua mão pula para a cintura, onde sua adaga normalmente estaria. Nossos olhos se encontram, e ele ordena algo indecifrável sobre os gritos e sons de luta. Mãos cavam profundamente em meus ombros, e sou jogada violentamente para trás enquanto Merida grita.

— Pare! — Grito.

Vejo dois, não três, homens lutando com Riser.

E então uma venda aperta meus olhos, apertando com força, e tudo fica escuro.



CAPITULO 36



O efeito de ter minha visão roubada de mim é debilitante. Puxo o ar pelo nariz e pela boca. Trabalho para acalmar minha mente. Não há dúvida de que estou de pé sobre uma mesa. Meus olhos estão vendados.

A sensação de pânico permeia o cômodo.

Nicolai, o que está acontecendo? Nicolai! Mas eu sei pela sensação de vazio dentro da minha cabeça que ele não está lá.

Muita ajuda você é.

O cheiro de cera de vela e medo queima minha garganta. A julgar pelos outros finalistas com os olhos vendados que vi de pé em cima das mesas, isso é algum tipo de trote. Naquele pequeno segundo, com os rostos cobertos, não reconheci nenhum dos finalistas. Mas a maioria já foi ouro, antes que o imperador, em sua paranoia, os rotulasse de simpatizantes fienianos e suas famílias fossem reduzidas a bronze.

O lugar se enche de zombarias e risos às nossas custas. Parece que as crianças na corte não mudaram muito desde a minha última vez aqui. O pensamento me deixa enjoada. Quase posso ouvir suas provocações. Sentir suas adagas arrancando meus cabelos e carne de meu couro cabeludo.

A garota ao meu lado grita de surpresa. Eu descubro o porquê um segundo depois, enquanto mãos agarram minha perna esquerda e a torcem até

que ela se equilibre no meu outro joelho. Acenando meus braços, eu encontro meu equilíbrio e uso meu núcleo para estabilizar.

Rindo, enquanto mais finalistas são forçados a levantar as pernas.

— Bem-vindos à Ilha. — Diz uma mulher com uma voz alta e preguiçosa. — Eu sou a Condessa Delphine Bloodwood, e hoje à noite, após o Julgamento, meu companheiro Escolhido e eu seremos forçados a escolher dois de vocês, vermes de Bronze, para serem mentores, então agora é sua chance de provar seu valor.

Inalo uma respiração profunda para não cair da mesa. Condessa Delphine? A garota cruel que raspou minha cabeça para se divertir?

Quem em sã consciência colocaria uma maníaca como aquela no comando dos finalistas?

A provocação alta me faz cambalear e me concentro em manter o equilíbrio. Algo frio e pesado é colocado em minha mão. Eu ouço e sinto um líquido espirrando dentro dele, uma taça então.

— Bebam. — Ordena Delphine. — Quero ver taças vazias em dez segundos.

Tomo goles furiosos, o líquido queimando uma trilha de fogo na minha barriga. Depois de respirar algumas vezes, percebo que é rum de amora, não ácido, não que meu esôfago pareça saber a diferença.

Uma onda de tontura cai sobre mim. Minha perna balança, mas consigo me manter em pé.

— De novo. — Delphine comanda.

Há o som da minha taça sendo enchida. Dreno minha taça. Desta vez não queima tanto, e a chama em minha barriga se torna uma manta calmante de calor que se infiltra em meus membros.



A garota ao meu lado está com problemas. Eu posso ouvir seu suspiro seco entre cada gole raso. Finalmente, porém, ela se abaixa. Respirando irregularmente, ela solta um grunhido, seguido de vômito úmido.

— Oh. — diz Delphine. — Oh, meu Deus. Não podemos ter isso.
— Passos batem em nossa direção. — Seu nome?

— Bri-Brinley Fox. — Diz a garota. — Eu sinto muito. Deixe-me tentar de novo.

— Bem, Bri-Brinley... — Delphine diz, zombando da gagueira de Brinley. — Eu esperava que você dissesse isso.

Batendo na mesa. Parece que Brinley está sendo ajudada a descer. O cheiro azedo de vômito queima meu nariz. Depois de um momento, Brinley diz: — Não entendo.

— Lamba tudo. — Diz Delphine.

— O que?

Risadas ecoam pelo cômodo. — Lamba. Tudo.

Depois de uma pausa, vem o som de uma batida. Meu estômago aperta e a bile ácida faz cócegas na minha garganta.

Os mentores estão tentando nos humilhar. Certificar-se de não nos elevarmos acima de nosso lugar. Eles estão nos lembrando que estamos abaixo deles. Que eles, não nós, fomos escolhidos primeiro, e que somos um pensamento indesejável.

Cada vez que uma perna bate na mesa, alguém precisa beber outra. Há mais taça vômitos. Mais polimento. Mais choro. As pessoas começam a cair da mesa, de embriaguez ou cansaço, é difícil dizer.

Assim que percebo a dor surda na minha bexiga, um menino implora para usar o banheiro. Minutos depois, ele deve fazer xixi nas calças, porque



Delphine e alguns dos outros o repreendem impiedosamente. Outra rodada de vômitos. Outra série de baques enquanto taças caem no chão.

Estou pensando que poderia realmente sobreviver bem quando algo desperta a memória de Delphine e seus amigos rindo de mim, e minha perna vacila.

Tento recuperar o equilíbrio, mas é tarde demais; meu pé já tocou.

Minha taça fica pesada, mas não tão pesada quanto antes.

— Beba devagar. — Um homem com uma voz gentil instrui.

Um longo gole é tudo o que preciso, mas finjo beber por mais trinta segundos, então parece que minha taça estava cheia.

Pisco quando nossas vendas são descartadas e temos permissão para ficar em duas pernas. Não que isso ajude alguns dos outros, que já estão tão bêbados que mal conseguem sentar. Manchas escuras molhadas encharcam a frente de mais de uma calça. O corredor cheira a urina, vômito e rum. Muitas das meninas tremem, derramando lágrimas silenciosas e entremeadas.

Minha visão nada enquanto meus olhos seguem a luz dourada bruxuleante, lançada dos dois lustres maciços no teto.

É quando eu vejo o ar parecer estremecer, como ondas invisíveis ondulando para fora. Aperto os olhos para ter certeza de que não estou mais bêbada do que pensei, mas o resto do cômodo deve ver também porque o corredor fica em silêncio. Assim que o ar começa a se solidificar de uma forma, Delphine bate a mão no peito.

— Todos saúdem o Imperador!

Os Escolhidos ecoam. — Todos saúdem o Imperador!

E então um silêncio mortal desce quando o holograma do Imperador, uma figura enorme, maior do que a vida medindo o teto, sorri para nós.

— Olá, pequenos vermes.



Uma garota ao meu lado começa a chorar e alguns dos outros finalistas parecem que vão ficar vomitar de novo.

— Então, esses são os filhos dos traidores. — Diz o imperador em voz alta. — Um bando patético, você não concorda, meus escolhidos?

Os Escolhidos batem os pés e gritam: — Sim, meu imperador. — Em uníssono.

— Durante o Julgamento esta noite, será seu trabalho descobrir os poucos Bronzes que merecem ser seus mentores e possivelmente entrar em Hyperion.

— Um sorriso cruel torce o rosto do imperador. — Mas agora, seu trabalho é encontrar o verme mais fraco e esmagá-lo.

Vivas explodem quando os Escolhidos ficam loucos, batendo palmas e batendo os punhos nas mesas enquanto os finalistas tremem. Também estou tremendo. Mas eu me lembro que o imperador é apenas um holograma, por enquanto, pelo menos. Ele não pode me machucar.

E se eu não chamar atenção para mim, não há razão para ele me notar.

Um Riser de aparência sóbria está parado perto dos fundos, examinando nossos algozes. Ele faz movimentos pequenos, suaves e maníacos que sugerem um assassinato. Manchas gigantes de sangue mancham seu colete.

Não demora muito para encontrar o dono do sangue. Ao contrário dos outros mentores, cujas feições são ágeis e agradáveis, o menino com o nariz inchado é musculoso e imponente, o cabelo loiro platinado cortado sobre cruéis olhos azuis e uma mandíbula grossa e quadrada.

A propósito, ele está zombando de Riser, o menino não está muito feliz com sua interação anterior.

Um Bronze sangrando um ouro. Não é o melhor começo para os Julgamentos das Sombras.



Olho em volta. É impossível dizer qual dos mentores poupou minha bebida. Vejo Caspian à minha direita. Ele está falando baixinho com uma garota que caiu de sua mesa em uma poça de vômito amarelado.

Seus olhos cortam para mim e eu olho para longe. A última coisa que preciso é ser notada por alguém como ele.

Os mentores andam casualmente ao nosso redor, conversando e rindo como se fôssemos bens móveis. De vez em quando, um mentor faz um balanço de um finalista, mexendo em suas roupas ou cutucando-o para ver se está bêbado.

Acima de nós, o imperador fica quieto. Mas ele observa. Posso sentir seu olhar enquanto viaja pelos finalistas, procurando o quê, não sei.

Nossos algozes são vinte e cinco dos Escolhidos de mais alta classificação, todos descendentes de Casas poderosas. *O imperador deve estar orgulhoso*, penso enquanto os estudo.

Eles são exatamente como eu me lembro. Cada um diferente, uma obra-prima da genética e da criação, primorosamente feita, suas características perfeitas quase impossíveis de desviar. Eles movem-se suavemente e graciosamente, como se flutuassem em vez de caminhar. Cada um carrega consigo uma arma de algum tipo: os caras parecem preferir espadas curtas, as garotas adagas com joias.

Um menino de olhos escuros lança um olhar indiferente para mim, e eu luto contra a vontade de enfiar minha bota pontuda em seus lábios sorridentes. Em vez disso, fico rígida como uma estátua enquanto ele casualmente mede meus tornozelos, inclinando a cabeça de um lado para o outro enquanto seus olhos viajam para cima.

Logo há outros que reconheço. Delphine se senta em um trono de sequoia elaboradamente entalhado em um palco elevado, seu vestido cor de

ameixa profundo transbordando da cadeira, sussurrando e rindo com um bando de cortesãos de olhar aguçado que catam as cerejas escuras na mesa ao lado dela. Ela exhibe a arrogância casual de alguém que desde o nascimento ouviu que é melhor do que qualquer outra pessoa.

Mas são seus olhos, pálidos, inquietos, pupilas inchadas de excitação cruel, que me assustam.

O assento soberano de Caspian está vazio à esquerda de Delphine.

— A Condessa Delphine nunca foi capaz de resistir a um trono. — Uma garota brinca em uma voz suave.

Olho para a cortesã que sussurrou isso, uma garota de olhos grandes e cabelos louros, mas ela já passou. O Príncipe Caspian levanta os olhos de sua posição no chão e sorri para ela de uma forma que eu só poderia esperar que alguém olhasse para mim.

Então ela vira a cabeça e olha com curiosidade para mim antes de se abaixar para ajudar Caspian com os finalistas doentes.

Princesa Ophelia, tem que ser. Ela percebeu que eu estava assistindo Delphine? Mas por que ela diria o que disse? A menos que a corte esteja dividida.

Depois de um tempo, vejo que estou certa; existem duas facções distintas: aqueles que seguem Delphine e aqueles que seguem Caspian.

Hmm, não será um casamento interessante?

O Imperador assiste a tudo como um deus, seu olhar implacável, exceto quando ele olha para Caspian ajudando os finalistas. Então O Imperador franze a testa, e uma linha de raiva marca sua testa.

Mas ele se anima novamente quando o garoto brutal com o nariz quebrado, sem dúvida o irmão gêmeo de Delphine, o conde Roman



Bloodwood, pula em uma mesa cheia de finalistas e pisa alto, gritando e gritando na cara deles.

— Vamos. — Ele grita, sua voz entrecortada de entusiasmo e rum. — Hora de conhecer seus vermes.

Lentamente, o cômodo se enche com os cânticos dos Escolhidos.

— Verdade ou desafio!

Eu conheço o jogo. Meus amigos e eu jogamos quando eu era jovem. Sente-se em círculo. Espere a sua vez e opte por responder a uma pergunta ou um desafio. Sempre coisas estúpidas.

Quem você quer beijar. Atravessar a rua movimentada. Esse tipo de coisas.

Tenho a sensação de que não se trata de uma coisa estúpida e infantil que estamos prestes a fazer.

— Uni, Duni, Tê. — Delphine trina, passeando em volta das mesas. — Pegue um verme pelo dedo do pé. — Ela agarra a perna de uma garota e a garota grita em alarme. — Se gritar, faça valer a pena. — Delphine dá um sorriso malicioso para a garota. — Verdade ou desafio?

A garota escolhe a verdade. Delphine parece desapontada.

Suspirando, ela diz com uma voz entediada: — Qual foi a coisa mais desviante que você já fez?

Os olhos redondos da garota se erguem para o Imperador enquanto ela luta pela resposta mais segura.

Delphine aponta um controle remoto para a parede e uma enorme tela de projeção se abaixa. — Aguarde... aquele... pensamento.

Com um pequeno clique, a tela ganha vida. Meu coração afunda quando percebo que são as memórias da garota sendo acessadas de alguma forma através da Microplanta que eles nos deram na sede.



Riser e eu fazemos contato visual. É apenas um leve aceno de cabeça, mas entendo perfeitamente o que ele está dizendo. Não podemos correr o risco de eles acessarem algo que Flame ainda não criptografou.

Ambos teremos que escolher desafio.

Perco a memória da garota, mas não deve ter sido muito inflamada, porque Delphine segue em frente rapidamente. Cortando entre as mesas, ela separa a multidão como uma lâmina, aparentemente escolhendo ao acaso. Memórias projetadas na parede. Pensamentos, ações e sentimentos que deveriam ser privados.

Um menino chuta o cachorro do vizinho até a morte por beliscar seu sapato. Dois meninos colam em seus exames finais. Quase todo mundo teve algo reconstruído. Várias garotas haviam tido encontros proibidos com Centuriões. Outra está apaixonada pelo criado de Bronze de sua família.

Apesar do constrangimento para os finalistas, posso dizer que Delphine está insatisfeita. Ela se tornou cautelosa, seu lábio inferior estufando como uma criança que não consegue o que quer.

Mas então ela se depara com dois irmãos finalistas que se apresentam como Lorde Hugo e Dama Lucy Redgrave. Com cabelos escuros cacheados com mechas prateadas e pele de alabastro tingida de cinza, como neve suja, eles se destacam dos demais.

Claro que me lembro deles da balsa. Depois de me segurar para que Delphine pudesse praticamente me escalar, seus rostos ficaram gravados em meu cérebro.

Eles são o primeiro par de Escolhidos que conheço que foi expulso da corte, e me pergunto exatamente o que aconteceu.

Meu instinto me diz que é uma história interessante.



Hugo vai primeiro. Todos nós ficamos quietos enquanto a tela mostra ele batendo na cabeça de um professor mais velho que deu uma nota ruim para ele. O homem certamente teria morrido se a rocha que Hugo usou não tivesse rachado.

A memória de Lucy parece diferente, pelo menos no início. Ela é mostrada caminhando pelo beco quando um grupo de garotas a encontra. Elas a atormentam, puxando sua massa de cachos negros e fazendo piadas sobre sua pele de neve.

Depois que eles se cansam desse jogo e voltam para dentro do prédio de apartamentos no final da rua, Lucy espera até o anoitecer, entra furtivamente em seu apartamento e coloca fogo nele enquanto todos dormem.

No final, Hugo e Lucy não demonstram nenhuma emoção.

Mas Delphine finalmente está sorrindo.



CAPITULO 37



Delphine escolhe Rhydian para ir em seguida. Sorrindo timidamente para ele, ela diz: — Qual é o seu segredo mais obscuro, verme?

Merida, de pé ao lado dele na mesa, dá um aperto rápido e furtivo em sua mão.

As sobrancelhas louro-acinzentadas de Rhydian se franzem e ele cerra os dentes em um esforço para esconder seus pensamentos. O pequeno ponteiro de Delphine ignora seus esforços quando clica e a parede ganha vida.

Uma sala escura e sem janelas. Sem mobília. Alguém está chorando, Rhydian. Ele parece jovem, talvez tenha 12 ou 13 anos. Uma corda está pendurada nas vigas.

Não, não apenas uma corda. Um laço. Uma cadeira está embaixo dela.

O laço se aproxima. O choro parou e ouvimos apenas o som dos passos de Rhydian no chão de pedra e algumas fungadas. Ele pisa na cadeira, suas mãos envolvendo o laço.

Sua respiração fica pesada.

Um dos finalistas grita quando Rhydian coloca a cabeça no laço, diz uma palavra.

— Pai. — E chuta a cadeira para longe.

Ruídos horríveis de gorgolejo. A sala gira para frente e para trás.

Há uma batida forte na porta e, em seguida, uma garota chamando seu nome. Parece Merida, mas não posso ter certeza.

A voz fica mais frenética. Os ruídos sufocados se tornam mais guturais. Estamos ouvindo-o morrer.

De repente, ouve-se o som da corda se partindo e Rhydian cai no chão. A visualização na tela desliza para o lado. Ele se move para cima e para baixo com seu chiado violento.

Pouco antes de a tela escurecer, a porta se abre e ouvimos um grito angustiante.

Rhydian está completamente imóvel. Ele trabalha para manter as emoções longe de seu rosto, mas algo desesperado pisca em seus olhos.

Lentamente, com propósito, Delphine vira as costas para Rhydian. O resto dos Escolhidos a segue. Após uma pausa, os finalistas fazem o mesmo. Hesito, mas não por muito tempo, antes de me virar também.

Ouçó Merida sussurrar para Rhydian: — O que eu faço?

Mas Rhydian, seu rosto contido por um sorriso duro e trêmulo, a ignora. Finalmente ela se vira também.

Na sociedade realista, o suicídio é um dos atos mais hediondos e covardes que alguém pode cometer.

Só quando Delphine passa para outra pessoa é que percebo que Riser não se virou. Por que ele escolheria não seguir os outros depois de me dar um sermão sobre não me destacar? Especialmente com o imperador assistindo.

O pensamento me incomoda.

Estou tão focada em ficar irritada com Riser que não presto atenção na garota até ouvir o murmúrio baixo encher o Salão Principal.

— Desafio. — A garota repete novamente, olhando para o Imperador.



Um sorriso hesitante ilumina seu rosto ansioso para agradar. Pelo som de sua voz, é Brinley Fox.

Delphine bate palmas. — Finalmente. — Enquanto ela ajuda Brinley a descer da mesa, seu olhar para em um broche de fênix de ouro preso ao vestido de Brinley. — Você acha que merece usar ouro, bronze?

Brinley encolhe os ombros. É claro pela maneira cuidadosa como ela se move que ela ainda está bêbada, mas tentando disfarçar.

— Minha mãe me deu para dar sorte. Era de... de antes.

É alguém com quem vale a pena se aliar.

— Hmm, vamos testar o seu valor, vamos? — Delphine desliza para trás da garota e recoloca a venda.

— Oh. — Brinley diz, rindo nervosamente.

Ela tropeça quando duas Escolhidas a seguram por cada cotovelo e a levam embora.

Não entendo o que pretendem fazer até que seja tarde demais. Elas aparecem na varanda do nível superior. Logo acima delas estende-se uma viga fina. Deve ter pelo menos dezoito metros de altura, e da mesma forma.

Daqui de baixo, não consigo ouvir o que as duas Escolhidas sussurram para Brinley antes de partirem, mas ela parece balançar em descrença por um momento.

Depois de alguns minutos apalpando o comprimento do corrimão da varanda, Brinley encontra a parede à sua esquerda e apoia uma das mãos contra ela enquanto escala para uma posição instável no corrimão. Meu estômago se revira quando ela se estende, hesitante, em busca da viga. Mesmo na ponta dos pés, a viga está fora de alcance.

A sala se enche de gritos de encorajamento.

— Salte! — Alguém grita.



Ela se agacha enquanto prendo a respiração. Minhas palmas estão escorregadias de suor. Eu me encontro torcendo por ela, minhas entranhas gritando.

Suas pequenas mãos batem na borda da viga com um baque alto. A saia de seu vestido verde brilhante ondula, e então ela balança as pernas. Ela leva um momento para se orientar o suficiente para enfrentar uma posição agachada.

Uma alegria coletiva sobe dos finalistas. Brinley Fox surpreendeu a todos nós e nos permitiu esculpir um pequeno pedaço de dignidade.

Segurando as mãos retas como asas, ela as usa para se equilibrar enquanto avança, seus saltos desajeitados arranhando a madeira.

Murmúrios de excitação soam. Eu mal posso respirar enquanto a observo, meu pescoço doendo de olhar para cima.

O problema começa na metade. Seu equilíbrio está precário e ela oscila, girando os braços para se endireitar.

Acontece de novo. Então de novo.

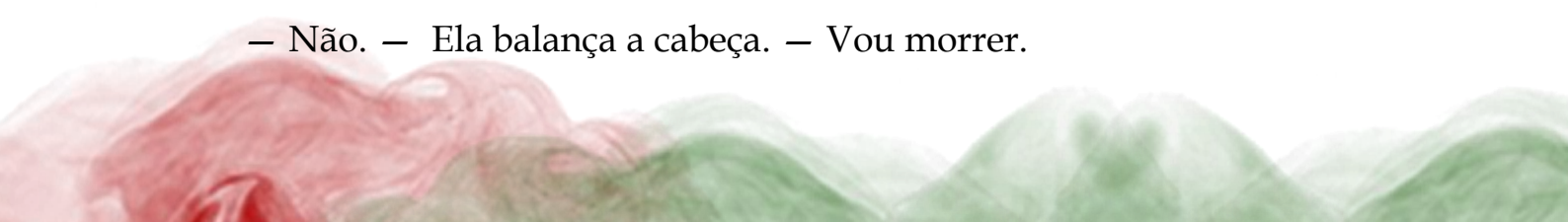
Depois da última vez, ela balança, ela se endireita e congela; seu corpo inteiro começa a tremer.

Zombarias se ouve de alguns dos Escolhidos. Brinley envolve os braços em volta do peito, sussurrando para si mesma quando um de seus sapatos cai com um estrondo.

Depois de alguns minutos, as provocações param. Então eu vejo por quê.

Riser deixou a mesa e está parado embaixo dela. — Dama Brinley. — Ele diz. — Não dê ouvidos a eles; me escute. — Sua voz é coloquial, calmante. — Você está no meio do caminho. A viga tem 60 centímetros de largura, então simplesmente coloque um pé na frente do outro e você ficará bem.

— Não. — Ela balança a cabeça. — Vou morrer.



— Diga. — Riser ordena. — Um pé na frente do outro.

Roman se aproxima de Riser e acho que haverá outra luta. — Caia fora, verme!

Mas Roman para perto de atingir Riser. Não consigo descobrir o porquê no início. Embora Riser pudesse acertar alguns golpes certos, sem uma arma não demoraria muito para que o tamanho e a força de Roman dominassem Riser.

Mas então eu vejo o olhar de Riser. É simples e direto: *você pode me matar, mas vou garantir que você também sofra.*

Roman franze a testa perplexo e recua alguns centímetros.

Riser ergue as mãos e sorri para que todos os que assistem pensem que ele desistiu. Só ele e Roman sabem a verdade.

Cuidado, Garoto do Fosso. É um Ouro que você está provocando, e na frente do imperador, nada menos.

Assim que Riser está de volta à sua mesa, Brinley tenta novamente. Seus lábios se movem em um mantra contínuo. Eu sei o que ela está dizendo.

Um pé na frente do outro.

O clima clareia quando ela se aproxima do fim. Todos os finalistas parecem prender a respiração. Alguém grita para dizer que ela está quase lá. Sua boca se abre em um sorriso largo e aliviado.

Ela vai conseguir.

E talvez ela pense que já está lá, ou talvez as palavras a tenham distraído. Poeira chove em nossos rostos voltados para cima enquanto seu pé descalço desliza pela lateral da viga.

Ela faz um barulho estranho de chiado.

Por um momento, acho que ela vai se segurar, mas então seu corpo tomba para o lado e não há como se recuperar.



É surreal vê-la cair. Irracionalmente, acho que ela vai ficar bem. Haverá uma rede ou algum outro tipo de dispositivo de segurança para pegá-la. Talvez ela simplesmente quebre uma perna e eles consigam consertá-la.

Por um breve segundo seu lindo vestido verde voa atrás dela como asas de seda. Acho que alguém grita. Então Brinley bate na mesa mais próxima da parede com um baque alto e nauseante. Enrolada de lado, com um pé descalço para fora, ela poderia estar dormindo.

Eu desvio o olhar. Ela não está bem. Não está dormindo. Ela não pode ser consertada. Meu coração bate para o lado no peito e me sinto prestes a vomitar.

A lição é clara: aqui, a bravura mata você.

Arrisco um olhar para Riser. Por sua imobilidade mortal, a maneira como suas mãos se fecham e abrem, concluo que ele está furioso ou com medo. Minha aposta é no primeiro.

E agora nós dois teremos que suportar o mesmo.

Hugo está parado perto da mesa, observando Brinley friamente. Parece que, agora que penso nisso, foi Hugo quem gritou com ela.

O corpo é levado embora e alguém limpa a mesa. Ninguém fala enquanto o Imperador ri baixinho de seu trono invisível acima.

Eles nos quebraram.



Eu sei que assim que Delphine caminhar em direção à minha mesa, ela me escolherá. Seus lábios carnudos em forma de coração estão moldados em um sorriso malicioso. Desde Brinley, ninguém mais escolheu o desafio. Então,

quando eu escolho, minhas palavras saem claras e confiantes, seus olhos claros voam sobre mim novamente, seus lábios se separam ligeiramente.

Tenho a sensação de que ela particularmente não gosta de surpresas.

O problema é que eu deveria ter medo. Mesmo com todas as modificações de Nicolai, o que quer que Delphine tenha reservado para mim é, sem dúvida, perigoso. Mas agora tudo que vejo é a menina cruel que me atormentou e desfigurou.

Ela pensa que somos insetos que ficarão acomodados enquanto ela arranca nossas asas por prazer.

Esse é o erro dela.

Mantendo minha cabeça erguida, pulo no chão. Minha visão gira um pouco e o início de uma dor de cabeça beliscando minhas têmporas, mas fora isso eu me sinto bem.

Delphine cruza os braços. Uma pequena carranca treme em seu rosto.

— E quem é você, Bronze?

Agora que pratiquei, minhas reverências estão melhorando e estou bastante orgulhosa da reverência que faço agora.

— Dama Everly March.

Minha falsa confiança deve afastar Delphine, porque ela hesita. Aparentemente, estou estragando a diversão dela.

Então seu rosto se ilumina. — Você gosta de maçãs, Dama March?

— Claro. — Digo, com cuidado.

— Perfeito. — Examinando os finalistas, ela encontra o que procura em Merida. — E você Senhora...?

— Pope. — Merida diz em uma voz suave e hesitante. Seu rosto está pálido e seu corpo parece vacilar apenas de pé, como se ela fosse desmaiar a qualquer momento.



— Dama Pope, o que você acha da besta?

Merida dá uma risada nervosa. — Para ser sincera, condessa, a besta me escapa mesmo nos melhores dias. Meu primo, Rhydian, é muito...

— Não. — O sorriso vertiginoso no rosto de Delphine gelou meu sangue. — Você vai se sair bem.

Exceto que ela não vai, porque ela não está bem. O vômito parcialmente seco forma crosta no corpete do vestido e no cabelo. Olhos injetados de sangue rolam soltos dentro de sua cabeça pálida e caída. Eu não tinha dúvidas de que o que quer que Delphine jogasse em mim, eu teria sucesso.

Mas, Merida é suave. Merida é fraca. Merida está bêbada.

E agora, a bêbada, suave e fraca Merida vai me matar.



CAPITULO 38



A mesa principal fica em um estrado elevado na frente do corredor. A Queda da Sombra está quase no fim, e tênues hastes vermelhas e azuis perfuram o vidro manchado de chumbo, colorindo meus braços de um bizarro vermelho-azulado. Merida está de pé em uma extremidade da mesa e eu na outra, com seis metros entre nós.

Ela continua me olhando com seus olhos grandes, vacilantes e apologeticos, mas eu a ignoro. Eu preciso que ela se concentre, e a pena não fará isso.

Mas talvez a raiva vá.

Riser está com os outros nas quatro mesas. Me permiti olhar para ele uma vez. Ele parecia prestes a pular da mesa e partir para uma farra assassina, então não fiz contato visual desde então.

Estou de pé aqui, sentindo minha confiança diminuir, quando Caspian vem ao meu lado. Ele pegou algo de um dos Escolhidos que Delphine enviou em minha direção, uma maçã, e ele se inclina para perto enquanto a entrega para mim.

— Sinto muito, Dama March. — Diz ele em voz baixa. — Mas você terá que colocar isso em sua boca.

Giro a maçã na minha mão. É perfeita. Perfumada, brilhante e verde avermelhada, com pele dura e cerosa.

— Bem, de que outra forma eu iria comer?

Uma centelha de emoção. É fascinação, eu percebo, quando Caspian se inclina perto o suficiente para eu sentir seu cheiro salgado de couro, como se ele tivesse acabado de sair de uma sela.

— Você não está com medo?

— Você viu o estado da minha amiga ali? — Lanço um olhar para Merida, que quase tropeçou para fora da mesa e está sendo mantida firme. — Eu estou aterrorizada. Mas mostrar meu medo não tornará sua pontaria mais certa.

Seu fascínio se transformou em respeito invejoso. — Por mais que eu odeie dizer isso, nós dois sabemos que você vai se machucar. Mas eu prometo que, se você sobreviver às suas feridas, eu a tratarei com nossos médicos. Você tem minha palavra.

É uma proposta tentadora. Mas estou jogando o jogo longo e, para isso, preciso permanecer nas provações. Simplesmente sobreviver por mais alguns dias não é uma opção.

— Você pode me fazer algo melhor. Passe uma mensagem para Dama Merida.

Caspian faz uma pausa por um momento. Este é um terreno instável e posso ter ultrapassado meus limites. Mas então ele franze a testa e dá um aceno rápido.

— Diga a ela: lembre-se do dia em que o encontrou. Lembre-se de como você se sentiu e use isso.



Apesar de sua expressão confusa, Caspian permanece fiel à sua palavra. Depois que ele termina de sussurrar no ouvido de Merida, procuro sinais de que ela entendeu.

Nada. Talvez eu estivesse errada e não tenha sido Merida quem encontrou Rhydian. Talvez ela esteja com muito medo de sentir qualquer outra coisa.

Delphine tem observado nossa interação, seus olhos se estreitaram. Um olhar azedo envenena seu rosto.

Um menino Escolhido está entregando a besta para Merida quando Delphine o impede.

— Espere. — Ela substitui a besta por uma taça cheia de um líquido cor de vinho e sorri. — Para seus nervos.

Merida engole rapidamente. Provavelmente sua adrenalina mascarou o gosto.

Quando eu vi o que Delphine fez por Merida a seguir, sei que usar Caspian deve ter irritado Delphine. E irritar a condessa Delphine tem consequências graves, aparentemente.

Delphine amarra a venda em volta dos olhos de Merida. Caspian franze os lábios e desvia o olhar enquanto eu abro minha mandíbula e coloco a maçã entre os dentes. Minha mandíbula dói. Se eu ainda tivesse saliva, seria impossível engolir.

Delphine enfia a besta na tentativa de estender as mãos de Merida. O lugar fica mortalmente silencioso de uma vez. A luz cintila na fina flecha dourada no centro da besta enquanto o braço de Merida oscila sob o peso da arma.

Ela quase a deixa cair, mas então sua mão aperta com força e a ponta da flecha se estabiliza no meu umbigo.



Qualquer esperança que eu tinha desaparece.

Não consigo decidir se devo fechar os olhos ou deixá-los abertos. Fechados, eu decido, caso eu vacile.

O que acontecerá se ela errar completamente? Ela continuará até que alguma parte do corpo seja empalada?

Não acho que minha bexiga ou meu coração possam suportar várias tentativas.

Minha mandíbula está pegando fogo. Meu coração bate tão forte dentro do meu peito que meu corpo sacode com seu ritmo. Eu me concentro nisso. O som áspero do ar correndo pelas minhas passagens nasais e garganta.

Estou pasma com a calma que surge. Cada segundo, cada respiração, cada batimento cardíaco é alongado até convergir para um padrão.

E é então que eu percebo. A respiração de Merida. É calma e uniforme também...

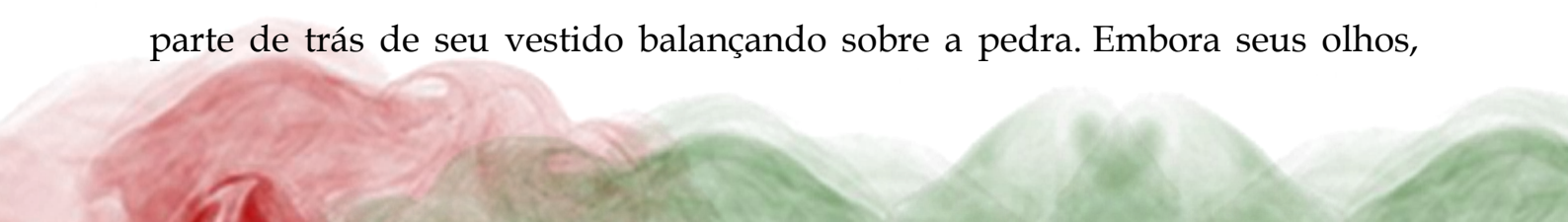
Tudo para, como se meu corpo tivesse parado. E então eu respiro irregularmente, a maçã se solta de meus dentes e eu abro meus olhos para vê-la rolando desequilibrada escada abaixo, a flecha dourada saindo de seu centro.

Inferno Fieniano, ela realmente fez isso.

Merida tira a venda. Ela acena para mim, apenas ligeiramente, mas acho que ela quer me agradecer pelo que Caspian disse. Palmas soam pelo corredor. Elas crescem para uma batida forte, os finalistas batendo as botas nas mesas.

Tenho certeza de que arruinei o plano de Nicolai para mim, mas isso não pode ser evitado.

As palmas morrem abruptamente quando Delphine sobe os degraus, a parte de trás de seu vestido balançando sobre a pedra. Embora seus olhos,



agora experientes na duplicidade, pareçam indiferentes, sua boca se franze como se ela tivesse provado algo podre.

Meu coração cai. Um grande revólver preto com cabo de marfim está em sua mão. Deve ser pesado porque, quando Delphine o passa para Merida, ela mal consegue segurá-lo.

— Mas, ela passou. — Merida protesta, pensando que é para mim.

— Não, querida. — Delphine diz, cada palavra pingando gloriosa presunção. — Não é para a sortuda Dama March. É para você.

Entendo suas intenções imediatamente, mas Merida leva um segundo.

Ela abaixa o revólver e balança a cabeça. — Não, você não me perguntou. Eu posso escolher.

Delphine se dirige aos finalistas. — Eu preciso de dois Bronzes, por favor, para ajudar Dama Pope a cumprir o padrão de bravura esperado de um Ouro.

Hugo e Lucy rapidamente se voluntariam. Percebendo que eles vão forçá-la, Merida tenta se levantar. Há um grande estrondo quando Hugo a joga de volta na cadeira enquanto Lucy agarra sua cabeça e a força para trás.

Torcendo-se e se contorcendo, Merida chuta uma perna e implora.

— Não! Você não me perguntou! Não!

De alguma forma, na luta, parte do colete de carvão de Hugo se ergueu, revelando o que só pode ser uma adaga de empurrar, uma lâmina com cabo em T que se ancora entre os dedos de um punho, de modo que cada soco traz uma surpresa letal.

Nenhum verdadeiro cavaleiro carregaria uma.

— Este é o revólver do meu bisavô. — Delphine explica. — Usado durante a Guerra Eterna. Na verdade... — Seu olhar encontra o Imperador. — Foi esta mesma arma que meu bisavô usou para salvar a vida de Marcus Laevus, o primeiro Imperador.



Ela recupera o revólver, examina-o com amor e abre a câmara. Uma única bala dourada pisca em um dos cinco buracos.

Ele faz um ruído sinistro enquanto ela a gira.

— Vamos jogar um jogo de azar, certo?

Merida grita enquanto Delphine engatilha o martelo e pressiona o cano da arma contra sua têmpora.

— Casa Pope. Hmm, vamos ver. Quantos traidores de sua casa executamos?

Os olhos de Merida estão quase todos brancos de medo. Ela olha ao redor, implorando por ajuda.

— Cinco vermes da Casa Pope foram executados pela Coroa. — Diz o Imperador, sua voz reverberando pelo grande salão enquanto sela o destino de Merida.

Existem cinco câmaras e Merida será forçada a puxar o gatilho cinco vezes. Uma dessas vezes vai matá-la.

Delphine enrola o dedo em torno do gatilho.

Observando Delphine, só consigo pensar no que ela fez comigo. O imenso prazer que ela sentiu em minha humilhação. O som da minha voz, implorando por ajuda, da mesma forma que Merida está agora.

Embora não esteja consciente de que estou tomando uma decisão, estou fora da mesa e no meio do caminho.

Delphine se vira na minha direção, franzindo ligeiramente a testa. Uma onda vermelha de excitação envolve seu peito.

— Eu disse que você foi dispensada, verme.

Cruzo meus braços sobre meu peito. — Eu quero tomar o lugar dela.

Um murmúrio agita a multidão, e sinto o olhar do Imperador sobre mim.



Os olhos de Delphine formam fendas azul-gelo. — E por que você faria isso?

— Porque você vai jogar contra mim e vai perder.

Ela ri, mas não há humor em sua voz. Eu a estou desafiando na frente do Imperador e dos Escolhidos. Para salvar a aparência, ela precisa encontrar uma maneira de ainda parecer no controle sem parecer com medo.

Eu a coloquei em uma posição precária, pela qual ela não vai me agradecer mais tarde.

O revólver aponta para o chão, mas seu dedo ainda segura o gatilho.

— Cuidado com o que você diz aqui, verme.

— Se eu parar primeiro, estou fora. Eu saio, imediatamente. — Forço minha boca seca em um sorriso, brincando para a multidão. Eu preciso que eles estejam do meu lado. — E se eu perder, então você vai se livrar de mim um pouco mais permanentemente.

Algumas risadas. Principalmente, porém, há um silêncio curioso enquanto os finalistas e os Escolhidos assistem para ver o que acontece.

— E se eu parar primeiro? — Delphine olha para o público com um olhar cético.

Endireitando meus ombros, eu a olho diretamente nos olhos.

— Então a Verdade ou o Desafio acabou.

Delphine pisca, seu sorriso desaparecendo lentamente. Ela não esperava por isso. Ela examina a multidão, seu olhar encontra o Imperador como se implorasse para que ele interviesse, mas ele simplesmente observa com uma expressão curiosa.

A sugestão de uma carranca agita seus lábios.



Os outros estão murmurando sua aprovação, até mesmo os Escolhidos. Após a morte de Brinley, alguns dos Escolhidos pareciam hesitantes.

Obviamente, nem todos são psicopatas furiosos.

— Bem. — Ela dá de ombros, forçando um sorriso enquanto me lança um olhar que deixa claro que se nós duas sobrevivermos, ela vai me fazer desejar não ter sobrevivido.

Delphine ocupa o lugar de Merida. Sento-me em frente. Pouco antes de começarmos, Roman sobe as escadas. Ele inclina a cabeça e ouve-se o som dele e de Delphine discutindo.

— Eu tenho que fazer! — Eu a ouço estalar.

Pulo quando Roman bate com o punho na mesa. Ambos olham para mim e então ele recua relutantemente.

Minha lista de inimigos está crescendo a cada segundo.

A partir daqui o cabelo loiro de Delphine na altura do queixo, cortado em comprimentos diferentes, e o rosto redondo e perfeitamente simétrico a fazem parecer angelical e pura. Seus impressionantes olhos azul-celeste não mostram nenhum sinal de medo. Posso ver por que ela ganhou um status tão elevado entre os outros.

Sem cerimônia, ela encosta o cano na cabeça e puxa o gatilho.

Clique. Nem mesmo um pulo.

Enquanto o menino Escolhido o entrega para mim, o emblema da fênix em relevo no cabo áspero dentro da palma da minha mão, e eu levanto o cano, tenho um momento *o que diabos eu fiz*.

Ele se dissipa com o *clique* vazio da arma, junto com qualquer outro pensamento coerente que eu possa ter.

Com as mãos trêmulas e dormentes, devolvo a arma.



Caspian se aproxima da mesa. — Delphine, você não precisa fazer isso. — Seus olhos cortaram para mim, depois de volta para ela. — Acho que todos tivemos o suficiente por hoje.

Em resposta, Delphine o olha nos olhos e puxa o gatilho.

Clique.

O revólver cheira a óleo e pólvora velha. O cano é duro e frio contra minha têmpora.

Caspian olha na minha direção e balança a cabeça. O olhar que ele me dá é respeito ou aborrecimento.

Eu vou com o último.

Meu corpo inteiro parece leve. Cada fibra do meu ser está focada na curva acentuada do gatilho aninhado na junta logo abaixo da minha ponta do dedo.

O único pensamento que posso manter dentro da minha cabeça é que este será o quarto tiro, e há cinco câmaras. As chances de eu morrer em uma fração de segundo são altas depois de puxar o gatilho.

Mas se eu não morrer, se milagrosamente estiver viva no final da minha vez, terei vencido. Porque a próxima câmara abrigará a bala. E Delphine parece o tipo de garota que notaria esse tipo de coisa.

Delphine exhibe um sorriso de comemoração. Ela acha que estou hesitando, que ela já ganhou. É a mesma aparência que ela tinha quando mutilou minha cabeça anos atrás.

Solto um longo suspiro, fecho meus olhos e aperto o gatilho, devagar, devagar, devagar...

Pequeno verme, pequeno verme, por que você se contorce?

Clique.



Todas as terminações nervosas do meu corpo disparam quando o vício em torno dos meus pulmões se solta e posso respirar novamente. O revólver cai ruidosamente sobre a mesa.

Abro os olhos e me concentro em Delphine. Eu quero que ela veja minha raiva. Para se sentir responsável pelo assassinato de Brinley.

Mas, principalmente, quero que Delphine saiba que não há nada que ela possa fazer que me assuste.

Que não sou mais um verme que se contorce.

Caspian recupera o revólver. Sua calma me diz que ele também contava. Ele deve saber que Delphine não fará isso. O silêncio invade o ar, preenchendo cada canto, cada fenda enquanto ele caminha até ela. O silêncio tem um peso nisso. Encontro-me mais uma vez lutando para respirar. O revólver ressoa na mesa diante de Delphine, o barulho rompendo o silêncio como um machado rachando madeira.

Delphine vira a arma em suas mãos. Assim como ela, é primorosamente feita, impressionante e cativante, sem uma única falha, e não posso deixar de pensar que ambas foram criadas para serem igualmente admiradas e temidas.

Delphine levanta o revólver até a cabeça, usando o cano para limpar uma mecha errante de cabelo claro. As dobras escorregadias do meu macacão se aglomeram dentro dos meus dedos suados.

Um por um, os cabelos da minha nuca se arrepiam. Uma sensação estranha de ansiedade toma conta de mim no momento em que Delphine ergue os olhos da mesa.

Seus olhos fixam-se nos meus. Mármore azul-gelo que não pisca, eles carregam um vazio inalcançável que me faz ficar totalmente gelada. *Algo está errado.* O que confirma meu medo é o grande e rancoroso sorriso esticando seu rosto em algo quase comicamente perverso.



Ela vai atirar em mim.



CAPITULO 39



Antes que ela possa apontar o cano, Caspian arranca a arma de sua mão. — Tudo bem. — Diz ele em uma voz criada para dar ordens e galvanizar grandes massas. — Chega. Você provou ser corajosa além da medida, Condessa Delphine.

Existe um toque de sarcasmo em sua voz? Certamente não.

Sem perder o ritmo, Delphine desliza da cadeira e faz uma elaborada reverência para o imperador. Os Escolhidos rugem com aprovação.

De alguma forma, Caspian permitiu que ela salvasse a face e parecesse ter levado a melhor. Ela realmente iria atirar em mim?

É difícil de acreditar agora, com seu comportamento exuberante, quase feminino, enquanto desfila na frente da multidão.

E ainda...

O barulho crescente de vozes se acalma quando Caspian levanta a mão para falar.

— Não vamos esquecer os finalistas pela bravura e honra que demonstraram aqui hoje também.

Sua mensagem é clara. O jogo acabou. Pode parecer que Delphine venceu, mas qualquer pessoa com um olhar atento verá o contrário.

Há uma pausa estranha enquanto Delphine pondera suas opções. Roman pousa a mão na cintura, logo abaixo do paletó, onde está pendurada sua espada curta. Um sorriso ansioso e expectante aparece em sua mandíbula grossa.

Um pequeno gesto de Delphine e ele alegremente desencadeará o inferno. Alguns dos outros Escolhidos se mexem desconfortavelmente em seus pés.

Todos os olhos estão voltados para o imperador enquanto aguardam sua reação.

Portanto, há rachaduras na corte. Eu examino os outros para ver quem pode ser aliado de Caspian, mas não consigo perceber.

É óbvio a partir dessa pequena interação que o Imperador admira Delphine talvez mais do que seu próprio filho. Novamente me pergunto o que isso significa para o noivado de Delphine e Caspian.

Minha experiência limitada nesse tipo de assunto me diz que o olhar que Delphine está dando a Caspian não é afeto.

Finalmente, o imperador franze a testa e acena com a cabeça para Caspian, como se o declarasse o vencedor, e então seu holograma desaparece sem cerimônia.

— Tanto faz. — Delphine cospe através dos lábios franzidos. — Estou fazendo um favor aos vermes, preparando-os para as provações, mas se eles forem ingratos... — Seus olhos encontram os meus. — Tenho coisas melhores para fazer com meu tempo.

Sim, como planejar a melhor forma de me matar.

Toda a tensão que meus músculos carregavam se dissipou e eu afundo em meus ossos. Murmúrios agradecidos dos finalistas encham o salão.



Fico tonta de alívio, fome, álcool e gasto de adrenalina. Parte de mim ainda acha que é um truque, mas estou tão desesperada para ir embora que realmente não me importo.

Antes de irmos, há um breve resumo do nosso itinerário. Voltar para os apartamentos para se trocar. O Julgamento ao pôr do sol, onde comemos um jantar chique enquanto os uploads finais são contados.

Eu só preciso ficar na metade superior dos finalistas. O pensamento não é reconfortante. É impossível dizer onde estou na lista. E não senti um único upload desde que saí dos apartamentos.

Provavelmente porque a maioria dos possíveis Adormecidos está preocupada que, com o ritmo que estou indo, não durarei muito.

Não que eu discorde.

Empurrando a multidão, a maioria dos finalistas e Escolhidos ficam longe de mim. Eu me pergunto se agora sou um pária, como Rhydian.

Certamente não ajuda que o olhar assassino de Delphine me siga enquanto eu saio.

Devo estar realmente cansada porque não sinto os Centuriões atrás de mim até que seja tarde demais. Com um segurando em cada braço, eles facilmente me arrancam da multidão.

Assim que resisto, eles simplesmente me levantam alguns centímetros do chão de ladrilhos e fico suspensa. Agora que superei minha surpresa, posso lutar de verdade, e estou bastante confiante de que posso vencer meus dois novos amigos Neandertais.

Mas eles têm um suprimento infinito de cretinos mais do que felizes em me machucar, enquanto eu tenho apenas um corpo. Então relaxo e espero para ver aonde eles me levarão.



Chegamos a uma antecâmara mal iluminada. Além de alguns móveis estranhos e uma lareira fria, está vazia.

Mal estou fora das garras dos idiotas antes que uma sombra deslize atrás de mim. A adaga dentro da mão da sombra brilha suavemente sob a luz opaca.

Exceto que a sombra não está aqui para mim, eu descubro, enquanto manobra protetoramente entre mim e os guardas.

Riser sorri. — Esses dois idiotas estão te dando problemas, minha senhora?

Nós dois nos assustamos quando outra sombra surge no canto.

Para minha surpresa, é Caspian. — Senhor, revele-se de uma vez!

Riser sufoca uma risada. — Ele é real?

A espada curta de Caspian desliza de sua bainha em sua cintura, uma luz suave se espalhando pelo comprimento da lâmina.

— Isso é real o suficiente para você, Bronze?

O sorriso de Riser se transforma em um sorriso malicioso perigoso.

Oh, inferno Fieniano. Eu conheço esse olhar.

— Esperem! — Me coloco entre a fúria de Riser e a espada de Caspian. — Lorde Riser Thornbrook, conheça o Príncipe Caspian Laevus.

Eles se avaliam um ao outro cuidadosamente. Depois de alguns batimentos cardíacos ansiosos, a espada de Caspian raspa de volta em sua bainha.

Riser, por outro lado, não parece pronto para fazer bonito.

Ele lança um olhar mal-humorado para mim, a artéria sob sua mandíbula latejando.

— Eu pensei que eles iam machucar você...

— Eu a trouxe aqui para salvar sua vida. — Caspian rosna com os dentes cerrados perfeitos.



Riser endurece ao meu lado. — Oh. Porque de onde eu estava na outra sala, você parecia inclinado para o oposto.

Caspian emite um suspiro exasperado. — Este Bronze tem que estar aqui?

— Este Bronze não vai embora sem ela. — A voz de Riser tem um tom sombrio e assassino que me faz estremecer. — Mas você pode tentar me obrigar.

O resto da minha paciência se esvai. — Ok, vocês dois, caiam fora. — Me viro para Riser. — Acho que deixei bem claro que não quero sua proteção, Lorde Thornbrook, mas...

— Oh, você foi absolutamente clara sobre isso, Dama March. — Riser interrompe. — Mas eu não recebo ordens de você.

— Dê-me a palavra, minha senhora. — Caspian diz, sua voz revestida de arrogância. — E farei com que este intruso seja removido da Ilha.

Me viro para ele. — O que você esperava, me detendo à força?

A boca de Caspian franze-se como se ele tivesse provado algo azedo. Estou supondo que as pessoas geralmente não se dirigem a ele dessa maneira.

Engolindo, ele limpa a garganta. — Minhas desculpas, Dama March, se eu a assustei. — Para pontuar seu pedido de desculpas, ele pressiona minha mão nos lábios. — Verdadeiramente.

Minhas bochechas formigam de vergonha e pego minha mão. *Sim, idiota, você acabou de falar com a Realeza assim.*

— Desculpas aceitas... meu Soberano.

Riser ri baixinho.



Caspian encara Riser. — Meu método pode ter sido impróprio, mas tenho que usar o máximo de cautela. Se alguém nos visse juntos, poderia deduzir que estou ajudando você, o que seria contra as regras.

— E você está? — Pergunto. — Me ajudando?

— Eu estou te aconselhando. Você está pisando em águas perigosas. Não tenho ideia de por que você fez o que fez, e foi sem dúvida corajosa, mas se quiser sobreviver a esta competição, você precisará de mais do que bravura.

— Por exemplo?

— Bom senso, para começar. — Ele balança a cabeça, seus lábios se curvando em um sorriso divertido. — Só um tolo picaria a cauda de um leão e não esperaria que ele mordesse.

— Condessa Delphine?

— Sim, a Condessa Delphine. Evite-a a todo custo. Engula seu orgulho, abaixe sua linda cabeça e seja invisível, basicamente o oposto do que você fez lá.

— Ela não é sua noiva? — Estupidamente aponto, confusa com a palavra bonita e algo sobre a minha cabeça.

Ele me achatou com um olhar. Obviamente, minhas maneiras na corte são bastante escassas.

— Dama March, eu acho que todos em todo o mundo civilizado sabem a resposta para essa pergunta agora. Afirmar o óbvio é perder tempo.

Ele olha impacientemente para Riser e depois volta para mim, como se houvesse mais que ele quisesse dizer, mas então ele roça seus lábios na minha mão novamente e se move para ir embora.

Em vez de se inclinar para trás para permitir espaço a Caspian, Riser fica parado, forçando Caspian a inclinar o ombro como um aríete para passar.



— Uau. — Digo quando Caspian se foi. — Flame ficará desapontada quando perceber que a parte das boas maneiras de sua reconstrução foi um fracasso total e absoluto.

Riser balança a cabeça. — Ele não merece meu respeito.

— Ele é seu meio-irmão, lembra?

Algo frio pressiona minha mão. Segurando-o contra a chama da tocha, vejo que é a fênix dourada de Brinley, intrincada e lindamente feita, com duas pequenas esmeraldas brilhantes como olhos e um corpo enfeitado com pequenos diamantes.

Uma gota de sangue mancha suas asas.

Riser fecha meus dedos em torno dele. — Não, ele não é.

— Ele poderia ser um aliado forte.

— Aliado? — Ele ri com ceticismo. — Com um dos Escolhidos? Não, não apenas qualquer Escolhido. Filho do imperador Laevus e futuro imperador. Plano brilhante, Dama March.

— Ele não pode evitar o que é, Riser...

— Engraçado, mas você nunca me deu essas mesmas desculpas.

— Mas... Você era...

— Um monstro? — Ele termina com uma voz suave que puxa meu coração. — E você acha que ele não é? Ele não teve que colocar aquela maçã na sua boca, Everly. Não precisava deixá-los matar Brinley. Mas ele fez.

— Eu não fiz as regras, lembra? — Minha voz soa áspera, até para mim. — É o que você disse sobre o Fosso. A única diferença agora é que estou disposta a lutar, a fazer o que for preciso para sobreviver. Você está?

Minha respiração fica presa quando Riser fecha o pequeno espaço entre nós.



— Oh, estou disposto a fazer muitas coisas. Mas essas coisas são feias, sombrias e violentas. — Ele está perto, perto demais. — Depois de cruzar o meu lado da linha, Everly, você não vai embora, então certifique-se de que é um preço que está disposta a pagar.

Eu me assusto quando seus dedos se engancham sob meu cotovelo, deslizam para a minha palma e levantam. As costas da minha mão formigam sob seus lábios. Seus olhos rolam para encontrar os meus.

Ele sorri, sua respiração aquecendo meus dedos.

— Veja, Dama Everly March. Boas maneiras.



CAPITULO 40



Eu sei que estou com problemas. Já se passaram sete horas desde que senti o último upload. Quatro horas sendo torturada por Delphine, apenas para incorrer em mais torturas de Flame.

— Fique parada! — Flame assobia.

— Eu estou! — Insisto.

Essa tem sido nossa conversa nos últimos trinta minutos. O pente de Flame, mais uma arma do que ferramenta de modelagem, range em meu couro cabeludo, rasgando e apunhalando, e meus dentes rangem de dor.

Olho para o espelho de maquiagem, apenas para ser assustada pela estranha olhando para trás.

Minha pele, pálida e cremosa. Meus olhos mais verdes do que castanhos e rodeados por longos cílios negros. Girando do vinco externo do meu olho esquerdo para a minha bochecha está uma pena de pavão feita de joias cintilantes. A sugestão mais suave de carmesim brilha em meus lábios.

Mas é o meu cabelo, torcido, trançado e com cauda em forma de rabo de peixe, que me tira o fôlego. Um grampo de cabelo de pavão com joias mantém tudo no lugar.

Minhas mãos alisam meu vestido de veludo verde esmeralda sem mangas.

Chegou à minha porta há uma hora, cumprimentos de Merida, com um bilhete simplesmente dizendo: *Todo seu*.

Coberto com um capuz delicado de borda rubi e enfeitado na cintura com duas bandas de joias multicoloridas e contas de ouro para combinar com as penas de pavão, ele contorna as linhas de roupas aceitáveis para os monarquistas e muito acima da minha Cor. Mas a melhor parte é que, embora se disfarce de vestido, com plumas soltas de tecido, é mesmo um macacão.

— É um pouco... — Luto pela palavra certa.

— Chamativo? — Flame diz, mas eu posso dizer pela peculiaridade no lado de seus lábios que o vestido está crescendo nela. Ela ajeita meu grampo de cabelo. — Não há espaço neste tecido frágil para um punhal, então isso funcionará em uma emergência.

Sorrio. — Alguma outra arma escondida que eu deva estar ciente?

— Não, mas você sempre pode tirar sua meia-calça e amarrá-la ao redor do pescoço...

— Brincando, Flame. — Me levanto, avaliando mais uma vez. — Mas obrigada pela sua preocupação. Me dá um toque caloroso.

Flame franze a testa. — Estou preocupada com a missão, não com a sua pessoa.

Deslizo meus pés nas botas de lagarto estilo Oxford de dois tons que vêm com o vestido.

— Então, nenhum abraço?

Eu juro que um sorriso quase quebra através de sua careta azeda. *Quase*.

Uma batida na porta anuncia meu atendente. *Tão cedo?*

Não é possível ter uploads suficientes para chegar perto de onde preciso estar.



Talvez eu devesse ter seguido o plano. Reconheço que estou atraída por Riser. E mesmo que seu psicopata à espreita esteja lá, em algum lugar, certamente posso fingir por uma noite que ele é o cortesão notável e bem-educado que está personificando?

Provavelmente agora é tarde demais, mas decido tentar.

O que tenho a perder?



CAPITULO 41



— Seja boa. — Chamo Flame ao sair, sabendo que ela é incapaz de qualquer coisa perto dessa palavra.

Num impulso, pego a fênix dourada de Brinley e prendo-a no corpete do meu vestido.

Flame agarra meu pulso. — Tenha cuidado com isso.

— Por quê? — Salto na ponta dos pés, impaciente para sair. — É apenas uma bugiganga boba.

— Se por bugiganga boba você quer dizer o símbolo secreto usado por simpatizantes de Fienianos, então sim, você está certa.

— Verdade?

Dando um sorriso raro, Flame estende a mão e aperta as pontas dos dedos em cada lado das asas. Ouve-se um clique e um escorpião dourado aparece, enrolado em torno da fênix, o único diamante em sua cauda brilhante ameaçadoramente.

— Poção. — A voz de Flame estremece de admiração. — Aperte as asas duas vezes seguidas e aquela bela criatura se torna uma arma altamente eficaz.

Olho cuidadosamente o broche enquanto Flame aperta as asas e o escorpião mortal desliza de volta para seu esconderijo.

— Devo tirar?

— Eu disse para ter cuidado, princesa. Não seja tola.



Não reconheço Riser no final do corredor até que estou praticamente em cima dele. O olhar divertido que ele me dá afirma que ele sabia que eu estava lá há muito tempo. Seu olhar passa rapidamente por mim, mas permanece velado.

Ele se curva, um aceno indiferente, na verdade, e permite um meio-sorriso cauteloso.

— Minha dama.

Depois de uma rápida reverência, coloco meu braço dentro do dele e sorrio até sentir que meus lábios vão grudar nos meus dentes.

— Vamos, Lorde Thornbrook?

— Seria um prazer. — Por meio de seu tom confiante, detectei uma pitada de perplexidade. Afinal, é o mais legal que já fui com ele.

Uma pequena pontada de arrependimento me atinge. É piorado pela maneira protetora que ele coloca meu braço em seu peito quente.

Emoções estúpidas reconstruídas.

Riser pega o jogo. — Você parece...? — Seus olhos penetrantes e incompatíveis viajam pelo meu corpo. Eles demoram. Acendendo fogueiras onde quer que permaneçam. Finalmente, eles descansam em meus lábios. — Eu não sei... Qual é a palavra?

Boca aberta, eu sugo uma respiração irregular e luto contra a estranha sensação de queda na minha barriga.

— Linda?



Ele coça o queixo, seus olhos ainda me absorvendo. — Não é isso. Espere... Eu sei agora. — Seu rosto se abre em um sorriso de lobo. — Decente. Dama March, você parece bastante decente.

Vagabundo Fieniano! — Decente?

Mas ele já está no meio do corredor, seus ombros sacudindo de tanto rir. Alcanço no topo da escada e me contenho para não chutá-lo até a morte. Em vez disso, engancho seu braço novamente para que ele não possa escapar.

Eu preciso fazer alguma coisa. Algo que vai angariar pelo menos alguns uploads e limpar o sorriso de sua mandíbula.

Sentindo-me completamente desesperada, fico na ponta dos pés. Minhas mãos repousam em seu peito quente e sólido. Eu me inclino para ele, e o ar sibila por entre seus dentes enquanto meu lábio inferior escova seu lóbulo.

Ele enrijece. Nunca fiz nada assim antes e meu coração bate descontroladamente contra o esterno. Luto contra o prazer reconstruído que obtenho com seu cheiro de sal e terra familiar.

— Talvez você devesse dar uma outra olhada, então.

A pedra se alojou em minha garganta em queda livre até meu estômago enquanto Riser me empurra para longe.

— Não faça isso. — Sua voz é rouca, distante. — Não se não for real.

Mastigo minha bochecha, dolorida com a rejeição. — Real? Riser, eu nem sei mais o que é isso.

— Eu sei.

Suspiro. — Vamos lá, é um jogo. Não é?

— Um jogo? — Os músculos de sua mandíbula se contraem quando ele desvia o olhar.



— Sim, Riser. — Hesitantemente, meus dedos escorregam por seus nós dos dedos e em sua mão. — Um que nos manterá vivos.

Há uma longa pausa. Finalmente seus dedos se enrolaram nos meus.

— Eu quero saber sobre a chave. O que isso desbloqueia? Por quê Nicolai a quer tanto?

— De repente, você tem um preço?

Ele sorri suavemente. — Você achou que eu era barato?

Nem um pouco. Tento puxar minha mão, mas seu aperto fica mais forte. Se eu não estivesse desesperada por uploads, colocaria meu joelho em sua virilha e aproveitaria cada pedacinho disso. Mas estou desesperada.

O suficiente para cerrar os dentes, engolir meu orgulho e dizer: — Tudo bem. Eu vou te dizer tudo o que você quer saber após a seleção.

— Agora. — Sua voz é definitiva. — Você vai me dizer agora.



Lá fora, o ar é mágico. O rosa e o laranja do céu pintam o lago, uma brisa fresca trazendo os aromas de glórias, carmesim e plumas. Carruagens ornamentadas de marfim, envoltas em rosas amarelas e puxadas por cavalos brancos como a neve, aguardam para levar os finalistas ao Julgamento. Os cavalos relincham impacientemente e batem os pés.

Pandora é um caroço de pêssego logo acima do pico da montanha.

Riser solta minha mão assim que a porta se fecha para a carruagem.

— É seguro falar? — Pergunto, significando a criptografia.

— Cage me garantiu que era seguro do nosso lado. — Diz Riser. — Mas eles ainda estão tendo problemas de comunicação.

Ele se senta na minha frente, uma longa perna pendurada casualmente sobre a outra. Todo confiante e equilibrado. Mas eu noto a maneira como sua mão, a que ele usou para me acompanhar, aperta ao seu lado.

Olho pela janela aberta à minha esquerda. Faias altas e esguias delineiam nosso caminho. Os cheiros de água parada e cavalo suado se misturam em uma espécie de colônia inebriante.

Pelas brechas nas árvores, vejo que em breve estaremos cruzando a Ponte Palladiana.

As lembranças de meu pai contando seus muitos passeios pela extensa ponte de pedra, alimentando os cisnes com minha mãe, picam meu cérebro como mil peixes famintos mordiscando a superfície da água.

Riser está esperando.

Eu não posso fazer isso.

Abrir-me.

Divulgar meus segredos.

Tornar-me vulnerável.

Mas não tenho escolha.

— Eu tinha nove anos. — Digo, ainda olhando pela janela. — Não me lembro muito, meu pai apagou a maior parte da minha memória daquele dia, mas me lembro de como me senti depois. — Brinco com o friso do meu cinto bordado. — Ele me disse que Max e eu tínhamos estado doentes, por isso não conseguimos nos lembrar de muita coisa, mas eu sabia que era algo mais.

Me viro para encarar Riser. Ele está inclinado para a frente, com os cotovelos apoiados nos joelhos.

— Eu podia sentir o que ele colocou dentro de mim. Isso me mudou, de alguma forma, e eu sabia que era importante, essa coisa. Mais tarde descobri que era uma chave.



— E Max? — Riser pergunta. — O que ele abriga?

— O mapa.

Riser se acomoda lentamente. Posso ver sua mente correndo para colocá-lo junto.

— Um mapa para encontrar e uma chave para destrancar.

Sua expressão se suaviza e percebo que ele realmente sente pena de mim. Visto de fora, parece cruel, um pai implantando em seus próprios filhos algo que os colocará em perigo.

— O que é isso, Everly? — Ele continua. — O que seu pai estava tentando esconder?

— É chamado de Mercurian. — Estamos cruzando a Ponte Palladiana e a carruagem balança ruidosamente. Pétalas brancas nevam das cerejeiras arqueadas que margeiam as margens. — Meu pai o desenvolveu para mudar o caminho do asteroide, mas aparentemente também é uma arma, o tipo que pode exterminar populações inteiras com o apertar de um botão. Do tipo que o imperador banuiu.

Riser exala lentamente com os dentes cerrados. — Você está me dizendo que há uma maneira de salvar inúmeras pessoas da morte?

— Sim, mas não se encaixava na solução final do imperador Laevus, a formação de sua sociedade perfeita.

Riser está muito quieto. A única coisa que se move é a artéria do pescoço. Se Riser tivesse algum escrúpulo em matar o imperador Laevus antes, ele não tem agora.

— Por que os Fienianos querem isso?

— Oh, eu não sei, para explodir coisas? — Me pego rindo, mais como um grunhido sarcástico. — Os realistas. Os loucos Fienianos. Esquemmatizadores



como Nicolai, Brogue e Flame. Todo mundo quer isso porque quem controla essa coisa controla o futuro do mundo.

— E para controlá-lo... — Riser diz cuidadosamente. — Eles devem controlar você.

— Exceto que... — Digo. — Está provando ser mais fácil falar do que fazer. Quanto tempo até que Nicolai decida simplesmente cortar isso de mim como a arquiduquesa?

Riser se inclina para frente, os músculos de seu pescoço tensos. — Ele não faria isso. — Ele limpa a garganta. — Eu... não deixaria.

Balancei minha cabeça. Posso ver agora que Riser realmente sente as emoções que eles lhe transmitiram. Obviamente, é a única coisa em que Flame teve sucesso. Riser foi programado para me manter segura, enquanto eu tiver a chave.

— Você não entende? Não podemos confiar em nada neste mundo, nem em nossos sentimentos, nem uns nos outros... especialmente um no outro.

Sua mão alcança a minha...

Me afasto. — Essas emoções não são reais, Riser.

— Eles são reais para mim, Everly. Tão real quanto minha necessidade de comer, de respirar. Eu não posso, não vou deixar nada acontecer com você.

Não gosto da intimidade em sua voz, do espaço apertado nesta carruagem ou do calor formigante de onde seu joelho pressiona o meu.

— Você mesmo disse isso, Lorde Thornbrook. — Puxo meu joelho para longe dele. — É apenas uma questão de tempo antes que suas emoções reconstruídas desapareçam.

Fico olhando pela janela. Nós dois não queremos pensar no que acontecerá então. O pátio fica à vista e a carruagem começa a desacelerar, meu corpo sacudindo a cada solavanco.



— Nicolai mencionou meu irmão? — Pergunto.

— Não.

É impossível saber se ele está falando a verdade. Começo a alisar meu vestido enquanto a carruagem desacelera até parar em frente à fonte.

A brisa espirra pequenas gotas contra minhas bochechas, e eu limpo a água antes que possa manchar minha base.

— Eventos recentes me dizem que Nicolai ainda não descobriu como acessar o mapa de Max. É por isso que eles precisam que você determine se eu sei onde está o dispositivo do meu pai.

— Você sabe?

— Não.

Devo contar a ele sobre a mensagem de meu pai? Posso confiar nele? Parte de mim diz sim; parte de mim grita não. Mas eu tenho pouca escolha. Sem ele, estou quase garantido de falhar.

Exalando bruscamente, acrescento: — Mas posso ser capaz de encontrá-lo.

Riser levanta uma sobrancelha em questão.

O lacaio está desmontando. Eu tenho que me apressar. — Meu pai deixou uma mensagem para mim no Sim. Não tive a chance de receber tudo, mas acho que ele estava tentando me ajudar a localizar o Mercurian.

— E como isso nos ajuda agora?

— Porque está aqui. — Digo, observando a cintilação de surpresa em seus olhos. — E agora eu sei que tudo o que tenho que fazer é encontrar outro caminho de volta para o sistema para descobrir onde.

Riser balança a cabeça. — Não vai funcionar. Este é o coração do território realista. Simulações não são permitidas.



— Bem... — Digo, levantando-me. — Então acho que é bom que o imperador Laevus tenha esquecido isso quando meu pai construiu um aqui.

A porta se abre, um conjunto de três degraus de ferro desdobra-se no chão, e o lacaio estende a mão enluvada de branco.

Antes de aceitar, me viro para Riser e sorrio. — Então, Lorde Thornbrook, eu saciei suficientemente a sua curiosidade?

De pé, Riser descaradamente desliza a mão em volta da minha cintura.

— Permita-me.

Estremeço quando sua respiração rola na minha nuca e seus dedos quentes pressionam meu quadril.

É um ato simples, mas também é uma resposta.

Deste momento em diante, estamos nos cortejando, exceto que, de repente, não parece mais falso.



CAPITULO 42



As mesas são colocadas no pátio, sob uma fileira de cerejeiras enfeitadas com luminárias pálidas e bruxuleantes. Contra o brilho etéreo do crepúsculo, as luminárias são comuns, mas assim que o sol cair, elas serão um milhão de estrelas cintilantes.

Em algum lugar distante, um violino toca uma melodia assustadora.

Riser e eu somos os últimos finalistas a se sentar. Isso faz de nós oito na mesa. Além de Merida e Rhydian, que estão sentados bem em frente ao meu assento, e Dama Teagan à minha esquerda, não reconheço mais ninguém.

Sinto, em vez de ver, Riser ocupar seu lugar à direita.

Alguma coisa mudou. Acho difícil olhar para ele. Para respirar normalmente sabendo que ele está perto. Quase derrubo minha taça de água ao tentar tomar um gole e, quando engulo, parece que vou vomitar.

Merida se inclina sobre a mesa. — Isso parece ótimo em você. — Ela diz, apontando para a minha fantasia. — Eu não sabia se você ousaria usá-la... mas eu esperava.

— Eu também não tinha certeza. — Digo. Enquanto examino os outros finalistas e seus firmes trajes monárquicos, espartilhos, anáguas e saias longas e cheias, todas as cores corretas, começo a me perguntar se fiz a escolha

certa. Mas então eu mudo e o tecido arejado se move comigo, não rígido e abafado, mas leve e livre, e eu entendo que é uma forma silenciosa de rebelião.

A música e a conversa ociosa morrem. Todos nós nos voltamos para a procissão descendo lentamente os degraus do pátio, ladeada por mantos dourados segurando tochas. Como se na sugestão, o último fragmento do crepúsculo se transforma em escuridão aquosa.

Os Ouros lideram. O imperador Laevus, vestido com uma longa e imponente peruca branca amarrada atrás com uma fita dourada, lidera a procissão, carregando um grande cetro em chamas que ilumina seu queixo, boca e bochechas, mas deixa seus olhos encobertos na escuridão. E ao lado dele, envolta em sombras, está minha mãe. Sei pela forma como meu corpo reage quando ela se aproxima, antes mesmo que as luminárias confirmem. A medalha de ouro da fênix presa em sua capa, uma marca de distinção, cintila na luz suave.

Então ela é a segunda do imperador, agora. Só custou a ela seu marido e seus filhos.

De repente, sei que ela vai passar por mim, centímetros, talvez até escovar minha cadeira e, se o fizer, não vou conseguir conter minha raiva. Nada mais importa, exceto o ódio cego que sinto por ela. Minha mão serpenteia sobre a mesa, agarrando uma faca de manteiga.

Sem corte, mas servirá.

Riser segura minha mão na mesa em um gesto que parece aparentemente romântico. Seu polegar trilha levemente sobre meus dedos.

— Paciência.

Alguém na mesa ri da minha falta de educação, pensando que estou apenas com fome. Inalo uma respiração profunda e entrecortada, minha palma achatando em derrota sobre a faca fria.



— Lembre-se. — Diz Riser, sua voz deixando claro que ele desaprova meu impulso precipitado. — Coisas boas acontecem para aqueles que esperam.

Eles se foram. Riser remove sua mão, mas não antes de deslizar silenciosamente a faca de meus dedos. Ele retorna ao seu lugar pelo prato de manteiga de cristal adornado com fênix empoleirada.

Riser sabe quem ela é, é claro. Ele leu meu diário. O que pode explicar a maneira como ele paira perto de mim, mesmo quando eles tomam seus lugares na mesa principal, apenas no caso de ele ter que me impedir à força de fazer algo idiota.

Alguns dos Escolhidos saem da procissão. Eles se sentam nas mesas dos finalistas, um na cabeceira e um na base. Roman e Delphine, usando suas perucas formais, tomam seus lugares à mesa mais próxima da água. Lucy e Hugo Redgrave estão lá, junto com outros ricos finalistas de Bronze que não conheço.

Na verdade, a maioria das tabelas são agrupadas por riqueza. É por isso que estou surpresa quando Caspian e sua irmã gêmea, Ophelia, se juntam a nós.

Pelo que eu posso dizer, nossa mesa consiste dos finalistas mais estimados, aqueles cujas Casas foram despojadas de tudo.

Ainda de pé, Caspian paira sobre nós, os braços cruzados atrás das costas. Vestido com um uniforme militar completo, seu peito brilha com uma variedade de metais, todos os quais não posso deixar de pensar que ele ganhou. Uma coroa de ouro mosqueado fica em cima de sua peruca simples.

Meu peito aperta.

Agora, este Caspian eu posso ver como o Imperador algum dia.

Todos nós nos levantamos e rapidamente nos curvamos enquanto os atendentes de Bronze correm para acender as velas sobre a mesa.



O som de talheres batendo contra taças vibra a quietude. As outras mesas sobem com o som.

Eu vejo porque um momento depois. O imperador Laevus está ereto na cabeceira da mesa dos Escolhidos, preparado para fazer um discurso.

— Senhores, senhoras, cortesãos, cidadãos, os historiadores consideraram esta noite um momento decisivo no império. — Começa o imperador Laevus. — Cada um de vocês presente representa milhões de almas, e são essas almas para quem eu falo.

Ele faz uma pausa para permitir que a realidade seja absorvida. Suas palavras me lembram que ainda não senti um único upload desde esta tarde.

— Sua vida é significativa; é sagrada e amada. E eu juro fazer seu sacrifício significar algo. Por sua causa, queridos cidadãos, peneiramos as cinzas de nossa destruição e subimos ao mais alto nível, uma sociedade perfeita e perfeitamente projetada, livre das tecnologias violentas que quase nos destruíram.

Ele faz uma reverência dramática sob aplausos estrondosos.

Quando os aplausos diminuem para um zumbido suave, ele acalma a multidão com um aceno.

— Então, obrigado. Obrigado.

Minha mãe, que estava sentada, se levanta lentamente. Observo a corte para ver como eles respondem.

Silêncio imediato.

Portanto, ela ainda deve carregar um peso enorme. Usando uma peruca branca de algodão com cachos justos, ela espera com as mãos entrelaçadas, os olhos observando cada finalista individualmente. Só minha mãe poderia comandar o silêncio assim.



Nossos olhos se encontram, apenas por um segundo. Embora seu olhar não seja reconhecido, sinto como se meu corpo fosse se partir ao meio.

Tendo afirmando seu poder, ela fala.

— Finalistas, não quero tomar muito do seu tempo, todos nós sabemos como isso é precioso. — Algumas risadas nervosas. — Mas eu gostaria que vocês olhassem ao redor de suas mesas, as pessoas, a comida. Sim, é uma festa, mas não do tipo a que vocês estão acostumados. Com esta comida não celebramos a vida; estamos regozijando o fim. O fim da fome. O fim da guerra e das doenças. O fim de um império tão atormentado por tecnologias desenfreadas que estavam sistematicamente nos matando.

Ela faz uma pausa para enfatizar seu ponto. O silêncio permeia o ar.

— E como vocês sabem... — Ela termina, levando para casa o peso de suas palavras com aquele olhar de aço. — Tal façanha requer grande sacrifício.

Ouve-se um ruído súbito de sibilar enquanto fênix flamejantes descem do céu e pousam em nossa mesa.

Elas são hologramas, é claro. Feitas para parecer ainda mais real com nossas novas microplantas.

A minha, uma coisa zangada e inquieta com asas de pontas brancas, circunda meu prato de aperitivo, grita e então se levanta no ar em uníssono com as outras. Em segundos, elas estão todas congelados 2,5 metros acima de nós, com as asas abertas.

Cada fênix carrega um número.

Todas, exceto a minha.

— Seu ranking Avatar. — minha mãe explica. — Vocês podem ver todos menos o seu próprio.

O ar se agita com murmúrios de choque.



— Todos vocês vieram aqui na esperança de uma chance na vida. — Continua minha mãe. — Infelizmente, quando a sobremesa for servida, apenas cinquenta dos finalistas mais bem classificados permanecerão.

Eu vasculho os pássaros dourados acima de nossa mesa. Existem cem finalistas. Merida está classificada em quadragésimo primeiro lugar, o que significa que ela atualmente tem uploads suficientes para sobreviver ao Julgamento. Rhydian, quinquagésimo primeiro, também está um pouco tímido para ficar.

— Amanhã, aqueles de vocês que permanecerem serão testados ainda mais. — Sua voz tem um efeito hipnótico. Pego-me querendo desesperadamente acreditar no que ela diz, embora saiba que cada palavra é uma verdade distorcida. Ela é dotada dessa forma. — Cada teste irá incorporar um tema específico integrante de nossa sociedade. Eles são projetados para descascar até o seu núcleo, para que possamos escolher o melhor entre vocês.

Ela pega uma taça e a segura no ar. Um brinde. — Para aqueles aqui hoje que não sobreviverem, que suas mortes sirvam a um propósito maior e fortaleçam o império. Todos saúdem o Imperador Laevus!

— *Todos saúdem o Imperador!* — Os Escolhidos cantam, batendo na mesa com suas taças antes de beber.

Todos nós fazemos o mesmo. Seguem-se cânticos ensurdecedores e batidas de pés.

Parece que minha mãe não perdeu sua língua de prata. É o que a torna tão eficaz... e perigosa.

Caspian se acomoda graciosamente na poltrona. Por azar, Riser está sentado à sua esquerda.

— Sentem-se. — Caspian comanda a mesa.

Sua voz é amigável e generosa, mas ainda um comando.



Obedecemos em uníssono, bem a tempo do primeiro prato, fígado de ganso com queijo de cabra e milho. Um silêncio desconfortável desce. Merida esquece a costumeira apresentação formal e tenta comer. Percebendo seu erro, ela deixa cair o garfo em horror. Ele bate contra seu prato.

Os olhos de Caspian enrugam enquanto ele ri.

— Por favor relaxe. Eu simplesmente gostaria de conhecer todos aqui.

Sou eu ou ele olhou incisivamente na minha direção?

Enquanto as apresentações cerimoniais são feitas, não posso deixar de olhar para as classificações acima de nós. Teagan Aster - quarenta e sete. Duas irmãs, Alice e Marianna Graver de Wakefield - trinta e dois e trinta e nove. Blaise Weston, filho do ex-ministro do Tesouro - dezenove. Laurel Crawley - quinze. Todos os filhos de traidores. Quando Riser se apresenta, vejo que ele está atualmente com quarenta e oito. Minha própria classificação, no entanto, é impossível de ver.

Como é de costume para a Cor de melhor posição na mesa, Caspian estica as mãos, pressionando-as contra a testa.

— Que os deuses honrem nossa comida e comunhão. Eu sou o Príncipe Caspian Laevus e...

Todos se voltam para Dama Ophelia, que se mexe na cadeira, parecendo tão confortável quanto um rato em uma mesa cheia de gatos. Caspian compensa sua timidez com uma rápida introdução.

— Esta é a encantadora e bela, Princesa Ophelia.

Ophelia levanta os olhos da mesa por tempo suficiente para plantar um sorriso tímido em todos os finalistas aqui. Limpando a garganta, ela sorri para baixo em seu colo e diz: — Me chame de O, por favor.

Eu a amo imediatamente. Ela está envolta em um vestido dourado pálido que combina perfeitamente com seus olhos tristes e emocionantes e refletem a



luz das velas. Ela abandonou a peruca formal, e seu cabelo, uma cortina de seda dourada, cai até a cintura, ombros como ossos de pássaro se projetando de suas profundezas como geleiras, flores em todo o seu comprimento: íris laranja e flores de azaleia rosa, glicínias roxas e camélias vermelhas suaves. Um colar de cornisos faz uma coroa de neve perfumada.

Durante o dia, ela poderia ser uma deusa das páginas do meu livro não sancionado. Mas nesta escuridão fantasmagórica, iluminada por uma mistura etérea de luar e luz do fogo, ela é uma ninfa da floresta que em breve retornará à sua floresta encantada e desaparecerá.

Ophelia está me observando estudá-la.

— Está tudo bem. — Ela sussurra. — Eu estava estudando você também.

— Eu?

— Você é a garota que desafiou a Tigresa Amuada.

— Eu sinto muito?

Sua voz assume um tom secretamente divertido.

— É o nosso apelido para Dama Delphine, de Cas e meu. Adequado, você não concorda?

Enrijeço, não acostumada a tanta franqueza na corte. Talvez seja um truque para soltar minha língua, me fazer falar? Não existe uma regra contra isso?

Ela dá uma risadinha envergonhada, cortando os olhos em um pedido de desculpas para Caspian. — É bobo... De qualquer forma, foi uma coisa muito corajosa de se fazer.

— Obrigada. — Digo, relaxando. — Mas temo que tenha sido mais estúpido do que corajoso.



— Bem, se eu tivesse que escolher, eu preferiria ser corajosa e estúpida do que inteligente e covarde. E você... — ela se vira para Riser. — Você se recusou a denunciar Lorde Pope. Por quê?

Do outro lado da mesa, Merida rapidamente desvia o olhar, seu rosto atolado em culpa. Rhydian fica rígido.

Os cantos da boca de Riser se contraem.

— Eu gostaria, princesa, de poder reivindicar intenções admiráveis, mas simplesmente não gosto de ouvir o que fazer.

O olha para Caspian. — Você parece muito com outra pessoa que eu conheço.

Mas Caspian está olhando para Riser, seus olhos afiados olhando para ele.

— Então, obstinado e tolo. Preste atenção às suas maneiras indelicadas, se nosso encontro anterior servir de indicação. Por acaso você tem alguma qualidade redentora, Lorde Thornbrook?

Obviamente, Caspian não se esqueceu de seu encontro anterior.

Riser se recosta na cadeira, os braços atrás da cabeça. Qualquer outra pessoa estaria se encolhendo em submissão, e seu comportamento calmo me deixa nervosa, assim como seu sorriso insolente.

— Bem, Lorde Caspian, a menos que você conte minha beleza impressionante e meu charme infalível.

— Eu não. — Caspian está sentado rígido, a luz do fogo brincando em suas maçãs do rosto refinadas. — E como eu sou seu soberano e um Ouro, você deve se dirigir a mim como Príncipe Caspian. Ou Meu Soberano. Sua preferência.



Todos na mesa congelam. *Faça isso, Garoto do Fosso!* Porque, apesar de toda a reconstrução de Riser, sua aparência e maneirismos recém polidos, a expressão desafiadora em seu rosto pertence ao Garoto do Fosso.

Seus olhos piscam para mim. Meu rosto implora para ele fazer isso. *Não seja idiota, idiota!*

— Minhas desculpas, Príncipe. — Riser diz com os dentes cerrados, lentamente tirando seu olhar de mim. — Minhas maneiras corteses estão enferrujadas.

— E quando você esteve aqui, exatamente? — O rosto de Caspian ficou completamente sério. — Porque eu não me lembro de você.

Eu entendo agora que Caspian não vai deixar isso passar.

Riser abre um sorriso sombrio em minha direção, como se dissesse *tentei do seu jeito, agora vamos tentar o meu*, e sei que as coisas estão prestes a ficar fora de controle.

Oh inferno Fieniano.



CAPITULO 43



— Eu lembro. — Deixo escapar. — Dele. Quero dizer... Não da corte, eu era muito jovem, obviamente, mas do... verão juntos em... na vila do oceano da minha família. — *Isso é algo que os ex-cortesãos fazem, certo?*

Caspian se vira para mim, sua cabeça inclinada em perplexidade.

— Me perdoe, mas...

— Saudações. — Uma sombra enorme se aproximou da nossa mesa. O cheiro de conhaque me dá um tapa na cara.

O se encolhe para longe dele. — Roman.

— Ahh, aí está você, minha florzinha! — Roman, descansa seu corpo maciço sobre a mesa até que estala, arranca uma íris de seu cabelo, rasgando um cacho de fios dourados com ela. Percebo com alívio que Caspian dirigiu toda a sua raiva para Roman agora na forma de um olhar silencioso e cheio de fúria.

Os olhos de O imploram a Roman para parar.

— Roman... por favor...

Roman planta uma palma carnuda no rosto de O, forte o suficiente para fazer um barulho de tapa. Usando o polegar e o indicador, ele aperta os lábios dela até parecer que ela está formando palavras.

— É bom ver você também, meu amor. — Roman diz por ela.

Suas palavras são arrastadas e raivosas.

O debilmente tenta afastar a mão dele enquanto todos nós olhamos com horror, sua coroa de flores quebrando no processo e caindo no chão.

— Pare! — Minha cadeira tomba para trás quando fico de pé.

Grunhindo, Roman libera O, seus olhos se estreitam em minha direção enquanto ele tenta se concentrar. Eu imagino que um leão que acabou de ser distraído de sua presa teria a mesma aparência.

Quando ele me reconhece, seus lábios gordos e úmidos se contorcem em um sorriso de escárnio.

— Bem, você não é o orvalho em uma rosa, verme estúpida.

Riser e Caspian estão em uníssono, seguidos por Teagan.

— Você está maluco, Roman. — Caspian diz. — E há damas presentes. Eu recomendo que você saia antes de ser forçado a fazê-lo.

Mas os olhos vermelhos e estreitos de Roman estão fixos em Riser, os dedos acariciando o cabo de sua espada. Mesmo bêbado, Roman é inteligente o suficiente para saber onde está a verdadeira ameaça.

Um sorriso zombeteiro se espalha pelo rosto de Riser enquanto ele avalia Roman.

Os outros, incluindo Caspian, são ligados por um senso de honra e civilidade. Mas Riser não está em dívida com nenhuma dessas coisas.

Talvez percebendo isso de alguma forma, Roman libera sua arma e se inclina, forçando desajeitadamente a mão de O a seus lábios molhados.

— Minha flor, em breve você será toda minha.

Roman sai, mas o constrangimento permanece. Todos nós seguimos Teagan, que é a primeira a retomar seu lugar à mesa, deslizando um pequeno porrete de madeira de volta em seu bolso.



Percebendo meu olhar, ela responde com um aceno sutil em minha direção. Seus olhos caem para o meu broche. Não é a primeira vez, e levanto minhas sobrancelhas em dúvida.

— Perdoe-me. — Diz Teagan, em uma voz que soa como se raramente se desculpasse. — Mas eu tenho que dizer, sua escolha de adorno é excelente. Especialmente quando você pressiona as asas.

Eu sigo seus olhos para a fênix. Como responder? É algum tipo de aperto de mão rebelde? Ou talvez um truque?

Aceno, com cuidado. — Obrigada.

Ela pisca com cuidado. — Bem vinda amiga.

Espiando ao redor de Teagan, vejo O silenciosamente tentando recuperar seu cabelo.

Caspian se move para ajudá-la, mas ela balança a cabeça.

— Não, Cas. Devo aprender a lidar com ele sozinha. — Ela sorri bravamente, a carne ao redor de sua boca vermelha do aperto violento de Roman. — Afinal, uma vez que nos casarmos, você não estará lá para me resgatar.

Estremeço, imaginando O gentil e tranquila, casada com aquele bruto.

Caspian encara a mesa. — Pai vai mudar de ideia.

Mais flores quebradas caem do cabelo de O enquanto ela balança a cabeça.

— Quebrar uma promessa ao General? Meu pai nunca ousaria desonrar a Casa Bloodwood, não quando eles controlam...

Aparentemente, lembrando que eles não estão sozinhos, ela faz uma pausa.

O General Bloodwood tem vantagem sobre o Imperador Laevus.

Eu guardo isso para mais tarde.



Os atendentes trocam nossos pratos intocados pelo segundo prato, uma sopa fumegante com um ovo alinhado e o que parece ser foie gras com arenque escaldado. Pão duro e rachado é servido ao lado.

Mesmo com fome, não consigo encontrar meu apetite.

— Obrigada, Dama Everly. — Olho para cima e vejo O sorrindo para mim. — Se eu fosse tão corajosa quanto você.

— Sim, Dama Everly. — Caspian diz. — Parece que sua estupidez não conhece limites.

Riser está olhando para mim também. Bem, eles concordam em algo, pelo menos.

Me inclino sobre Riser. — Você disse para ficar longe da Condessa Delphine. — Sussurro, cruzando os braços. — Você nunca disse o irmão estúpido dela.

Ignorando os outros nos observando com curiosidade, Caspian diz com os dentes cerrados: — Eu presumi que estava implícito.

Revirando os olhos, concentro-me na minha sopa morna, cutucando indolentemente a rica gema amarela do meu ovo. Abro caminho através do prato principal, javali assado com castanhas, e o igualmente suntuoso segundo prato principal de peixe-espada cozido no vapor e cogumelos recheados com risoto.

Por que não estou recebendo nenhum upload? O que diabos eu tenho que fazer para me tornar interessante?

Olho para Riser, que também não está comendo.

É hora de ser interessante. — Como está o javali, Lorde Thornbrook?

Riser olha para mim. Sorri. Um sorriso lento, ardente e arrepiante que me eletriza.



— É maravilhoso, obrigado, Dama Everly. — Sua voz é suave como um xarope e sugere algo mais, uma piada particular compartilhada. — E você. O javali está assado ao seu gosto? — Sua voz assume um tom ainda mais íntimo. — Lembro-me de nossos dias em sua vila, você prefere sua carne crua.

Da minha periferia, vejo Caspian observando nossa troca.

— Bem, Lorde Thornbrook. — Digo, forçando um sorriso. — As coisas podem ter mudado um pouco desde então.

— Mas eu espero que você ainda nade no lustre, Dama March? Sempre foi tão divertido.

Tossindo, consigo dar uma risada fraca.

— Sempre tão engraçado, Lorde Thornbrook... sem faltar decoro.

Riser pega o garfo, empala um pedaço de carne ensanguentada e o leva aos meus lábios.

— Eu insisto, minha senhora.

Ele está brincando comigo.

Sufocando minha raiva, abro obedientemente minha boca. O sangue frio escorre pelo meu queixo enquanto ele deposita a carne na minha língua.

Caspian está carrancudo. Riser, feliz, enxuga um guardanapo no meu queixo úmido.

Mastigar. Engolir. Espero que o rubor de raiva subindo pelo meu pescoço possa ser passado como um rubor amoroso.

— Divino. — Falo — Obrigada.

Ao não parar de me torturar, aparentemente, Riser abre a boca e espera.

Cortejando ou não, não consigo imaginar ninguém sendo tão sentimental. Esfaqueio um cogumelo recheado e com raiva forço-o garganta abaixo.

Eu estou chateada. Ele não sabe o quão baixa está a minha classificação?



Riser sufoca sua mordida, limpando pedaços de seu rosto e sorri.

— Sempre a desajeitada.

— Qual era o meu apelido para você? — Eu pisco meus olhos para Riser. — Está na ponta da língua.

Riser ri. — Eu não sei, *Cavadora*. Eram tantos.

Os uploads não estão chegando. Eu entendo isso agora, mesmo que nosso namoro fosse mais convincente.

Todos nós erguemos os olhos ao mesmo tempo para ver os atendentes fazendo o curso final. Eles caminham em fila única, as tampas das travessas de prata que carregam sacudindo silenciosamente.

É tarde demais. Uma forte sensação de mau presságio me abatendo.

Eu falhei. Eu decepcionei Max, meu pai. Todo mundo. Até Riser mal conseguiu.

Em desespero, inclino-me para Riser e sussurro: — Por favor, eu imploro, salve Max...

Ele pressiona o dedo contra meus lábios.

— Everly, pare de falar. Só quero aproveitar este momento um pouco mais.

Um atendente graciosamente apresenta uma pequena bandeja de serviço na minha frente. Eu fico olhando para ele, quase sem respirar.

Apenas cinquenta dessas travessas contêm uma sobremesa. A minha não será uma delas. Eu sei disso assim como sei que Riser me enganou.

Sinto muito, Max.

Parte de mim quer lutar. Por um segundo delirante, imagino lutando para chegar à mesa principal. Eu não iria longe o suficiente para realmente machucar minha mãe. Mas talvez apenas olhando em seus olhos, mostrando o que ela fez.



Talvez isso fosse o suficiente.

A música parou de tocar. Luminárias se acotovelam com a brisa; um cavalo relincha ao longe.

Seguro a tampa, com a mão suada e trêmula, junto com outros noventa e nove finalistas.

Quando os outros começam a abrir os seus, hesito. *Eu não posso. Eu não consigo fazer isso.*

A mão de Riser de repente pousa em cima da minha, quente, pesada e segura.

— O que você está fazendo? — Sussurro.

Riser me encara por um momento. — Por que você continua a duvidar de si mesma quando o mundo inteiro vê o quão incrível você é?

A tampa se levanta. De repente, entendo por que ele não estava levando a sério minhas tentativas tolas de namoro.

No meu prato está uma torta de morango simples, coberta com uma elaborada fênix ascendente feita de açúcar fiado.

Estou dentro. Eu sobrevivi ao Julgamento.

Eu olho para a minha fênix, que agora está iluminada com o meu número.

1. Eu sou a número *um*.

Agora eu entendo porque não conseguia sentir meus uploads. Nunca houve um único upload.

O tempo todo deve ter sido um longo fluxo contínuo.

— Mas... Você me deixou fingir...

— Que você gostava de mim? — Seus lábios se apertam em um sorriso melancólico. — Sinto muito, mas você deixou bem claro que sou desprezível,



Dama March, e não poderia deixar de sentir o contrário. Se quiser, considere isso um presente de despedida.

Se despedindo? Eu vejo agora. O prato vazio de Riser. Olhando para cima, descubro algo entre o primeiro curso e agora sua classificação caiu para cinquenta e um. Logo abaixo do corte.

E eu estava muito ocupada me preocupando com meu status para notar.

Abro a boca para dizer o quê, não sei. Mas ele se levanta, dobra o guardanapo sobre a mesa, se inclina cortesmente para os outros finalistas e se dirige novamente ao Centurião que o espera.

Eu preciso ficar sentada. Ficar calma, sem emoção.

Nós sabíamos que isso poderia acontecer.

— Espere! — Levanto antes que possa me conter.

O Centurião que lidera Riser para, e quase esbarro nos dois. É Brogue, embora eu quase não o reconheça em seu uniforme Centurião, barbeado, de banho tomado e meio respeitável.

Não há reconhecimento em seu rosto duro. Ele já amarrou as mãos de Riser pela frente. Centenas de olhos curiosos perfuraram minha carne.

Meu primeiro impulso é deslizar o grampo de cabelo para Riser usar mais tarde. Em suas mãos, seria mais do que eficaz. Mas Brogue me vê tentando pegá-lo e balança a cabeça sutilmente.

Estúpido, claro que é.

Meu segundo impulso é dizer algo reconfortante. *Ainda mais estúpido.*

Eu poderia implorar para ele correr, mas nós dois sabemos que ele não iria longe. A verdade é que sou impotente para fazer qualquer coisa útil, mas assistir enquanto eles o levam para ser jogado para os lobos que esperam do outro lado da parede.



Riser me olha nos olhos. Ele está me implorando para não fazer nada estúpido. *Tarde demais para isso.*

— Diga-me o que fazer. — Sussurro.

Ele balança a cabeça, fios de seu cabelo lustroso caindo sobre seu rosto.

— Eu menti para você, Everly. Eu salvei você na água e alimentei você no Fosso. Achei que meus sentimentos por você eram uma fraqueza... mas agora percebo que foi isso que me tornou forte.

Um sentimento selvagem e desesperado toma conta de mim. Eu sei que devo ir embora. Essa parte dessas emoções é reconstruída. Assim como eu sei que se não fizer nada sobre elas, elas irão explodir do meu ser.

Então eu faço algo precipitado. Algo que eu nunca faria em um milhão de anos de outra forma.

Eu o beijo.

Seus lábios estão secos e quentes. Eles se separam imediatamente. Um ruído de surpresa surge de algum lugar no fundo de seu peito. Suas mãos constrangidas agarram a frente do meu vestido, puxando-me para ele.

Estou assustada com a suavidade, a curiosa sensação de seus dentes roçando a parte sensível do meu lábio inferior, a sensação estranha de sua língua deslizando sobre a minha.

Dama March já tinha beijado cem meninos quando roubei suas memórias, mas nenhum jamais se sentiu assim.

Riser é o primeiro a se afastar. Eu respiro com fome, os sentimentos reconstruídos profundamente enraizados dentro de mim gritando para puxá-lo para perto novamente.

É como se eu tivesse coçado uma coceira apenas para torná-la mil vezes pior.



Sorrindo suavemente, Riser levanta as mãos, algemas tilintando, e segura meu queixo, seus dois polegares pressionando em cada lado do meu queixo.

— Eu disse a você, Dama March, seria tudo menos estúpido.

E então eles o arrastam para longe.



CAPITULO 44



Cinco minutos inteiros. Há quanto tempo estou do lado de fora do meu quarto. Eu sei que assim que eu entrar e contar a Flame o que aconteceu com Riser, uma de duas coisas vai acontecer. Flame vai me matar ou morrer tentando.

Embora eu prefira o último, ambos não são ideais.

Passos. Dama Laurel e Lorde Blaise estão a caminho da celebração da meia-noite no pátio para comemorar os resultados do Julgamento. Os finalistas chamam minha atenção e rapidamente desviam o olhar.

Agora não sou apenas uma garota Ouro decaída. Eu sou a garota Ouro decaída com muitos uploads.

A garota com um novo alvo brilhante nas costas.

O quarto está em desordem. Fios e aparelhos e várias tiras de metal caem da cama para o chão. Eles levam a Flame, sentada de pernas cruzadas, ajustando dois fios faiscantes juntos.

Mesmo sem ver seu rosto, eu sei que ela sabe.

Esperando que simplesmente não possamos discutir isso, vou até a janela para ver as telas. O som dos aplausos quando o primeiro rosto aparece na tela da fenda sacode a vidraça de chumbo. A garota está sorrindo, seu cabelo ruivo brilhante, penteado e trançado.

Demora um tempo perturbadoramente longo para reconhecer meu próprio rosto novo.

Fecho a janela e me viro. — Eu tentei, Flame...

— Não. — Flame ergue os olhos. — Tentar seria seguir o plano desde o início. Tentar seria deslizar uma arma para ele, então ele teria uma chance...

— Eu tentei...

— Pare de dizer isso! — Flame sobe em todo seu metro e meio. Pelo que posso dizer, ela está sem armas, mas isso não significa nada. — Tentar seria impedi-los! Você os deixou levá-lo. — Ela arranca o broche do meu vestido. — Você não merece usar isso!

Caio na cama. Talvez ela esteja certa, mas estou cansada demais para lidar com isso agora. Meu corpo dói, minha mente dói, meu coração dói. Faz dias que não durmo. Os aplausos continuam lá fora, sacudindo a poeira das paredes de pedra.

Brinco com o tecido rasgado onde estava o broche.

— O que Brogue pode fazer?

— Nada. — A voz de Flame perdeu seu fio de navalha. Como eu, ela parece exausta. — Algum dia amanhã Riser será jogado fora da cerca, e eles o farão em pedaços. Mas tenho certeza que seu beijo vai fazer muito bem a ele.

Minhas bochechas formigam de raiva e vergonha.

— Se você não queria que eu o beijasse, então não deveria ter me reconstruído para desejá-lo.

A palavra gruda na minha garganta. *Desejo*. Mas eu o desejava. Eu tenho que admitir isso

Algo dentro de mim precisa dele, e mesmo que não seja real, parece real.

Brinquedos de fogo com um fio desgastado. Espero que ela dê um soco, mas ela está estranhamente quieta.



Começo a juntar os destroços da cama. — Você não está preocupada com alguém entrando e vendo todas essas coisas?

— Princesa, agora temos coisas maiores com que nos preocupar.

— Eles descobriram que estamos no sistema?

— Bem, os cabeças de peruca sabem que alguém está brincando com seus brinquedos; eles simplesmente não sabem quem. Ainda. — Ela volta para o guarda-roupa e desaparece atrás do aparato de alta tecnologia em que está trabalhando. — Durma um pouco. Deixe os adultos consertarem isso.

— Dormir? — Cruzando o chão para o guarda-roupa, eu me espremo passando por Flame e vasculho os espartilhos de couro e as anáguas horivelmente desatualizadas até encontrar uma camisola curta de musselina. — Você acha que eu posso dormir agora depois de tudo o que aconteceu?

Flame sorri para mim. — Eu poderia quebrar seu crânio. Apagar as luzes. Tenho quase certeza de que ela está falando sério.

Tiro minhas roupas no caminho para a cama. A camisola é dura e áspera. Faço uma pausa enquanto vejo a mochila parcialmente aberta perto da parede, e um calafrio me percorre. Espreitando de dentro estão dois octaedros lisos e dourados do tamanho do meu punho, a forma semelhante a duas pirâmides juntas. Símbolos antigos os cobrem.

Nano-retalhadoras.

O olhar de Flame viaja lentamente da mochila para mim.

— Problema, princesa?

— Por que você tem isso?

Ela faz uma careta. — Aww, a princesa está com medo?

Sim, eu penso. Ela está.



Esses pequenos objetos aparentemente inofensivos têm milhões de nano-retalhadores se contorcendo dentro deles, cujo único propósito é procurar uma carne como a minha. Do tipo que foi modificada e reconstruída.

Se disparasse, os Escolhidos seriam as primeiras vítimas, seguidos por qualquer um que foi reconstruído.

Basicamente, metade da ilha seria destruída.

Não que os trituradores sejam exigentes. Eles mutilarão qualquer coisa em seu caminho.

Por que Flame teria isso?

— O plano é matar o imperador. — Eu a lembro, minhas palavras pegajosas de medo. — Não a corte inteira.

— Bem, os planos me entediam, assim como Dândis com pulso e monarquistas afetuosos.

Abro a boca para argumentar, mas obviamente não adianta. Em vez disso, me inclino e fecho a mochila, como se de alguma forma agora estivesse mais segura.

— Você não gosta muito de mim, não é?

— Não.

— Algum motivo em particular?

— Motivos. Plural.

— Ok...

De repente, Flame está de pé e vindo em minha direção.

— Não gosto de você porque você se acha melhor do que todo mundo.

— Outro passo. — Eu não gosto de você porque você é como eles. — Agora ela está parada na beira da cama. — Atualmente, eu te desprezo porque Riser ainda estaria aqui se você tivesse apenas seguido o plano desde o início.



— O plano falhou. — Sentando-me, preciso ser capaz de evitar qualquer golpe, levanto minhas mãos. — Ninguém pode fingir estar apaixonado. Mesmo com a ajuda de um Recontrutor.

— Irônico, não é esse o ato patético que você estava praticando quando pensou que precisava da ajuda de Riser?

Ela está certa. O rosto de Riser surge em minha mente e eu balanço minha cabeça, tentando desalojá-lo.

Ela me encara por um segundo. Expiro quando ela cruza o chão e começa a vasculhar sua mochila.

Há um barulho de vibração enquanto ela joga algo em mim. Um livro, pelo que vejo, a capa repleta de lindos corvos em aquarela, todos pretos, exceto um azul vibrante, exatamente como sua tatuagem.

É intitulado: *O Pequeno Corvo Azul*.

Ela acena para o livro. — Abra.

Faço como ordenado, lendo a dedicatória: Para Charlotte, minha bela, peculiar e selvagem criatura.

A próxima página mostra um corvo azul com asas esguias e caídas e um rosto triste. Começo a ler o texto, virando as páginas na penumbra.

Eu, você e o pequeno corvo azul,

Temos lugares para voar e coisas para fazer.

Botões para juntar, fios para amarrar, ninhos para construir, amigos para encontrar.

Nuvens para patinar, galhos para balançar; vento para se reunir sob nossas asas.

Mas um pequeno corvo está se sentindo azul¹,

E talvez um pouco solitário também.

¹ Feeling Blue – Expressão que significa se sentir triste

Oh, seus botões estão empilhados a trinta metros de altura, seus lindos fios alcançando o céu.

Seu ninho se projeta das árvores maiores; suas asas captam a brisa mais selvagem.

Mas seus amigos, não há um único.

Para contar seus botões ou perseguir o sol.

Ela é diferente, você vê, do que você e eu.

Como as estrelas da lua e os peixes do mar.

É um livro infantil. — Minha mãe escreveu isso para mim. — A pequena risada raivosa de Flame soa como tecido se rasgando. — Adequado, para uma aberração incapaz de se dar bem com as outras crianças.

Nenhuma surpresa nisso.

— Você quer ver o que acontece quando um Prata é pego com literatura não sancionada?

Tento dizer não, mas há uma expressão selvagem em seus olhos, e é como se ela nem me visse. A memória liga repentinamente.

Suspiro.

Luz brilhante...

Nuvens no alto...

Cheiros de suor, corpos sujos e pés de porco fritos sebosos que vendem aos domingos no mercado de Riverton. Estou na ponta dos pés, olhando por cima de chapéus encardidos e cabeças oleosas para o andaime à minha frente.

— O que é isso? — Sussurro, mas eu sei. Eu sei.

De alguma forma, através de nossa microplanta, Flame está carregando uma memória sináptica armazenada.

— Tenho doze anos. — A voz dela ficou dura. — Então, ainda acho que eles terão misericórdia.



Desvie o olhar.

Mas eu não posso. Está na minha cabeça e experimento tudo. Minha mão, a mão de Flame, envolveu a de Cage enquanto lutamos pelos cotovelos e ombros. As zombarias da multidão ficam mais altas a cada passo que o carrasco dá em direção aos pais de Flame.

As cordas escorregam em volta de seus pescoços.

Grito, batendo descontroladamente. Cage aperta minha boca com a mão... e eu grito e grito com cada pedacinho do meu coração.

O som do pai adotivo de Flame caindo através do andaime acaba com a memória.

Me concentro em Flame, e ela sorri o sorriso mais triste que já vi.

— Eles tiveram que fazer deles um exemplo.

— O suficiente.

É como se ela não me ouvisse. — Pratas inofensivos cujo único crime foi pegar órfãos e amar livros e eles os levaram e forçaram suas cabeças...

— Por favor, Flame, pare!

Ela me encara de repente. — Então é por isso que, quando você fala como se fôssemos os monstros... — Sua voz está aumentando. — Como se nós fossemos os culpados e não eles, é preciso tudo o que tenho, tudo, para não te machucar.

Respiro fundo. Lutar com Flame não tornará as coisas melhores entre nós, ou aumentará minhas chances de sobrevivência.

— Você quer dizer machucar a todos. — Emendo cuidadosamente. — Porque é isso que você quer, não é, Fieniana? Queimar o mundo inteiro?

— Sim. — Seus olhos são poços escuros de raiva. — Mas eu vou me contentar com você e seu namorado Ouro se for preciso.

Caspian.



Olhando para Flame, a forma como sua carne quase estremece de fúria, sinto algo surpreendente. Inveja.

Como seria fácil ceder ao meu ódio e loucura. Para preencher meus espaços vazios com ele, deixá-lo comer tudo o que me resta.

— Anotado. — Digo, deslizando para baixo das cobertas. O brilho selvagem de Flame não é suficiente para lutar contra a maré negra de fadiga que toma conta de mim. — Grande dia amanhã. Acha que eu poderia descansar um pouco sem ser assassinada enquanto durmo?

Flame pisca seus olhos cinzentos afiados para mim. Então ela aparece, espreguiçando em meio a um bocejo, até os fienianos precisam descansar, aparentemente, e volta sua atenção para a confusão de fios.

Sua fúria parece ter desaparecido tão rápido quanto surgiu.

— Não faço nenhuma promessa.

Eu desfaço meu grampo de cabelo, silenciosamente o coloco sob meu travesseiro, apenas no caso, e faço um esforço insignificante para dormir. Mas um pensamento continua surgindo: Flame está errada. Não culpo mais um lado do outro e parei de ver monstros no lugar de homens.

Na verdade, estou começando a suspeitar que o mundo inteiro simplesmente enlouqueceu. E estou dormindo a poucos passos de distância do mais louco de todos eles.



CAPITULO 45



Mãos estão me sacudindo. — Você dorme como um cadáver! — A voz agitada de Flame acusa. — Levante-se!

Os Centuriões entraram e me conduziram antes que eu pudesse encontrar minhas botas. Nossos passos apressados quebram o silêncio dos corredores escuros.

Embora eu tenha certeza de que eles estão me levando para a cerimônia de escolha, eles também podem estar me levando para o pelotão de fuzilamento.

Paramos perto da porta. Um centurião rapidamente me envolve em uma capa de cetim verde-esmeralda em forma de sino que gira em torno de meus tornozelos. É pesada, enfeitada com pele de marta preta que desce pela frente e limita as aberturas dos braços de cada lado, e extravagante além de comparação.

— Ele queria que você tivesse isso. — Diz o Centurião.

Graças a Deus por quem quer que ele seja... Nicolai? Porque o ar fresco da noite belisca minhas pernas assim que saímos.

Demora um pouco para localizar os outros finalistas, espalhados em duas linhas paralelas por ordem de status, um de frente para o outro. Eles

tremem em suas roupas de dormir, seu hálito leitoso embaçando o ar. Um Centurião está em cada lado de cada finalista.

Sou colocada no final da linha, ao lado de Dama Laurel. Meus pés descalços esmagam a grama fresca e úmida.

Olhos invejosos percorrem minha capa e percebo, mais uma vez, que estou me destacando dos outros.

Faço questão de não pedir mais favores especiais a Nicolai, por mais apreciados que sejam.

Uma tocha ganha vida. Um por um, os Centuriões acendem suas tochas até que haja duas fileiras gloriosas de calor crepitante.

Em seguida, cada um de nós recebe uma tocha apagada.

Aproveito para catalogar os finalistas restantes. Merida e Rhydian se aconchegam, as mãos quase se tocando. Teagan, sua forma alta vestida com uma túnica de seda masculina negra que mal cobre a parte superior de suas coxas finas como lâminas de grama, está dois finalistas abaixo de Blaise, Merida e Rhydian. Hugo e Lucy estão perto do fim. Eles são os únicos vestidos para o frio, o que significa que ouviram os Centuriões chegando ou, mais provavelmente, estavam preparados para isso de alguma forma.

No silêncio, é difícil não se preocupar com qual mentor vai me escolher. Será o mentor que Nicolai escolheu para mim ou outra pessoa? E se for alguém que desprezo como Delphine ou Roman?

Ao longe, vem o relincho abafado dos cavalos. Todos nós nos viramos, focalizando a expansão escura de onde o som se origina. Lentamente, dois cavaleiros emergem, galopando até parar repentinamente a poucos metros de onde estou. Um dos cavalos, uma enorme besta branca, empina seus cascos arranhando o ar.



Quando o cavaleiro consegue controlar a fera, ele joga o capuz para trás e vejo que é Caspian, vestindo seu casaco militar com uma fênix dourada estampada. Um centurião entrega a ele uma tocha acesa. Estimulando o cavalo a um trote de joelhos elevados, ele gira em um círculo em torno dos finalistas, seu cavalo gemendo nuvens leitosas a cada curva acentuada. Os olhos de Caspian vasculham as duas linhas, procurando. Este é um Caspian diferente. Imponente, imperial, uma figura majestosa talhada em obsidiana. Posso imaginá-lo comandando exércitos e liderando homens para a batalha.

Sei que há muito sobre o Príncipe Caspian Laevus que não sei, e o pensamento me deixa nervosa.

Quando seu cavalo chega até mim, seu peito brilha de suor e os lábios borbulham de espuma. Congelo. Meu cabelo voa para trás com cada exalação alta e quente das narinas aveludadas e cinza da besta. Feito para galopar, o bruto é astuto em um lugar e bate os pés e joga sua cabeça maciça como um ariete. Caspian não se move.

Olhando para cima, eu aperto os olhos para ver o rosto de Caspian, mas sua expressão está coberta por sombras. Há uma pausa tranquila e inquietante enquanto o cavalo se mexe nervosamente. Finalmente, Caspian se inclina, a luz do fogo iluminando seu rosto, e toca sua chama na minha.

Minha tocha explode, beijando meu nariz e bochechas com um calor radiante. Antes que eu entenda o que está acontecendo, o Centurião à minha direita me segura pelo braço. Caspian o interrompe com a palma da mão erguida.

Demoro um pouco para entender que ele está me pedindo para escolher o outro finalista da minha equipe.



Engulo. Mas há apenas uma pessoa aqui em quem confio. Minha tocha encontra a de Merida.

Sem dizer uma palavra, Caspian põe seu cavalo a galope e desaparece na escuridão.

Assim que o amanhecer começa a raiar, Merida e eu somos colocadas em cavalos separados e com os olhos vendados. Mesmo com os olhos cobertos, posso sentir os olhares ressentidos dos outros.

Eles devem estar se perguntando por que nós. Duas Ouros exiladas de casas esquecíveis.

Estou me perguntando a mesma coisa.

Não sei se essa reviravolta funcionará a meu favor ou não. A única coisa que sei, entretanto, é que isso não estava nos planos, e Nicolai não ficará satisfeito.

Os sons ganham vida. A pisada de um terceiro cavaleiro. A respiração alta e nervosa de Merida. Alguém pega as rédeas e começa a nos conduzir pelo gramado a galope. Embora eu nunca tenha montado um cavalo antes, Dama March o fez, e ela segura um punhado de crina e abraça a fera com as pernas nuas, os dedos dos pés curvando-se sobre os estribos frios.

À medida que viajamos, luto para obter um relance de nosso entorno. Atravessamos uma ponte de madeira. Um fluxo. Longas extensões de grama. A certa altura, galhos de árvores arranham meu rosto e sei que estamos em uma floresta.

Uma parada repentina. O som do terceiro cavaleiro recuando em seu cavalo. Algo está prestes a acontecer, e eu me concentro em recolher tudo o que puder ao nosso redor. Não há muito vento, então provavelmente estamos cercados por bosques ou penhascos em pelo menos dois lados. Sinto o cheiro de água estagnada e sinto o cavalo afundar um pouco no que deve ser lama.



Ouço o som de alguém caminhando com leveza sobre a pedra e então sinto alguém pegar minhas rédeas. Estamos nos movendo.

Instintivamente me inclino para trás na minha sela quando sinto meu cavalo começar a mergulhar escada abaixo, os cascos batendo nas pedras. Existem três conjuntos sinuosos de escadas íngremes e, pelo som oco e úmido disso, um túnel úmido.

Depois do que parece uma eternidade, desmontamos, um teclado emite um bipe, uma porta se abre e somos levados para dentro.

A primeira coisa que noto é a falta de som. A segunda coisa é meu cérebro, que formiga e rasteja, como se um minúsculo verme se mexesse em sua densa matéria cinzenta.

Minha venda desliza e eu suspiro. Ao meu lado, Merida inala profundamente.

Estamos dentro do que deve ser um Sim, suspensos no infinito espaço preto-azulado, rodeados por todos os lados por estrelas. E é então que eu entendo que é uma réplica perfeita do nosso universo.

— Lindo, não é? — Eu sei quem é antes mesmo de olhar.

Caspian está parado bem atrás de mim, sorrindo, a luz das estrelas lançando nele um brilho diáfano para que seu cabelo pareça um ouro rico e polido.

— Surpreendente.

Pelo que eu posso dizer, não há limites, apenas uma infinidade de estrelas. Encontro a Constelação de Orion. Conforme focalizo meus olhos, parece que se aproxima, ou talvez seja minha imaginação. A espada de Órion aparece. Lentamente, um véu rosa e azul ondula como uma rede, envolvendo-nos em seu cobertor gasoso.

Estamos dentro da Nebulosa de Orion.



Antes que eu possa falar, ela muda novamente. Estou dentro de um aglomerado de estrelas gordas e cintilantes, com um brilho claro, branco-azulado. Eu procuro pelos outros, mas vejo apenas estrelas. Eu conto seis.

É quando eu percebo que estou sem forma, emanando energia e luz ilimitadas.

Eu sou uma das sete irmãs dentro do aglomerado de estrelas das Plêiades. Não é preciso muito para determinar quem eu sou. A mesma que me deu o nome. A mais linda e brilhante de todas.

Maia.

— Maia. — A voz do meu pai, um sussurro no vazio.

— Maia. — Ele chama novamente. — Encontre o corredor da Esfinge de três cabeças enjaulada em ouro. — E então é como se tudo fosse sugado para um vácuo, as estrelas se estendendo como caramelo antes de um elástico preto de escuridão se fechar.



CAPITULO 46



Desabo no chão dentro de uma sala de prata com cúpula alta, deitada em uma poça de cetim e pele. Algo macio, o casaco de Caspian, se forma sob minha cabeça. Eu quero gritar pelo meu pai, mas Caspian está se inclinando sobre mim.

Endireitando minha capa pesada para cobrir melhor minhas coxas nuas, luto para ficar de pé, lutando contra ondas de tontura.

— O que aconteceu?

— Você desapareceu. — Diz Merida com uma carranca preocupada.

— Desapareci?

— Da Simulação. — Caspian esclarece. — Eu ejetei imediatamente e encontramos você inconsciente.

Olhando ao redor, vejo o painel perto da porta. Portanto, este é um auto-Sim, um simulador incrivelmente raro e caro projetado para uso sem um operador, o que significa que Caspian tinha um ejeter remoto para empurrar se algo desse errado.

O que, aparentemente, aconteceu. Isso explica por que fui expulsa antes que meu pai pudesse terminar sua mensagem.

Meus ombros caem. Agora, terei apenas que encontrar uma maneira de roubar o ejetor remoto, descobrir o caminho de volta aqui e adivinhar o código a ser inserido, tudo antes do início do primeiro teste.

Fácil.

— A última coisa que lembro é de estar com você e Merida. — minto. — Quanto tempo eu estive fora?

Merida e Caspian se olham.

— Muito tempo. — Caspian finalmente diz.

— Quanto tempo até a Queda da Sombra?

Caspian tira um relógio de bolso de ouro, a corrente tilintando. — Duas horas e cinquenta e dois minutos.

Menos de três horas até o primeiro desafio. Não só será impossível voltar antes disso, mas perdemos a maior parte do nosso tempo nos preparativos.

Merida brinca com sua camisola enquanto olha para Caspian. — Queria obter ajuda, mas ele achou melhor...?

— Meu pai vê rebeldes e simpatizantes de Fienian em todos os cantos. — Caspian explica severamente. — O que você acha que ele faria com você?

Me amarrar na Torre, sem dúvida.

— Deve ter sido uma anomalia. — Sugiro.

Parando, Caspian olha para Merida e dá um aceno rápido. — Dama Merida, você pode ir agora. Um atendente irá guiá-la até seu apartamento para aguardar os julgamentos.

A reverência apressada que Merida faz parece boba com sua camisola. Assim que a porta se fecha atrás dela, a rigidez formal derrete do corpo de Caspian e ele se aproxima, puxando a capa mais apertada ao meu redor.

— Você está bem?



— Sim. — Tento afastá-lo com a mão, mas ele persiste.

— A capa manteve você aquecida?

Uma mão desliza distraidamente pelo forro de pele macia como a seda.

— Foi você?

Ele permite um sorriso questionador. — Quem mais?

— Oh. Obrigada.

Há uma pausa estranha e Caspian força uma risada. — Não é nada. Todos os mentores apresentam um presente aos finalistas antes do primeiro teste, portanto... — Ele dá uma olhada na capa. — Eu apenas pensei... Bem, é verde e...

— Ostentosa? — Estou apenas meio provocando.

Uma carranca se instala em seu rosto. Eu percebo que ele provavelmente não está acostumado a uma honestidade tão evidente.

— Eu ia dizer que é o tom perfeito para seus olhos, mas... — Ele abre um sorriso lento. — É realmente extravagante, não é? Inferno. O disse para buscar algo prático, mas tendo a não ouvir muito bem.

Por algum motivo, sinto-me sorrindo. — Não, é, uh, muito quente.

— Mais silêncio constrangedor. Mastigo meu lábio, torcendo os dedos dos pés. — Então, este lugar...?

— Claro. — Caspian exala quando ele começa a fazer um círculo lento ao redor das paredes. — Meu pai mandou construir isso anos atrás. O homem que o projetou o tornou esta linda prata metálica por razões que só ele entendia.

— Ele toca a parede levemente reflexiva. — Foi o Simulador mais abrangente e avançado já construído, até o dia em que parou de funcionar.

— Mas as estrelas...

— Deixadas por seu criador. — *Meu pai.* — Uma espécie de configuração padrão. E nunca, nem quando estava funcionando, nem quando se tornou o

que você viu, jamais experimentou uma anomalia. — Um olhar intenso escurece seu rosto. — Até agora.

Meu coração dispara. Assim como o Sim antes, meu pai estava tentando me dizer algo antes que eu fosse puxada.

Encontre o salão da Esfinge de Três Cabeças enjaulado em ouro. Tem que ser algum tipo de enigma.

Saio dos meus pensamentos para ver Caspian me observando com olhos penetrantes e sem piscar.

Mordo meu lábio. — Por que você está olhando assim para mim?

— Dama March, você acha que eu poderia ter chegado tão longe na corte do meu pai sem saber como detectar quando alguém está escondendo algo?

— Ok. — Mexo com minha capa. — Por que não alertar os mantos de ouro?

Caspian exala. — Honestamente, eu não sei.

Estamos perto. Posso sentir seu hálito quente contra minhas bochechas e ver o estroma entrelaçado dentro de suas íris quentes de mel.

Eu quero tanto confiar nele. Se há alguém em quem eu posso confiar, certamente é o príncipe pra quem fui escolhida?

Balanço em meus calcanhares. — Por que você me trouxe aqui?

Os olhos de Caspian vasculham meu rosto, como se examinar minhas feições fosse lhe dar a resposta para algum quebra-cabeça.

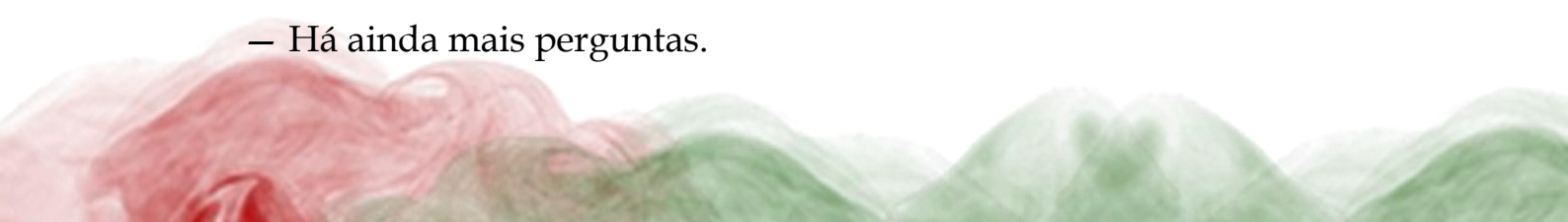
— No dia em que te encontrei pelo telescópio, ele respondeu a você.

— E você queria ver como o Sim responderia?

— Sempre pareceu, não sei, como se estivesse esperando por alguma coisa... ou alguém.

Mordo meu lábio. — E agora, o que você acha?

— Há ainda mais perguntas.



Meu coração bate contra minha caixa torácica. — Por exemplo?

— Por exemplo, Dama March, quem é você realmente?

A questão me surpreende. Mesmo eu não sei como responder.

Não sou uma escolhida, não mais, mas também não sou uma Bronze. Não sou uma cortesã, nem sou a Ouro caída cuja identidade habito. Partes de mim são Dama March, mas partes de mim são Maia Graystone.

E alguma parte sombria de mim, a parte que tento esconder, a parte desesperada e primitiva, é a garota do Fosso.

Ele está me observando, esperando uma resposta. Então eu dou a ele a única que posso.

— Eu sou a garota que vai ficar de pé no final.

Esperançosamente.

— Pelo menos sabemos que você está confiante.

— É por isso que você me escolheu?

— Em parte. — Ele admite.

— A outra parte?

Seus lábios se apertam por um breve momento enquanto ele pondera minha pergunta.

— Porque você é diferente dos outros. Conde e condessa Bloodwood, eles não a intimidam.

— E... — Digo, concluindo seu pensamento. — Se eu conseguir chegar até o fim, não teria medo de me aliar a você contra eles.

— Eu acho que você entendeu mal, Dama March. Não quero um aliado contra a Condessa Bloodwood. Eu quero que você a substitua.



Sinto meu coração disparar. E talvez seja porque fomos combinados, ou por causa de todas aquelas noites gastas memorizando seu rosto e imaginando nosso futuro juntos, mas minha mente vai lá.

— Você quer que eu... me case com você?

Um sorriso estúpido transforma meu rosto. É como se eu tivesse nove de novo. Olhando para a foto dele. Imaginando uma vida feliz e descomplicada. Eu quero voltar lá. Eu quero me sentir assim novamente.

Mas Caspian limpa a garganta, e minha fantasia idiota morre de uma forma estranha.

— Dama March. — Ele diz. — Eu acho que mais uma vez você entendeu mal. Eu estava sugerindo que você substituísse a posição de Delphine na corte. Ela oferece à corte força bruta e um senso de liderança cruel que eles entendem. Preciso de alguém que possa desafiar a posição dela, dar ao meu pessoal algo mais, algo melhor.

— Oh. — É tudo que consigo pensar em dizer. *Isso não foi nem um pouco constrangedor.* — E quanto ao seu casamento em Hyperion? Quero dizer, se você se sente assim por ela...

— Como me sinto, Dama March, não tem relação com minha vida ou minhas obrigações para com o império. — Franzindo a testa, ele passa um dedo pelo queixo. — Éramos amigos, uma vez, a condessa e eu. Eu costumava ser capaz de acalmar sua natureza imprevisível, mas depois ela sofreu uma tragédia e agora ninguém pode alcançá-la.

— Suponho que em poucos dias você terá uma vida inteira para tentar.

— Digo isso sem pensar, um hábito do qual estou aprendendo que Dama March sofre.

Caspian ri sombriamente, sua cabeça inclinada para o lado enquanto ele olha para mim.



— O que?

— É que não consigo me lembrar da última vez em que realmente gostei tanto de uma conversa.

Engraçado, mas me sinto da mesma maneira. Falar com Caspian é bom, natural, como a coisa mais fácil do mundo.

De repente, Caspian levanta as mãos para a gola da minha capa, os nós dos dedos quentes contra a minha garganta enquanto ele a puxa com mais força em torno de mim.

Seus olhos seguram os meus. — Razão pela qual, Dama Everly March, você tem que sobreviver ao primeiro julgamento. Eu preciso de você... — Ele ri baixinho. — Quero dizer, eu preciso de você como uma aliada... e espero como uma... uma amiga.

— Você acha que eu posso vencer? — Quero que ele diga sim, mesmo que seja mentira. Eu preciso dele.

Mas Caspian pisca e se afasta de mim, como se o fato de que em algumas horas provavelmente estarei morta finalmente tivesse sido registrado.

— É tarde, Dama March. É melhor usarmos o tempo restante para prepará-la.



No final, não há muito que Caspian pode me dizer que eu já não sei sobre minha mãe e os Julgamentos das Sombras, mas finjo ser a aluna com olhos de corça para o benefício dele. Depois que terminamos, Caspian estende a venda.

Estico meus braços, falando através de um bocejo. — Isso... de olhos vendados... é necessário?

Os lábios de Caspian se erguem nos cantos enquanto ele gira seu dedo indicador na minha cabeça. Obedeço, virando minhas costas para ele para que ele possa deslizar minha venda de volta.

— Este lugar e sua localização permaneceram um segredo desde o início.

— Diz ele. — Pretendo manter as coisas assim.

Minha égua está do lado de fora da porta Sim. Mesmo com os olhos vendados, subo com facilidade, segurando o punho da sela, o cheiro agradável de cavalo e couro misturado com a umidade do túnel.

Estou me acomodando na sela quando sinto um peso atrás de mim.

A respiração de Caspian faz cócegas em minha orelha. — Poseidon deve ter seguido a égua de Merida.

— Seu cavalo? — Digo, tentando encontrar uma maneira confortável de sentar sem pressioná-lo.

Caspian levemente me puxa contra seu peito para que possamos caber melhor na sela. — Mesmo em seus dias bons... — Caspian diz, movendo meu cabelo para o lado, para fora de seu rosto, então sua respiração aquece meu pescoço. — Poseidon é mais demônio do que cavalo.

Endureço quando seus dedos roçam meu quadril no caminho para as rédeas.

— Eu posso liderar do chão, se... uh, você preferir? — Seu tom divertido me faz pensar que ele está sorrindo.

— Não... Assim será mais rápido.

Me deixo afundar em seu peito. É assim que teria sido. Se meu pai não tivesse morrido. Se eu não tivesse sido enviada para o Fosse. Se minha vida tivesse seguido o caminho que minha mãe traçou para mim e eu tivesse sido combinada com Caspian.



Forço um arrepio. Meu corpo vibra com eletricidade e me sinto leve e pesada ao mesmo tempo.

Os sentimentos que sinto, ou senti, por Riser eram agudos. Desconfortáveis. Lascas enterradas muito fundo para serem removidas. Mas isso é diferente. Isso é agradável, seguro.

Se eu pudesse escolher, eu escolheria isso.

A luz do sol beija meu rosto. Estamos lá fora.

Enquanto Caspian incita minha égua a subir as escadas, a gravidade ajustando meu corpo ao dele como peças de um quebra-cabeça perfeitamente combinadas, eu estremeço novamente e Caspian, pensando que estou com frio, ou talvez com medo, envolve seus braços em volta de mim, afundando o queixo na curva de meu pescoço.

— A resposta é sim. — Ele murmura. — Eu acho que você pode vencer, tudo isso.

E quase acredito nele.



CAPITULO 47



Embora Caspian pense que estou indo para o complexo recreativo para praticar, eu encontro meu quarto e me jogo na cama. Meu cérebro continua repassando a primeira linha do enigma incompleto de meu pai. A única esfinge que já vi vem do brasão da Casa Laevus. Mas uma esfinge de três cabeças?

Procuro em minhas memórias histórias do meu livro de deuses e criaturas mitológicas, mas meus olhos continuam fechando e as imagens borram...

Escuridão. Lama. O cheiro de excremento humano, carne em decomposição e medo. Sons uivantes, como almas sendo dilaceradas.

Eu estou morrendo. Enrolada em mim.

Muito exausta para me mover depois de arranhar mais de trinta metros através da sujeira, pedras e fuligem, fico aqui pensando em Max e em como vou decepcioná-lo.

Eu tentei. Deuses, eu tentei. Cavando os túneis para que eu pudesse sobreviver um pouco mais e de alguma forma conseguir voltar para ele.

Mas não há comida ou água aqui, e estou muito fraca para ir encontrar algo.

Posso ouvir pés arrastando a terra enquanto vêm atrás de mim.

Espero que eles me matem primeiro. Espero que seja rápido. Mas, principalmente, odeio o sentimento de gratidão que sinto.

Eu espero, mas nada acontece. Então eu sinto calor contra meus lábios. Provo a riqueza quente e salgada. Meu corpo reage, sugando avidamente, fazendo ruídos de engasgar-engasgar-grunhir-tossir.

Quando meus lábios sentem a borda da tigela e minha língua se estende, meus olhos se abrem e vejo Riser ajoelhado ali.

Ele sorri para mim com seu único olho machucado e diz: – Não ouse desistir, Garota Cavadora. Lute. Lute até o último suspiro.



Eu sei que assim que meus olhos se abrirem, é hora. Eu sei antes de andar até a janela e ver o caroço do tamanho de um damasco a poucos metros do sol. Antes que eu veja o olhar intenso e preocupado de Flame. Antes de ouvir a batida na porta e o atendente me chamando.

Flame me entrega um macacão esportivo de ônix com pernas turcas e as costas abertas e botas de couro preto, itens mais uma vez entregues em nossa porta por Merida. Com todas as roupas que ela me emprestou, estou começando a me perguntar o quão bem eles estão.

A contribuição de Flame é um aigrette de rabo de raposa longo e afiado o suficiente para manter meu complexo sistema de tranças no lugar na minha cabeça e, se necessário, furar carne e osso. Embora eu tenha certeza que irei odiar, de alguma forma finaliza meu visual.

As portas do guarda-roupa estão fechadas, escondendo o que quer que Flame esteja trabalhando, mas eu olho incisivamente para elas e levanto a questão com meus olhos: *Já é seguro?*

Flame balança a cabeça.

Sem ajuda externa de Nicolai ou Flame. Eu estou por conta própria.

Na porta, ela me para. — Qual olho é dominante?

— Eu não sei. Acho que o direito...

Ela abre minha pálpebra direita, seu dedo indo direto para o meu olho.

— Pronto. — Ela espera, como se eu devesse agradecê-la ou algo assim.

— Você acabou de... cutucar meu olho?

Revirando os olhos, ela caminha até a janela aberta e desliza as grossas cortinas de mogno, fechando a luz.

Assim que registro a escuridão, sinto uma leve contração nos olhos e o quarto desaparece das sombras. Eu a observo cruzar cuidadosamente o chão em minha direção. Suas mãos estão estendidas para sentir os objetos em seu caminho... porque está escuro, o que significa que não deveria ser capaz de vê-la.

Estendo minhas mãos na minha frente. — Notável.

Com um movimento das cortinas, minha visão volta ao normal. — As lentes de visão noturna que coloquei em seu olho só podem ser vistas com uma luz especial. — Diz Flame. — Se você precisar se livrar disso rápido, feche o olho e pressione por quinze segundos para dissolver.

— Obrigada, Fieniana. — Digo. — Eu acho que você tem seus usos.

Ela franze a testa. Há um farfalhar quando ela prende algo, o broche de fênix, no meu peito.

— Use isso com honra. — Cruzando os dedos sobre os meus, ela desliza suas mãozinhas para baixo para pegar cada um dos meus cotovelos e inclina a cabeça. — Que os deuses da guerra sorriam para você hoje, camarada.

Inclino minha cabeça. — E que a vitória ache você merecedora, camarada.



É estranho falar como uma Fieniana. Mas Flame está certa; esta é uma guerra, talvez de um tipo diferente, mas guerra mesmo assim.

E é hora de ir para a batalha.



CAPITULO 48



A carruagem que espera por nós, uma monstruosidade negra reluzente e majestosa que requer quatro enormes cavalos negros, voam duas bandeirolas. A Fênix Realista e a Esfinge da Casa Laevus, um leão com cabeça de mulher e grandes asas brancas contra um fundo preto.

Portanto, esta deve ser a carruagem pessoal de Caspian. Duas esfinges estão gravadas no estofamento de veludo branco imaculado, e me lembro de que não estou nem perto de resolver o enigma de meu pai.

Merida e eu nos sentamos em silêncio uma em frente à outra. Vestida com um macacão de cetim azul bebê e corpete com mangas quimono brancas, ela quase parece angelical.

Especialmente com as botas tiradas e os pés descalços enfiados embaixo dela como uma criança.

Passamos os primeiros minutos olhando pelas janelas para as outras carruagens, tentando ver os outros pares de finalistas. Teagan entra em uma carruagem com um garoto magro que reconheço do Julgamento.

Pouco antes de uma parede de rosas trepadeiras bloquear nossa visão, Rhydian contorna uma carruagem, caminhando rigidamente ao lado de uma garota que não conheço em um vestido de montaria lilás brilhante.

Também estou procurando por qualquer coisa que possa se relacionar com o enigma.

Agora que estou olhando, porém, as esfinges parecem estar por toda parte. Na carruagem. Nos jardins. Gravadas nos arcos e pontes de pedra.

Mas nenhuma tem três cabeças.

Merida quebra o silêncio. — Essa roupa parece que eu fiz para você.

Tiro um quadrado de tecido sedoso da calça. — Você fez isso?

— Claro. O que mais eu poderia fazer cercada por quatro irmãs? Eu tinha que escapar de alguma forma. — Ela admira sua própria roupa. — Elas odiavam a vida no campo, então comecei a remendar vestidos com sobras de tecido do meu trabalho. Transformávamos a sala de estar em um salão de baile e fingíamos que ainda estávamos na Ilha.

— Vocês eram Ouros?

— Da famosa casa Pope. Mas após nossa queda da corte, vendemos a maioria de nossos vestidos coloridos para pagar nosso dízimo e me tornei uma costureira. — Ela ri de repente. — Talvez o primeiro teste envolva costura.

Me sinto sorrindo. — Se for esse o caso, estou perdida.

— Então, quais são as competências que você possui, Dama March?

Contar mentiras, penso com amargura. Detectar fraquezas nos outros. Saber onde cortar o pescoço para que o corpo fique sem sangue antes que a pessoa possa gritar.

Matar pessoas. É nisso que sou boa.

— Histórias. — Digo, lembrando-me de como entretive Max com as histórias sobre deuses e titãs do meu livro ilícito. — Eu costumava ser boa em contar histórias, eu acho.

— Talvez você possa me regalar algum dia.

Merida olha pela janela. Estamos passando pelos pomares de maçãs, e a carruagem sacode de vez em quando enquanto as rodas passam por cima das

maças podres espalhadas na estrada de terra. Um cheiro forte e enjoativo assombra o ar.

Paro, entrelaçando meus dedos. — Hum... Obrigada por... você sabe... ficar comigo no Sim depois que eu desmaiei. A maioria das pessoas teria me deixado.

Merida balança a cabeça, manchas de sol dançando em seus cabelos claros.

— Eu não acredito nisso, Everly. Acho que, se tiver uma chance, a maioria das pessoas vai te surpreender.

Sua ingenuidade forma um buraco frio em meu estômago. Merida não sobreviverá ao primeiro julgamento. Sei disso como sei que não posso fazer nada a respeito. Não se eu quiser sair viva.

Limpo minha garganta. — Bem, obrigada, de qualquer maneira.

— Eu gostaria que você pudesse ter visto o rosto do príncipe quando ele viu você deitada lá. Como se ele tivesse engolido veneno. Ele caiu de joelhos, sacudindo você e ordenando que você acordasse. — Sua voz torna-se masculina. — Abra os olhos, Dama March, eu te ordeno!

Apesar de nossos nervos, nós duas explodimos em risadas infantis.

— E aquele adeus com Lorde Thornbrook?

Encolho os ombros, querendo bater minhas mãos nos ouvidos com a menção de Riser.

— Você tem sorte, mesmo se eles o mandaram embora. — Ela continua com uma voz melancólica. — Eu nunca fui beijada.

— Bem, sempre há tempo para... — Percebi meu erro e calo a boca, mas é tarde demais. Um silêncio frio toma conta de nós.



— Eu sei que vou morrer, Everly. Ou morrerei nas provações ou perderei e morrerei do outro lado da cerca. Não sou tão forte ou corajosa quanto os outros.

Mesmo que a voz baixa de Merida desapareça nos sons abafados da carruagem, suas palavras ficam pesadas no ar. Seus olhos brilham enquanto seu olhar traça as colinas lá fora.

No doloroso silêncio, quase digo que ela está errada uma centena de vezes. Mas não quero mentir para ela.

De alguma forma, isso é importante.

Depois de um tempo, ela passa a mão pela bochecha e enfia a mão no bolso. A caixa de remédios prateada brilha quando ela a abre.

Eu sei o que é a pequena pílula metálica redonda. Como a maioria dos Centuriões, meu guarda-costas, Gabriel, carregava uma pílula semelhante em um compartimento secreto dentro de seu relógio de bolso.

Era uma pílula “*no caso*”.

No caso de ele ter sido capturado por Fienianos e torturado. No caso de ele falhar em nos proteger. No caso de o mundo acabar. No caso de a morte ser a opção preferível.

— No caso de eu perder e ser jogada de volta na parede como Lorde Thornbrook. — Ela diz isso como se estivesse me dizendo o que vai comer no jantar. — Dizem que é como dormir.

Meus olhos parecem não conseguir deixar a pílula brilhante.

Exceto que você não acorda, Merida.

Mas eu também não digo isso, porque às vezes é melhor não dizer a verdade.

Há um inchaço acentuado e ela embolsa a pílula.



Do lado de fora da janela, vejo que estamos cruzando uma ponte de pedra. Do outro lado, infiltrada pela luz do sol amarela e uma deslumbrante variedade de flores silvestres, um enorme vale abre uma faixa através das montanhas cobertas de neve à distância.

Uma única carruagem de ouro imponente espera no centro do vale, sua janela escura, flanqueada por quatro centuriões. Um pouco mais longe está um grande pavilhão, suas cortinas carmesins balançando suavemente. Ele sombreia uma longa mesa com o que parece ser comida e, no centro, brilhando como uma miragem, está o holograma do Imperador em seu trono de holograma.

Ao lado dele, o pai de Delphine, General Cornelius Bloodwood, repousa sobre um verdadeiro trono de madeira quase tão grande quanto o do Imperador. As bandeiras são posicionadas a cada 18 metros ou mais em torno dele para criar um grande círculo.

Caspian e os outros mentores esperam por nós a cavalo. Seus Símbolos de Casa brilham de suas vestes cerimoniais, seus chapéus e fascinadores combinando com as cores de sua Casa.

Nossa carruagem para e logo se junta às outras.

Todos nós saímos. Ninguém fala enquanto os mentores, a cavalo, nos conduzem até o pavilhão e nos posicionam diante de cada bandeira da Casa dos Escolhidos.

Caspian rosna insultos enquanto desmonta, Poseidon mais uma vez se comporta mal, chutando e pulando em círculos furiosos. Caspian leva um minuto para acalmá-lo.

Finalmente, ele se vira para nos encarar. — Dama Pope, Dama March.

Seus olhos permanecem nos meus, tempo suficiente para minha respiração parar dentro do meu peito.



Nós duas abaixamos nossas cabeças e fazemos uma rápida reverência.

Caspian circula ao nosso redor, lenta e metodicamente, como se ele estivesse nos avaliando.

— Finalistas, sua respiração me diz que vocês duas estão com medo. Isso é bom. O medo ajuda vocês a sobreviverem. Percam isso e a morte não estará longe. — Sua voz é forte, autoritária e imparcial. *Caso não consigamos.* — Mas eu não escolhi vocês por seu medo; eu escolhi vocês porque vocês provaram ser fortes. Engenhosas. Bravas. Vocês provaram a si mesmas sob pressão.

Ele faz uma pausa por um momento antes de adicionar: — Hoje, vocês precisam provar a si mesmas além disso. Vocês precisam ser guerreiras. Finalistas, vocês estão prontas para fazer isso?

Merida desliza sua mão sobre a minha. — Pronta.

Caspian desliza seu foco intenso para mim. — Dama March?

Aperto a mão de Merida. — Pronta.

— Bom. Estarei esperando por vocês no final.

Do outro lado do campo, ouço as portas da carruagem se abrindo. Minha mãe está ereta, mais alta do que eu me lembrava, a maior parte de sua peruca prata coberta por um elaborado fascinador azul royal e capa combinando.

Enquanto ela joga uma perna ágil sobre um cavalo cinza-aço, a luz do sol ilumina as duas pombas brancas em sua capa. Quatro centuriões seguem o exemplo, seus cavalos seguindo os dela.

Ela cavalga lenta e propositalmente em direção aos dois primeiros finalistas. Uma breve conversa e ela passa para os próximos.

O sol está quente em nossos rostos enquanto esperamos nossa vez. A bandeira negra de Caspian se agita com o vento como um animal tentando escapar de uma armadilha de aço. Ouço o som do cavalo da minha mãe galopando em nossa direção.



Pisco e ela está aqui, bloqueando o sol com sua sombra fria em minhas bochechas. — Bênçãos do imperador, finalista. — Minha mãe diz a Merida. — Que a sua inteligência e coragem as levem para o outro lado.

É estranho. Não senti nada quando a vi sair da carruagem. Nem quando ela estava fazendo suas rondas.

Mas agora, assim que vejo seus olhos castanhos, as rugas familiares em torno de seus lábios finos e sardas errantes em seu pescoço e rosto, algo primitivo dentro de mim se contorce.

Eu sou pequena de novo. Impotente para fazer qualquer coisa, exceto amá-la. Eu quero que ela me envolva em seus braços, pressione minha bochecha contra a dela. Para sussurrar que tudo ficará bem.

Para me amar.

Com tudo que possuo, quero que ela me ame de uma forma que ninguém mais amará.

Como você pôde, mãe?

Seus olhos varrem os meus de uma forma descuidada, tipo Ouro, você não é nada. Cerro os dentes até que os músculos da minha mandíbula se contraem, engolindo as lágrimas queimando a parte de trás da minha garganta.

— Bênçãos do imperador, finalista. — Diz minha mãe, do jeito que se fala com um estranho que não tem muito tempo de vida.

Como você pôde?

Algo se agita dentro de seus olhos separados, uma lasca de emoção? Os Centuriões se contorcem em seus cavalos quando ela desmonta de repente com seu jeito rápido e eficiente.

Ela está quebrando o script.

E isso nunca, nunca acontece.



CAPITULO 49



— Você é Dama Everly March? — Ela pergunta.

Concordo. Sua voz soa como se estivesse vindo de um túnel distante.

— Você é a garota que desafiou Dama Delphine e pontuou mais alto no Julgamento? Sim, ouvi muito seu nome desde o início dos julgamentos.

Estudo meus cadarços. — Essa não era minha intenção, baronesa.

Silêncio. Olho para cima e vejo minha mãe me olhando, quase como se ela estivesse estudando uma foto antiga que ela reconhece, mas não consegue localizar.

Lá, logo abaixo daquela superfície glacial, alguma coisa. Um sussurro de emoção.

— Oh, mas as intenções são como joias em uma adaga, Dama March. — Ela se inclina mais perto. — Elas não importam muito no final.

Sua língua afiada se abre para mim, como se cada palavra arrancasse pedaços de minha carne do osso para revelar Maia Graystone por baixo.

Fraca, pequena Maia triste.

Você não me reconhece, mãe?

Dirigindo-se a nós duas agora, ela diz: — Finalistas, vocês têm até o final do Queda da Sombra para completar sua primeira tentativa.

Então, sem outra palavra, ela monta em seu cavalo e cava em seu flanco, galopando para os próximos finalistas.

— Correu tudo bem. — Brinca Merida.

— Foi? — Respondo, piscando para afastar o pânico.

Agora que ela se foi, posso relaxar, esticar um pouco os braços. É quando eu noto dois grupos abaixo dos irmãos Redgrave parados sozinhos ao lado de uma bandeira branca. Dentro da bandeira se contorce Cerberus, o guardião de Hades, um cachorro preto de três cabeças com cauda de serpente e longas presas curvas.

Casa Bloodwood. O que significa que sua mentora só poderia ser a Condessa Delphine.

Meus ouvidos pinicam ao som distante de cascos. Os cavaleiros contornaram a ponte e deram um passo furioso em nossa direção. Centuriões, liderados por uma cavaleira loira, seu capuz cobrindo a maior parte de sua cabeça, uma capa cerimonial carmesim balançando atrás dela.

O Cerberus na grande bandeira segurada pelo Centurião mais próximo parece deslizar no ar acima dela, um monstro faminto por sangue.

Antes que os cavaleiros possam parar completamente, Delphine desce do cavalo. Caspian e minha mãe encontram a condessa no meio do caminho.

Vejo minha mãe abraçá-la com firmeza, engolindo a amargura que se forma no fundo da minha garganta.

Se alguém poderia atender às expectativas de minha mãe, seria Delphine.

Depois de alguns minutos, minha mãe e Caspian olham por cima dos ombros. Eu juro que eles estão olhando para mim.

Meu coração pula uma batida quando Merida confirma meu medo.

— Eles estão falando sobre nós?



Caspian parece murchar um pouco, seus ombros caindo. Delphine acena para o imperador e coloca a mão na cintura. Enquanto a imagem do revólver de seu avô se registra em meu cérebro, a adrenalina queima em mim.

Meu único arrependimento é não ver minha mãe perceber todos os horrores que ela causou. O pensamento me deixa com raiva e me viro para Delphine.

Ela está a meio caminho de mim agora, caminhando com um propósito, o revólver balançando na mão.

— O que você está fazendo? — Merida sussurra em meu ouvido.

Mas neste ponto meu coração está batendo tão forte que mal consigo ouvi-la.

No fundo, sei que minhas escolhas são simples.

Posso deixar Delphine alojar uma bala em meu cérebro ou posso lutar e talvez levá-la comigo antes de morrer.

Uma súbita rajada de vento chicoteia a capa de Delphine como uma explosão de sangue, soprando para trás seu capuz profundo para revelar seu rosto.

Seus olhos estão focados atrás de mim.

Assim que as implicações do que estou vendo ficam claras, meus músculos relaxam. Uma respiração desgastada sai de meus lábios.

Quando ela passa, ela se vira para mim e sorri, suas sobrancelhas loiras caramelo levantando.

Como se dissesse, *não se preocupe, não me esqueci de você.*

Depois de alguns segundos, ouço uma garota começar a implorar.

Os outros se viram para assistir, mas eu fico parada. Eu me recuso a assistir. Recuso-me a participar.

Eu sei que não é o suficiente, nem de longe, mas é alguma coisa.



O que acontece a seguir não é uma coincidência. Merida desvia o olhar, seguida por Teagan e o menino frágil ao lado dela. Laurel e Blaise são os próximos.

Alguns outros olham ao redor antes de se juntar a nós.

E então, um por um, os outros finalistas do círculo viram as costas até que apenas os irmãos Redgrave estivessem assistindo.

Se eu não soubesse o quão fútil é nosso ato de rebelião, sentiria mais orgulho. Esperança, até. Em vez disso, dei a ilusão de que temos escolha. Uma ilusão prestes a ser destruída assim que o julgamento começar.

Da minha posição, eu estudo minha mãe. Ela está ereta como uma vara, severa, a aba larga de seu chapéu levantada apenas o suficiente pelo vento para revelar sua expressão estoica. Ela parece olhar além de nós, no horizonte.

Mas eu sei melhor. Ela vê tudo, minha mãe. O horror da garota gritando; a loucura de Delphine, nossa rebelião sutil e inútil.

O imperador não esconde seu aborrecimento, entretanto. Mesmo daqui, posso ver suas mãos apertando as laterais do trono.

Mas então seu olhar viaja atrás de mim para a pobre garota prestes a ser executada, e seus lábios se curvam em um sorriso quando ele se inclina para frente, absorvendo o medo da garota como um homem ressecado engole água.

Um grito abrupto perfura meus pensamentos, interrompido por um único tiro.

O som reverbera pelo vale por um momento e então tudo fica parado.

Minha mãe acena com a cabeça uma vez, como se uma tarefa indesejável tivesse sido concluída, e então começa sua ronda dando os discursos finais.

Quando olho, o corpo já foi arrastado. Rhyddian agora está sozinho, o que me leva a acreditar que foi a garota de vestido roxo que foi executada.

Não tenho que me perguntar por que, porque Caspian aparece e explica.



— Eles encontraram alguém dentro do sistema e rastrearam até Dama Kingston.

Cruzo meus braços. — Eles poderiam simplesmente tê-la colocado fora da parede.

— Dama March. — Caspian começa, em uma voz curta não acostumada a ser desafiada. — Às vezes uma morte rápida é a opção mais misericordiosa.

— Ele faz uma pausa para essa compreensão feia para afundar. — Eu teria feito o mesmo por você.

Acho que é um gesto afetoso. O pensamento força um sorriso amargo no meu rosto.

E então, por um momento cruel, o intervalo de um batimento cardíaco, vejo Riser, cercado, lutando desesperadamente contra eles.

Eu poderia ter forçado uma adaga em seu coração para poupá-lo daquela tortura? Eu deveria ter feito isso, pelo menos.

É no que sou boa.

Merida muda de pé. — Estou triste por ela. — Diz ela amigavelmente, tentando quebrar a tensão. — Mas agora, pelo menos, há um finalista a menos para competir.

Um olhar estranho surge no rosto de Caspian, ele olha na minha direção.

— Não exatamente.

Eu sei o que ele quer dizer antes mesmo de notar o cavaleiro na minha visão periférica. E de repente tudo faz sentido.

Flame incriminou outra pessoa pelo nosso crime. Alguém inocente. Para que pudéssemos viver.

Ou talvez fosse tudo para uma pessoa.

Riser atinge o chão como um gato, gracioso e equilibrado. Seu olhar examina furiosamente o círculo até que ele me encontra.



Algo passa entre nós, uma espécie de saudação não dita que se espalha pelo meu corpo.

E então o cretino pisca e eu quero estrangulá-lo.

Os olhos de Caspian me observam abaixo de uma sobrancelha franzida, como se ele estivesse tentando avaliar minha reação à segunda chance de Riser. Mas quando Riser toma seu lugar ao lado de Rhyddian, percebo que não poderia expressar adequadamente a confusão complexa de emoções que me bombardeiam, mesmo se tentasse.

Condenamos outra pessoa a morrer por nós. Eu ouvi seu grito. Eu senti seu medo. Provavelmente, já sabia. No fundo, devo ter sabido.

Eu deveria sentir culpa.

Eu deveria me odiar.

Certamente eu deveria sentir algo.

Mas no instante em que vi o rosto de Riser, no instante em que entendi, no fundo, ele estava seguro, foi como a sensação que tive no Fosso quando os primeiros raios de luz romperam minha prisão negra e um peso invisível que eu não tinha notado em volta do meu pescoço foi cortado. Como se eu não tivesse respirado uma única vez durante todos os sete anos até aquele momento.

É assim que me sinto agora. Como se eu pudesse respirar novamente.

Em algum sinal oculto, os mentores se movem para o meio do círculo para se juntar a minha mãe. Caspian é o último a ir.

Antes de fazê-lo, ele se inclina, seu cabelo fazendo cócegas em minha bochecha, e sussurra: — Eu verifiquei seu Sim, mas, estranhamente, sua experiência foi em branco. — Endireitando-se, ele sorri. — Talvez quando você sair do outro lado, você vai finalmente confiar em mim o suficiente para me dizer o porquê.



O vejo correr pelo campo até os outros. Eles ficam em silêncio, esperando.

A sombra vem como uma onda silenciosa de água salobra caindo das montanhas. No instante em que toca o fundo do vale, ouve-se um ruído rangente e estrondoso à nossa volta. A princípio acho que é o horizonte se movendo, mas depois percebo que o chão está tremendo. Estendo meus braços para me equilibrar.

Está acontecendo, seja o que for que eles planejaram para nós.

Exalo duas respirações fortes e dou um passo para trás.

Erguendo-se da terra rangendo e cascalho, está o que parece ser uma placa gigante de pedra curva que ocupa todo o vale. Grama e sujeira caem do topo da laje conforme ela passa pela minha cintura. Agora posso ver que é um círculo gigante, cheio de caminhos de pedra intrincados que levam aos mentores no meio. Bem na minha frente, surge uma entrada.

De repente, uma enorme sombra de pavor cai sobre mim. Eu sei o que é isso.

Um labirinto.

Merida está respirando rápido e alto, seus lábios se contraem em uma carranca trêmula.

— Estou com medo, Everly.

Eu sei que não deveria dizer isso. Dizer isso só me liga a ela, me deixa fraca. Mas uma parte de mim está começando a entender que a força não é medida por quem fica de pé no final. É isso que eles querem que eu pense. O que os mantém fortes e nós fracos.

Pego a mão de Merida entre as minhas. — Eu vou nos ajudar nisso, Merida. Eu prometo.



É uma sensação boa, como uma declaração de algo. Merida aperta meus dedos.

— Eu sei, Everly. E prometo tentar ser corajosa.

Pouco antes de a barricada bloquear minha visão, encontro os olhos de Riser. Seus lábios estão pressionados juntos em determinação, seu corpo tenso para correr. Ele também deve saber o que é.

Até meu último suspiro.

Acho que digo as palavras do meu sonho. Ou talvez eu só pense nelas.

Não importa, porque elas reverberam dentro da minha cabeça. De novo e de novo.

Um chamado primitivo e raivoso para a guerra.

Aconteça o que acontecer lá, até meu último suspiro, lutarei para sobreviver. Não apenas por mim ou para Max, mas por todos que ficaram na Terra.

Se eu não conseguir sair do outro lado, a coisa que meu pai escondeu morre comigo, e o mesmo acontece com qualquer chance que nos resta de impedir Pandora.

Merida está ao meu lado, mas estou sozinha. A parede para de crescer em três andares de altura.

Silêncio.

— Estou pronta! — Grito.

Grito para a parede. Para a escuridão da sombra. Para minha mãe, Delphine e o Imperador.

Às vezes, assim como a verdade precisa não ser dita, uma mentira precisa ser gritada a plenos pulmões.



CAPITULO 50



O portão fecha atrás de nós assim que entramos. O cheiro de pedra úmida e terra rasgada preenche a escuridão. Paro para deixar minhas lentes se ajustarem e me dar um segundo para pensar.

Sem dúvida os outros estarão correndo, pensando que é uma corrida simples.

Eu sei melhor, entretanto. Minha mãe reverência à violência por sua capacidade de despojar um homem de sua essência, de quem ele realmente é.

A única coisa que ela ama mais são charadas.

A respiração pesada de Merida enche o ar, e me viro para vê-la tateando ao longo da parede. Seus olhos, agora ajustados, me encontram. Começamos a caminhar lado a lado, Merida ocasionalmente tateando as paredes em busca de orientação.

Não demora muito para que outra passagem se abra à nossa esquerda.

Hesito, mas nós duas silenciosamente concordamos em seguir em frente. Passamos por outra um minuto depois à nossa direita. Mais algumas, agrupadas juntas.

Eu sinto as pequenas lentes no meu olho se ajustarem antes de realmente notar a luz. É ao redor da curva, uma tocha na parede na altura dos olhos, cintilando branco-azulado sob minhas lentes.

Meu interesse desperta imediatamente, tudo que minha mãe faz é planejado, uma peça do quebra-cabeça para uma imagem maior.

O líquen e o musgo que cobrem as paredes saem facilmente sob meus dedos.

Abaixo eu sinto algo... talvez pedra aleatória. Talvez algo mais.

Limpo até que uma boa parte da parede oposta à tocha esteja limpa, tossindo quando o líquen esmagado entra em meus pulmões, os dedos molhados e enlameados do musgo.

Merida é a primeira a ver isso. — É um... um cavalo?

Afastando-se, vejo que ela está certa. Descobri a maior parte do corpo até as orelhas.

— O que isso significa?

— Eu não tenho absolutamente nenhuma ideia.

O ar cheira a terra como o solo depois de uma chuva leve. Esfrego mais a parede, descobrindo uma cena de floresta cheia de árvores e flores.

Agora que sei o que procurar, posso ver mais cavalos em tamanho real sob o fino tapete de líquen, seus traseiros musculosos e crinas selvagens prendendo a sombra.

— Tem que significar alguma coisa. — Minha voz oscila em desespero.

Merida se mexe desconfortavelmente. — Ou talvez seja apenas para nos atrasar.

Ela está certa. Com minha mãe, nada é o que parece.

Nós duas congelamos.

Ruídos abafados de vento e estalos, como uma mudança de marcha, emanam das profundezas da pedra. Algo está acontecendo. Um barulho do outro lado do túnel. Vozes baixas e indecifráveis. Alguém grita, seguido de gritos.



Os gritos se transformam em berros.

Depois dos gritos, nós duas temos a compreensão silenciosa de que precisamos continuar. Mas é difícil sair da luz. Mesmo com minhas lentes, que transformam a escuridão em uma cor granulada esverdeada, reconheço que as sombras são onde somos mais fracas.

No segundo em que os gritos param, a parede faz um barulho de gemido. Estabilizo meus pés enquanto a terra treme. Acho que primeiro estou andando de lado, mas a parede está se movendo para dentro.

Ela para depois de alguns segundos, deixando apenas um silêncio assustador, picado por gritos mais distantes.

O que é que foi isso? Por que as paredes se moveriam? Talvez minha mãe esteja mudando a forma do labirinto, mas se sim, por quê?

Merida se vira para mim, seu cotovelo arranhando minhas costelas. Enquanto me afasto dela e minhas costas pressionam contra a pedra dura, eu entendo.

Não está mudando de forma. Nossa passagem está ficando menor.

Ou, mais provavelmente, quando os finalistas do outro lado da parede morreram, sua passagem ficou maior. Apenas alguns centímetros, eu acho. Mas dois pés podem ser a diferença entre a vida e a morte se as paredes estão prestes a se fechar sobre nós.

— Essas paredes são interativas. — Minhas palavras saem ofegantes e rápidas. — Precisamos nos mover. Agora!

Pânico e adrenalina correm através de mim, intoxicando minha mente.

Calma.

Mas o desespero já assumiu. Uma parte primordial de mim entende, uma vez que essas paredes se fechem, não serei capaz de lidar com isso. Muito parecido com o Fosso.



Tento controlar minha respiração, puxando grandes tragos de ar, sugando-os avidamente por um canudo invisível enquanto a escuridão esverdeada gira ao meu redor.

Primeiro minhas mãos ficam dormentes, depois minha boca. Minha mente fica em branco e estou de joelhos, ofegante, girando fora de controle.

Estou hiperventilando.

É Merida quem me incita de volta aos meus sentidos. Acordo do meu estupor para a dor.

Ela está me dando um tapa na cara.

— Por favor! — Sua voz afunda em meu medo. — Você prometeu. Eu não posso fazer isso sozinha!

Mas eu não apenas a vejo. Eu vejo Max. Meu pai. Os milhões e milhões de pessoas esperando para morrer.

Controle sua merda, Dama March.

O rosto apavorado de Merida entra em foco.

— Eu sinto muito. — Sinto como se a tivesse decepcionado. — Eu apenas... estive aqui antes. Em outra vida.

— Bom. — Ela me põe de pé. — Se você sobreviveu uma vez, você pode novamente.

— Você está certa. — Forço para fora, envergonhada por ela ter testemunhado Maia, o velho eu. Lama e grama endurecem meus joelhos e eu limpo a pegajosa terra marrom enquanto trabalho para firmar minha mente.

A sujeira me dá uma ideia. — Dê-me seu braço. — Instruo, juntando mais lama na ponta do meu dedo.

Merida me dá sem comentários. Começo a trabalhar, começando na junta do meio, parando aqui e ali para lembrar.

Quando eu termino, eu cuidadosamente largo o braço dela.



Merida examina meu trabalho. — Rastreando nossos passos?

— Mapeando o labirinto. As linhas pontilhadas são as passagens que não escolhemos, e a linha completa é o nosso caminho até agora. — Agradeço que ela não perceba, ou pelo menos mencione, que posso ver para fazer tal coisa.

Ouçoo um baque surdo quando bato na pedra. — As paredes se movem para dentro, o que significa que também se movem para fora, dependendo do lado em que você está.

— Mas por que eles nos dariam mais espaço quando morremos?

— Então, quando estivermos sem espaço, vamos começar a matar uns aos outros por mais.

Depois dessa pequena informação alegre, viajamos em silêncio. Eu fico à direita quando a passagem se bifurca para facilitar a marcação.

Não tenho um plano verdadeiro, o que me apavora.

Tem que haver um projeto para isso, um enigma a ser resolvido. Algo para nos guiar.

Um sentimento de impotência se apodera de mim, toma conta de mim. Mesmo com minhas lentes, as paredes são pretas e minha visão turva e pixelada faz com que pareça que estou sonhando.

Quando passamos as tochas para a breve luz, é quase pior, saber que temos que voltar para as sombras.

Não sei o que me alerta para elas. Uma voz abafada, talvez. O som de pés farfalhando sobre a grama. Dois pés mais longe e eu identifico a posição deles dentro da passagem à nossa direita.

Demora alguns segundos para reconhecê-los: Dama Hood e Dama Knowles.



Sem saber de nossa presença, elas sussurram entre si, acenam com a cabeça e dão mais um passo. Quando nada acontece, elas andam um pouco mais rápido, suas calças de seda farfalhando no silêncio.

Devemos seguir? Usá-las para garantir que é seguro?

Me viro para Merida e então, sem explicação, os cabelos do meu pescoço se arrepiam.

Olhando de volta para a passagem, vejo suas silhuetas, pequenas contra a escuridão. Leva um momento para realmente ouvir o que meu corpo já sentiu. Barulhos de latidos e risos gotejam do túnel.

É um barulho estranho e desconhecido, diferente de cachorros ou qualquer outro animal que eu possa imaginar. Alguma parte profundamente enraizada de mim grita para as meninas correrem.

Corram!

Exceto que eu sei que minha mãe não dá uma segunda chance.



CAPITULO 51



As damas reaparecem dentro do corredor. Elas estão andando para trás, lentamente, com as mãos estendidas.

Uma das garotas chuta alguma coisa. As formas separam as sombras, na altura da cintura. Mais rosnados intrometidos e latidos agudos.

As meninas se afastam cerca de seis metros de nós quando vejo o que está fazendo os sons.

Não cachorros, exatamente; eles são maiores. Mais selvagens. Com cabeças robustas, orelhas curtas de morcego e focinhos pretos. Pescoços grossos e alongados levam a costas curvas e pernas traseiras tortas. Manchas marrom-escuras salpicam seus longos pelos vermelho-acinzentados.

Um fedor pútrido e em decomposição sobe pelo meu nariz.

São seus movimentos que me assustam. A maneira como circulam as meninas, estudando-as com seus olhos brilhantes e cabeças inclinadas. A maneira como eles se comunicam com seu staccato bizarro de ruídos que ecoam pelas paredes.

Hienas. A palavra se aloja no fundo da minha garganta, embora eu não me lembre de como a sei. Talvez meu pai, então, ou um dos museus realistas que visitei há tanto tempo.

Os animais parecem sorrir enquanto perseguem as meninas, fazendo grunhidos de excitação. As meninas estão girando, chutando e agitando desesperadamente os braços para afastar os predadores, os olhos redondos como ovos brancos dentro dos rostos pálidos.

Elas também não acham que são cachorros.

Uma hiena ousada avança.

Dama Knowles grita, dá um chute e ela pula para trás com facilidade, uma expressão curiosa, quase inteligente em seus olhos negros redondos.

Dama Hood puxa algo brilhante de seu corpete e o segura na frente dela. Uma adaga. Ela balança para frente e para trás, xingando.

Mas as hienas nem parecem notar. Alguma coisa mudou. Elas pararam de cutucar as garotas com curiosidade, pararam de circular. O pelo mais longo de suas costas se transformou em uma espécie de crina.

O ataque planejado é silencioso e eficiente. Dama Knowles se balança uma, duas vezes e desaparece com um grito de surpresa sob uma massa se contorcendo de pelo desgrenhado e rosnados guturais.

Meu estômago se contorce quando os sons de ossos quebrando ecoam nas paredes, e seu túnel se alarga, enquanto o que ocupamos fica menor.

Dama Hood está com os braços abertos, tropeçando loucamente, o suéter em farrapos. De alguma forma ela escapou. Assim que seus olhos esperançosos fixam nos meus, um ruído sibilante enche meus ouvidos e uma parede de chamas laranja rugindo bloqueia sua saída, o calor nos jogando para trás.

Agora nossas paredes mal nos permitem separar. Acho que Merida vai protestar por deixá-las, mas ela fica quieta. Ela finge, assim como eu, que não pode ouvir os gritos de Dama Hood pedindo ajuda, abafados pelo rugido da parede de fogo e os ruídos de risos horríveis e animais.



Minhas mãos se enroscam ao lado do corpo enquanto luto contra o pânico.

Precisamos pensar. Tem que haver uma saída segura. Talvez possamos encontrar outro par e segui-los, usando-os da mesma forma?

Não, é muito ineficiente e não podemos controlar nossa rota.

Mesmo se conseguirmos passar com segurança, ainda é uma corrida contra o tempo.

Minha frustração só aumenta à medida que tomamos um caminho triangular que nos leva de volta à mesma entrada. Eles estão tentando nos confundir. Para nos assustar e nos derrotar.

E até agora está funcionando.

Desta vez, a abertura do túnel está à esquerda. A lama secou, então eu uso o broche de fênix de Brinley para cutucar a ponta do dedo, usando meu sangue para marcar nosso progresso. Um X, quase preto na luz, marca onde vimos as hienas.

Como que para nos insultar, as paredes agora mostram caninos musculosos e ferozes bebendo de um rio sinuoso.

Merida se inclina contra a pedra quando eu termino, mexendo em um pedaço solto que se move na parede. Eu me pergunto se isso pode nos ajudar de alguma forma, procurando por mais pontos fracos, mas não há nenhum.

Merida põe um pé no corredor. — Devo ir primeiro? Ou talvez possamos nos revezar?

Eu não respondo. Tem que haver algo que o desencadeia. Sensores de movimento?

Curvando-me, desamarro minha bota e a atiro na escuridão. Ela bate silenciosamente a seis metros de distância na grama e para contra a barricada.

Nada acontece.



— Deixe-me ir. — Merida insiste.

Ela dá mais um passo. Ela sabe, como eu, cada segundo que desperdiçarmos vai nos custar.

Estou meio que a ignorando, tentando me concentrar. Para resolver o jogo da minha mãe.

Se não forem sensores de movimento, o quê? Se fossem sensores de solo acionados por peso, o sapato teria funcionado...

A menos que não fosse pesado o suficiente.

— Se tentássemos entrar e voltar... — Sigo, pensando em voz alta. — Não conseguiríamos sair.

Portanto, precisa ser algo pesado que possa ser jogado e recuperado de alguma forma.

De longe vem o som de gritos de surpresa.

Um suspiro depois, nossas paredes se arrastam em nossa direção, o rugido de pedra contra pedra como uma besta primordial liberada de sua gaiola.

A pedra solta que Mérida perturbou antes, tomba.

É maior do que eu esperava, mais ou menos do tamanho de uma grande melancia, um pedaço retangular tosco de cinza.

Antes que eu possa pensar no que estou fazendo, enfio os dedos em meu espartilho e removo o arame, amarrando-o na rocha.

— Finalmente encontrei um uso para esta escolha de moda cruel. — Murmuro.

Sorrindo, Merida arranca o dela também. Nós os amarramos juntos, fixando a ponta solta no meu pulso e levantamos a pedra. É mais pesado do que eu pensava, o que significa que provavelmente só vai viajar um metro e meio, no máximo.



Esperançosamente, isso será longe o suficiente. Tem que ser.

— Vou contar até três. — Digo, minha boca cheia de nervosismo.

— Um.

— Dois.

— Três!

A pedra tomba no ar e cai com um baque pesado na grama. Como se fosse uma deixa, as paredes da nossa passagem ressoam juntas. Quando ela para, só há espaço suficiente para ficarmos em fila única com Mérida na frente.

— A próxima vai nos esmagar. — diz Merida, sua voz ofegante de pânico.

— Não, espere. — Eu levanto minha mão. O som de algo mecânico que não consigo identificar ronrona do fundo da pedra.

Eu não a vejo se mover até que seja tarde demais.

Por um momento, enquanto o ruído do metal contra a pedra preenche o ar, como uma grande lâmina sendo afiada, a palavra dentro da minha boca pega.

Então minha respiração explode de meus pulmões.

— Pro chão!

De alguma forma, por cima do barulho dos gritos, ela me ouve e cai, no momento em que uma folha plana de metal afiado na altura da cintura dispara de uma rachadura fina na pedra.

O fogo será o próximo. Caio, minha mão bate em seu tornozelo e a puxo de volta para o nosso pequeno túnel.

Ela se joga em cima de mim.

O calor incha o ar, causando dor instantânea e agonizante onde quer que toque. Merida grita e sobe violentamente por cima de mim em uma tentativa



desesperada de escapar das chamas. Suas botas arranham minha bochecha, meu pescoço, meu peito.

A essa altura, o fogo transformou o fio ao redor da carne tenra do meu pulso em uma marca incandescente. Gemo, arrastando a pedra e meu corpo de volta através do túnel até que o ar esteja frio o suficiente para parar.

Eu sinto o chão, macio e agradável contra minhas costas.

O gemido baixo de Merida me atrai para ela. O cheiro de cabelo e carne chamuscados me dá vontade de vomitar.

Levante-se ou você morre.

Mas parece que não tenho controle sobre meu corpo.

Por um segundo quieto, quase pacífico, nossa respiração ofegante se mistura em uma cadência agradável e embaladora. Uma pequena porção de céu azul-prateado escuro nos espreita de cima.

Eu poderia apenas fechar meus olhos... apenas fecha-los e dormir.

Então você certamente morrerá.

Medito as palavras em minha mente, as deixo afundar. Mas a pequena bolha de apatia que eu criei as impede de ter muito impacto.

No final, não é a ideia da morte, certamente não tão aterrorizante quanto o que mais sem dúvida nos espera no labirinto, mas as promessas que fiz.

Três, na verdade.

Uma para meu pai. Uma para Merida. E uma para mim.

A parte mais difícil é deixar meu lugar seguro e macio no chão. Assim que fico de pé, é como se eu saísse de um transe.

Merida olha boquiaberta para mim, expondo seu rosto. Todo o seu lindo cabelo, do alto da cabeça até o lado esquerdo do crânio, sumiu. A pele queimada se desprende de sua bochecha, pescoço e ombro. Seu macacão esfarrapado está derretido em seu corpo, peças ainda fumegantes.



Ela respira fundo, gemendo, e se levanta com dificuldade.

— Eu sinto muito.

— Shh. — Coloco minha mão em seu ombro bom, tentando manter minha voz firme. — Como está a dor?

— Não tenho certeza. Eu não... Eu não sinto nada. — O branco de seus olhos é enorme, sua pele branca como os ossos. Sua boca está entreaberta, ligeiramente ofegante.

Ela está entrando em choque.

— Merida, precisamos nos mover. Você pode fazer isso?

— Sim. — Ela responde sem hesitação enquanto começa a voltar por onde viemos. Arrasto a pedra atrás de mim, meu pulso gritando onde o fio corta a pele crua e com bolhas.

Andar. Parar. Respirar.

Nosso progresso é lento, doloroso. Mais tochas. Merida se encolhe para longe das chamas, seus olhos as seguindo enquanto passamos. Eu arrastando meu braço, ela balançando nas pernas sem vida.

Quando chegamos à próxima entrada, eu levanto a pedra, que mal chega a um metro, engolindo meu grito enquanto o arame corrói minha carne. Esperamos dois minutos e entramos. Este túnel é largo o suficiente para eu passar para a posição de liderança, mas agora estou tropeçando, minhas pernas aparentemente desconectadas do meu corpo. É um beco sem saída, portanto, refazemos nossos passos.

Quase não sinto o broche picar meu dedo. O sangue mancha em linhas confusas enquanto tento me lembrar de nosso progresso até agora. Um círculo marca os becos sem saída. Outro arremesso da pedra. Esperamos mais do que o necessário, tentando reunir nossas energias antes de entrar.



Parece uma eternidade até a próxima bifurcação. Jogo a pedra para a esquerda, mordendo o interior da minha bochecha para não gritar novamente. O sangue escorre do meu pulso para a palma da mão, pinga dos meus dedos. Demora mais duas vezes para puxá-la para trás e jogá-la novamente para chegar longe o suficiente.

A dor em meu pulso se transforma em um fogo corrosivo.

Em nosso cansaço, devemos ter calculado mal o tempo, porque damos quatro passos quando um som perfura a névoa que envolve meu cérebro.

Fungar.

Ar sendo soprado com força na grama. Não, algo farejando o chão. Um animal. E há apenas uma razão para um animal fazer isso.

Quando está rastreando a presa.

— Corra...

Um rugido furioso e ímpio interrompe meu aviso. O som reverbera na pedra e no meu peito e desperta Merida de seu estupor.

Não hienas. De alguma forma, mesmo com todo o nosso planejamento, tropeçamos em algo pior.



CAPITULO 52



Algo enorme, preto e raivoso irrompe das sombras, bufando e grunhindo, suas unhas em forma de garras arranhando grandes pedaços de terra em seu rastro.

Uma cabeça marrom desgrenhada impossivelmente grande, quase tão grande quanto eu, balança para cima e para baixo. Sou atingida por um odor forte e pungente de cachorro molhado. Recuando, bato em Merida. Meu pé cede, o chão tira o ar do meu peito. O solo vibra meus ossos enquanto a criatura se aproxima, seu corpo tão grande que parece obstruir o túnel. O som do meu nome sendo chamado registra vagamente nos recessos mais distantes do meu cérebro.

Cavando meus cotovelos na grama, eu chuto com meus pés, andando de caranguejo, minha respiração difícil abafando meu batimento cardíaco acelerado. A coisa se eleva sobre duas pernas, expondo uma parte inferior grossa com pelo bronzeado, e solta um rugido ensurdecedor.

Uma palavra borbulha na superfície. *Ursus Arctos*. O urso pardo. O animal extinto favorito de Max no museu.

O urso abaixa todo o seu peso, sacudindo o chão, mas já passamos da entrada. Seguro. Onde está o fogo?

Um rugido raivoso balança os túneis enquanto continua chegando. Por seu tamanho, é surpreendentemente rápido. Precisamos do fogo. Tenho certeza de que não há como fugir dele.

Agora está a dois metros de distância. Cinco. Quatro.

De repente, o urso para como se batesse em uma parede invisível, com a cabeça inclinada para o lado, no momento em que ouve um barulho crepitante e a parede de fogo salta para o céu. O urso urra e desaparece atrás dela.

Não estou ciente de que estou me movendo, mas de alguma forma ando mais dois metros antes de cair de joelhos. Coloco minha cabeça dentro das minhas mãos. Engulo o vômito subindo pela minha garganta. O cheiro de pele de caça queimada se apega à minha boca.

O urso grita com raiva algumas vezes e depois fica quieto.

Estou tonta e com náuseas com os efeitos da adrenalina. Talvez seja por isso que demore um pouco para perceber o que está acontecendo. O puxão é provisório. Eu vejo minha mão pular alguns centímetros em direção ao fogo. Meus olhos se concentram no fio. Está tenso.

A realização bate quando outro puxão mais forte me puxa para mais perto.

— Merida! — Resmungo, esticando minha cabeça para trás. Ela se encolhe perto da parede, exausta. — Ajude-me a tirar isso...

Desta vez, minha cabeça vira para trás com força. Tropeço, me segurando com as mãos. Meu rosto bate no chão.

O urso grunhe enquanto puxa a pedra novamente.

Esforçando-me para o outro lado, enterro os calcanhares na terra e grito por Merida.



Merida se joga ao meu lado, as chamas transformando sua pele em carne viva em uma bizarra cor laranja. Sua respiração é superficial e rápida.

Sem a camada protetora de pele, deve ser doloroso para ela perto do fogo, mas ela não faz nenhum som enquanto suas unhas cavam inutilmente em meu pulso ferido.

Outro puxão.

Algo em meu ombro estala, e a dor ricocheteia do meu braço em meus pulmões, onde eu a forço para fora em um gemido desesperado e asfixiante. Estrelas brancas de dor explodem dentro de minhas pálpebras.

O próximo vai tirar uma mão. Ou braço.

Seria mais fácil simplesmente deixá-lo me ter.

O pensamento é menos perturbador do que deveria. Em desespero, imagino engolir a pílula de Merida. Mas não, não posso nem fazer isso porque fiz uma promessa estúpida e ingênua.

E o que Garoto do Fosso diria?

Sei que a dor realmente me confundiu, porque agora posso vê-lo, Riser. Seu rosto, de qualquer maneira, cintilando vermelho com a luz do fogo. Meu corpo está contorcido para o lado longe das chamas, meu braço esticado em um ângulo horrível e não natural.

Fantasio sobre meu braço estourando. Um sacrifício que faria facilmente para acabar com a dor.

Eu vejo minha alucinação do meu mundo de cabeça para baixo. Seu rosto pálido, emoldurado por estrelas, mechas negras de cabelo caindo sobre a testa. Uma lâmina cintila ao seu lado.

Na luz estranha e etérea de minhas lentes e na névoa induzida pela dor, acho que ele se parece com o Hades das pinturas de minha mãe, a maneira



como ele se move com a escuridão, sem um traço de dúvida em seu rosto, como se ele fosse o dono das sombras, e a morte não se aplicasse a ele.

Ele se abaixa e começa a serrar o fio em volta do meu pulso. Um gemido escapa dos meus lábios. Ombros bombeando com esforço, ele pega meu olhar.

— Espere, Everly. Continue lutando.

Meus lábios se abrem em um sorriso selvagem.

— Pare de me dizer o que fazer, Garoto do Fosso.

No espaço de um segundo, o fio se sacode com força, meu braço se solta, meu corpo rola para longe do calor e o fio desaparece nas chamas.

Meu braço está morto e solto ao meu lado. Tropeço em Merida, encolhida contra a parede, apoiada em alguém, olhos semicerrados.

O que quer que seu corpo tenha feito antes para protegê-la da dor, seguiu seu curso: ela está tremendo, os olhos vidrados de agonia. Rhydian olha para mim e acena com a cabeça antes de voltar sua atenção para Merida.

Seus olhos se abrem. Ela se concentra em mim. — Eu tentei, eu tentei.

Usando meu braço bom, apoio sua axila, e Rhydian e eu a colocamos de pé.

— Você tem sido forte, Merida. — Sussurro, acalmando-a enquanto luto contra as lágrimas quentes dos meus olhos. — Agora você só precisa ser forte por mais um pouco.

Um som rasgado volta minha atenção para Riser. Sem dizer uma palavra, ele envolve uma tira de sua túnica em volta do meu pulso. Mordo meu lábio para não gritar enquanto seus dedos exploram meu ombro ferido.

— Isso dói?

— Só quando eu movo.

Riser concorda. — Deslocado. — Pegando meu braço, ele o pressiona em minhas costelas. — Respire fundo e conte até cinco.



Chego a dois quando ele volta a colocá-lo no lugar. Minha visão escurece. Suspiro, puxando respirações salvadoras. Minha garganta está tão seca que acho que vai se abrir.

Abro minha boca, meio gemendo. — Precisamos nos mover.

— Eu sei. — Riser coloca dois dedos logo atrás do meu queixo. Eles deslizam até o meu queixo, levantando-o. Ele olha para mim por um momento, em silêncio, seus olhos procurando. — Mas você está bem?

— Sim. — Pego minha mão, a que não está ferida, e descanso meus dedos sobre os dele. Sua mão está quente e pegajosa com o que só pode ser sangue. Dele, de outra pessoa, meu, é impossível dizer. — Você?

— Estou bem agora. — Ele aperta minha mão com força e, em seguida, joga um relógio de bolso de prata desbotado dentro dela. Um sorriso malicioso transforma seu rosto. — Escolhi de um dos Dândis.

Examino isso. Em algum lugar entre o dois e o cinco está uma linha espessa de obsidiana. A Queda da Sombra. De acordo com o relógio de bolso, temos menos de uma hora.

Riser se inclina para perto.

— Se deixarmos Merida, dou nossas chances de cinquenta por cento.

Devolvo. — E se não o fizermos?

Riser olha para Merida. — Nenhuma chance Fieniana no inferno.

Há uma parte de mim que quer fugir. Apenas fugir de Merida e da minha promessa estúpida e do meu medo.

Mas eu balanço minha cabeça, Riser concorda, e nós dois aceitamos nosso destino. Riser verifica como está Merida e usa mais tiras de camisa para enfaixar o que pode, e finalmente descemos o caminho à nossa direita.



As paredes estão quase fechadas, então caminhamos em fila única. Riser primeiro, depois eu, Rhydian e Merida. Observo Riser, seu andar cuidadoso, a maneira como seu corpo nunca toca as paredes.

Como eu, ele deve odiar o espaço fechado, a sensação claustrofóbica.

Ou isso ou ele está perfeitamente em casa. É perturbadoramente difícil de dizer.

Passamos por duas entradas. A primeira ainda está quente da parede de fogo. A segunda parece promissora até que, logo depois da curva, percebo uma bota de couro aparecendo. O chão ao redor dela se agita como se estivesse vivo, o zumbido baixo e fraco de assobios fazendo minha pele arrepiar.

Algo desliza sobre a bota e levanta sua cabeça encapuzada, uma delicada língua bifurcada provando o ar.

Seguimos em frente e um novo caminho emerge. Sem a pedra não há como testá-lo, então Rhydian vai primeiro. Depois de dois minutos, contornamos uma curva e descemos um túnel longo e estreito.

Uma tocha pisca à frente. Quando estamos perto o suficiente para sentir seu calor, vejo uma grande área onde alguém limpou parte do musgo da pedra.

Um cavalo...

Todo o ar evacua meu peito de uma vez. *Estamos praticamente mortos.*

Um ataque de raiva e frustração brota dentro de mim, e bato furiosamente no desenho, um grito rouco saindo da minha garganta.

— Círculos. Estamos andando em círculos.

Desabo na parede. Os outros pararam para me olhar. Devo parecer um espetáculo, coberta de pó de líquen verde e sangue.

Massageando a palma da mão na minha testa, eu balanço minha cabeça.

— Passamos por este cavalo no início. Tudo isso foi em vão.



Uma expressão de perplexidade surge no rosto de Rhydian. — Cavalo? Daqui parece um unicórnio.

Arrastando-me para ficar de pé, eu o examino novamente. Ele está certo: meu ataque desesperado à gravura revelou o resto da cabeça do cavalo, incluindo um chifre de trinta centímetros.

Riser surge ao meu lado. — Quando começamos, havia homens esculpidos na pedra.

Meu coração pula uma batida. — Descreva-os.

— Um estava conduzindo um cavalo; o outro carregava espada e escudo. Caso contrário, eles pareciam idênticos.

Idênticos.

Meu cérebro está girando tão rápido que não consigo concluir um único pensamento.

— E... — Continua Riser. — As paredes mudaram depois de um tempo para...

— Um cachorro? — Interrompo suavemente.

— Sim.

— Foi isso... hum, eu não sei, perto de um lago ou oceano, algum tipo de água?

Seus olhos se estreitam. — Estava saltando de uma fonte. E então, no final, queimou em uma pira funerária.

— E era pequeno?

— Sim.

— Cão Maior e Cão Menor. — Sussurro.

Minha respiração sai em baforadas animadas. Empurrando Riser, desço tateando a parede, contando os unicórnios. Quatro. Representando as quatro grandes estrelas, ou canais, que formam a constelação.



Poderia ser tão simples assim?

— Merida. — Chamo.

Eu a encontro apoiada em Rhydian, seus olhos semicerrados e desfocados. Delicadamente levanto seu braço. Suor e sujeira queimam meus olhos, e eu os esfrego, semicerrando os olhos para o mapa rudimentar traçado em sua pele.

Usando minha língua, eu molho meu polegar e esfrego os caminhos perigosos e becos sem saída. Não ousa respirar enquanto sigo as linhas com os olhos. Lá, a cauda, as pernas. No topo, criado com meu sangue, está o caminho triangular que se dobrou sobre si mesmo.

Não é um triângulo. É uma cabeça. — Monoceros!

Metade de mim pensa que estou louca de medo, conjurando fantasias do nada.

A outra metade, porém, a metade que me manteve viva até este ponto, que é a verdade sussurrada em meu ouvido, está convencida de que finalmente descobri o jogo de minha mãe.



CAPITULO 53



Os outros estão me olhando como se eu tivesse enlouquecido.

— Vocês não veem? — Digo, apontando um dedo trêmulo para o céu. —
Estava bem na nossa frente o tempo todo.

Ela tem um senso de humor cruel, minha mãe. Deuses lá em cima, como não descobri isso antes?

Levanto o braço de Merida. — Monoceros, o unicórnio. E você... —
aponto para Riser. — Você começou na constelação de Gêmeos, as duas
estrelas mais brilhantes sendo Castor e Pólux. Certo?

Rhydian franze a testa para mim. — Nenhum de nós sabe sobre o que
diabos Fieniano você está falando.

— Eles são gêmeos, um treinador de cavalos e um... um guerreiro.

— Os cachorros? — Riser pergunta, franzindo a testa.

— Entre a constelação de Gêmeos e os Monoceros está o Cão
Menor. Chama-se Mera, eu acho, o cachorro d'água de Ícaro, que morreu para
homenagear seu dono. E quando Merida e eu nos perdemos, acabamos em Cão
Maior, o cão de Orion. — Inalo uma respiração profunda. *Estou falando muito
rápido.* — Isso explica o rio que Merida e eu vimos. Os antigos egípcios usavam
a estrela do cão para prever as marés do rio Nilo.

Silêncio. Olho para Riser, implorando para que ele acredite em mim, mas seus lábios estão pressionados em uma linha fina e enigmática.

— Você pode nos tirar daqui? — Riser pergunta.

— Nós temos uma escolha? — Seus rostos desconfiados me dizem que essa era a resposta errada. — Sim.

Rhydian aperta Merida com mais força. Posso dizer que ele quer acreditar em mim, mas não está convencido. Ele se vira para Riser.

— Você confia nela?

Riser me olha e penso em todas as vezes que ele me pediu para confiar nele e eu falhei.

— Com a minha vida.

Rhydian acena com a cabeça, seus ombros caindo. — Ok, vamos fazer isso.

Precisamos de uma nova tela para o mapa, então Riser tira o casaco e a camisa, revelando uma rede de músculos tensos que se contraem e tremem sob sua carne. Começo a traçar a constelação de Monoceros em suas costas com meu sangue, começando na base de sua coluna.

Seus braços se levantam enquanto minhas curvas de dedo ao redor do seu lado, seu corpo tremendo sob meus dedos.

Satisfeita com o unicórnio, marco o centro em forma de octógono da Constelação de Orion entre as omoplatas, trabalhando para fora.

A estrela Bellatrix, a estrela que começa a flecha de Orion, vai na base do pescoço de Riser. Então, levantando seu cabelo, continuo a flecha até o couro cabeludo escuro.

Por último, corro meu dedo ensanguentado logo abaixo de uma orelha até a outra para fazer o arco curvo.



— Orion e Monoceros. — Digo em voz alta. — Devem se conectar, estou supondo... aqui.

Borro uma linha pontilhada sangrenta do segundo casco do unicórnio até a estrela M42, a Grande Nebulosa de Órion, meu dedo cavalgando lentamente as colinas da espinha média de Riser.

Agora que terminei, tenho um momento para dar um passo para trás e observar meu plano.

É simples, ousado e um tiro longo. A julgar pelas estrelas desbotadas e pela luz prateada, não teremos tempo para corrigi-lo se eu estiver errada.

Rhydian encara meu mapa infantil. — Então nós apenas... seguimos as linhas?

— Não. — Digo. — Sigam-me.

Caminhamos rápido, eu na frente e Riser e Rhydian de cada lado de Merida, ajudando-a. Assim que passamos pela entrada com o urso, porém, as paredes se fecham de forma que apenas dois cabem de cada vez. Por algum comando não dito, todos nós começamos a correr, até mesmo Merida, que de alguma forma encontrou energia suficiente para continuar.

Dentro da minha mente, eu recrio a constelação. Mais à frente será o primeiro teste de minha teoria. Se eu estiver correta, isso nos levará à segunda seção do labirinto, a Constelação de Orion.

Se eu estiver errada, morreremos.

Não demora muito para descobrir. Por causa da minha lente, percebo o corpo antes dos outros. Posso dizer que ele está morto pela maneira como está: de costas, a cabeça inclinada em um ângulo estranho, o pé apoiado na parede.

Devo reagir de alguma forma porque os outros param também.

— Não. — Murmuro.



Eu tinha certeza de que meu plano era sólido. Examino as costas de Riser para verificar, mas dificilmente olho para ele porque sei que não cometi um erro. Tem que ser isso.

— Aquilo é... um corpo? — Merida pergunta, tentando esconder a decepção em sua voz.

— É. — Empurro meu queixo. — Eu não estou errada.

A palma da mão de Rhydian dá um baque surdo ao bater na parede. — Porque você não poderia estar errada!

— Não sobre isso.

Virando-se para Riser, vejo que ele está olhando para o túnel. Seus olhos cortaram para mim.

— Você diz que é seguro?

— Sim.

— Ok.

Sem outra palavra, Riser entra na passagem. Meu peito se contrai quando ele se inclina sobre o corpo, examinando algo. Depois de uma eternidade, ele se endireita.

— Ela está certa.

Quando nos juntamos a ele, descubro o que ele quer dizer. Um buraco circular do tamanho da ponta de um dedo se abre no pescoço do finalista.

— A lâmina era pequena. — Observa Riser. — Um punhal ou um estilete.

— *Ou uma adaga escondida na cintura.* Ele circula o corpo, tocando a grama aqui e ali. — Ele foi pego de surpresa por outro finalista.

Um arrepio percorre meu corpo. Apenas um nome vem à mente. *Hugo Redgrave.*



Riser fica de pé, eu atiro a Rhydian um sorriso desafiador e retomamos nosso ritmo de corrida. Depois de um túnel longo e estreito, a passagem se bifurca.

Ficamos à esquerda, passando pelo que seria a estrela Saiph, o pé de Orion. Corro o plano na minha cabeça. Para cima, à direita, cruzando o cinturão de Orion. Esquerda, direto para a estrela de Bellatrix. Através da flecha de Órion.

Saída. Finalmente é uma realidade.

Saída.

Estamos quietos. Estimulados pelo concerto reconfortante de nossos pés batendo no chão macio e por nossas respirações difíceis e esperançosas. Depois de passarmos uma tocha e as paredes ficarem iluminadas, vejo que estava certa. A forma de um caçador, vestido apenas com uma saia de batalha blindada e capacete dourado de centurião, segura um arco e flecha, cercado por cães de caça.

Sete pombas voam do caçador, em direção ao céu, como se tentassem escapar dele.

Orion e as Sete Plêiades.

Saída! Tudo está confuso agora. Paredes. Chamas tremeluzentes.

Saída!

Passagens repletas de corpos.

Saída!

Uma das entradas à esquerda abriga um corpo ainda chiando com eletricidade, o cheiro indescritível.

O cinturão de Orion se transforma em um longo túnel convexo.

Saída!



Paro na próxima passagem, apenas uma fenda larga o suficiente para uma criança. — Virem de lado. — Ordeno, minha voz zumbindo com entusiasmo. — E tirem todas as roupas extras que puderem.

Ouçó o som de roupas tiradas e a voz de Riser, calma em meu ouvido.

— Pronto.

Pedra áspera esfrega a pele de minhas bochechas, nós dos dedos e joelhos enquanto me enfio no espaço minúsculo. Merida vai em seguida, sua respiração superficial e rouca com o esforço.

— Quase lá. — Digo, trabalhando para manter minha voz animada calma.

Acontece que não estou mentindo. Eu não vejo a passagem. Em vez disso, eu caio para trás quando a parede cede. É um pouco mais larga do que o túnel anterior, o suficiente para que eu possa abrir meus braços a alguns centímetros de minhas coxas.

A Flecha de Orion. O poço se desenrola em linha reta cerca de dez metros, no que parece ser escuridão. Eu pisco e os vaga-lumes vermelhos cintilantes aparecem.

Tochas.

Saída!

Vozes.

Saída!

— Rapazes! Conseguimos. Venham ver!

Merida aparece com um sorriso hesitante no rosto. Eu rio, alívio vibrando por mim. *Nós vamos conseguir.*

O alívio que sinto é indescritível.

Rhydian é o próximo, e ele também abre um sorriso. — Oh, graças aos deuses. Merida, olhe! Estamos a salvo. Você vê...?



O sorriso de Rhydian morre.

Riser irrompe atrás de Rhydian. — Vai! — Riser está gritando. —
Vai! Vai! Corram!

E então eu também ouço.

As paredes estão se fechando.



CAPITULO 54



Andei cerca de meio metro quando percebi nosso erro. Olhando para a frente, seremos esmagados.

Paro para me achatar de lado, paralela à parede. Merida bate no meu ombro com força suficiente para fazer minha cabeça bater na parede.

Quando meus olhos se abrem, meu mundo de repente fica escuro e cinza; minha lente de contato saiu.

Leva um momento para meus olhos se ajustarem novamente. Assim que o fizerem, haverá luz suficiente para distinguir os grânulos da pedra pressionada em meu rosto, o que significa que a Queda da Sombra está quase acabando. A pedra está molhada, musgosa.

Lentamente, para não arranhar minha carne, viro minha cabeça para trás para verificar os outros.

Algo dentro de mim esfria. É pior do que imaginei. Merida está presa entre as paredes, olhando para a frente, um braço preso acima de sua cabeça, o outro preso ao seu lado. A forma como seu corpo está compactado e o ângulo de seu braço sugerem ossos esmagados. Seus olhos se arregalaram, sem piscar. O ar assobia de seus pulmões comprimidos.

— Merida está presa. — Grito sobre a cabeça de Merida. — Vocês podem se mexer?

— Está apertado, mas podemos nos mover. — Diz a voz de Riser.

Ok, eles ainda podem se mover. Bom. — Riser, preciso que você coloque pressão nas costas de Merida. Vou contar até três.

Com meu braço esquerdo, pego um punhado do suéter de Merida. — Um! Dois! Três!

Meu ombro grita enquanto puxo inutilmente, meu braço ameaçando saltar da órbita novamente. Merida solta gemidos minúsculos e lamentáveis de dor.

Grunhidos escapam de meus pulmões enquanto eu empurro com mais força, balançando para trás. Ela tem que se mover. Estamos tão perto. Eu prometi.

Ela choraminga e eu caio para trás, sua blusa carbonizada escorregando dos meus dedos. Ouço Riser ainda empurrando. Recusando-se a desistir.

Finalmente, seus grunhidos param e qualquer esperança que eu tinha se dissipou.

O olhar selvagem e delirante desapareceu dos olhos de Merida. Agora eles estão focados em mim. Tenho que me obrigar a olhar para ela, porque quero desviar o olhar, esconder a verdade sobre sua situação.

Mas isso seria cruel. — Sinto muito, Merida. — Minha voz falha. — Eu não sei mais o que fazer.

Seus lábios rachados e enegrecidos se abrem. — Diga a Rhydian... Eu sinto muito.

— Você diz a ele.

Mas nós dois sabemos que isso não vai acontecer. Gemendo, Merida olha para baixo. Eu entendo imediatamente. A pílula.



— Não. — Mas meu olhar permanece no bolso de Merida, onde a pílula se esconde enquanto uma vozinha sussurra, *precisamos que as paredes se abram, e por isso um de nós tem que morrer.*

Uma lágrima corta um caminho brilhante por sua bochecha boa. Ela se esforça para formar um sorriso.

— Como dormir.

Minha escolha é cruel, mas simples. Mate Merida e salve os outros, ou deixe-os morrer.

Eu quero recusar. Para insistir que continuemos tentando. Merida é minha amiga, minha doce, gentil e altruísta amiga. Como posso executá-la?

Vasculho meu cérebro por outra maneira, mas não há tempo. Talvez se a Queda da Sombra não estivesse quase acabando, ou se não estivéssemos a uma morte de ser esmagados.

— Não posso, Merida. — Sussurro.

Mas, mesmo enquanto digo essas palavras, sei que vou fazer isso, vou matar a única amiga verdadeira que já tive, e o alívio que sinto me faz mal do estômago.

Eu me dou ordens simples para passar. *Pegue a pílula, Everly. Coloque na boca dela, Everly. Não chore, Everly. Salve os outros, Everly.*

Mate sua amiga, Everly.

Encontro a caixa e consigo tirar o comprimido envenenado e colocá-lo na boca aberta de Merida. Atrás dela, o som abafado de Rhydian e Riser discutindo fica mais alto.

— Merida! — Rhydian grita. — O que está acontecendo? Merida? Merida? — Sua voz falha com desespero. — Merida, pelo amor do imperador, fale comigo!

Lágrimas escorrem de seu queixo enquanto ela o ignora.



— Eu fui corajosa, não fui, Everly?

— Sim.

Ela engole a pílula e sorri. — Conte-me... uma... história.

Minha garganta dói com lágrimas não derramadas. Penso em todas as vezes que segurei Max e contei histórias em que ele não conseguia dormir.

É assim mesmo, digo a mim mesma. Você está ajudando-a a descansar.

— Você já ouviu a história de Ifigênia? — Limpo a agonia da minha voz enquanto tento me lembrar da minha história favorita. — Ifigênia era a filha amada de Agamenon, o Rei de Argos. Isso foi durante a Guerra de Tróia, e toda a frota marítima grega ficou presa no oceano sem nenhum vento. Para mover seus navios, Artemis exigiu que Agamenon sacrificasse Ifigênia. Embora tenha partido seu coração, Agamenon chamou Ifigênia para casa sob o pretexto de se casar com Aquiles, você sabe quem ele é?

A respiração de Merida desacelerou, mas suas pálpebras tremem e eu finjo que é um sim.

— Claro, ela estava muito feliz por se casar com Aquiles, conhecido por sua coragem e boa aparência, então quando ela chegou ao altar e descobriu a traição de seu pai, ela ficou arrasada. — Engulo um soluço. — Mas em vez de... de implorar por sua vida, ela fez algo muito, muito corajoso, assim como você.

Os olhos de Merida estão girando erraticamente.

— Veja, ela se sacrificou para ajudar seu povo e, quando Artemis viu seu altruísmo e coragem, poupou sua vida e permitiu que ela fosse livre.

O som de Rhydian gritando o nome de Merida desaparece sob o barulho das engrenagens girando dentro das paredes. Os olhos de Merida estão entreabertos, descansando logo atrás de mim.

Acho que à sua maneira ela também está livre.



As paredes se abrem, liberando meu torso o suficiente para que eu possa virar. Riser pega o corpo sem vida de Merida antes que ela caia no chão, e deslizo um braço sob seus joelhos, caminhando para trás em direção à saída.

Carregamos minha amiga morta ao som de vivas.

O sol aparece e aquece minha bochecha. Por cima do meu ombro, vejo Caspian, seus olhos ilegíveis enquanto rastreiam meus muitos ferimentos antes de pousar em Merida. Finalistas e mentores gritam e batem os pés e gritam nossos nomes de baixo do pavilhão enquanto o Imperador nos lança um olhar entediado.

É quando vejo as telas de fenda. Eles devem ter nos visto lutando por nossas vidas.

Levamos Merida além da vanguarda de Centuriões e Escolhidos, além dos outros finalistas sortudos. Há um bom lugar na grama onde a deitamos.

Riser fecha suavemente as pálpebras enquanto arrumo seu macacão rasgado o melhor que posso.

Eu me pergunto se, como eu, Riser se ocupa parcialmente com Merida para que ele possa ganhar controle de sua raiva. Uma olhada em seu queixo tenso, a raiva ardendo sob seu olhar plano, e eu sei que estou certa.

Talvez ele também tenha visto as telas de fenda e foi demais. A ideia deles nos vendo sofrer e morrer horivelmente, dando tapinhas nos ombros uns dos outros com as mãos gordurosas da rica mesa de comida estendida à sua frente.

Eles aplaudiram quando dei o veneno à Merida? Quando matei a única pessoa que cheguei perto de chamar de amiga?

Uma sombra cai sobre mim. Caspian. Seus lábios formam um sorriso vazio enquanto ele estende uma grossa grinalda de rosas pretas e brancas, as cores de sua casa.



Alguns dos outros finalistas sobreviventes usam as cores de seu mentor em volta do pescoço, então presumo que também devo fazer isso.

Eu me afasto. Não estou com humor para flores ou sorrisos vazios ou príncipes que devo amar.

Rhydian se junta a nós. Seus braços estão pendurados ao lado do corpo, suas bochechas brilhando de lágrimas. Ele não está chorando agora. Como nós, suas emoções se tornaram outra coisa.

Algo perigoso.

Eu me aproximo para que ele possa se ajoelhar, e ele começa a pentear o que resta do cabelo dela com os dedos.

Rhydian acabou de limpar a sujeira de sua bochecha quando eles vêm atrás de nós. Minha mãe lidera, flanqueada por Delphine. A testa franzida de Caspian me diz que não é simplesmente uma visita amigável e de parabéns. Que provavelmente devo jogar bem.

Infelizmente, sou incapaz disso agora.

Parando a alguns metros de nós, minha mãe ignora Merida enquanto estamos de pé, quebrando flagrantemente o protocolo ao não nos curvamos.

— Sua devoção é notável. — Afirmo minha mãe, ignorando nossa desobediência. — Nunca se pode falar sobre essas coisas. Acabei de assistir irmãos e amigos matando uns aos outros para viver sem pensar duas vezes. Mas não vocês três.

Eu me esforço para determinar o que ela está jogando. Com o canto do olho, percebo a expressão de Riser, uma mistura potente de desprezo e desrespeito. Espero, pelo bem dele, que ele não confunda a atitude calma e imparcial de minha mãe com fraqueza.



O desprezo de Riser fica cada vez mais óbvio quando ela concentra sua atenção nele, ordenando-lhe que se vire para que ela possa examinar suas costas.

Ele hesita, mais do que deveria, antes de obedecer.

Seus lábios se contraem com sua insolência.

Lentamente, os olhos penetrantes de minha mãe traçam as linhas mapeando suas costas.

— Inteligente, Dama March. — Diz ela sem olhar para cima.

— Sorte idiota. — Insisto.

— Hmm. — Seu olhar de aço olha em minha direção. — Estou começando a achar que você é a garota mais sortuda do mundo.

Voltando-se para Rhyddian, ela diz: — Senhor Pope, minhas condolências pela perda de Dama Pope. Ela foi muito corajosa e muito altruísta, e certamente agora a sombra da vergonha caiu da Casa Pope de uma vez por todas. — Mais uma vez ela olha para mim. — É uma pena, na verdade, que eu não seja Ártemis para conceder a ela um adiamento de tal destino.

Assim como você me deixou entregue ao meu destino, mãe? Engulo as palavras que quero lançar como adagas, sorrindo friamente quando quero uivar de raiva.

Você vê o que eu sou? O que você me fez?

A primeira dica de que algo mais está acontecendo vem de Delphine. Ela se agita, uma expressão alegre, quase tonta, contorcendo seu rosto.

Não demora muito para descobrir o porquê. Dois centuriões chegam e me prendem, no caso, suponho, de planejar uma luta, o que ainda está indeciso.



Minha mãe acena para Delphine, que mostra um pequeno instrumento parecido com uma lanterna de prata. Eu pisco enquanto o feixe passa pelos meus olhos.

— Mantenha os olhos dela abertos. — Delphine rosna.

Instintivamente recuo contra os dedos grossos e brutos dos Centuriões.

Delphine solta um bufo desapontado.

— Nada, condessa Bloodwood. — Diz minha mãe. É impossível determinar se ela está satisfeita ou desapontada. Através de uma névoa de pontos vermelhos estrelados, vejo minha mãe sorrir. — Mais uma vez, Dama March, os deuses a favorecem.

Assim que minha mãe vai embora, Delphine se vira para mim.

— Não há como um verme como você sobreviver às provações sem trapacear.

— Prove! — Cuspo de volta.

Seus olhos claros ficam frios. — Um dia desses você vai perder a cabeça dos ombros e cair em uma lança. — Antes que eu possa reagir, uma das botas requintadas de Delphine com ponta de aço recua e traz sua força total para o torso de Merida. — O mesmo vale para qualquer verme estúpido o suficiente para fazer amizade com você.

— Delphine. — Caspian diz cuidadosamente, seus dedos pressionando em seu braço. — Você deve tomar cuidado para não parecer rude, já que eu odiaria que alguém pensasse mal de minha noiva.

Empurrando as pontas das botas, ela acaricia sua orelha. — E você deve tomar cuidado, meu amado, para lembrar que eles são pequenos vermes para serem pisoteados sob minhas botas se isso me agradar. — Seus olhos cortaram para mim. — E agora me agrada.



Antes que eu saiba o que estou fazendo, meus dedos estão enrolados em torno da aigrette rabo de raposa e a deslizando do meu cabelo.

Entre o quinto e o sexto intercostal...

Mas, pela primeira vez em sua vida, o Garoto do Fosso não está com humor assassino, e seus dedos roçam levemente a minha nuca, sacudindo-me da minha fantasia selvagem de vingança.

Paciência, eles parecem dizer. Teremos nosso dia.

Caspian estreita os olhos e olha para a mão de Riser, os lábios contraídos em uma carranca.

— Mas então, minha querida, você lembraria à baronesa Graystone por que ela a banuiu do conselho... duas vezes agora, não é? — Virando a cabeça, ele pressiona os lábios levemente na bochecha de Delphine. — Posso achar sua impetuosidade encantadora, mas nem todos compartilham do meu gosto.

Há uma pausa tensa enquanto esperamos para ver o que vai acontecer. — Tanto faz. — Delphine finalmente diz. — Está quente e estou com sede. — Ela gesticula para os Centuriões esperando no fundo. — Peguem este verme em decomposição e joguem-no na parede com os outros vermes antes que comece a feder.

Isso é duas vezes agora, eu penso, Caspian de alguma forma a refreou com palavras inteligentes. Mas o que acontecerá quando chegar o dia em que ele não puder mais controlá-la? Que tipo de loucura ela vai causar?

Caspian levanta a mão e os centuriões param, confusão em seus olhos.

— Deem aos finalistas cinco minutos para lamentar seus mortos, então vocês podem levá-la.

— Obrigada, meu Soberano. — Mantenho minhas palavras impessoais para que não despertem outro demônio dentro de Delphine, mas felizmente ela sai andando sem olhar para trás.



Antes de Caspian sair, ele se ajoelha e coloca a coroa de flores no peito de Merida. Seu olhar me encontra.

— Lamento que ela tenha morrido, Everly. Verdadeiramente.

Riser é o primeiro a dizer adeus. Olhando para Merida com seu típico olhar enigmático, ele acena para ela, de alguma forma falando em seu silêncio mais do que eu pareço dizer com minha voz.

Rhydian é o próximo. Hesitante, ele se ajoelha sobre ela por um momento, aparentemente perdido, e então seus lábios formam as palavras.

— Eu te perdoo. — Sua testa descansando contra a dela por um breve segundo.

Há um murmúrio e me viro surpresa ao ver os outros finalistas caminhando em nossa direção. Alguns queimados, outros ensanguentados e machucados, seus rostos assombrados pelos horrores que minha mãe construiu.

Um por um, cada finalista se ajoelha e dá um beijo na testa de Merida. É feito sem cerimônia ou discurso, um ato aparentemente impulsivo e inofensivo.

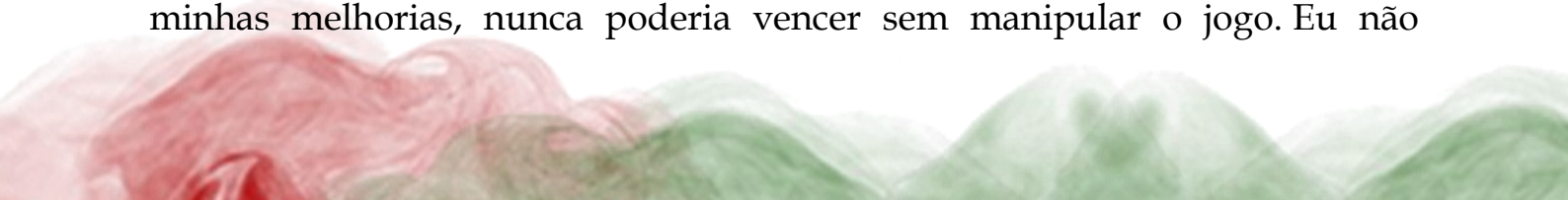
Mas todos nós sabemos o contrário.

Eu sou a última. Por mais que tente, não consigo pensar no que dizer.

Esta não é Merida; eu sei disso. A verdadeira, minha amiga, morreu no labirinto, a segundos da segurança. E não é justo. Ela não teve a chance que eu tive, sendo transformada em alguém mais forte, mais inteligente, mais corajosa. Ela ficou apavorada desde o início, mas ainda encontrou uma maneira de superar.

Tudo o que fiz foi trapacear.

Talvez Delphine esteja certa. Alguém como eu, mesmo com todas as minhas melhorias, nunca poderia vencer sem manipular o jogo. Eu não



consegui nem salvar minha amiga, então como diabos eu vou chegar ao fim deste inferno e encontrar o Mercurian?

Eu falhei com Merida, falhei com Max e vou falhar com meu pai.

— Eu deveria ter salvado você. — Digo. Eu me inclino e beijo o lado não queimado de sua testa, meus lábios dançando sobre a carne fria e manchada. — Mas eu prometo que vou consertar isso de alguma forma.

Quando eu olho e vejo o Imperador me observando, um cálice de joias na mão e um sorriso exultante no rosto, sei que desta vez vou manter essa promessa, ou morrer tentando.



CAPITULO 55



Chegamos aos nossos apartamentos um pouco antes do pôr do sol. Flame, que assistiu ao primeiro julgamento com os outros atendentes e servos em uma tela rachada no grande salão, me ajuda a tirar minhas roupas lamacentas e carbonizadas.

Cansada demais para um banho, sento na cama em estilo indiano, aninhando Bramble, balançando a cabeça, sem dormir, mas não realmente acordada enquanto Flame limpa a sujeira e o sangue das últimas quatro horas do meu corpo dolorido.

Eu cheiro a fogo. Eu cheiro a morte. Eu quero morrer. Ou dormir. Quero arrancar da minha pele, limpar a sujeira da minha alma e parar de ver Merida presa e quebrada.

Tremo, o frio emana de alguma parte profunda e inalcançável de mim, e deixo minha mente ir...

Flame está me cutucando. Demora algumas vezes para que sua frase seja concluída.

— Nicolai tem algo para você.

Ela está estendendo a mão.

O Interceptor se encaixa perfeitamente na minha palma. Com a forma de um botão, este minúsculo dispositivo é a versão portátil, mais fácil de esconder.

O empurro e vejo o holograma azulado se solidificar em uma forma quadridimensional acima dele. O adolescente pisca para mim, dá um sorriso estranho, seus grandes olhos azuis enrugando. Seu cabelo louro-morango na altura dos ombros está penteado para trás no tradicional estilo monarquista.

— Hum...? — Ele ri nervosamente e olha para alguém que não consigo ver. — Devo apenas dizer alguma coisa? — Ele acena com a cabeça para a pessoa invisível e olha para mim, sua voz falhando com a pubescência. — Ok, uh, aqui vai. — E eu sei, eu simplesmente sei. — Dizem que você é minha irmã, Maia?

O único som que posso ouvir, enquanto seus lábios formam o que deve ser mais palavras, é minha respiração sufocada. O sangue corre dentro do meu crânio. Como água. Como água furiosa.

Como se afogar.

Como posso falar com Max quando a garota que ele pensa que sou está morta? Quando acabei de matar minha amiga e logo terei que matar o Imperador?

Se meu irmão souber o que sou agora, ele vai me odiar e não posso perdê-lo novamente.

Através da minha visão constritiva, vejo minha mão se estender. Vejo o holograma se dividir em mil pixels minúsculos conforme o Interceptor se choca contra a parede.

Escuridão. Estou no corredor de joelhos. Não estou mais no labirinto, não estou mais nos túneis do Posso, mas as paredes estão me esmagando da mesma forma.

Se eu pudesse chorar, gritar, se eu pudesse ver as paredes e sangrar meus punhos contra elas, talvez eu pudesse me livrar dessa sensação de estar presa e morrendo. Um tipo diferente de desespero.



Do tipo que você não pode reconstruir. Do tipo do qual você não pode se esconder.

Me enrolo de lado e fico olhando para as rosas pretas na passadeira. Meus olhos doem para derramar lágrimas, mas Dama March se recusa.

Ocorre que não sei mais quem sou. Que sou uma criatura mutante e sem rosto, um aglomerado emaranhado de emoções, pensamentos e ações programados, reunidos por manipuladores como minha mãe e Nicolai para servir a seus propósitos.

No mínimo, Max precisa ser protegido de mim, essa criatura deles.

Bip nervoso, enquanto Bramble se aproxima hesitantemente. Ele está tremendo.

Ele não me reconhece mais.

— Cai fora! — Grito, chutando ele. — Vá, máquina estúpida! Ela se foi!
— Cobrindo minha boca com o braço, eu lamento, observando através de lágrimas borradas e não derramadas enquanto Bramble sai correndo.

Só quando paro, sinto o gosto do sangue e percebo que mordi minha carne.

Depois de um tempo, noto Flame me observando da porta.

— Entre, princesa.

Volto para o apartamento e me sento na cama.

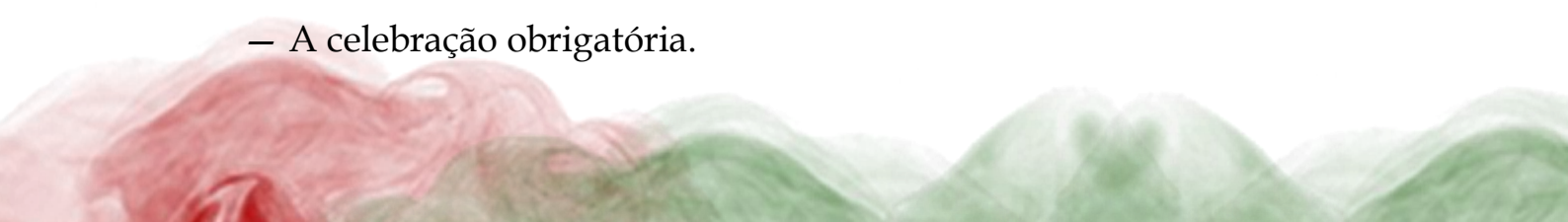
Ela segura o Interceptor. — Quer tentar de novo?

Balanço minha cabeça.

— Bom. — Flame diz isso como se eu tivesse passado em algum teste. Ela abre o guarda-roupa. — Vamos vestir você.

— Para quê?

— A celebração obrigatória.



Meu queixo se projeta. — Eu não vou.

— Sim, você vai, princesa. — Ela se senta na beira da cama e me olha com severidade. — Você vai se levantar, se vestir e parar de sentir pena de si mesma.

Bufo. — E por que diabos Fieniano eu faria isso?

— Porque o imperador decidiu se juntar à corte para a celebração esta noite, e nós vamos matá-lo.



CAPITULO 56



As estrelas estão aparecendo, a lua é um grande e lindo disco de marfim que esculpe o céu da meia-noite. Um vento leve passa pelo pórtico no qual me encosto. Envolver a capa que Caspian me deu mais apertada em volta do meu corpo, estremecendo contra o frio pesado e dolorido que me aperta.

O vestido que uso, para combinar com os foliões, oferece pouca proteção contra o frio. A gloriosa cor vermelha do pôr do sol parece quase preta sob as estrelas, o broche de Brinley brilhando contra ela. De acordo com Rhyddian, era o vestido que Merida planejava usar no Banquete Final, se ela chegasse ao fim.

Vermelho, a cor da revolta. Era sua própria forma gentil de rebelião.

Digo a mim mesma que ela teria concordado com o que estamos fazendo agora. Mas em algum lugar lá no fundo, sei que é apenas mais uma mentira como todas as outras.

Meu olhar perscruta as sombras. Riser está lá fora em algum lugar explorando o terreno enquanto Cage reúne finalistas que ele me garante que simpatizam com a causa.

E Flame, bem, Flame e suas duas mochilas pretas volumosas estão fazendo algo bastante Fieniano.

As bombas que ela vai colocar na fonte, para explodir durante a celebração, serão pequenas, com o objetivo de distrair a multidão apenas o

tempo suficiente para um de nós chegar ao Imperador. Ela me garantiu que ninguém mais se machucaria.

De alguma forma, não acredito nela, mas não tenho muita escolha.

Eu deveria estar me concentrando em como serei a única a matar o Imperador, mas minha mente continua recuperando inutilmente as imagens dos nano-retalhadores. Certamente Flame não usaria isso esta noite?

Não quando há pessoas inocentes que podem ser feridas?

Concentre-se no plano. O Imperador estará cercado pela Guarda Real. Como você vai chegar até ele? E, o que é mais importante, depois de matá-lo, como usará o desvio para encontrar o Mercurian?

Vozes interrompem meus pensamentos ansiosos. Curvo minha cabeça para ouvir, mas são apenas os finalistas falando alto em uma das janelas do apartamento acima de nós enquanto se preparam para a celebração da meia-noite.

Me mexo com impaciência e me forço a sentar nos degraus. Onde estão os outros? E Brogue, ele está disposto a isso? O cheiro pungente e doce de amêndoa do quartel dos Centuriões onde ele fica ainda se agarra às minhas roupas.

Depois de me vestir, fui mandada buscá-lo. Eu o encontrei prostrado no chão em uma poça de vômito de alcatrão e coisa pior. Mesmo depois que eu dei um tapa em sua bochecha, a cerda de sua barba encharcada de vômito, seus olhos eram pouco mais do que fendas.

Não me lembro de ter sentido nenhuma emoção, mas de repente eu tinha sua cabeça inerte embalada em meu colo, enxugando seu rosto.

Gemendo, seus olhos de pupila piscaram e se abriram para mim.



Minha reação automática foi esmurrar seu peito, gritando: — Rato estúpido! — Repetidamente até que ele rolou, fez uma série de discursos ininteligíveis e cortou coágulos sangrentos de bile com cheiro azedo.

Eu sabia que ele ficaria bem quando começasse a falar palavras reais.

— Me perdoe. — Ele murmurou, fios pegajosos de saliva dançando em seus lábios.

— Está em debate. — Disse, movendo-me para ajudá-lo a se levantar.

Mas eu sabia que ele estava em outro lugar quando disse: — Eu não queria. Pelos deuses, eu... procurei outra maneira.

— Ok, Merc. — Disse, lutando para puxá-lo para ficar de pé. Meus esforços foram frustrados quando ele caiu de joelhos e se inclinou, ofegante, seu pescoço tenso de um vermelho tomate brilhante.

Feito, ele esticou, arrotou e bateu com os polegares nos olhos.

— Foi Lil... Lillian. — Ele disse, cambaleando. — Ela disse... único caminho...

Congelei, pensando que eu tinha ouvido ele dizer o nome de minha mãe, até que ele disse: — Oh Deus, Lillian, o que nós fizemos?

Arquivando isso para depois, me ocupei com o plano. Demorou mais trinta minutos para ele ficar sóbrio o suficiente para que eu pudesse discutir isso com ele. Sua tarefa era invadir o arsenal e obter armas. Flame tinha uma longa lista em um pedaço de papel que pegou.

Para um homem que acabou de aprender de um plano tão audacioso poucos minutos depois de ser arrancado do chão, ele parecia relativamente calmo.

Ele se limpou o melhor que pôde, calçou as botas e deu uma piscadela desleixada na minha direção.



— Vou pegar suas armas, garota, mas suspeito que todas as armas do mundo não vão nos ajudar agora.

Em suma, não foi muito convincente.

Agora, ainda estou preocupada com nosso plano e pensando em Brogue quando Riser aparece. Saindo das sombras, seus olhos pousam em mim, absorvendo-me por um momento.

Eu não posso me ajudar, mas faço o mesmo. Flame o vestiu para a cerimônia com um gibão de couro claro com fitas azuis meia-noite. Seu cabelo azul escuro está cuidadosamente puxado para trás por outra fita combinando, mas uma única mecha escapou, a luz das estrelas nadando ao longo de seu comprimento.

Ele usa uma espada longa e um sorriso penetrante.

Algo dentro de mim se agita, uma dor que enche meus ossos.

Inspirando profundamente, ele se acomoda ao meu lado. — Centuriões patrulham a fonte a cada quarenta minutos.

Silêncio constrangedor. Eu sei que se eu olhar para ele agora, com sua respiração fazendo cócegas em meu rosto, sua coxa aquecendo a minha, não serei capaz de controlar meus sentimentos, e o pensamento me paralisa.

Dois dedos engancham meu queixo, guiando meus olhos para os dele.

— O que? — Sussurro, com tato como sempre.

Ele sorri de novo, suavemente, revelando o dente lascado que notei que parece ter sido anos atrás.

— Por que você não olha para mim?

Pisco sob seu olhar inabalável. Como posso explicar como me sinto? Que quanto mais me apaixono por ele, mais vulnerável me torno?

— Diga-me que isso é real, Riser, porque eu não aguento mais uma mentira.



Ele faz uma pausa por um momento, como se estivesse lutando para colocar seus pensamentos em palavras.

— Eu também não sou bom nisso. No Fosso, você pode estar... atraído por alguém, mas você não se importava com essa pessoa e não se preocupava se ela também se importava com você; você simplesmente pegava o que queria.

Bufo. — Romântico.

— O que estou tentando dizer é... — Ele limpa a garganta. — Não é racional, mas eu me importo com você. — A ponta de seu polegar esculpe a cavidade de minha clavícula. — E se você se sente da mesma maneira, então é real.

— Mas...

Seus lábios separam os meus. O beijo é rápido, com fome. A maneira como você beija alguém quando pensa que nunca mais vai ver. As pontas dos dedos quentes empurram a base do meu pescoço, pressionam-me profundamente nele, suas mãos explorando lentamente um caminho pela pele exposta das minhas costas.

— Você não pode dizer que isso não é real. — Murmura Riser, seu hálito quente em meus lábios.

Me afasto, sem fôlego, meu lábio inferior sensível e formigando. Pelas minhas memórias reconstruídas, lembro-me da maneira como os outros meninos beijaram Dama March. Beijos suaves, doces e hesitantes.

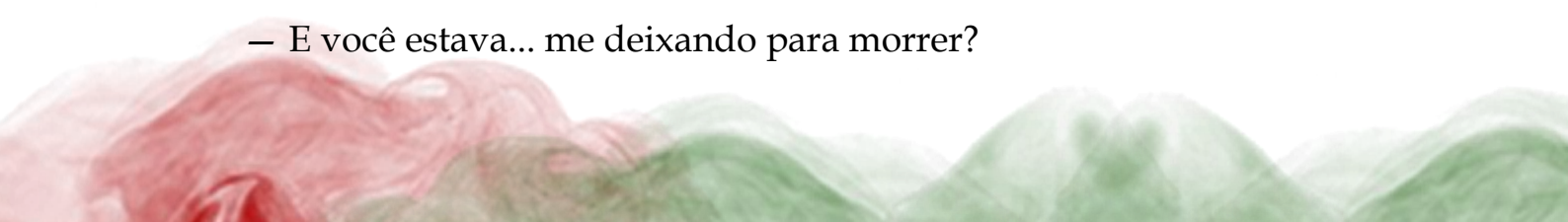
Os afetos de Riser não são nada parecidos.

Olhando para o rosto de Riser, as emoções ardendo em seus olhos, ainda há uma parte de mim que tem medo dele, o garoto assassino do fosso.

— Preciso saber se foi você quem me amarrou no Fosso.

Ele hesita. — Sim.

— E você estava... me deixando para morrer?



Lampejos de dor passam por seus olhos. — Lembra como você escapou?

— Sim, claro. Eu escapei de minhas amarras.

— Everly, você realmente acha que eu não sei como dar um nó seguro?

A realização me faz engasgar. — Você me ajudou a escapar? Mas e quanto a Estripadora? Certamente ela teria percebido. — Paro enquanto ele distraidamente passa o dedo sobre o osso da sobrancelha acima de seu novo olho verde. — Estripadora pegou seu olho... por minha causa?

Ele sorri. — E valeu a pena.

— Por quê? Por que me ajudar?

Pela primeira vez desde que nos sentamos, ele desvia o olhar de mim.

— Eu tinha sete anos quando nos jogaram na cova. Minha mãe não pertencia ali, ela era muito inteligente, muito boa. — Ele passa a mão pelo cabelo. — Eles atacaram enquanto nós dormíamos, e eu... — Sua voz falha. — Eu fugi enquanto ela lutava contra eles. Acho que ajudando você, pensei que poderia de alguma forma compensar por abandoná-la para morrer.

O horror aperta meu estômago. — Riser, eu sinto...

— Não. — Dois dedos pressionam contra meus lábios, interrompendo meu pedido de desculpas. — Você estava certa em ser cautelosa comigo. No Fosso, algo sombrio aconteceu comigo que mil Reconstructores não puderam apagar. — As costas de seus dedos roçam minha bochecha. — Mas eu quis dizer isso quando disse que nunca iria machucar você. Você é a única coisa que me faz querer ser melhor.

Tremo quando seus olhos fixam nos meus: uma luz, uma escuridão, um espelho de sua alma em conflito.

— É por isso que você deve ter cuidado esta noite, porque eu não posso, não vou te perder como eu fiz com ela.



— Ok. — Atordoadada, eu aceno, os lábios ainda queimando do nosso beijo, a cabeça nadando com perguntas que Dama March não ousará me deixar ignorar. O que os Fienianos poderiam estar tramando? Quem chegará primeiro ao imperador? Como vou encontrar o Mercurian?

E a pergunta mais dolorosa de todas: Riser poderia estar fazendo tudo isso apenas para me pegar desprevenida para que ele seja o único a matar o imperador? Riser iria tão longe? Ou suas emoções são reais?

Isto é real?



CAPITULO 57



Fico parada e olho para as sombras, trabalhando para selecionar minhas emoções para que eu possa entender o que estou sentindo.

— Brogue não apareceu.

Riser se levanta. — Ele vai.

Engulo e forço Riser, suas palavras e nosso beijo da minha mente.

Eu preciso me concentrar. Eu preciso... não, eu tenho que descobrir onde o Mercurian está localizado e de alguma forma conseguir operá-lo. Gostaria de não ter que encontrá-lo sozinha, mas Everly March se recusa a confiar em alguém, até mesmo em Riser.

Especialmente Riser.

Os outros chegam, e uma contagem rápida verifica Rhydian, Laurel, Blaise, Cage e Flame.

Apenas Teagan e Brogue estão faltando. Eu franzo a testa, preocupada, mas as coisas estão indo rápido demais para pensar em sua ausência.

Cortamos a grama, contornando um amplo caminho ao redor dos jardins até a parte de trás do lago. O som de grilos e sapos ecoa na floresta sombria atrás de nós. A sujeira escapa de nossos pés e cai pelo barranco, caindo na água.

As estrelas refletidas na superfície do lago tremem, fadas furiosas perturbadas de seu descanso.

Meu coração está acelerado. É uma sensação boa, como se cada batida frenética do meu coração estivesse liberando o veneno dos últimos dias.

Nós paramos. O palácio ergue-se do outro lado da fonte. Uma luz quente entra pelas janelas, e música e vozes fluem pela água. As sacadas estão cheias de casais Escolhidos dançando e rindo, suas vozes bêbadas e livres.

Em breve, a celebração passará para fora da fonte enquanto aguardam a exibição dos vencedores. As bombas devem estar no lugar até lá e podemos desaparecer na multidão.

Minha boca fica seca enquanto imagino o que vai acontecer. Como terei que encontrar uma maneira de me aproximar do Imperador.

E depois... e depois...

Meus dedos deslizam ao redor do cabo frio da adaga embainhada dentro do meu corpete.

Sem dúvidas, Everly. Esta é sua única chance de colocar Max em segurança.

Mas parte de mim hesita. Isso parece errado. O bombardeio. O secretismo. E o que acontecerá com o Mercurian se falharmos?

Meu pai morreu por aquela arma potencialmente salva-vidas. Eu tenho que encontrar. Eu tenho que encontrar.

— Tudo bem, princesa. — Flame diz, vindo ao meu lado. — Estamos prontos. Agora, onde está o Merc?

Um galho se quebra na floresta e nos viramos para ver uma forma larga vindo em nossa direção. Brogue recuperou seu andar rápido e furtivo, sem qualquer evidência de seu estado anterior.

— Senti sua falta também, pequena atrevida. — Ele fala arrastado.

Flame olha para a mochila gigante amarrada em suas costas. — Algum problema para obtê-las?



Ele ri. — Depende de como você define a palavra. Mas eles não vão sentir falta delas por um tempo, se essa for a sua essência.

Meus olhos se fixam na mochila que o pesa. Por que precisaríamos de tantas armas? Brogue se vira para mim como se fosse dizer algo, então ele congela.

Sua mão vai para o revólver enfiado no cinto no momento em que ouço: um relincho assustado, seguido de relinchos enfurecidos e galhos quebrando.

Meus olhos procuram Riser quando um sentimento de afundamento toma conta de mim, mas ele não está em lugar nenhum.

Eu sei que a besta é Poseidon no instante em que ele emerge das árvores, nervoso e bufando, seus músculos tremendo sob a carne tremeluzente da lua. Caspian está sentado em cima dele, com as mãos erguidas no ar, o rosto sombrio com a raiva justa de um príncipe não acostumado a ser detido.

Um segundo depois, Riser o segue, a espada que ele segura brilhando suavemente. A bainha vazia de Caspian está pendurada em seu cinto.

— Ele estava nos seguindo. — Afirma Riser, esquivando-se facilmente de um chute errante de Poseidon.

— Bem. — Caspian corrige, olhando para mim. — Para ser claro, eu estava seguindo-a.

Os outros trocam olhares. Esta é obviamente uma reviravolta infeliz no plano. A única que não ficou chateada com a virada dos eventos é Flame.

Na verdade, o sorriso de lobo que ela usa me faz pensar na hiena do labirinto logo antes de atacar.

— Boa noite, Príncipe. — Flame ronrona, pegando as rédeas de Poseidon enquanto Riser se move para a frente, sua espada ainda apontada para Caspian.

Riser cutuca o ar com a lâmina. — Desmonte.



Ignorando Riser, Caspian lança seu olhar arrogante sobre mim.

— Não, acho que não vou.

Vindo por trás de Caspian, Flame corta um pedaço das rédeas de Poseidon e, com a ajuda de Riser, força seus braços para trás, amarrando seus pulsos.

— Faça, pequeno príncipe. — Flame comanda.

Caspian, que não parece divertido com o tom dela, estreita os olhos para mim.

— Esta é quem você é, Dama March? Uma terrorista Fieniana?

— Desmonte. — Digo, sem emoção, mas meu coração está gritando.

— Você sabe o que eles farão comigo.

Pisco para afastar as lágrimas quentes. Caspian, o garoto que me desenhou. O menino que não se importava que eu fosse diferente, que fosse feia.

Eu sei o que temos que fazer porque não há outra maneira. Ele viu nossos rostos. Se o deixarmos ir, todos morreremos. E não posso decepcionar Max. De novo não.

Nem mesmo para alguém cujo DNA diz que devo amá-lo.

Suspirando, ele passa uma longa perna por cima da sela, suas botas esmagando a grama. Seus ombros incham enquanto ele se esforça contra suas amarras, mas Flame sabe das coisas, e elas se recusam a ceder.

Poseidon, sentindo a aflição de seu mestre, balança descontroladamente sua enorme cabeça enquanto suas pernas traseiras abrem buracos no ar. Os outros se espalham, mas Flame de alguma forma consegue segurar suas rédeas.

Enquanto ela trabalha para colocar Poseidon sob controle, Rhydian procura Caspian.



A certa altura, Caspian diz: — Sinto muito por sua irmã, Merida.

Rhydian ignora Caspian. Depois que Rhydian termina de olhar, ele se inclina e cospe aos pés de Caspian.

Eu quero dizer algo, para confortar Caspian, mas provavelmente é melhor não falarmos nada. Não há muito que eu possa dizer agora sobre conforto, de qualquer maneira, e a essa altura ele provavelmente me odeia.

Eu suspiro quando estática de repente zumba dentro do meu crânio. Palavras flutuam para dentro e para fora, longe demais para ouvir no início.

Então fica mais claro. É fácil decifrar as vozes de Nicolai e Flame.

Ela vai continuar com isso? Nicolai pergunta.

Sim, responde Flame. *Acho que ela está pronta.*

Bom. Ele não deveria morrer até esta noite, mas agora está ainda melhor.

Isso pode quebrá-la. A voz de Flame está estranhamente hesitante.

Ela já está quebrada.

E é quando eu sei que eles estão falando sobre mim.

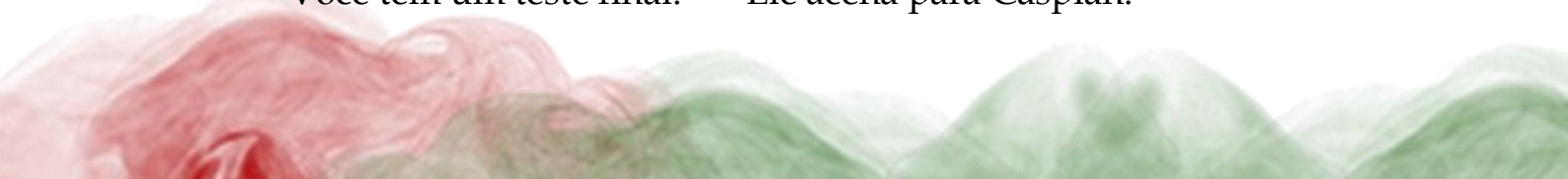
As vozes enfraquecem. Qualquer falha que me permitiu recolher a conversa foi resolvida.

Eu vejo Flame sussurrando com Cage, um pequeno nó se formando no meu estômago quando as coisas começam a se encaixar. O grande esconderijo de armas; os nano-retalhadores; a conversa que acabei de ouvir.

O que eles não estão nos dizendo?

Mas não há como impedir isso agora, seja o que for que eles tenham planejado. Não sem comprometer o futuro de Max e encontrar Mercurian. Então, respiro fundo e tento agir normalmente quando Cage se aproxima de mim.

— Você tem um teste final. — Ele acena para Caspian.



Riser me entrega a espada de Caspian. A mesma sensação de euforia que tenho toda vez que seguro uma lâmina se instala em meus ossos enquanto olho para o punho dourado ornamentado, meus dedos traçando a fênix incrustada de rubi no punho.

Brogue se inclina para mim; seus dedos grossos guiam minha mão ao redor do punho.

— Assim como nós praticamos.

O resto hesita por um momento e então se separa, Flame e Rhydian fugindo para os barcos enquanto os outros seguem Brogue. Riser corta seu olhar preocupado para mim antes de seguir os outros. Flame está assobiando uma melodia de Fieniano.

Maçãs de dândi, Maçãs de dândi, cheiram como rosas no outono.

Quando elas estão balançando e gritando,

Não são as vistas mais lindas de todas?

— Eu pensei que você fosse diferente. — Caspian diz, a luta deixando seus olhos. — Eu pensei...

— Você poderia ter salvado eles. — Minha voz parece robótica. — Brinley. Merida. Os outros.

Ele balança a cabeça. — E você acha que isso, seja o que for que você esteja fazendo, é o que Merida teria desejado?

— Não fale como se a conhecesse! — Mas suas palavras se contorcem sob minha pele enquanto lembro da minha promessa a ela sobre fazer as coisas certas. É isso que estou fazendo?

— É verdade. Eu não a conhecia bem, mas teria gostado. Nem todo mundo na corte pensa como meu pai. — A derrota brilha em seus olhos quando eles pousam em mim. — Apenas me prometa que não vai machucar meu cavalo.



Sua preocupação com Poseidon me corta até os ossos. — Eu prometo.

Eu me assusto quando Caspian cobre os poucos metros entre nós, minha mão suada apertando o punho da espada.

— Então o que você está esperando, Dama March?

Entre o quinto e o sexto intercostal.

Está programado em meu cérebro agora. Tudo o que tenho que fazer é pensar e a mensagem vai instantaneamente fechar os meus nervos, ativando os músculos certos que vão mergulhar a lâmina em seu coração.

Eu aponto a espada em seu peito, a ponta cortando seu gibão de couro. Meus dedos coçam.

Faça.

Eu não posso.

Você deve.

Não.

Algo dentro de mim estala e estou circulando em torno dele. Minha mão toca seu ombro, minha respiração se espalha e eu abaixo a espada.



CAPITULO 58



A tira de couro que amarra seus pulsos cai no chão e seus braços se soltam.

Caspian solta um suspiro trêmulo. — Por que você está me liberando?

— Oh, você quer dizer além do fato de que aparentemente sou a rainha das decisões estúpidas? — Sorrio tristemente. — Você está certo, Merida não iria querer isso.

— Você sabe que eu tenho que avisar a Guarda Real...

— Não, você não precisa. — Fecho a distância entre nós, até que estou perto o suficiente para sentir sua respiração no meu rosto. Meu coração bate forte no peito. Ao deixá-lo viver, estou arriscando tudo, e estou prestes a correr um risco ainda maior.

Molhando meu polegar com a língua, eu esfrego minhas bochechas, revelando minhas sardas.

— Você se lembra de mim agora, Príncipe Caspian?

A respiração de Caspian acelera enquanto ele olha de uma bochecha para a outra.

— Mas você está... ela está... morta.

— Então sou uma aparição porque sou eu, Maia, a menina Bronze que escreveu aquele poema bobo e pensou que íamos nos casar e a vida seria perfeita.

É verdade, eu percebo. É quem eu escolhi ser. Maia.

— Você está mentindo. — Seus lábios franzem com ceticismo, mas há algo lá, em seus olhos. Ele quer acreditar em mim.

— E se eu dissesse que há uma maneira de parar o asteroide? Que meu pai criou um dispositivo que poderia tirá-lo do curso, que ele escondeu esse dispositivo aqui na Ilha antes que seu pai o matasse por causa disso?

Os belos olhos dourados de Caspian se arregalam, seus lábios se separam em surpresa.

— Mas isso significaria...

— Ninguém tem que morrer. Se eu puder encontrar, se você me ajudar a encontrá-lo, podemos salvá-los e nenhum outro finalista terá que sofrer.

— Os outros com você sabem disso? É isso que eles estão fazendo?

— Não, é complicado. — Limpo minha garganta. — Mas eles não estão aqui para machucar ninguém.

Estou surpresa com a facilidade com que a mentira sai dos meus lábios. Mas estou esperando de alguma forma chegar ao Sim e descobrir a localização do Mercurian antes que as bombas que a Flame plantou explodam.

Talvez, apenas talvez, se eu conseguir convencer os outros de que há uma maneira de parar o asteroide, talvez ninguém precise se machucar. Talvez não seja mentira.

Talvez. Mas tudo depende de Caspian.

Enquanto o som dos foliões do palácio goteja através do lago, os olhos de Caspian procuram meu rosto.



— Você está me pedindo para confiar em você, uma garota que eu mal conhecia anos atrás. Para colocar o destino do império em suas mãos.

— Já está em minhas mãos, Caspian, esteja você disposto a admitir ou não. Eu posso ser a mudança no fundo do seu coração que você sabe que o império precisa, mas apenas se você me ajudar.

Nossos olhos se encontram, e desejo que ele acredite em mim. *Por favor, Caspian. Estamos ficando sem tempo.*

Ele engole, massageia a barba por fazer curvando sua mandíbula e solta um suspiro.

— Ok, o que eu preciso fazer?

Meu corpo relaxa de alívio. — Diga-me onde encontrar o Sim.

— Farei melhor do que isso, Dama March. Eu te levo lá.

Terror. Excitação. Esperança. Todas essas emoções conflitantes reverberam dentro de mim enquanto eu monto Poseidon, Caspian bem atrás de mim, seu corpo quente e apertado e protetor, Poseidon explodindo abaixo de nós.

Nós perfuramos a floresta. Caspian deve sentir minha urgência porque Poseidon rasga o caminho tosco e tortuoso.

Com Caspian preso em mim, nossos corpos caídos para evitar a raspagem dos galhos, seu queixo embalando meu pescoço, parece que somos uma criatura, subindo e descendo juntos, corações em união. O cheiro de suor de cavalo e folhagem úmida enche minhas narinas.

Um galho rasga meu vestido e eu grito, mas Caspian se agarra a mim, usando seu corpo inteiro para me segurar firme, me manter segura.

Parte de mim odeia como isso é bom, Caspian e eu. Tão certo. Isso está em oposição direta aos meus sentimentos por Riser, mas a outra parte sabe que é assim que sempre deveria ser. Maia e Caspian.



Estava predestinado nas estrelas, em nosso DNA.

Ramos, folhas, pedaços de céu, eles se misturam enquanto minha esperança floresce. Estrelas estendem-se no horizonte, o vale verde se desenrola sob os cascos de Poseidon. Lágrimas ardem em meus olhos.

Este não é um truque, Caspian está realmente me levando ao Sim. Meu pai me dirá onde encontrar o Mercurian e não haverá nenhum bombardeio ou julgamento.

Os que estão Adormecidos poderão acordar.

Ninguém precisa executar o imperador.

Ninguém mais precisa se machucar.

Tudo o que meu pai queria, tudo pelo que ele morreu está finalmente acontecendo. E Max estará seguro.

Estou indo, pai.

Meu corpo dói por causa do labirinto, o salto violento de Poseidon empurrando meus ossos, mas me sinto tão leve, como se o abraço de Caspian fosse a única coisa me impedindo de flutuar para longe.

Os lábios de Caspian sussurram ao lado do meu ouvido: — Quase lá.

Os pântanos. Os cascos de Poseidon soltam borrifos de água e eu fecho meus olhos. *Estou indo, pai.* O lago cintila à distância. Caspian estimula Poseidon a galopar furiosamente, e parece que estamos deslizando sobre a água, os juncos chicoteando minhas pernas.

Estou indo, pai.

O litoral. Minhas botas atingem o chão antes que Poseidon possa fazer uma parada total. Água salobra pesa na barra da minha saia, e eu a levanto até as panturrilhas, minhas botas afundando na lama. Lá, pouco antes do início da Floresta da Penumbria, a escada que deve levar para baixo, sob o lago. É onde meu pai escondeu o Sim.



Poseidon se ergue, orelhas achatadas enquanto ele calça nervosamente.

— Espere... — Caspian ordena, puxando a chuva enquanto trabalha para acalmar Poseidon.

Mas eu apenas o ouço pela metade.

Estou chegando.

Minhas botas agitam a areia. E é como um daqueles sonhos horríveis em que, não importa o quanto eu tente, mal consigo me mover.

— Espere, Everly! — Ouço Caspian desmontar atrás de mim.

Pai... Lágrimas escorrem pelo meu rosto, derretem minha visão. A abertura para as escadas é ampla. *Pai!*

E então, por algum motivo, eu paro. Cada fibra nervosa do meu corpo grita que algo está errado.

Terrivelmente errado.

A sombra que se move da escada é alta e esguia, como uma flecha. Vejo que minha mão está segurando a adaga do corpete, aquela destinada ao Imperador, embora não me lembre de tê-la agarrado.

— Mova-se! — Grito, desespero quebrando minha voz.

A sombra esguia ri. Um som metálico e a areia aos meus pés explodem. Meus olhos encontram a flecha de penas pretas ainda se contorcendo. Do tipo que os mantos dourados usam.

Caspian me traiu.

Mas, não, ele está desembainhando sua espada, seus olhos brilhando de raiva. Sombras escuras saem das árvores, seus mantos dourados girando ao redor deles. Eles seguram bestas douradas, os sabres em suas cinturas brilhando.

Eles circundam Caspian, quase sem fazer barulho.



O luar cintila ao longo da espada de Caspian enquanto ele a ergue, girando e girando para fixar cada um deles com um brilho arrogante e assassino.

O canto levantado de sua boca me diz que alguma parte dele realmente gosta disso.

— Suponho que vocês saibam quem eu sou, então vocês sabem o que quero dizer. Quem sair agora será perdoado.

Em resposta, os mantos dourados trocam suas bestas por sabres.

Caspian encolhe os ombros, passando a ponta do dedo sobre o fio afiado de sua espada.

— Façam do seu jeito.

A sombra ri novamente. — Desarmem o Príncipe. — Ela ordena à Guarda. — Lembrem-se, o imperador não quer seu filho primogênito gravemente ferido, mas alguns cortes e hematomas podem fazer bem ao pirralho real.

Me afasto, me encolhendo com o som de metal contra metal de espadas se chocando. Caspian pode tirar alguns, mas não o suficiente para fazer diferença.

A sombra remove o capuz de sua capa. Embora eu já saiba quem é, meus joelhos atingem a areia, a adaga escorregando por entre meus dedos. Toda esperança que tenho sangra de mim, substituída por medo.

— Nossa. — Diz a arquiduquesa. — Alguém não está feliz em me ver.



CAPITULO 59



O cavalo que me carrega para a morte se desloca para o lado, tentando me desalojar. Minhas mãos amarradas agarram o punho da sela e eu aperto minhas coxas para ficar montada. Eu ouvi em algum lugar que animais podem sentir seu medo.

Certamente este cavalo sente o meu.

A arquiduquesa se senta alta e ereta no cavalo preto à minha frente. Como ela deve estar se sentindo orgulhosa. Depois de todo esse tempo procurando, ela pode finalmente me presentear ao imperador, um presente com um laço de bronze brilhante no topo. Pelo menos eles não têm Max. Não que isso importe agora. Por causa da minha escolha, ele vai morrer no Dia D, sabendo que eu falhei com ele.

Eu estico meu pescoço, procurando por Caspian, mas a arquiduquesa puxa a corda conectada às minhas amarras e eu caio para frente, quase caindo do meu cavalo. Caspian é a única esperança que tenho agora. Certamente ele não vai simplesmente deixar que me matem.

Certamente ele fará algo.

Os foliões já ocupam o gramado ao redor da fonte, suas vozes alegres e bêbadas agitando o ar. Ninguém me nota, uma garota amarrada e escondida sob uma capa, no meio de dez mantos dourados.

Eles devem estar muito bêbados.

Nós desmontamos. Mais Ouros embalam o castelo. Tochas se alinham nos corredores e eu conto cada uma, pensando que talvez se eu me concentrar em algo, eu possa aliviar o medo que vira meu peito e torna impossível respirar.

Portas de mármore maciças se abrem e eu sou levada para a sala do trono. Minha respiração fica presa ao ver o imperador. Sua túnica de seda roxa e verde adamascada desliza ao longo do ladrilho quando ele se aproxima.

Ele está sorrindo.

— Olá, Maia. — Sua voz é coloquial, quase amigável. Ele acena para longe da Guarda Real. Eles recuam para os quatro cantos da sala, seus olhos penetrantes fixos em mim. — Vejo que você foi reconstruída em uma de nós. — Recuo quando ele passa um dedo na minha bochecha. — Mas nós dois sabemos, por trás dessa camada de carne perfeita, você ainda é um verme.

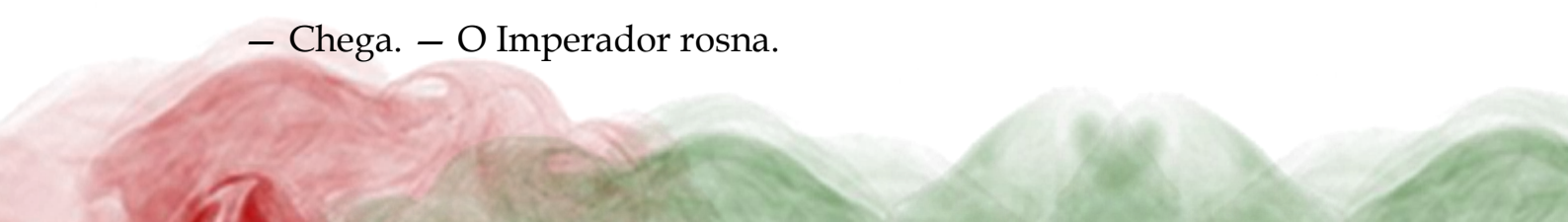
Minha saliva faz um respingo brilhante sobre seu nariz e bochecha esquerda, uma bola pendurada em sua sobrancelha. O chão range quando os mantos dourados se movem em minha direção em uníssono, mas o imperador levanta a mão.

Pelo menos ele não está mais sorrindo.

A arquiduquesa dá um estranho grito de horror. Em seguida, ela está voando sobre o imperador, enxugando desesperadamente o rosto dele com a bainha de sua capa, a respiração ofegante. Ele tenta afastá-la, mas ela persiste, esfregando a seda escura em círculos minúsculos e sacrossantos sobre sua carne, como se ela estivesse polindo prata preciosa.

A visão é tão bizarra que não consigo desviar o olhar, apesar da repulsa que sua estranha intimidade me causa.

— Chega. — O Imperador rosna.



Enquanto ela se afasta, seus olhos caem sobre mim e eu sei que vou pagar por minha insolência.

O Imperador pigarreia, estendendo a mão enluvada de branco.

— Vamos, Maia?

Quando hesito, a arquiduquesa me bate nas costas e eu tropeço para frente. Sua mão captura a minha. A arquiduquesa pega seu outro braço e nos leva para a varanda enorme, a Guarda Real fazendo sombra, ao som de aplausos estrondosos.

Pela primeira vez desde que Caspian me ajudou a montar em seu cavalo, penso nos outros. Eles já foram capturados? Foi assim que o imperador soube onde me encontrar?

Meus olhos vasculham a fonte em busca de quaisquer sinais, mas está muito longe, e Flame teria escondido as bombas de qualquer maneira.

A multidão? Mas é impossível distinguir alguém naquela multidão densa.

Outro soco nas costas me força para a grade. Por que estou aqui e não em uma cela? Encontro as estrelas, cacos de vidro cintilantes e, de repente, mais do que qualquer coisa no mundo, quero minha mãe. Ela está aqui em algum lugar?

— Procurando por alguém, querida? — O Imperador pergunta.

Cerro meus dentes e olho para minhas mãos.

As longas unhas da arquiduquesa arranham meu queixo enquanto ela me força a olhar para a fonte.

— Cuidado, verme. Está prestes a começar.

Afasto minha cabeça de suas garras. — Você não pode me forçar a assistir ao show.



A arquiduquesa e o imperador riem ao mesmo tempo, como se compartilhassem alguma piada particular.

Eles sabem. De alguma forma, eles sabem. Meus olhos caem sobre a massa compacta de pessoas circulando a água, tão perto da bomba. Muito perto. Por que eles não estão avisando?

— Mande-os de volta, longe da fonte. — Digo.

Cruzando os braços atrás das costas, o imperador olha para o gramado.

— Você sabia que eu segurei pedaços da minha filha na palma da minha mão? A coisa mais preciosa da minha vida reduzida a pedaços irregulares de carne e osso. — Quando ele se vira para mim, seus olhos estão brilhantes e dementes. — Eu posso jogar esse evento repetidamente para o império, mas até que o ar brilhe com sangue, até que eles sintam que ainda está quente em suas bochechas e cheire em suas roupas, eles nunca entenderão verdadeiramente por que temos nossas regras. Por que temos que ser implacáveis.

Há uma briga e as portas se abrem. Caspian luta para chegar até mim, jogando um manto dourado no chão, evitando outro. Eles o vestiram com suas roupas militares, e suas medalhas tilintam na espada presa ao cinto de segurança. Outra espada brilha em sua cintura.

Finalmente, dois conseguem capturá-lo. Sangue seco mancha seu queixo, seu olho direito inchado e quase fechado. Seus olhos me procuram. Em seguida, eles descansam sobre o imperador em um desafio silencioso.

— Solte-a, pai. — Sua voz carrega um tom arrogante e autoritário que faria qualquer outra pessoa tremer de medo.

Ignorando-o, o imperador se move e os guardas forçam Caspian a ficar ao lado do imperador.



— Meu filho era um bebê durante os atentados que mataram sua mãe e irmã recém-nascida. — Diz ele, falando comigo. — Ele é fraco, cheio de ideias ingênuas, como que se pudesse confiar na filha de um traidor de Bronze.

— Ela estava tentando nos ajudar. — Caspian cospe, lutando contra seus captores. — Para ajudar nosso povo!

O imperador ri de seu filho. — Este verme estava manipulando você para encontrar a arma que os rebeldes Fienianos usariam para nos exterminar. E ela atacou você porque você é mole, um tolo simpatizante que quase deu ao nosso inimigo os meios para nos exterminar.

— Isso é uma mentira. — Mas sua voz não está tão certa quanto antes.

— Espere e veja por si mesmo então.

Com o coração acelerado, examino a multidão, em busca de um dos outros. Meus olhos desfocam com desespero quando percebo que não há como eles chegarem ao Imperador agora. Ele terá Centuriões esperando por eles depois que a bomba explodir.

Todos eles serão mortos.

Eu me atiro para frente, quase caindo do corrimão. — É uma armadilha!

Mas o barulho da multidão engole minhas palavras. Uma dor aguda lança meu flanco. Gritando, agarro a grade para não cair de joelhos e agarro a dor profunda logo acima do quadril, onde a arquiduquesa me apunhalou.

— Isso é por contaminar o Imperador. — Ela ronrona, limpando meu sangue de seu alfinete de chapéu da mesma maneira reverente que ela limpou o Imperador.

Olho para Caspian, mas agora ele percebeu que não sou o que pareço, talvez eu o tenha enganado, e seus olhos ficaram frios. Os músculos do pescoço enquanto ele lentamente desvia o olhar.



De repente, uma tela gigante de fenda aparece sobre a fonte. Uma imagem do Imperador se solidifica, sentado em seu trono, com as mãos cruzadas. Ele abre a boca para entregar uma mensagem aos foliões, mas então algo muda. Preto corrói seu corpo. Da escuridão irrompe um escorpião em chamas, queimando brilhantemente enquanto envolve uma fênix murcha. As pessoas gritam enquanto seu ferrão de fogo perfura a fênix, repetidamente. Cada impulso trazia um aviso, um lembrete.

O Imperador e todos os seus Ouros também sangram.

A multidão murmura em choque quando outra imagem aparece. Um homem curvado e torto aparece vestindo uma capa vermelha que cobre sua máscara vermelha grosseiramente esculpida, a boca retorcida em um olhar malicioso que desperta algo próximo ao medo.

Mesmo sem ver seu rosto arruinado, sei que é Nicolai.

O que nós fizemos?

Mas quando olho para o imperador e vejo o mesmo pavor inquietante se apoderando dele, também sinto um grunhido de satisfação. Ele não esperava por isso.

A voz bizarra e assustadora de Nicolai irrompe sobre a terra, ecoando nos vales e árvores. Isso bate meus dentes, meu crânio.

— Imperador Laevus, Rei dos assassinos e dos porcos, esta é uma mensagem dos anônimos, dos aflitos, dos perseguidos e dos órfãos. Você não está mais seguro dentro do palácio da ganância. Não há nenhum lugar que nossos tentáculos não possam alcançar. Estamos em toda parte, somos todos e não perdoamos. — Uma pausa rouca e barulhenta enquanto Nicolai inala. — Que comece o acerto de contas.



Caio no chão, as dobras vermelhas do meu vestido mascarando o sangue escorrendo do meu ferimento. Minha garganta engasga com uma risada bizarra e horrorizada. *Em breve será um vestido de sangue.*

Descanso minha cabeça contra as ripas ásperas da grade em derrota. As bombas vão explodir a qualquer segundo. Quero fechar os olhos, mas os forço a abri-los, espiando pela abertura entre duas ripas.

Observe o que você fez, Maia. Todas as pessoas que morrerão por sua causa. Tudo por nada.

Meu olhar cai sobre uma figura encapuzada logo abaixo. Do meu ângulo, posso ver apenas sua cabeça, mas é óbvio que ele está ajoelhado. Os sinos de alerta soam na minha cabeça. Ele deveria estar observando a fonte como os outros, curioso para ver o que acontece a seguir.

Eu sigo a figura com meus olhos enquanto ele rapidamente se afasta, no meio da multidão.

Algo tão familiar sobre seu modo de andar...

Eu viro minha cabeça quando as portas se abrem para a varanda. O entra, parecendo radiante em um vestido diáfano rosa claro. Rosas brancas em miniatura adornam seu cabelo. Ela está radiante. Ela obviamente não viu a mensagem na tela.

Algo sobre o homem encapuzado chama de volta minha atenção. Ele está piscando pela multidão como uma sombra agora, quase invisível.

Apenas uma pessoa que conheço se move assim.

Quase como se pudesse sentir meu olhar, Riser se vira. Grunhindo de dor, me forço a ficar de pé, os braços erguidos para que ele possa ver minhas amarras. Só espero que, se ele vir que sou uma prisioneira do imperador, saiba que é uma armadilha.



Eu queria que ele me visse e fosse para o outro lado, em direção à segurança, mas agora ele está correndo em minha direção. Em direção ao perigo do qual eu estava tentando salvá-lo. Esmagando Ouros, seu capuz caiu para trás, gritando.

Gritando como eu nunca imaginei que Riser pudesse, desespero e medo torcendo seu rosto.

Minhas mãos apertam o corrimão.

E então eu sei o que ele estava fazendo abaixo e por que está gritando e por que está voltando.

Eu me viro para correr, escapar, mas O está na minha frente. — Dama March, você está sangrando.

Oh Deus não. — Você tem que sair! — Imploro a ela.

Os olhos grandes e doces de O transbordam de preocupação. — Você está ferida. Por favor, deixe-me ajudá-la...

— Há outra bomba! — Minha voz falha. — Esta varanda inteira vai...

Mas o rugido me corta.



CAPITULO 60



O tempo congela em uma cena subaquática silenciosa de caos. Estrelas se agitam acima de mim; eu estou de costas, deslizando. Minhas amarras foram destruídas. Metade da varanda agora é um buraco aberto. O rosto de O aparece, coberto por uma fumaça negra.

Sua boca se divide em um grito silencioso.

De alguma forma, nossas mãos se prendem, e então o buraco nos engole.

Parece uma eternidade esperando para atingir o solo. A mão de O escorrega da minha. As rosas em miniatura em seu cabelo se transformam em estrelas flutuantes...

Eu acordo para um inferno literal.

Dedos negros de fumaça, detritos e nanos alcançam e arrancam pedaços do céu. Um staccato de bombas sacode o monte de entulho sob minha bochecha. Pedras tão grandes quanto carruagens se transformam em cometas no céu.

Observo com fascinação surreal como uma mão de mármore pálido da fonte quica no chão perto da minha cabeça.

Um pequeno gemido me escapa. Eu me sinto estranha, vazia, como se parte de mim tivesse sido derramada do meu corpo. Gritos assombram o ar. O

cheiro forte de fumaça, sangue e carne carbonizada inunda meu nariz e evoca bile.

Riser. Eu procuro por ele no meu mundo lateral, mas tudo que vejo é a morte.

Corpos mutilados.

Corpos gritando.

Corpos morrendo.

Levante-se, Maia. Empurrando os cotovelos, uso pedaços de pedra fragmentados para me apoiar nos joelhos, mas quando tento colocar o peso na perna direita, grito. *Partida.*

Algumas das minhas costelas doem quando tento respirar, então provavelmente também estão quebradas. Outros estão se levantando, aqueles que podem de qualquer maneira. Os trituradores eram mais do que eficientes.

Avisto uma multidão de pessoas correndo. Elas estão tentando fugir das bombas? Mas então vejo que estão malvestidas, muitos emaciadas e cambaleando.

Elas possuem armas realistas. Espadas. Sabres. Bestas e pistolas. Algumas atiram descontroladamente na multidão.

Nicolai e os rebeldes Fienianos armaram o povo no portão. Essa compreensão leva a outra. Esta não foi uma tentativa de assassinato.

Este foi um golpe.

Mais gritos, mais berros, enquanto o exército improvisado enxameia os feridos, mas eles caminham sem rumo, aparentemente confusos, suas armas desajeitadas em suas mãos não treinadas.

Com quem eles deveriam estar lutando? Onde estão os centuriões? A Guarda Real?



Uma sirene destrói o caos e eu tenho minha resposta. A luz da lua reflete nos escudos dourados dos Centuriões. Eles estão a cavalo, espalhados em duas formações, cada formação em fileiras ordenadas de dez, trinta fileiras de profundidade. General Bloodwood está sentado em cima de um cavalo na frente.

O imperador também esperava por isso.

As pessoas do portão não têm chance.

Elas tentam correr, mas as duas formações de Centuriões se precipitam sobre elas, os cascos dos cavalos batendo na terra.

Desvio o olhar.

Encontre Riser. Se eu puder encontrá-lo e escapar...

Nós nos vemos ao mesmo tempo. Uma montanha de entulho nos separa, pedaços do meu vestido ficam presos nas lajes dentadas enquanto eu agarro e raspo meu caminho em direção a ele. Minha perna quebrada se arrasta atrás de mim, latejando de dor.

Só mais um pouco para Riser. Para segurança.

Eu noto as flores primeiro. Três rosas em miniatura perfeitas, tingidas de vermelho do céu ardente. Elas brotam de fios de cabelo como rosas em uma videira clara. Eu sigo as mechas sedosas e loiras prateadas até a garota amassada na pedra, seu corpo estranhamente contorcido.

Como uma boneca, uma linda boneca quebrada.

— Não. — Sussurro. — Por favor não.

Fitas de sangue escorrem do nariz e da boca de O. Seus olhos são semi-fendas olhando para o céu.

Nós fizemos isso.



Riser no topo dos escombros. Ele não faz nada por um momento. Apenas olha para ela, a garota inocente que matamos. O inferno ao nosso redor desaparece quando me concentro em seu rosto.

Diga que ela está viva, Garoto do Fosso. Faça tudo certo.

Ele cai de joelhos, segurando meu queixo com a palma da mão.

— Precisamos ir. — Ele murmura, colocando a outra mão sob meus joelhos enquanto trabalha para me levantar. — Não vou contar a eles que vi você na varanda.

O que ele viu? Suas palavras não fazem sentido, mas minha confusão dá lugar a uma raiva turbulenta.

— Por quê? — Lutando em seus braços, eu escorrego alguns metros pelos escombros, gritando quando algo rasga minha tíbia quebrada. — Por que eles fizeram isso?

Ele estende a mão. Atrás dele, o som de luta se intensifica e reconheço alguns dos outros. Flame, uma besta em cada mão, cinco nano-retalhadoras presas ao cinto de segurança. Rhydian e Blaise estão lutando contra os centuriões com espadas longas. Mais longe, Delphine dispara sua pistola, fumaça cinza escorrendo do cano enquanto um dos lutadores do portão cai. A forma desajeitada de Roman luta ao lado dela.

Eu sei que Riser está certo. Precisamos sair, mas não consigo me mover.

— Por favor, Everly. — Ele murmura.

— Nós a matamos. Você não se importa?

Parte de seu rosto está na sombra, mas a parte visível enrijece.

— Você acha que não? — Suas botas raspam nos escombros enquanto ele fecha a distância entre nós, sua mão ainda estendida, ainda implorando para mim. — Eu nunca, nunca me perdoarei pela morte de O. Mas se eu deixar algo acontecer com você também... Bem, prefiro morrer a sentir essa dor.



Lágrimas embaçam minha visão enquanto eu aceito sua mão, ignorando o que deve ser uma crosta de sangue em seus dedos. — Ok. — Digo, rangendo os dentes contra a dor. — Vamos. Eu acho que posso andar, mas...

O som de uma espada desembainhando chama nossa atenção para o corpo de O, e a sombra acima dele. Caspian.

Exceto que dificilmente reconheço este Caspian. Com o sangue escurecendo um lado de seu cabelo claro, sua capa girando atrás dele, ele parece um dos deuses do meu livro, e não o tipo benevolente.

Seus olhos se fixam em Riser, olhos assassinos, cheios de uma fúria silenciosa e devastadora.

Antes que eu possa gritar, Caspian salta para encontrar Riser, sua capa voando atrás dele, a espada esculpindo o ar. Riser pula para trás, de alguma forma me empurrando para fora do caminho, e a espada de Caspian ressoa contra a pedra aos nossos pés, lançando faíscas brancas.

— Cuidado! — Grito enquanto a espada de Caspian balança para cima e em direção à cabeça de Riser.

De alguma forma, Riser se abaixa, rola para o lado e aparece, com a espada brilhando. Seus olhos prometem retribuição.

Caspian recupera a segunda espada de sua cintura, girando-a em sua mão esquerda. Agora ele tem duas.

Duas lâminas para matar Riser.

Duas lâminas para se vingar.

Algo dentro de mim sabe que isso só vai acabar quando o sangue encharcar o chão. Mas de quem? O herdeiro Ouro do trono que a genética disse ser meu par perfeito, ou o príncipe bastardo sombrio que me alimentou e me protegeu em meus momentos mais sombrios? Sem fôlego e em agonia, meus



olhos seguem cada lâmina enquanto ela luta para perfurar a carne do outro, meu coração pulando com cada erro.

Por qual príncipe eu torço?

Qual príncipe vou chorar?

Suas espadas tilintam juntas, repetidamente enquanto eles mordem um ao outro, fazendo meus dentes baterem, meu coração. Eles empurram, contra-atacam e desviam, grunhindo, cada golpe com o objetivo de arrancar a cabeça do outro.

— Assassino! — Caspian grita com Riser enquanto suas espadas se revezam cortando a cabeça e os ombros de Riser.

Mesmo com sua rapidez furtiva, Riser mal consegue desviar os golpes.

— Desgraçado! — Caspian ruge, suas espadas implacáveis enquanto cortam, esfaqueiam e fendem em conjunto perfeito.

Riser se arrasta para uma laje mais alta, antes que as espadas de Caspian arrancem sua cabeça. Caspian espreita Riser, implacável, incansável, impiedoso, um deus que despertou de seu sono.

A esgrima de Riser é excepcional, graças a seus reflexos rápidos e reconstrução, mas Caspian é melhor.

Eu sei o que é odiar alguém, desejá-lo morto. Imaginar matá-los de mil maneiras. Mas esse ódio, essa fúria cegante e assassina é algo que nunca experimentei antes e me enche de terror.

Como se uma sombra fria passasse sobre mim, meu corpo de repente fica pesado com um pavor sufocante.

— Assassino. — A espada de Caspian falha. — Assassino. — Sua segunda lâmina encontra o ombro de Riser e ele grunhe, sangue jorrando de seu braço. — Assassino!



A espada de Caspian desce sobre Riser com tanta força que acho que vai cortá-lo. Ouve-se um barulho horrível quando parte da lâmina de Riser se quebra, deixando um pequeno toco inútil. O pé de Riser tropeça em uma pequena pedra.

E então ele está caindo. Grunhindo. Rastejando.

Até que um longo trecho de grade o prende.

Gritando de dor, de alguma forma chego mais perto, fragmentos de destroços arranhando e cortando minha carne. Mas cheguei tarde demais. A espada de Caspian parece cortar a lua do céu enquanto ele a sobe acima de sua cabeça.

Então desce...

A mão de Riser se estende, arranca um pedaço de pedra do tamanho de uma maçã dos escombros e o arremessa no rosto de Caspian.

A pedra faz um ruído doentio no olho esquerdo de Caspian.

Ofegante, sua espada escorrega de sua mão, ele cai de joelhos, os olhos vidrados, e cai como um saco na rocha mutilada.

— Riser! — Grito, me puxando para a borda enquanto Riser salta atrás dele, suas botas esmagando suavemente a grama abaixo.

Digo o nome dele de novo, mas ele parece não me ouvir. Seus movimentos são suaves e predatórios.

Este é o menino do Fosso. Aquele que me assusta.

Caspian rola para o lado, gemendo, com o braço estendido em direção à espada, mas Riser imobiliza o braço de Caspian com a bota. O braço livre de Caspian desfere uma saraivada de golpes na perna de Riser, mas Riser mal parece notar.

Suas duas mãos seguram sua espada diretamente acima dele, os ombros tremendo, o suor escorrendo pelas têmporas.



Caspian arqueja sob Riser, olhando para a lâmina apontada para seu coração, sangue esculpindo um caminho sobre seu olho inchado.

— Assassino. — Caspian cospe sangue na bota de Riser. — Sujeira. Verme.

De alguma forma, consegui descer pelos escombros.

— Não faça isso, Riser. — Imploro. — Deixe-o viver.

Riser pisca ao ouvir minha voz; a espada abaixa uma polegada.

— Por quê? Porque vocês foram correspondidos? — Sua voz falha na última palavra, mas ele se recusa a olhar para mim. — Nicolai me contou.

— Nós precisamos ir. Ainda há tempo, mas se você o matar, eles vão caçá-lo. Abaixei isso.

— Você ainda o ama? — A dor em sua voz me corta. — É por isso que você nos traiu?

Traí eles? — Não. — Tento engolir, mas minha boca está cheia de algodão. — Talvez, eu não sei. Mas sei o que sinto por você. Então, por favor, Riser, por favor, abaixe a espada.

— Você sabe o que ele fez, o que seu pai fez. — Os músculos de sua mandíbula se contraem, suas mãos se apertam no punho da espada. — Diga-me um motivo pelo qual devo deixá-lo viver.

Minha voz falha de emoção, nervosismo e dor.

— Porque você me disse que eu o deixei melhor. Então prove para mim, Garoto do Fosso.

Os ombros de Riser amolecem quando a raiva o deixa. Lentamente, muito, muito lentamente, sua espada abaixa.

Ele exala, virando-se para me dar um sorriso raro e glorioso. — Por você, Garota Cavadora...



A ponta ensanguentada da espada de Caspian brota do peito de Riser. Os olhos de Riser se arregalam de choque e ele cambaleia para a frente. Balançando, Caspian apoia uma bota no ombro de Riser e dá um puxão, a lâmina fazendo um som doentio ao sair de seu corpo.

Riser se enrugou.

O grito alojado na minha garganta finalmente escapa. Meus olhos se agarram ao corpo de Riser, em busca de movimento, desejando que ele se levante. Uma mancha preta de sangue se espalha rapidamente pelas costas de seu gibão de couro.

Ele está respirando?

— Protejam o Príncipe! — Ignoro os mantos de ouro enquanto eles fecham as fileiras para formar uma parede ao nosso redor.

A terra se afasta sob meus dedos enquanto tento abrir caminho até Riser.

— Riser! Aguarde, estou indo.

O som suave de trinta bestas sendo engatilhadas chama minha atenção. Olho para cima a tempo de ver Flame atacando a cavalo, dois cavaleiros seguindo-a. Na fração de segundo, que os Mantos de Ouro levariam para liberar suas flechas, o nano-retalhador faz um arco no ar em direção a eles.

Eu não ouço a explosão. Eu sinto. Como um milhão de vespas enfurecidas soltando sua gaiola, vibrando no ar, as vibrações se contorcendo em minha medula.

Cada triturador tem o tamanho de uma mosca. Eles convergem, uma onda monstruosa que escurece as estrelas, erguendo, erguendo, erguendo, e se espatifando na parede de mantos dourados.

Só assim, mais da metade da Guarda Real se foi, uma poça de sangue onde eles estavam espelhando o céu.

— Pegue Riser! — Grito.



— Faça! — Flame comanda seu companheiro, flechas vermelhas assobiando da besta em seu pulso. Mais dois guardas sucumbem ao seu tiro perito. O cavaleiro atrás dela incita seu cavalo cinza sobre o sangue.

Segurando o punho da sela, ele se abaixa, um braço longo enganchando o cinto de Riser e joga o corpo inerte de Riser em seu colo, seu cavalo girando e chutando enquanto as flechas passam zunindo.

Uma flecha atinge o quadril exposto da besta, e o animal se empina, jogando o capuz do cavaleiro para trás.

Teagan.

— Peguem alguns, seus Dândis podres! — A espada curta de Teagan corta o ar, as longas pernas chutando descontroladamente o guarda que a circunda, antes de estimular seu cavalo a um galope furioso.

Suspiro de alívio enquanto o corpo a corpo os engole. Agora há apenas Flame.

Nossos olhos se encontram. *Por favor, Fieniana, imploro com a minha cara, com todo o meu ser. Não me deixe aqui para morrer.*

Segundos impossivelmente longos se passam. *Ela vai me salvar? A garota que ela despreza? Eu tenho a chave. Será o suficiente?*

Os guardas apontam suas armas para Flame, mas suas ações parecem durar uma eternidade. Em câmera lenta, ela estala o pescoço, exhibe um sorriso malicioso e vem para mim.

Uma nova onda de adrenalina abastece meu corpo enfraquecido. Cerrando a mandíbula, luto contra a dor nos joelhos. Temos apenas uma chance para isso. Devo tentar pular na sela atrás dela? Ou ela vai parar o tempo suficiente para me ajudar?

Eu nunca descubro.



O metal frio e afiado que morde minha nuca vem exatamente quando Flame puxa com força as rédeas de seu cavalo, seu rosto brilhando de raiva e surpresa.

Em descrença, eu a vejo fugir. Alguma parte selvagem e desesperada de mim pensa que, enquanto eu puder vê-la, ela vai voltar para mim. Meu olhar segue sua forma encolhendo. Eu a vejo atropelar um grupo de guardas, sombreado por uma chuva de flechas.

Então ela se foi.

Todos eles se foram.

E eu estou sozinha.

— Limpe essa esperança de seu rosto choroso.

Bem, não exatamente.

O alfinete da arquiduquesa enfia mais fundo na parte de trás do meu crânio, me forçando a ficar de pé. Há uma sensação de mal estar de osso sobre osso na minha canela, com as pontas quebradas da minha canela se esfregando.

Dominada pela dor, caio desamparada. Tento me enrolar em posição fetal para me proteger, mas a arquiduquesa cava a ponta de sua lâmina em minha barriga. Um sorriso rançoso aparece em seu rosto.

— Ninguém pode ajudá-la agora, verme.



CAPITULO 61



Lute. Lute até o seu último suspiro.

O sussurro me leva à lucidez. Escuridão fria. Dor mordisca meu lado e se instala profundamente em minha perna mutilada. Meus dedos arranham o chão, procurando o raspar familiar de sujeira.

Mas só há pedra. Pedra dura, úmida e suja. E o ar, pesado, revestido com o aroma pungente de excremento antigo e urina.

Meus olhos identificam barras de ferro, uma fechadura enferrujada. Um retângulo inclinado de luz azulada se derrama sobre meu vestido rasgado e minha perna quebrada e sobre as pedras irregulares da minha cela. Pelo menos há uma janela acima de mim.

Pelo menos há isso.

A torre. Meu cérebro funciona para tentar determinar há quanto tempo estou aqui. Horas? Dias?

Mas meus pensamentos são escorregadios, impossíveis de entender. Tento mover meus quadris para aliviar a dor ao meu lado e um raio sobe pela minha perna. Minha garganta seca se abre, mas tudo que consigo é um gemido rouco.

— Não aconselho me mexer muito. — Diz um homem no canto.

O imperador se senta orgulhosamente na ponta da cadeira de metal, a bainha de sua espada longa cerimonial raspando o chão, sua postura ereta de alguém acostumado a tronos desconfortáveis de espaldar alto.

Usando minha língua inchada, eu separo meus lábios dos dentes, trabalhando para depositar umidade o suficiente para falar.

— Minha mãe?

A risada presunçosa do imperador ecoa pela câmara vazia.

— Acha que você morreu anos atrás. Provavelmente é o melhor, considerando o que você é agora.

Rebelde. Terrorista. Assassina.

A vergonha se apodera de mim. Meu corpo dói, minha mente dói, mas nada dói tanto quanto saber o que fizemos.

O que eu fiz. — Eu sinto muito... Eles não deveriam morrer.

O fantasma de um sorriso contrai seus lábios. Ele gosta de me ver assim. Quebrada, sofrendo, com medo. Eu odeio que meu medo e auto aversão deem prazer a ele. Eu odeio a maneira como ele enrubesce com cada careta, cada gemido.

— Eu teria ficado desapontado se eles não o fizessem.

— Eles eram o seu povo. — Eu estalo, de repente encontrando a força para odiá-lo também. — Sua filha.

Seu corpo se imobiliza tão perfeitamente que acho que por um segundo realmente congelou, que ele sente algo, mas então ele pisca, como se pudesse piscar Ophelia para fora da existência, e seus olhos focam em mim.

— Eu tinha planejado que Ophelia morresse na fonte, mas não importa agora.

Claro que ouvi mal, pressiono mais. — Por que você queria que sua filha morresse?



— Ela não era minha filha! — Ele ferve. — Não mais. Não depois que ela jurou lealdade aos Fienianos.

O mentor que Nicolai disse que estava trabalhando com ele. Era Ophelia. Minha mente corre para colocá-lo junto.

— Mas ela era assim... tão inocente.

— Todos nós temos nossas armas, Maia. Ophelia tentou usar essa inocência em mim quando a encontrei nos escombros. Implorando, me chamando de papai como se ela fosse uma garotinha de novo...

— Ela ainda estava viva? — E então a realização me atinge. — Você... Você a matou.

— Não, Maia. Você fez. Pelo menos é isso que a população vai pensar e, mais importante, o que Caspian vai pensar.

Ele estava dois passos à nossa frente o tempo todo. — Você sabia sobre mim o tempo todo, não é?

Seus olhos brilham. — Desde o momento em que você pisou na Ilha.

— Então por que deixar isso acontecer? — Minha voz falha quando me lembro das explosões, dos retalhadores. — Por que não parar?

— Não me questione, verme! — Ele cospe, sua cadeira raspando na pedra enquanto ele se levanta para andar entre as celas. — Os deuses tinham medo de seus filhos, você sabia disso? — Uma mão distraidamente massageia a carne acima do olho esquerdo. — O Titã Cronos comeu seus filhos, um por um, porque ele sabia que eventualmente um iria traí-lo. Mas seu último filho, Zeus, sobreviveu para fazer exatamente o que seu pai temia. Assim que Zeus teve um filho, ele sofreu os mesmos medos, então ele engoliu seu próprio primogênito, assim como o pai que ele desprezava.

Pisco, lutando contra a tontura na minha cabeça. — Eu não entendo.



— Meu pai envenenou meu avô para subir ao trono. Quando meu pai adoeceu, eu o forcei a me nomear imperador em seu lugar e o bani para a mesma cela em que você está sentada. — Ele sorri, as sombras fazendo seus dentes parecerem afiados e ameaçadores. — É uma maldição e uma bênção ter um filho. Achei que meu próprio filho seria diferente, mas ele não aguentava minhas políticas severas e, eventualmente, ele iria dividir a corte, talvez até mesmo me desafiar algum dia.

— Você deixou todas aquelas pessoas morrerem... porque você é paranoico?

Quando ele se vira, seus olhos brilham intensamente.

— Medo, Maia, é uma coisa poderosa e complicada, e com cada bomba que você disparou, você os lembra de que existem coisas neste mundo das quais eu preciso protegê-los. Cada adormecido sentiu isso, cada Ouro e Prata e Bronze, os duvidosos e simpatizantes de Fienianos. — Seus dedos enluvados envolvem as barras da minha cela. — Mas quando Ophelia morreu, você deu ao meu filho algo ainda mais forte do que o medo. Você deu a ele ódio, o mesmo ódio que Ezra me deu quando matou minha esposa e filha. Essa raiva vai prender Caspian ao meu lado, apagando nossas diferenças e quaisquer simpatias que ele pudesse ter por sua espécie, forjando meu filho no Imperador que continuará meu legado muito depois que eu partir e Hyperion for apenas uma memória.

Pensamentos raivosos ocupam minha cabeça. Ele nos usou. Permitiu que centenas sofressem e morressem. Matou sua filha. Tudo para proteger sua corte e garantir que sua ideologia perturbada fosse abraçada por seu filho.

E eu caí direto em sua armadilha. Assim como Ezra, eu traí a única pessoa que poderia ter me ajudado.

A única pessoa que eu deveria amar.



Tanto os Fienianos quanto os realistas me usaram para seus próprios fins sangrentos, e eu caí nessa. Agora Max vai morrer, o mundo vai queimar e não há nada que eu possa fazer.

Descanso minha cabeça contra a parede, muito cansada para continuar lutando contra a tontura e a dor, muito triste para discutir, muito quebrada para me mover.

— O que aconteceu com meus amigos? — Sussurro, querendo mais do que tudo saber se Riser está vivo. *Ele está com dor? Preocupado comigo?*

— A maioria está morto. — Ele diz agradavelmente. — Alguns estão lutando, mas não se preocupe, eles se juntarão a você em breve. — Como se fosse uma deixa, meus ouvidos captam os sons de tiros e gritos lá embaixo. — Assim que Victoria terminar de reuni-los, ela começará a trabalhar em você. — Um buraco vazio se forma em minha barriga quando percebo que ele está se referindo à arquiduquesa. — Depois de testemunhar o quão criativa Victoria pode ser com sua carne, eles desistirão de Max, nós encontraremos e destruiremos Mercurian, e toda essa bagunça estará acabada.

— Não. — Meus punhos socam o chão até ficarem escorregadios de sangue. — Não.

Minhas palavras caem como meus punhos, batendo no ar até que minha voz se desfaça. A voz na minha cabeça me provoca.

Garota Cavadora tola. Maia ingênua e covarde. Você escolheu errado. Você deveria ter me escolhido.

Quase não noto o imperador sair, preso em uma jaula de auto aversão. Meu pai morreu tentando me salvar. Merida se sacrificou para me manter viva. Riser me salvou várias vezes e provavelmente morreu por minha causa.

Para quê?



Pedaços da pedra úmida e escorregadia se soltam sob minhas unhas enquanto eu agarro a janela, gemendo de agonia, o chão se movendo descontroladamente sob meus pés.

Barras de sete centímetros de espessura riscam meu retângulo de céu. Estrelas piscam em sua tapeçaria.

Ela está lá em algum lugar com os deuses, examinando seu reino, testando quem é digno e quem deve morrer, pronta para lançar sua sombra e nos observar lutando por seu favor, matando uns aos outros como as bestas que Orion prometeu matar.

Vozes ressoam de baixo, e um estranho calor cai sobre mim, apesar do ar frio. Explosões abafadas vibram meu corpo. Minha alma.

Eles estão lutando. Ainda vou lutar. E se eles podem continuar apesar de tudo, eu também posso.

Lute.

Lute até seu último suspiro, Garota Cavadora.

Maia das estrelas.

Garota Ouro caída morta.

Criatura do Fosso.

Seja você quem for, lute até que o último suspiro saia de seus lábios e sua pele esfrie.

— Vou sair daqui. — Sussurro para ela, como se ela fosse uma das deusas do meu livro.

Talvez ela seja.

Talvez os deuses do nosso passado sejam apenas contos de homens e coisas além de nossa compreensão.



Talvez algum dia, depois que a poeira baixar, alguém conte histórias sobre Pandora, a deusa furiosa que destruiu o mundo e os mortais que lutaram para salvá-lo.

— De alguma forma, vou escapar e fazer o que deveria ter feito desde o início. — Eu prometo a Ela, meu coração batendo forte ao som de pistolas e espadas e o sussurro de deuses invisíveis. — Eu vou destruir você.

Como se em resposta ao meu desafio, uma estrela aparece no céu e lentamente, lentamente, apaga-se.



Ela foi esculpida nos escombros e forjada com fogo, a garota que arranhou a pira funerária. Seus olhos eram diamantes e seu cabelo era dourado, seus lábios afiados, adoráveis e ousados. Mas um monstro cresceu onde seu coração deveria estar, esperando o dia em que ela o libertaria.

